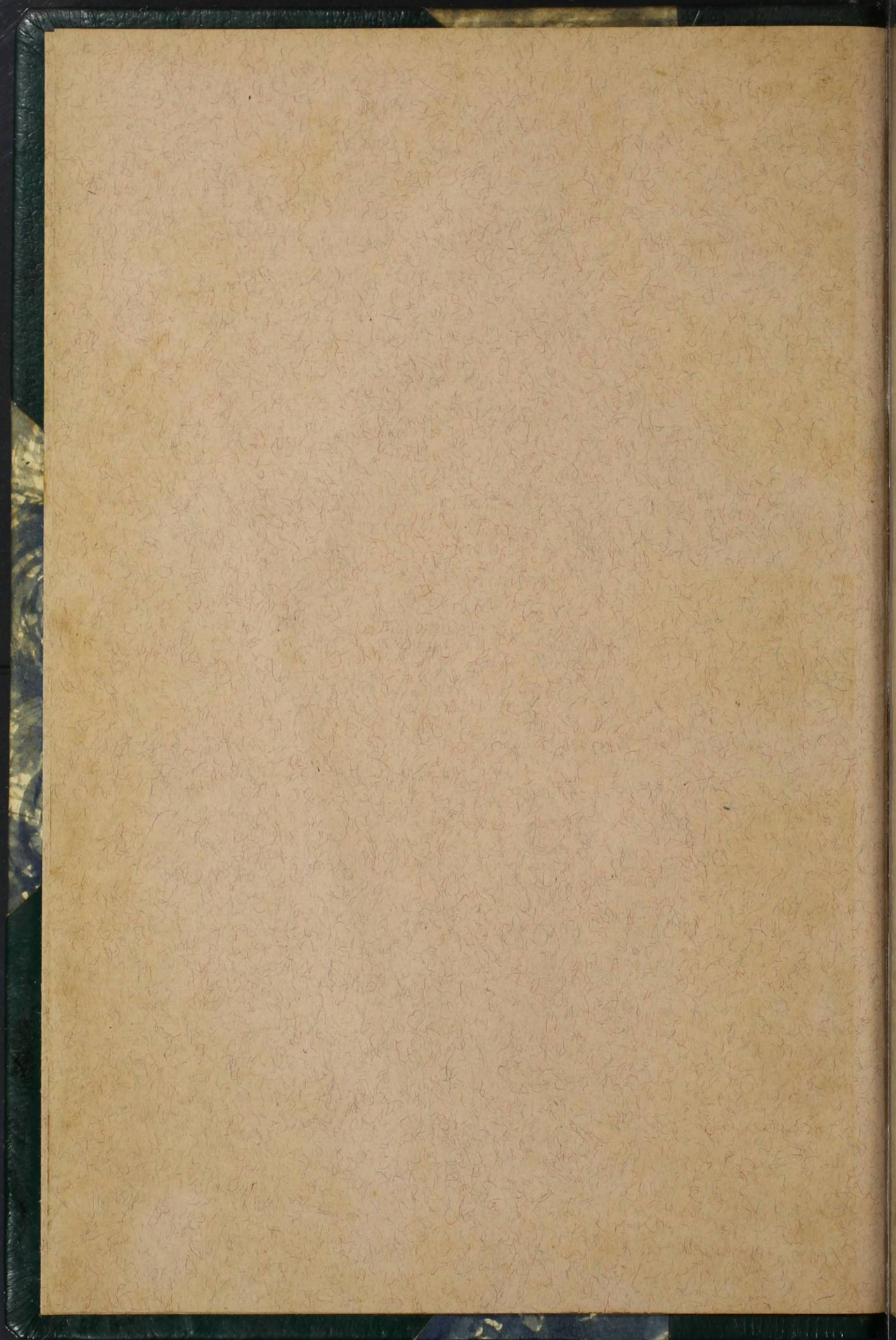




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





ROMANCE ORIGINAL
 — DE —
LUCIO BRUNO
 (PSEUDONYMO)

VOLUME II

2ª Edição

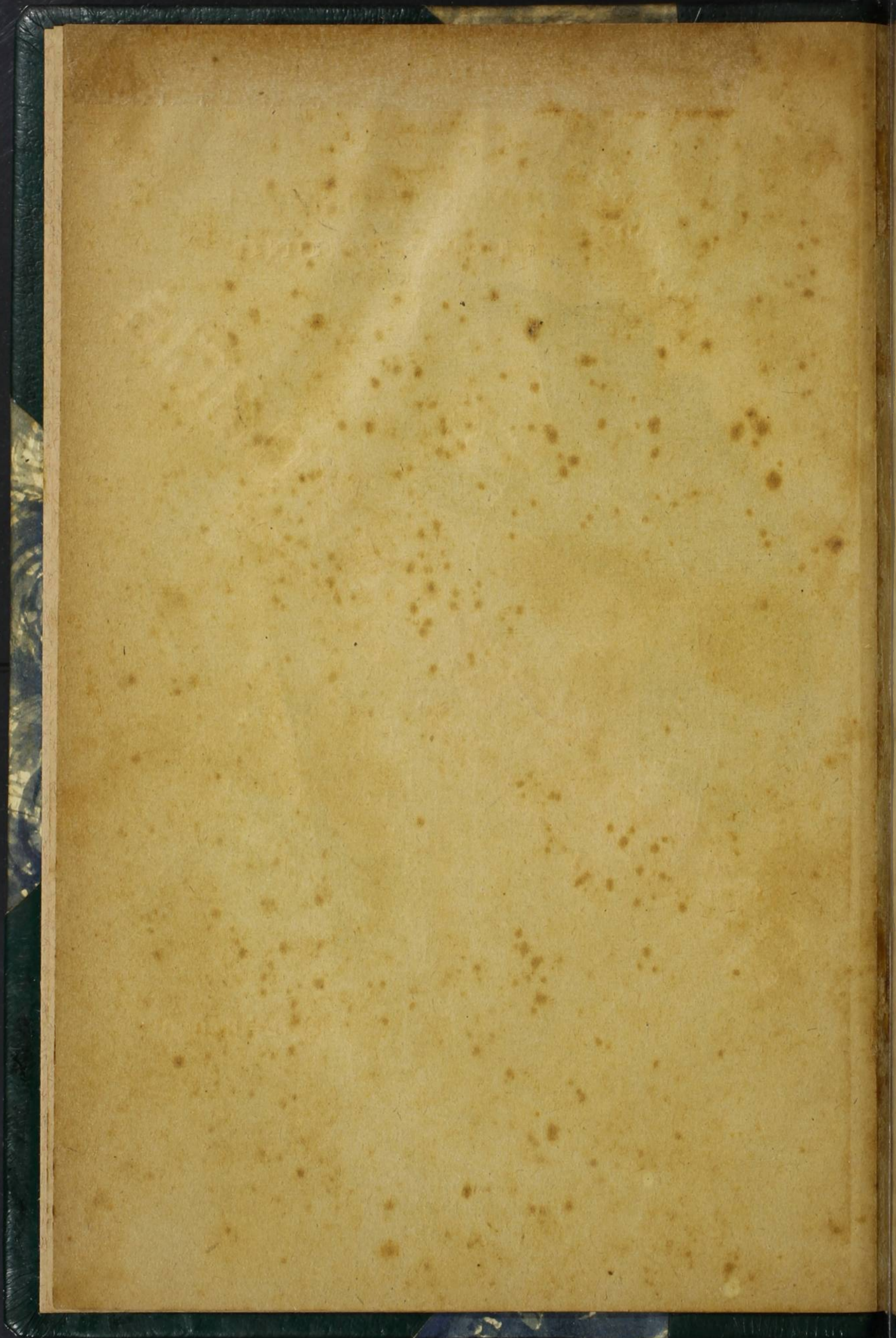


A MÃO NEGRA E A POLÍCIA
 OU BIOGUINHO EM SCENA



PREÇO 5\$000

EDITOR
 JOÃO ASSUMPCÃO MÓREITA
 RIBEIRÃO PRETO — 1923



Rubrica do Editor

Alfredo

A MÃO NEGRA E A POLICIA

— OU —

DIOGUINHO EM SCENA

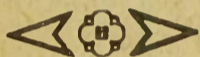
Rubrica do Editor

[Handwritten signature]

A MÃO NEGRA E A POLÍCIA

— OU —

DIOGUINHO em SCENA



ROMANCE ORIGINAL

— DE —

LUCIO BRUNO

(PSEUDONYMO)

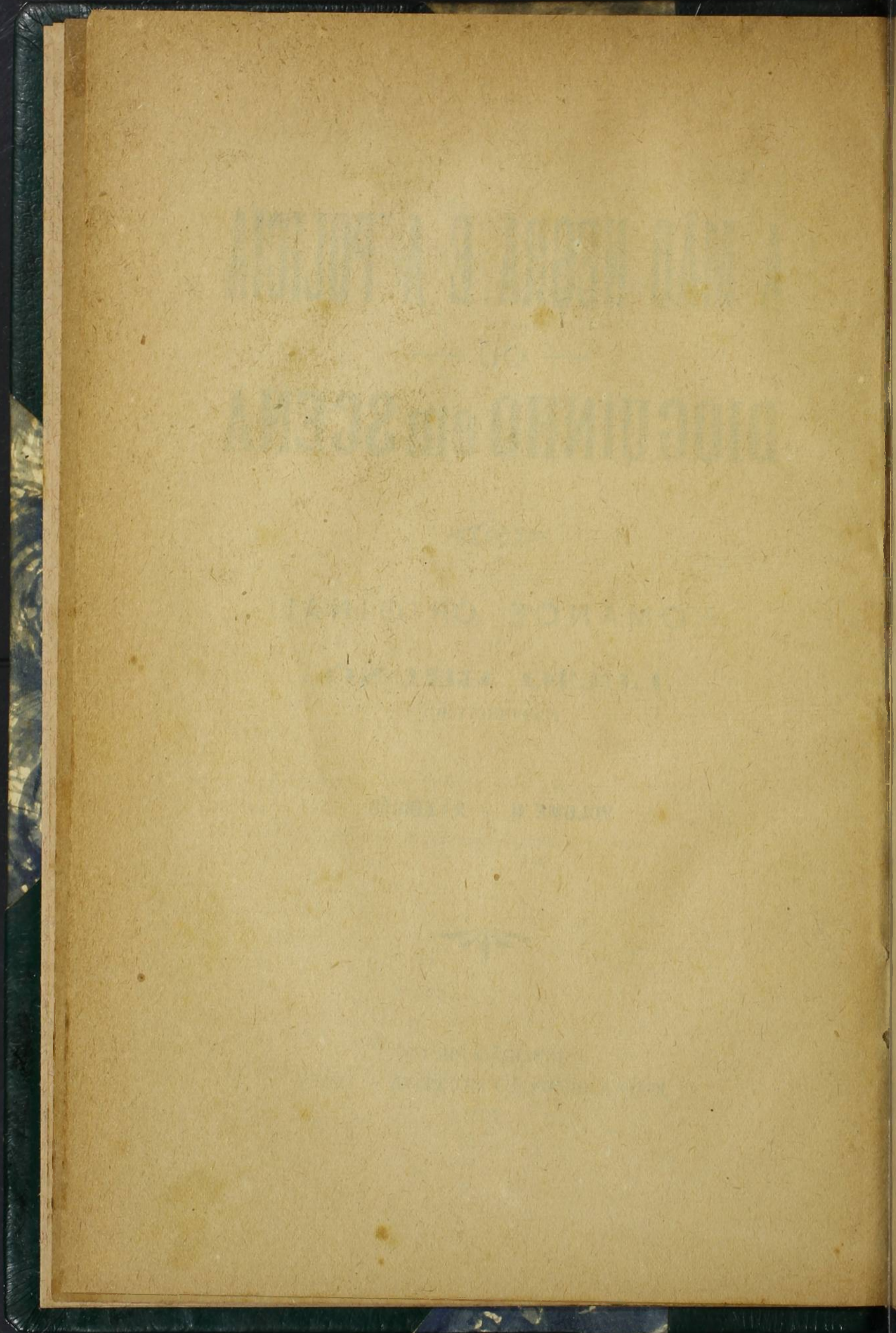
VOLUME II -- 2.^a EDIÇÃO



RIBEIRÃO PRETO

JOÃO ASSUMPCÃO MÓFREITA — EDITOR

1923



TERCEIRA PARTE

A POLICIA

I

O AGENTE OSORIO

Os leitores estão certamente lembrados do frade que, depois de ter fallado com o barão de Lacerda no *Club Internacional*, foi á casa do chefe de policia, com quem conferenciou durante uma hora sobre a terrivel sociedade *A Mão Negra*.

O que se passou n'essa reservada conferencia deveria ser de uma grande importancia, pois o chefe de policia, ficára satisfeito, e ao despedir-se affectuosamente do frade, dissera-lhe :

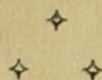
— Até amanhã.

Depois, não podendo conter a alegria que o dominava, exclamou, logo que se viu só nos seus aposentos :

— Finalmente! Agora posso ter a certeza de que essa alcateia de bandidos que infesta São Paulo, zombando dos impotentes e improficuos esforços da policia, será brevemente aniquilada, destruida, e o famigerado Diogo e muitos dos seus sicarios irão para a cadeia d'onde não é provavel que saíam mais...

E, fazendo um gesto de triumpho accrescentou :

— Será um grande serviço prestado á familia Lacerda e á sociedade paulista... E eu não queria receber o frade! Se não fosse elle, sabe Deus quanto tempo levaria para vencer essa maldita *Mão Negra* que me perturba a existencia, apparecendo-me até em sonhos, sob a fórma dos mais terriveis pesadellos...



No dia seguinte, o illustre magistrado estava no seu gabinete, aguardando, ancioso, a chegada do frade.

Tinham aprazado uma hora certa.

Ao meio dia elle deveria comparecer para regularisar a sua denuncia, e prestar os mais amplos esclarecimentos para que as auctoridades, acompanhadas de numerosos agentes, fossem immediatamente aos locaes por elle designados, conforme o que conseguisse saber do miseravel a quem já ouvira de confissão.

Aproveitando os poucos dias que este teria de vida, o bondoso sacerdote deliberára convencel-o a fazer categoricas declarações á policia, orientando-a devidamente para ella poder agir com efficaz resultado contra esse invisivel Diogo que dirigia tão poderosa quadrilha de malfeitores.

Conforme o que obtivesse do moribundo que demonstrava um entranhado odio contra o chefe, pelo cruel abandono a que o lançára nos ultimos momentos de uma existencia a elle consagrada, assim a auctoridade resolveria.

Tudo estava prompto, com o maior segredo, esperando a chegada do frade.

Este, porém, parecia não ter pressa, ou então algum acontecimento ignorado o retinha, obrigando-o a faltar á hora que havia combinado.

O chefe de policia estava nervoso, impaciente, passando, de um modo agitado, no seu gabinete.

Vendo o relógio pela vigésima vez, verificou que era hora e meia.

— Que terá succedido? Seria esse bondoso frade victima do malvado Diogo que, espionando-o, soubesse da conferencia que teve elle hontem commigo?

E o digno magistrado, apoz alguns momentos de reflexão, proseguiu no seu monologo:

— Tudo e possivel... Fiz mal em não ter logo chamado, pelo telephone, alguns agentes de policia para que ficassem as ordens do frade afim de lhe garantirem a vida... Mas elle não quiz: recusou absolutamente quando lhe propuz esse medida sensata, acrescentando que se reservava para acceital-a mais tarde, depois que se iniciassem as diligencias contra os bandidos e o seu chefe... Apezar da sua terminante recusa, que apenas demonstrou coragem e confiança demasiada em si proprio, estou arrependido de não ter providenciado para que, pelo menos, um agente o vigiasse, prompto a defendel-o no momento em que o atacassem...

Por estas palavras póde-se avaliar quanto o illustre chefe de policia, que além de energico e intelligente, possuia um coração cheio de bondade, estava incommodado.

E o tempo ia deccorrendo sem que o frade apparecesse...

Eram mais de duas horas, e a inquieteção do magistrado chegava ao seu auge.

Mandára chamar o seu digno auxiliar, Dr. Nobrega, expunha-lhe os seus fundados receios, e pedia-lhe a sua opinião sobre quaes as providencias immediatas que deviam ser dadas n'aquella conjunctura, em que havia a suspeita de mais um crime horroroso, quando lhe foi entregue uma carta, com a nota de «urgente» em letras grandes, e por baixo estas palavras, griphadas: «*Do frade*».

Ao lêr o sobrescripto, o chefe de policia estremeceu.

— Quem trouxe esta carta? bradou elle impetuosamente.

Vou saber e já digo a V. Exa., respondeu a ordenança.

Pouco depois voltou ao gabinete, e, respeitosamente, explicou:

— Foi um soldado. Disse-me que um moço bem vestido lhe deu esta carta, recommendando-lhe que viesse entregal-a immediatamente a V. Exa., visto tratar-se de uma importante diligencia policial, para a qual estava tudo preparado n'esta repartição.

«Ora como o soldado sabia que havia alguma novidade pois saira pouco antes d'aqui, em serviço do sr. capitão Martins, e ouvira dos agentes que se tratava de uma cousa séria, que ignoravam ainda qual fosse, sabendo apenas que V. Exa. esperava certas informações para dar-lhe as suas ordens, veio logo correndo entregar a carta e...

— Esse moço não disse o nome? perguntou o magistrado, interrompendo a prolixidade da ordenança.

— Não, senhor. Disse apenas que V. Exa. esperava anciosamente as informações que lhe dava por escripto, visto que não podia, conforme tinha combinado com V. Exa., abandonar a vigilancia de que fôra incumbido...

— E' extraordinario tudo isto! Onde estava esse moço?

— Na rua Florencio d'Abreu...

— Está bem. Póde retirar-se.

E rasgando nervosamente o envelope, o chefe de policia murmurava:

— Que significa este episodio inesperado? Vejamos...

Desdobrou uma folha de papel commercial, e leu...

Mas logo ás primeiras linhas empallideceu horriavelmente.

Os olhos fulguraram-lhe em relampagos de colera; as mãos crisparam-se-lhe insensivelmente e um tremor

violento e incomprehensível agitára-lhe o corpo, como se fosse subitamente atacado de malária.

O Dr. Nobrega, notando a extraordinária impressão que a leitura d'aquella carta produzira no seu digno chefe, aproximou-se-lhe, dizendo :

— São más as noticias? O homem foi realmente victima de um crime?

O magistrado, tendo concluído a leitura, olhou attonito e surprehendido para o seu auxiliar, e, entregando-lhe a carta, disse com voz estrangulada :

— Leia.

O Dr. Nobrega, vendo primeiro a assignatura da carta, ficou tambem pallido e trémulo...

Quando acabou de lêr, o chefe de policia perguntou-lhe :

— Que diz a isso?

— E' o cumulo da audacia.

— O cumulo da infamia! bradou o magistrado, explodindo por fim a colera que o dominava. Pois esse bandido tem o arrojo inaudito, a protervia inexcedível de zombar de mim por esta fórma? Ah! como esse malvado deve estar agora satisfeito do ridiculo que com tão infernal astucia me preparou.

E, apoz alguns momentos, proseguuiu, cheio de indignação e de rancor :

— Oh! mas o infame desafia-me, escarnece-me, sem cogitar na minha vingança que ha de ser terrível. Sim! não terei mais um minuto de socego enquanto não vir esse canalha, esse execravel bandido, morto ou preso...

— E' necessario lançar mão de todos os recursos para se castigar este criminoso, como elle merece. E' questão de tempo, mas se não afroixarem os nossos esforços, tenho fé de que conseguiremos agarral-o...

Quando o Dr. Nobrega acabou de proferir estas palavras, vieram dizer que o sr. barão de Lacerda desejava muito fallar com S. Exa., o chefe de policia.

— Diga-lhe que entre. Chegou em boa ocasião! exclamou este avançando alguns passos para a porta.

Momentos depois entrou no gabinete o barão de Lacerda.

Estava pallido e abatido, transparecendo no demudado semblante o pasmo e o terror que o dominavam.

— Que tem, sr. barão? perguntou o chefe de policia assustado.

— Ah! sr. doutor! Estive com o meu encarniçado e infame inimigo, sem o saber! Prevejo uma desgraça, pois um bandido tão habil e arrojado, é capaz de tudo. Apesar de todas as precauções receio qualquer noite ser atacado, ou vêr morta, de repente, alguma pessoa de minha familia...

— Socegue, sr. barão. Queira sentar-se e explique-me o que acaba de dizer... conquanto eu já saiba de que se trata...

O barão sentou-se, ou antes atirou-se sobre uma cadeira, com manifesto desalento.

— V. Exa. já sabe? exclamou elle. Ah! sim. Agora me lembro... mas teria esse miseravel a extraordinaria ousadia de...

E fixando o chefe de policia, que o observava sorrindo, perguntou-lhe:

— V. Exa. recebeu uma carta que lhe dirigi, apresentando-lhe um frade?

— Recebi, e em vista da sua recommendação, tratei-o com a maior deferencia... Parecia um sacerdote digno e bondoso...

— Um sacerdote digno e bondoso! exclamou o barão, dando um pulo na cadeira. V. Exa. foi illudido. Esse infame, que se apresentou sob as vestes sacerdotaes, é um bandido da peor especie, pois fique V. Exa. sabendo que fallou com o proprio chefe da *Mão Negra*...

— Como sabe isso?

— Por uma carta que elle me mandou ha meia hora, em que, zombando da minha boa fé, me assegura

novamente que a sua vingança continúa cada vez mais forte e implacavel.

— Trouxe essa carta comsigo?

— Eil-a.

E o barão, tirando da algibeira uma folha de papel commercial, entregou-a ao chefe de policia.

Este, que havia readquirido a sua serenidade habitual, leu com voz pausada:

« Sr. Barão de Lacerda :

« Tive occasião de saber quão intenso é o
« odio que nutre contra aquelle que ousa perse-
« seguir sua familia, em virtude do juramento que
« elle fez com a inabalavel resolução de o cum-
« prir, atravez todos os obstaculos e difficulda-
« des, e por maiores que sejam os recursos de
« defeza dos orgulhosos Lacerdas, cujo immenso
« poder é egual ao grande prestigio que, injusta-
« tamente, gosam na sociedade paulista!...

« Sob o disfarce de um velho frade ouvi im-
« passivelmente as *amabilidades* que o sr. barão
« hontem me dirigiu no *Club Internacional*, mas
« foi com intimo jubilo que lhe contei uma his-
« toria que o sr. ingénuamente acreditou.

« Agradeço a carta que me deu para o chefe
« de policia, favor que levarei em conta no im-
« portante *saldo* de que lhe sou ainda devedor.

« Assim, espero que o nobre e illustrado barão
« de Lacerda se convencerá de que a *Mão Negra*
« não é uma quadrilha de bandidos, (como tão
« gentilmente a qualificou na sua grotesca indi-
« gnação) que se deixe facilmente vencer e sub-
« jugar por uns adversarios tão ... *innocentes*, que
« merecem até o desprezivo dó, a par do nau-
« seante asco com que se esmagam os pequenos
« e repugnantes vermes que, sob uma apparencia
« irnoffensiva, inoculam, nos que prendem em suas
« antennas, o mais perigoso veneno.

« Previno-o, pois, de que muito brevemente
« terá de arrepender-se dos insultos que disse ao
« *velho frade*, sem saber que fallava com o seu
« inimigo

Diogo. »

— Estamos tratando com um scelerado audaz e intelligente! bradou o chefe de policia. E' preciso redobrar de vigilancia e... acceitar a lucta que elle nos offerece.

— Mas V. Exa. fallou tambem com... o frade? Que lhe disse elle?

— Procurou-me hontem em casa e insistiu para me fallar. Apezar de estar um pouco incommodado, recebi-o e conferenciei com elle durante uma hora... Contou-me provavelmente a mesma historia que já havia narrado a V. Exa., e com tal naturalidade e verosimilhança que acreditei sinceramente... E' um actor emerito o patife...

— Foi um logro em que qualquer pessoa cairia, e não deixou de ser uma lição bem proveitosa para o futuro ponderou o Dr. Nobrega.

— Ah! decerto! confirmou o chefe de policia. Outra vez lhe garanto que tal não succederá!

— Mas... esse maldito Diogo prestou alguns falsos esclarecimentos a V. Exa., que determinassem uma infructuosa diligencia policial? perguntou o barão.

— Prometteu-me vir hoje aqui, ao meio dia, para me contar o que pudesse saber de um moribundo, que, arrependido dos crimes de que fôra cúmplice como membro da terrivel quadrilha *A Mão Negra*, estava disposto a denunciar os seus companheiros e principalmente o chefe contra o qual nutria, nos ultimos instantes da sua vida criminosa, um justificado rancor...

— E V. Exa. esperou-o inutilmente?

— Tinha tudo preparado para agir immediatamente, conforme as declarações que fizesse esse moribundo, inventado pela infernal phantasia do bandido que teve a extraordinaria audacia de illudir-me, a ponto de recebê-lo affectuosamente em minha casa...

E o digno magistrado fez um gesto de ameaça, ficando por algum tempo silencioso, n'uma attitude reflexiva e concentrada.

Afinal, voltando-se para o Dr. Nobrega, disse n'um tom energico, em que transparecia uma colera violenta, que mal podia conter:

— Meu amigo, é urgente que desde hoje nos empenhemos, não poupando esforços nem fadigas, para que se descubra esse miseravel que tão proterva e audazmente ousou trazer-nos, em pessoa, o seu cartel de desafio...

— Prometto a V. Exa. fazer quanto puder para a consecução d'esse fim que almejo, e que reputo essencial para desagravo da nossa dignidade.

— O melhor agente que temos é o Osorio... E' esperto, activo e corajoso... Infelizmente não está agora em S. Paulo, mas convêm chamal-o por telegramma. Preciso d'elle...

— Mas não se devem abandonar as investigações a que elle anda procedendo em Ribeirão Preto para a descoberta dos autores das notas falsas...

— Escolha outro que vá substituil-o e que receberá as instrucções precisas... Se o Osorio já tiver conhecimento d'algum indicio, communicall-o-ha ao que fôr agora... Deixo isso entregue á sua criteriosa direcção...

— Farei o que V. Exa. deseja. E se me dá licença, vou já dar as necessarias providencias a respeito.

— Pois sim, vá, e logo espero-o em minha casa para conversarmos ainda sobre este assumpto, que considero o mais importante de todos os que têm merecido a minha attenção, desde que fui investido d'este espinhoso e inglorio cargo de chefe de policia...

— A que horas devo ir?

— A' hora que puder... Eu não saio de casa esta noite...

O Dr. Nobrega cumprimentou e saiu.

O illustre magistrado, dirigindo-se ao barão de Lacerda que continuava triste e abatido, disse:

— Não se deixe vencer pelo desanimo. Quanto maior é a tormenta mais coragem devemos ter para nos salvarmos do naufragio... Nem sempre esse bandido levará a melhor, e esmorecer na lucta que nos cumpre travar com elle, é indício de fraqueza que de modo algum nos fica bem...

— V. Exa. tem razão, mas que quer? Não sou senhor de mim! Aquelle maldito faz-me mal aos nervos, a ponto de eu andar doente e pensativo, receando a todo o momento que succeda uma desgraça. Não é por mim que eu receio, mas pela minha familia...

— Compreendo a sua inquietação, e asseguro-lhe que para livrar a familia de V. Exa. dos ataques traiçoeiros d'esse famigerado Diogo, eu farei quanto estiver ao meu alcance.

— Agradeço muitissimo a sua bondade, e a sua promessa me tranquilliza um pouco. Mas, pelo presente devo prevêr o futuro... Parece-me que essa malvada *Mão Negra* ha de ainda commetter alguns crimes antes que V. Exa. consiga aniquilal-a, pondo grande parte da quadrilha, e incluindo o chefe, na cadeia...

— Não contesto isso, porque eu não posso garantir de uma traição á vida de todos... Mas quanto á sua familia, posso affirmar-lhe que vou dar as necessarias providencias para que possa viver tranquillá, sem soffrer, em sua casa, a menor tentativa criminosa que não seja logo repellida pelos meus agentes disfarçados, que estarão sempre vigilantes, dia e noite...

— Reitero os meus cordeaes agradecimentos a V. Exa. E desculpe-me a curiosidade, mas desejava saber se o falso sacerdote, na carta que dirigiu a V. Exa., fez referencias rancorosas á minha familia...

— Pouca cousa. D'esta vez elle foi extremamente delicado, respondeu o chefe de policia sorrindo. Queira lêr...

E entregou a carta, que pouco antes recebera, ao

barão que leu, em voz alta, com pausa, para comprehender bem o sentido de todas as palavras :

« Exmo. Sr. Dr. Chefe de Policia.

« Cumpro um gratissimo dever agradecendo-
« lhe a gentileza e affabilidade com que recebeu
« hontem em sua casa o signatario d'estas linhas,
« que tem a honra de ser o chefe absoluto da
« *Mão Negra*, tão injustamente apreciada por
« V. Exa.

« O sacrificio que fiz de envergar a sotaina de
« frade, e representar um papel tão contrario ao
« meu character, foi bem compensado com o pra-
« zer que experimentei em entreter com V. Exa.
« uma amavel palestra, durante uma hora, sobre a
« minha propria pessoa!...

« Os conceitos que V. Exa. externou, com tanta
« bondade, sobre este seu humilde admirador,
« ensoberbeceram-me a tal ponto que prometto-
« lhe entregar a *Mão Negra*, manietada de pés
« e mãos, aos Argus policiaes, e muito dignos
« auxiliares de V. Exa.

« Mas, ' antes, permitta-me o excelso doutor,
« chefe supremo da policia paulista, que eu liquide
« uma pequena divida que tenho com a nobre e
« orgulhosa familia Lacerda...

« Prometto fazer essa *liquidação* no mais bre-
« ve prazo possivel, e mesmo que fiquem restando-
« me alguns juros, serei generoso, não me impor-
« tando com bagatelas.

« Receba, pois, V. Exa. as mais cordeaes sauda-
« ções, de quem, *velho frade* ou qualquer outra
« *cousa*, se subscreve com o mais alto apreço e
« affectuosa consideração

« De V. Ex.

Att.º V.ºr e cr.º obgd.º

DIOGO LACERDA

« *Chefe da Mão Negra.* »

— Diogo Lacerda! exclamou o barão estupefacto e indignado. Pois este canalha tem o desaforo de usar do meu sobrenome?

— Não sendo seu parente, o que é impossível, o patife levou a caçoada até final, na propria assignatura, para nos deixar intrigados...

— Tudo isto é muito extraordinario, quasi incomprehensivel!... Meu parente não pôde ser, apezar de que eu não conheço alguns mais afastados... E depois não ia vingar-se de toda uma familia com a qual tinha gráus de parentesco, e sem a menor razão, porque nós nunca tivemos questões com parente algum... Foi provavelmente um gracejo de máu gosto, para nos intrigar, como muito bem disse V. Exa.

— O que é fóra de duvida é que esse tal Diogo não é um bandido vulgar... Precisamos acautelar-nos bem e usar de toda a finura e prevenção com elle... Eu vou pôr em campo, exclusivamente dedicado a descobrir a *Mão Negra*, o melhor agente de policia... Darei ao mesmo tempo outras providencias, e farei tambem diversas investigações das quaes espero algum proveito... Não ha um minuto a perder, pois, além de livrar V. Exa. e sua exma. familia de perigos terriveis e traiçoeiros, eu preciso agarrar esse patife, chame-se Diogo Lacerda ou tenha outro nome, para desaggravo da minha dignidade gravemente offendida.

— Ouvindo V. Exa. fallar com tanta energia e segurança, sinto renascer-me o animo. E, não desejando perturbal-o mais nos seus trabalhos, peço licença para me retirar.

O barão estreitou affectuosamente a mão do chefe de policia, e retirou-se mais tranquillo e satisfeito do que viera...

.....

*

* *

Deccorridos dois dias, apresentava-se ao Dr. Nobrega o agente Osorio, que regressára de Ribeirão Preto, por ordem espressa e urgente.

Era de mediana estatura, mas forte e musculoso, e d'uma apparencia sympathica que agradava á primeira vista...

Natural do Estado de Sergipe, tendo pouco mais de trinta annos, Osorio era considerado, não só pelos seus superiores como pelos seus collegas, como o primeiro agente de policia, tendo já dado sobejas provas da sua extraordinaria sagacidade em diversos casos mysteriosos e intrincados que elle conseguira desvendar, prendendo alguns criminosos que até então haviam zombado da acção policial...

Activo, intelligente, tinha decidida vocação para este mister a que se entregára de corpo e alma, e não poupava esforços quando o incumbiam de investigar um crime, embora este estivesse envolvido no mais denso e impenetravel mysterio.

De robusta compleição, e dotado de uma grande coragem, supportava quaesquer fadigas e affrontava graves perigos, com uma perseverança e uma temeridade admiraveis.

Era por todas estas qualidades muito estimado pelos chefes de policia e seus auxiliares, pois Osorio trabalhára sob as ordens de diversos, no espaço de dez annos.

Calmo, reflectido, não se precipitava nunca: muitas vezes, tendo já descoberto o criminoso, não lhe dava logo voz de prisão.

Seguia-lhe todos os passos, com notavel habilidade, e assim verificava se elle tinha cumplices, ou quaes as relações que sustentava com outros individuos que geralmente, tinham sempre contas a ajustar com a policia.

Antonio Osorio era o terror dos criminosos, e se não fosse elle *mudar* de physionomia, facilmente, todas as vezes que precisava, já teria, decerto, sido victima do seu zelo policial.

Mas o mais astuto criminoso poderia fallar com elle em diversas occasiões, suppondo que tratava com pessoas differentes; e nem sequer lhe passava pela ideia de que todas essas pessoas eram uma só, o seu mais terrivel inimigo, que no momento opportuno se dava a conhecer, conduzindo-o para a cadeia.

Era solteiro, mas tinha diversas moradas, principalmente quando andava empenhado na descoberta de algum crime importante e nebuloso.

Possuia uma variada collecção de barbas e de vestuarios, e caracterisava-se tão habilmente, era tão completa a sua transformação, que o seus proprios superiores e collegas não o reconheciam.

Eis o homem, que ia ser incumbido de descobrir a terrivel sociedade secreta *A Mão Negra*.

O Dr. Nobrega, depois de dar-lhe as primeiras explicações, foi com elle ao gabinete do chefe de policia, onde todos tiveram demorada conferencia.

Quando esta terminou, o illustre magistrado, levantando-se, disse:

— Osorio, você faça todos os esforços para conseguir prender esse maldito Diogo . . . Bem vê que é uma questão de dignidade profissional, visto que esse miseravel desafiou a policia, levando a zombaria e a audacia ao ponto de vir pessoalmente fallar-me em minha casa, sob o habito respeitavel de um sacerdote velho, bondoso, animado das melhores intenções de prestar relevantes serviços á auctoridade e á familia Lacerda. A impunidade d'esse bandido, que tem já commettido diversos crimes e promette praticar outros, com a mais extraordinaria ousadia, seria o desprestigio da policia . . .

— Juro a V. Exa. que farei quanto puder para cumprir as suas ordens . . . Não desconheço as difficuldades e os perigos com que vou lutar . . . O inimigo é poderoso e intelligente, e, prevenido como deve estar, estorvará quaesquer investigações, desviando ou c'estraindo aquelles que o perseguirem; mas se V. Exa. me dêr plena liber-

dade de acção, e todo o auxilio de que necessito, eu posso desde já assegurar-lhe que, se não fôr victima d'um traiçoeiro assassinato, hei de saber quem é esse sr. Diogo e V. Exa. terá o prazer de vel-o aqui, humilde e derrotado sob as provas esmagadoras de seus crimes . . .

— Dou-lhe carta branca. Faça o que entender e todo o dinheiro que precisar ser-lhe-ha fornecido . . . Tem plenos poderes para agir conforme julgar mais conveniente... O Dr. Nobrega fica desde já autorizado a dar-lhe todo o auxilio, seja de que natureza fôr, que lhe requisite... E não desvie a sua attenção para outro qualquer assumpto. Entregue-se inteiramente á descoberta de Diogo, e da *Mão Negra*.

— Ah! não terei tempo para cuidar de outras cousas. E Osorio, sorrindo-se, perguntou :

— V. Exa. permite que eu comece já a preparar o terreno para travar o combate entre a Policia e a *Mão Negra*?

— Póde ir. Tenho pressa de vel-o trabalhar. Oxalá seja feliz, e, creia que saberei ser reconhecido aos seus serviços.

Osorio, cumprimentando os seus superiores, retirou-se pensativo e preocupado . . .

DUELLO SINGULAR

Osorio, logo que saiu do gabinete do chefe de policia, encaminhou-se apressadamente para uma pequena casa na rua Tabatinguera, onde era a sua principal residencia.

Vivia só, e não recebia visita alguma que o perturbasse no seu isolamento, que elle tanto apreciava.

Depois da ardua missão que lhe fôra entregue, queria primeiramente reflectir, afim de formar o seu plano.

Logo que chegou, sentou-se na cama, e, no mais absoluto socego, ficou por muito tempo meditando.

Por fim, passando a mão pela frente, murmurou :

— Não ha duvida. E' o que devo fazer, antes de principiar na descoberta d'esse patife que é o mais velhaco de quantos criminosos tenho perseguido . . . Primeiro, é indispensavel que eu colha todos os elementos que puder para me orientar sobre qual o caminho que me cumpre seguir . . .

E, apoz alguns momentos, proseguiu :

— O barão de Lacerda pouco poderá adiantar ao que já sei, mas é conveniente que eu vá fallar-lhe . . . Depois verei o que devo fazer. Vamos . . . tempo é dinheiro, dizem os inglezes, e elles em questões de aproveitarem tudo, até o que não é d'elles, são *turunas* . . . Ensinam-nos com o exemplo as mais completas theorias do egoismo, que têm o cuidado de encobrir sob os pomposos nomes de civilisação, humanidade, etc.

E dizendo isto, Osorio poz o chapéu, pegou na bengala de estoque que nunca largava, e saiu.

Meia hora depois apresentou-se ao barão de Lacerda, a quem se deu a conhecer.

— Peço desculpa a V. Exa. do incommodo que vim causar-lhe, mas preciso que me conte minuciosamente todos os pormenores das tentativas criminosas feitas contra sua Exma. familia pela quadrilha de bandidos que adoptou o suggestivo titulo de *Mão Negra*.

— Pouco poderei accrescentar ao que já deve saber... Mas para lhe dar mais amplos esclarecimentos, vou chamar meu irmão para me auxiliar...

E o barão saiu da sala, voltando momentos depois com Theodoro e Jorge.

Oscar e Octavio, que estavam conversando no gabinete d'este, vieram tambem.

Osorio cumprimentou todos com a mais respeitosa delicadeza, e disse:

V. Exas. permittem-me que eu lhe faça algumas perguntas, e tome as notas que julgar necessarias?

— Póde interrogar-nos quanto quizer, respondeu o barão. O nosso desejo é que o senhor nos livre d'esse malvado Diogo que não nos deixa viver tranquillos um minuto...

— Vou trabalhar para isso, e pódem crêr de que farei o que fôr humanamente possivel.

E, apoz uma breve pausa, perguntou:

— Qual o primeiro ataque que lhes fez esse Diogo?

— Foi o que eu e minha filha soffremos no caminho de Campinas para a Fazenda, respondeu Theodoro.

— Obsequiava-me se contasse tudo o que se passou...

— Pois não. Se me esquecer algum pormenor, Jorge, que sabe tudo, me lembrará.

E o pae de Rachel, estremecendo com a recordação do assalto, narrou o triste e inolvidavel acontecimento o mais minuciosamente que poude.

Jorge completou esta narração, que concluiu com algumas sensatas observações.

Osorio, tendo tirado da algibeira um pequeno livro de notas, escrevera no alto de uma pagina, como epigraphe; *Primeiro crime.*

E, silenciosamente, ia tomando os seus apontamentos á proporção que ouvia a narrativa.

Quando esta terminou, o agente, voltando tranquillamente a pagina e tendo escripto: *Segundo crime*, disse:

— Infelizmente, a cilada feita por esse Diogo foi tão bem planejada que não encontro *furo* para descobrir alguma cousa . . . Em todo caso irei a Campinas vêr o respectivo inquerito palicial. Agora peço-lhes o obsequio de me dizerem qual a segunda tentativa...

— Foi o rapto de Dulce, minha sobrinha, interrompeu o barão. Será melhor ella mesma contar-lhe tudo...

— Como quizer.

O barão mandou chamal-a, e pouco depois a joven appareceu acompanhada da baroneza.

Osorio cumprimentou-as, e Dulce, pallida e nervosa, narrou quanto lhe succedera, não omittindo a menor particularidade.

Oscar contou, por sua vez, como soubera d'aquelle crime, e de que modo tinha agido para livrar a victima, que não imaginava pertencesse á familia Lacerda.

O agente dirigiu-lhes diversas perguntas, tomando nota de quanto lhe parecia util para o desempenho da sua ardua missão.

E, sorrindo satisfeito, exclamou:

— A sorte nem sempre é adversa . . . Já tenho largo caminho para as minhas instrucções. Foi uma felicidade Luiz ter ouvido essa conversação no tal *restaurant*, que deve ser um dos antros onde se reúnem os bandidos da *Mão Negra* . . . Mas o *terceiro crime* foi praticado, por vingança, contra o corajoso salvador da victima?

— Sim, senhor, respondeu Oscar. Fui atacado, ás 11 horas da noite, por dois miseraveis cobardes que me

esfaquearam, e se não fosse o inesperado soccorro do meu amigo aqui presente, sr. dr. Jorge Sequeira, seria indubitavelmente assassinado.

— E não se recorda das physionomias dos faccinoras?

— Foi tão rapido e impetuoso o ataque que não pude ver-lhes o rosto. Alem d'isso a noite estava um pouco escura . . . Lembro-me, porém, que um d'elles era alto, magro, de nariz comprido e barba curta, que me pareceu ser ruiva... Foi o que me feriu no peito...

Osorio, escrevendo, disse:

— Bem. Já é alguma cousa. Quem sabe se encontrarei este *valente*?! . . .

E, apoz uma breve pausa, proseguiu:

— *Quarto crime*. Qual foi?

— O envenenamento de minha filha, exclamou o barão. Tendo admittido para o serviço particular de Judith uma creada, que me pareceu boa, pela sua apparencia sympathica e modos delicados e affectuosos, mal pensava eu que introduzia em casa uma infame cumplice do malvado Diogo . . .

— Como se chamava?

— Ignez. Foi o nome que ella deu . . .

— Tinha familia?

— Dizia que tinha mãe, mas eu nunca a vi.

— Nem sabe onde morava?

— Não, senhor.

— Parece-me que era na rua Concordia, exclamou a baroneza. Pelo menos o meu creado André disse-me que a tinha visto sair de uma casa . . .

— E esse creado está ainda ao seu serviço?

— Não, senhor. Está doente, e quiz tratar-se no hospital de Beneficencia Portugueza, de que é socio . . .

— Perfeitamente. E o veneno foi analysado?

— Sim, senhor, respondeu Octavio.

— Poderá fornecer o resultado da analyse?

— Mandar-lhe-hei logo, ou amanhã. Vou extrahir uma cópia exacta, se assim o deseja . . .

— Aceito e agradeço. E' possível que me sirva de grande auxilio para as minhas investigações...

Houve um momento de silencio.

Osorio continuava escrevendo diversas notas do que lhe haviam narrado. Afinal, disse:

— *Quinto crime*. Foi o incendio, não é assim?

— Sim, senhor, respondeu o barão, empallidecendo. Fomos salvos com muito custo, e minha mulher ia perecendo n'esse horrivel sinistro...

— Não ha a menor duvida de que o incendio foi posto. Mas para que os incendiarios entrassem dentro do palacio para pôrem em execução os seus negregados intentos, foi porque alguém lhes abriu a porta. Não desconfia de algum creado?

— Tenho fundadas suspeitas de que foi o José quem se prestou a ser cúmplice d'esses miseraveis, pagando assim com a maior infamia os beneficios que eu lhe havia feito.

— Elle desapareceu?

— Sim, senhor. Nunca mais tivemos noticias d'elle, e até chegámos a suppôr que tivesse morrido no fogo, mas depois, procedendo-se ao desentulho, não se encontrou victima alguma do sinistro. No inquerito que as auctoridades fizeram, existem muitos dados que lhe pôdem ser uteis.

— Verei esse inquérito. Desde então não soffreram nova investida de Diogo?

— Não, senhor, respondeu o barão, mas espero-a a todo o momento, em vista das constantes ameaças que me dirige esse bandido e da extrema audacia que elle teve de mystificar o proprio chefe de policia...

— Nenhum proveito elle tirou com isso... a não ser exacerbar um poderoso adversario que ha de esmagal-o mais depressa do que V. Exa. julga... Nada é impossivel. Por maiores difficuldades que appareçam, posso assegurar-lhe que a *Mão Negra* será decepada para não fazer mais mal a ninguem pelo menos n'esta cidade...

— Deus queira que assim succeda, disse a baroneza, para não vivermos n'esta inquietação que tanto nos afflige.

— Tenha V. Exa. esperança, e viva tranquilla... Talvez muito breve terei a honra de dar-lhe boas noticias...

— Pois conte com a nossa gratidão, exclamou Theodoro.

— Oh! com certeza, confirmou o barão. Creia que saberemos compensar devidamente o seu trabalho...

— Cumpro o meu dever, e tenho mesmo gosto em ser escolhido para uma diligencia, a mais importante que tenho tido... Mas, se V. Exas. dão licença preciso já começar na minha *tarefa*...

E o agente levantou-se, cumprimentou respeitosamente todas as pessoas presentes e saiu.



Osorio dirigiu-se em seguida á Repartição Central e pediu ao Dr. Nobrega que lhe mostrasse os inquéritos que se haviam iniciado sobre alguns crimes da invisivel quadri-lha, chefiada pelo audaz e famigerado Diogo.

Leu-os com a maxima attenção, e por muito tempo esteve escrevendo alguns apontamentos que lhe poderiam ser uteis na porfiada e importante campanha que ia encetar.

Depois pediu um passe para ir a Campinas, e retirou-se.

Chegando á sua residencia de celibatario, entregou-se inteiramente ás mais profundas reflexões, procurando formar o seu plano de ataque contra um bandido que revelava tanto de astucia como de audacia.

— Não ha duvida, murmurava elle, de que o covil da *Mão Negra*, talvez o principal, é no restaurante,

onde Luiz ouviu a conversação dos dois miseráveis, que pertencem com certeza á quadrilha... E' necessaria muita habilidade para ir lá colher alguma cousa, sem despertar suspeitas...

« Em geral, os criminosos, constituídos em sociedade, são muito perigosos e desconfiados... Mas eu arranjurei um meio de os illudir, de modo que me julguem um companheiro, foragido de alguma cidade do interior.

« Mas, esse celebre Diogo frequentará o restaurante, principalmente agora, depois de haver desafiado a policia na pessoa de seu primeiro magistrado? Duvido.

« E' possivel, porém, que tenha um intermediario, e se o descobrir, seguir-lhe-ei todos os passos, de fórma que em pouco tempo esteja habilitado a saber quem é o homem, e quaes os seus principaes cúmplices.

« Depois, o negocio tornar-se-ha facil. Vigiando-os bem, hão de cair na armadilha que eu proprio lhes armar... Mas cumpre não ser precipitado e trabalhar com toda a cautela... O menor erro póde prejudicar gravemente este serviço, o mais importante de quantos me téem sido confiados...

« Primeiramente, devo reunir todos os elementos necessarios para o combate... Ficarei mais forte e poderei evitar qualquer passo errado, de más consequencias para a consecução do fim que tanto a policia como a familia Lacerda desejam ardentemente: a captura de Diogo e de seus principaes auxiliares, sendo depois facil aniquilar a *Mão Negra*...

— Depois d'este monologo, Osorio ficou por muito tempo silencioso, meditando sobre o que devia fazer para bem desempenhar a difficil e arriscada missão de que o seu chefe o havia incumbido...

De quando em quando consultava as notas que tinha escripto na sua carteira, e juntava-lhes algumas observações...

.

No dia seguinte embarcou para Campinas, no primeiro trem.

Apresentou-se immediatamente á auctoridade que lhe deu os mais amplos esclarecimentos sobre o assalto de que tinham sido victimas o conhecido e estimado fazendeiro Theodoro Lacerda e sua filha, crime, revestido de tão dramaticas e extraordinarias circumstancias, que havia profundamente abalado a tranquilla e laboriosa população campineira.

Impellido pela curiosidade, e suppondo talvez encontrar qualquer indicio favoravel ás suas investigações, foi vêr o local onde se déra o assalto, e depois de um minucioso exame, seguiu para a Fazenda de Theodoro, onde interrogou alguns homens, praticos d'aquelles logares, afim de saber quem seria o cumplice ou os cumplices de Diogo n'aquelle infame attentado..

Ignacio havia sido morto, mas Osorio quiz informar-se quaes eram as pessoas que andavam na companhia do negro, para vêr se descobria um rastro que lhe trouxesse alguma luz com que pudesse dissipar um pouco as trévas em que ficára immerso aquelle monstruoso crime, que uma intervenção, verdadeiramente providencial, pudera evitar que fosse perpetrado com a requintada infamia planejada pelos audaciosos e miseraveis salteadores.

Qual o objectivo d'este procedimento improprio de scelerados, impellidos ao crime por um homem malvado que jurára implacavel e torpe vingança contra uma familia?

O mais summario, o mais rapido, e que melhor devia satisfazer os instinctos perversos do chefe da *Mão Negra* devia ser o exterminio de seus inimigos.

Mas, tendo tempo para commetter um cobarde assassinato, preferira amarrar Theodoro a uma arvore, deixando-o com vida, e levar Rachel para um local já previamente preparado afim de occultar a infeliz ás pesquisas que logo seriam feitas pelas auctoridades para descobrirem seu paradeiro...

Onde seria esse escondorijo?

E os salteadores viriam de S. Paulo, com o chefe, ou viviam n'aquelles logares?

Esta segunda hypothese era mais provavel visto que Ignacio, bebado e desordeiro incorrigivel, ja tinha sido camarada na Fazenda de Theodoro Lacerda d'onde fôra expulso pelo seu pessimo procedimento.

Mas, n'este caso, outros crimes succederiam áquelle, embora de muito menor importancia.

Roubos, ataques á mão armada, pois homens perdidos e refugiados no matto não teriam escrupulo de proseguir na senda encetada do banditismo até que as auctoridades conseguissem mettel-os na cadeia.

No entanto, nem antes nem depois da cilada contra Theodoro e sua filha, occorrera a menor tentativa criminosa n'aquelles caminhos solitarios, segundo todos asseveravam.

Osorio perdia-se em méras conjecturas, mas nada adiantava de positivo.

Este impenetravel mysterio desesperava-o, e debalde elle investigava e inquiria, com a tenacidade e a subtileza de um emerito agente policial.

Foi vêr João Venancio, já restabelecido do grave ferimento que recebera traiçoeiramente n'aquella occasião, e que quasi o ia matando, deixando-o cégo de um olho, e de tal modo desfigurado que ninguem podia vê-lo que não sentisse sincera compaixão por aquelle infeliz, victima d'um crime nefando e cobarde.

Mas elle nada poude dizer a Osorio que o ajudasse a esclarecer tão tenebroso acontecimento.

Não tinha visto cousa alguma, fôra ferido inopinadamente por um miseravel que o alvejára de dentro do matto, e não suspeitava quem pudesse ser esse infame que julgou tel-o realmente assassinado.

Ah! se elle o soubesse, faria justiça por suas proprias mãos!

Osorio, contrariado, vendo que pouco adiantava nas

suas investigações, a não ser o ficar sabedor de diversos pormenores que lhe poderiam ser uteis para o futuro, regressou a S. Paulo.

Mas, tendo chegado de noite, lembrou-se de ir fallar com o Dr. Nobrega sobre o insignificante resultado da sua primeira diligencia.

Entrando no gabinete do 1.º delegado auxiliar, notou que estava pallido e nervoso.

Não teve tempo, porém, para lhe dizer uma palavra, porque o Dr. Nobrega ao vê-lo, ergueu-se impetuosamente, e, com voz perturbada, exclamou:

— Ah! é você, Osorio! Estava impaciente pelo seu regresso. Ia telegraphar-lhe...

— Cheguei ha pouco de Campinas, e vim immediatamente aqui... Mas, succedeu alguma cousa grave?

— Gravissimo. Esta maldita *Mão Negra* é o espectro terrivel que me atormenta dia e noite...

— Mais algum crime?

— Felizmente não passou de uma tentativa, mas denota tão grande audacia da parte do mandante, esse miseravel que diz chamar-se Diogo, que é muito para temer consummar-se ainda algum estupendo e horrivel assassinato, em pleno S. Paulo, o que, além de lamentavel, será uma vergonha para a policia...

— Tudo tem o seu termo, e essa infame quadrilha não ha de sempre cantar victoria... Creia-o V. Exa.

— Sim, vivemos n'essa esperanza, empregamos todos os recursos possiveis, mas a *Mão Negra* continúa invisivel, e cada vez mais forte e ameaçadora.

— Mas... desculpe-me a minha natural curiosidade. Estou impaciente de saber o que succedeu...

— Eu lhe digo. Hoje, de tarde, a familia Lacerda, que vive reunida e enclausurada, n'um constante sobresalto, como sabe, lembrou-se de dar um passeio, para distrahir a grande tristeza em que vive, desde que soffre a inqualificavel perseguição d'alguns scelerados.

«Saiu de casa com a ideia de ir ao jardim da Luz

mas, em má hora, lembrou-se de prolongar mais o passeio, indo até a Floresta. Duas moças affastaram-se um pouco para conversar, quando, repentinamente, um miseravel, com a mais extraordinaria audacia, como se estivesse no sertão, derrubou uma d'ellas, e com cynica malvadez, pretendeu esfaqueal-a...

— Chegou a feril-a gravemente?

— Não. Por felicidade a joven saiu incolume do traiçoero ataque...

— Acudiram-lhe logo?

— Ao primeiro grito que ella soltou, um grande cachorro que fugira de casa e a acompanhava, vendo sua dona subjugada por um homem, atirou-se a este com toda a ferocidade e cravou-lhe os dentes no braço direito, impedindo-o d'este modo de usar da navalha que elle tinha prompta na algibeira, para commetter tão hediondo assassinato...

— Valente animal. E depois?

— Depois, acudiram diversas pessoas que agarraram o infame...

— Então foi preso?

— Foi. Está na cadeia, e os soldados, como elle resistisse á prisão, fizeram a obra meritoria de lhe darem algumas réfladas...

— Muito bem! exclamou Osorio satisfeito. Foi o primeiro fracasso da *Mão Negra*... Tendo um dos bandidos em nosso poder, será facil descobrir-se muita cousa.

— Como?

— Interrogando com habilidade. Elle mentirá, mas de contradição em contradição irá, mesmo sem querer, aclarando um pouco a verdade...

— Está muito enganado, Osorio, interrompeu o Dr. Nobrega, fazendo um gesto de raiva. Você imagina que estamos tratando com criminosos vulgares? Elle está muito bem industriado pelo chefe, a quem obedece cégamente, para nos deixar na mais absoluta ignorancia de factos e de pessoas que tanto desejamos conhecer...

— Mas, insistindo no assédio de reiteradas perguntas, procurando convencel-o de que é inútil a sua negativa, que servirá apenas de agravante, o miseravel ha de render-se...

— Qual, o systema por elle adoptado é o melhor possível. Não diz uma palavra, não responde á menor e mais simples interrogação, é capaz de conservar-se horas impassivel e silencioso, com o mais revoltante cynismo, e olha-nos com uma cara de idiota, e sempre com um riso ironico, que dá vontade de estrangulal-o... E' preciso muito sangue frio para enfrentar com esse canalha, que é o typo mais completo do faccinora máu, provocador e atrevido. A sua attitude é tão cynica, antipathica e insultante que faz perder a paciencia... a um santo.

E o Dr. Nobrega, com a physionomia alterada pela colera, deu alguns passos agitados pelo gabinete.

Osorio ficára pensativo, e, após alguns momentos, com a confiança e a resolução que o caracterisavam, disse:

— Talvez mude ainda de systema. Com a continuação da incommunicabilidade, irá aborrecendo-se e diminuindo essa energia indomavel que demonstra, empregando um mutismo absoluto que, com franqueza, de pouca utilidade lhe póde servir...

— Sim, é provavel que elle se decida a fallar para nos impingir algumas mentiras que tem tempo de sobra para engendrar, mas não creio. Conheço-lhe no olhar o seu inabalavel proposito de não proferir uma palavra...

— Pois então, faremos de conta que elle não existe e proseguir-se-ha na lucta encetada. A *Mão Negra* ha de cair, custe o que custar... E' questão de tempo, de coragem e de perseverança...

— Você tem razão, Osorio, e tanto eu como o dr. chefe de policia temos as melhores esperanças no resultado de seu trabalho...

— Juro-lhe que farei tudo o que puder para conseguir aniquillar essa maldita *Mão Negra*, e principalmente

esse infame e audaz Diogo que ousou desafiar-nos. Além de cumprir um imperioso dever, tenho o maximo empenho, um grande capricho, em vencer esta verdadeira campanha da policia contra um grupo de scelerados...

— Esqueceu-me de perguntar-lhe se descobriu alguma cousa em Campinas, que o auxilie nas investigações a que vae proceder...

— Infelizmente, pouco resultado obtive da minha viagem. Não foi de todo, inutil, porque tive conhecimento de certos pormenores, que eu ignorava, e que no futuro pódem servir-me para explicar e concatenar alguns factos, que hoje estão envolvidos no mais denso mysterio. O sr. doutor quer ouvir a narração minuciosa de quanto fiz?

— Não. Confio no seu critério e na sua habilidade. Diga-me apenas: que tenciona fazer agora?

Osorio sorriu-se e respondeu:

— Ainda não sei. Vou pensar na melhor maneira de iniciar em S. Paulo as minhas pesquisas sem que o astuto Diogo suspeite cousa alguma... E' preciso caminhar com muita cautela e sagacidade, embora leve mais tempo do que desejava...

— Pois bem, dedique-se inteira e exclusivamente a este importante trabalho de descobrir e prender o maior facciora que tem apparecido no Estado de S. Paulo, e, além da gloria merecida a que terá jus, receberá uma generosa recompensa pelos seus serviços... Póde pedir depois a licença que quizer para descansar... Fallo em meu nome e no do chefe de policia.

— Agradeço-lhe tanta bondade, e estou disposto a todos os sacrificios, inclusivé o da minha vida, para que a policia fique victoriosa n'este combate travado contra uma poderosa quadrilha. Não me impelle o lucro, embora não o recuse para não offender os meus dignos superiores, mas sim o dever do meu cargo e a intensa vontade de medir-me com um inimigo que ostenta tão orgulhosa e atrevidamente o seu occulto e immenso poder...

— Perfeitamente. Você é digno, pelos seus sentimentos e pela sua actividade, da estima que todos nós lhe consagramos. Diga-me, porém, com franqueza: precisa de alguma cousa?... dinheiro... gente...

— Nada absolutamente, por ora. Quando precisar virei importunal-o. Tem algumas ordens a dar-me?

— Não. Apenas desejo que me communique o resultado que fôr colhendo das suas investigações...

— Ah! sem duvida, é essa a minha obrigação...

E Osorio, cumprimentando respeitosamente o Dr. Nobrega, retirou-se.

*
* * *

Casimiro, o mulato de cara patibular, a quem Diogo incumbira de praticar um crime que, se fosse perpetrado, produziria a mais dolorosa impressão na sociedade paulista, vendo-se preso e incommunicavel, tomou a resolução de não explicar o seu procedimento, por mais insistentes que fossem os interrogatorios...

Qualquer mentira que elle forjasse podia dar logar a suspeitas, a duvidas, a insignificantes indicios que poderiam prejudicar Diogo, sem melhorar de modo algum a sua critica situação.

E, n'este firme proposito, murmuravá em voz baixa, acocorado a um canto da prisão, onde permaneceu por muito tempo como um selvagem:

— Nada! Estes senhores da policia são muito esperios. Um homem diz uma cousa e elles percebem outra, que o preso não queria dizer. Fazem perguntas sobre perguntas, atrapalham o mais *doutor* e sacudido dos desgraçados que lhes cáem nas unhas, promettem muito e não cumprem nada, e quando um pobre diabo, na melhor boa fé, conta toda a verdade, arranjam-lhe um processo cheio de palavriado, de maneira que a condemnação em vez 5 annos passa a ser de 20!

«Hum! Cá o filho de meu pae não cáe na bobagem de pôr tudo em pratos limpos, em que ha muito a perder e nada a ganhar... O sr. Diogo pôde ainda tirar-me d'esta maldita *gaveta*, onde me atiraram como cousa imprestavel, e se eu o comprometto, fica meu fidagal inimigo, e foge com toda a certeza, porque elle deve estar prevenido e é fino e agil como um tigre...

«Deixemo-nos de historias. Decididamente não digo nada. O melhor é fazer como um mudo... Compreender tudo quanto lhe dizem e não abrir a bocca senão para comer... Por enquanto é o mais acertado... e depois, lá no tribunal, direi o que me parecer mais conveniente.

«Até lá tenho muito tempo para estudar e talvez mesmo que receba instrucções, n'esse sentido, do meu chefe que é capaz de enganar todos estes doutores que véem para a policia porque não sabem como hão de governar a vida...

Por este soliloquio já os leitores pôdem vêr que o terrivel *capoeira* estava disposto a manter um mutismo, que tanto devia enraivecer o Dr. Nobrega.

E se bem o pensou, melhor o fez: a todas as perguntas limitava-se a encolher os hombros, a sorrir-se desdenhosamente ou a proferir simples monosyllabos que nada exprimiam, senão a obstinada teimosia de não querer fallar.

Debalde o Dr. Nobrega, e o proprio chefe de policia, empregaram todos os recursos da astucia e da intelligencia para que o preso se resolvesse a dizer alguma cousa, por pouco que fosse...

Casimiro, indifferente ás promessas e ás ameaças, parecia realmente um surdo-mudo, se, de quando em quando, para irritar mais o illustre magistrado e seu digno auxiliar, elle não proferisse alguma phrase sem importancia, acompanhada, quasi sempre, de uma risada zombeteira.

Aborrecidos e desesperados, deixaram o miseravel,

que se rejubilou pela ideia que tivera de adoptar aquella silenciosa attitude, e que soube manter com inabalavel força de vontade.

Mesmo na prisão, o mulato não alterára o systema que empregára com tão feliz exito.

Desconfiado, não respondia ás perguntas, quaesquer que ellas fossem, que lhe dirigiam os guardas, e mesmo quando estava só não dizia uma palavra em voz alta.

Sempre mal encarado, com o cerebro escandecido por ideias de vingança, que elle acariciava para realisal-as no dia em que saisse da cadeia, nem que n'esta permanecesse muitos annos, o malvado *capoeira* rosnava por entre dentes, com aspecto feroz :

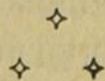
— Aquelle typo que me deu uma cacetada na cabeça ha de pagar-me... Nunca fiquei a dever nada a ninguem... Sangue com sangue se paga... e quanto aos soldados, não perdem por esperar... Em qualquer logar e occasião em que os encontre saberei desferrar-me das bordoadas que me déram cobardemente com os réfles.

«O culpado de tudo foi aquelle maldito cachorro que parecia uma onça... Quem sabe até se ficarei com este braço inutilisado... Mas não tem duvida, com a mão esquerda tambem sei pegar na navalha... Tive sempre o defeito de ser um pouco canhoto, e agora me serve...

«Foi tão grande o caiporismo que fiz um tremendo *fiasco*... Que vergonha! Porque não fui já com a navalha aberta? E em vez de a levar na algibeira, devia tel-a logo na mão... Liquidava com o cachorro, fazia rapidamente o meu *trabalhinho*, e se aquelle typo de cartola viesse com a bengala, eu o ensinaria n'um abrir e fechar d'olhos...

«Mettia a cara no matto, e a esta hora estava-me rindo de todos... O sr. Diogo ficava contente commigo, e dava-me dinheiro para eu beber seis mezes a boa canninha.. Fui um grande animal! Facilitei e agora soffro as consequencias...

E o miseravel praguejava, fazendo gestos ameaçadores com a mão esquerda, visto que a direita, horrivelmente ferida pelas dentadas do *Tigre*, elle a tinha inactiva em um lenço atado ao pescoço.



Emquanto o infame mulato maldizia o seu caiporismo e jurava vingar-se de tudo e de todos, Osorio, na sua residencia, pensava sobre a maneira como devia principiar as suas difficeis investigações.

Sentado a uma mesa, onde collocara adiante de si o seu livrinho de apontamentos, o agente de policia reflexionava sobre a melhor fórma de agir contra o famigerado Diogo, sem este perceber que tinha um inimigo, resolvido a usar de todos os estratagemas para o conhecer, e dar-lhe a desagradavel surpeza de o conduzir á cadeia, no primeiro ensejo que a fortuna lhe deparasse . . .

Para coordenar mais nitidamente as suas ideias, Osorio monologava em voz baixa :

— Ora, a primeira cousa que tenho a fazer é frequentar assiduamente o tal restaurante que, se não me engano, é um dos pontos de reunião da sociedade *A Mão Negra*.

«Não é facil, porque os patifes são sempre desconfiados, tanto mais com um estranho... E se suspeitam que eu tenho o intuito de vigial-os, são muito capazes de me mandarem para o outro mundo, sem a menor cerimonia nem o o mais leve escrupulo.

«Eu irei bem prevenido, mas não convêm provocar uma lucta para não espantar a caça . . . E' preciso ter muita calma, muito sangue frio e principalmente muita tactica... Se dissér uma palavra ou fizer um gesto que destôe do papel que me cumpre desempenhar no meio d'elles, está tudo irremediavelmente perdido.

«Depois . . . E' melhor não formular planos que teria de modificar a todo o momento com os factos occorrentes e conforme os esclarecimentos que for obtendo. Hoje não posso ir ao covil das feras . . . Cumpre arranjar primeiro o vestuario, estudar a melhor caracterisação, preparando-me para ser um *perfeito gatuno* . . . recémchegado do interior.

Osorio soltou uma gargalhada, e, levantando-se, proseguiu:

— Bonita profissão! E se os patifes me acceitam, convidando-me para iniciar a minha carreira em São Paulo?! . . . Oh! seria curioso ir parar ao xadrez de envolta com meia duzia de larapios. Ora, era uma excellente occasião de eu aprender os modernos processos de roubar . . . E' bom saber de tudo . . .

E o astuto sergipano, sorrindo-se, foi abrir duas malas e um armario, d'onde tirou diversas roupas, barbas de várias côres e outros objectos miudos, que estendeu sobre a cama e em algumas cadeiras . . .

Escolheu o que julgou mais conveniente para a sua caracterisação, guardou o resto, poz tudo em ordem, e por fim deitou-se, levando ainda muito tempo a pensar, sem poder conciliar o somno.

.
.
.

No dia seguinte, o *Restaurante Internacional*, ou antes a *Gruta*, como era mais conhecida pelos *habitués* aquella sordida taberna, onde quasi todas as noites se planejavam roubos e outros crimes, regorgitava da sua especial freguezia.

Eram pouco mais de sete horas da noite.

Havia uma grande algazarra a qual assumia ás vezes taes proporções que decerto incommodaria um surdo que tivesse a infelicidade de se vêr entre aquella infame escoria social.

Tão depressa alguns mais exaltados discutiam a ponto de se insultarem reciprocamente, com a gíria obscena propria daquela canalha, travando amiúde pequenos conflictos que não chegavam a transformar-se em rolos sanguinolentos, porque Sebastião intervinha promptamente, auxiliado por outros miseraveis menos ébrios, como, feita a paz, os mesmos adversarios de ha pouco bebiam alegremente, de braço dado, obsequiando-se e combinando novas proesas, n'uma confusão enorme e repellente.

Os mais pacatos, ou mais occupados em infames conluios, sentados a toscas mesas, bebiam e fallavam em voz baixa, com ares mysteriosos, não dando importancia aos tumultos que de quando em quando se levantavam pela questão mais futil e insignificante.

Outros, já completamente embriagados, caidos sobre os bancos ou encostados ás mesas, roncavam como animaes, sem que cousa alguma os despertasse.

No momento em que dois rufiões berravam n'uma discussão acalorada, com grande gaudio dos circumstantes, um homem mal vestido, de petulante desembaraço, entrou na taberna.

Entretidos com a questão que se ventilava e que promettia edificantes scenas de uma briga insultuosa entre dois dos mais *conceituados* da *Gruta*, os patifes não repararam n'aquelle estranho que tinha a ousadia de entrar em tão repugnante e perigoso antro do crime.

Aproveitando-se desta circumstancia favoravel, o recém-chegado dirigiu-se para uma mesa onde apenas estava um ébrio, immovel, respirando com difficuldade, quasi sob a ameaça de uma congestão cerebral, ankylosado pelo alcool.

Sentou-se com a maior naturalidade, e circumvagou a vista, n'uma apparente indifferença.

Sebastião, unica pessoa que reparára n'aquelle desconhecido, pois não deixava de olhar para os freguezes que estavam bebendo, sentados a diversas mezas, receando que algum se retirasse sem primeiro lhe pagar, cor-

reu logo pressuroso para elle, não sem franzir o sobr'olho, agitado pela desconfiança que o caracterisava, visto andar sempre prevenido contra qualquer espião da policia que tivesse a audaciosa ideia de ir alli...

Todavia, occultando os seus receios, foi com o seu melhor sorriso que lhe perguntou :

— Deseja alguma cousa ?

— Uma garrafa de vinho, d'aquelle bom que você tem no armario.

— Sim, senhor. Mas... desculpe a minha curiosidade. Como sabe o senhor...

— Que no armario ha sempre o melhor vinho para os que tem cobre e gostam da boa bebida? Não é isso que você ia perguntar, *seu* Sebastião?

— E', sim, senhor, respondeu o mulato admirado.

— Pois é facil a resposta: já não é a primeira vez que tenho a honra de saborear esse excellente vinho que você reserva para certa freguezia escolhida...

— Mas eu nunca o vi... e posso affirmar-lhe que conheço todas as pessoas que frequentam a minha casa...

O desconhecido soltou uma gargalhada, e encarando atrevidamente o mulato, exclamou :

— Olhe bem para mim, *seu* Sebastião, e se a sua memoria não está gasta com o tempo, á proporção que o corpo vae engordando, deve com certeza lembrar-se cá do rapaz...

E, dando ainda outra risada, bateu no hombro do infame taberneiro, e proseguiu :

— Porque você está cada vez mais gordo... Os negocios correm bem e os desgostos não o affligem, não é assim? E' verdade: como vae a Maria Joanna? Ainda continúa rabugenta como era? E a Florinda? Deve estar crescida, uma moça bonita, hein? Já casou? E' possivel, porque as raparigas téem hoje por costume, logo que usam saia comprida já querem casar...

O mulato estava estupefacto, encarando surprehendido aquelle homem que mostrava conhecê-lo muito bem,

e que fallava com tal convicção e desembaraço que lhe causavam admiração...

Olhava-o fixamente, procurando recordar-se da sua physionomia, mas por maiores esforços que fizesse não podia reconhecê-lo . . .

E no entanto elle gabava-se de que era bastante uma vez vêr qualquer pessoa para nunca mais a esquecer.

O desconhecido sorrindo-se, deixava que Sebastião o examinasse, parecendo que gosava o enleio e a surpresa que as suas palavras haviam produzido no espirito do obeso taberneiro.

Este não conseguindo o menor resultado do seu exame, murmurou, como se fallasse consigo mesmo :

— Diabo! será possível que esteja esquecido a ponto de não me recordar de um antigo freguez?

— Tanto é possível que está succedendo... Eu devia até zangar-me por você não me conhecer.. E' signal que não me estimava quando eu sempre o tive como meu amigo. Mas vá lá, os annos passam, a gente envelhece, e depois tenho a barba crescida, e por isso é desculpavel... Vou ajudar-lhe a memoria.

E, apoz uma breve pausa, proseguiu :

— Você não se lembra de um freguez que depois de ter feito uma brincadeira em casa do Major Barros, um velho sovina que se zangou por alguns centos de mil réis que uma noite elle lhe tirou da gaveta da escrevaninha, foi obrigado a fugir para Minas, para não cair nas unhas da policia que andava damnada para o agarrar?

— Lembro-me. Isso aconteceu com o Chico . . .

— Com o Chico Mineiro, mais conhecido entre a rapaziada pela alcunha de *Tico-tico*, por nunca parar quieto em nenhum lugar . . . Lembra-se tambem de que alguns soldados caíram na asneira de vir aqui para o prender?

— Ora, não podia esquecer-me d'esse barulho que foi o maior que tem havido na minha casa. Houve muita bordada, e até eu fui levado nessa occasião para o xadrez . . .

— Mas, graças á valentia da rapaziada o tal Chico esgueirou-se e foi para Minas . . .

— Onde o prenderam, e tendo novamente fugido para o matto a escolta deu-lhe uma descarga que o mandou desta para melhor vida . . .

— E' falso. Isso disseram as auctoridades para occultar o fiasco que fizera, deixando escapar um preso que a policia de S. Paulo tinha grande empenho de vêr aqui na cadeia... Mas enganou-se, e o *Tico-tico* volta ao ramo onde vivia empoleirado . . .

— Isso é verdade ?

— Tão verdade que estou aqui fallando comsigo ha meia hora sem me conhecer... Parece até impossivel, e não esperava isso de você, *seu* Sebastião...

O mulato abriu muito os olhos, e, indeciso, desconfiado, exclamou :

— Pois você é o Chico ?

— Em corpo e alma . . .

— Palavra de honra que não era capaz de o reconhecer, nem que estivesse olhando-o toda a noite . . . Tambem você está mudado, mais gordo e com a barba crescida que parece um frade capuchinho...

— Pois, meu velho, tenho soffrido bastante . . . Andei muito tempo errando pelo matto como uma alma penada. O serviço pouco rendia, mas emfim, fui vivendo e pude sahir de Minas. Agora cá estou novamente em S. Paulo prompto a recuperar o tempo perdido . . .

— Tóma cuidado... não facilites muito que a policia anda mais activa . . .

— Qual! não ha receio... Eu já sou veterano n'essas luctas contra meia duzia de espiões que não vêem um palmo adiante do nariz...

— Pois sim... Fia-te n'isso! Você fez mal em vir para cá, pois no matto é melhor logar para um *Tico-tico*...

— Chut! Não começa a dar com a lingua nos dentes que ainda você me compromette... Olha aqui: aquelle não é o *Seriema* ?

— E'. Cada vez mais magro e mais estravagante...

— Ouve. Vae dizer-lhe que um antigo companheiro deseja fallar-lhe, mas não lhe contes nada... Cuidado, hein?! Quero fazer-lhe uma surpresa... E em vez de uma garrafa de vinho traze logo duas...

O mulato sorriu-se, e encaminhou-se para um typo esguio, que estava encostado ao balcão.

Osorio que tão habilmente illudira o velhaco taberneiro, convencendo-o que fallava com um famoso gatuno e assassino, morto effectivamente em Minas pela escolta que o perseguia, dispoz-se a continuar no seu papel, animado pelo bom exito do ousado plano que concebera.

Esfregando as mãos de contentamento, murmurou com seus botões:

— A cousa vai indo optimamente. Oxalá que não perca o meu tempo...

Seriema, já muito embriagado, approximou-se do agente, em vista do convite que o mulato lhe transmittira.

— Você quer fallar-me? perguntou elle, cambaleando, e n'uma attitude um tanto provocadora.

— Quero offerecer-te um copo do bom vinho que Sebastião tem no armario...

— Isso nunca se rejeita. Mas quem é você?

— Provavelmente, meu rapaz, já não te lembras de mim. Tambem o esperto Sebastião não me reconheceu logo... foi preciso avivar-lhe a memoria. Para responder á tua pergunta, vou contar-te quanto tenho soffrido desde a ultima vez que nos vimos... Senta-te, e ouve.

Seriema sentou-se e arregalou os olhos, prestando toda a attenção que lhe permittia a embriaguez.

Osorio repetiu a mesma historia, com que já enganára o mulato, e, concluindo, disse:

— Já vês que somos velhos companheiros, e conto contigo para me dares os precisos esclarecimentos afim de eu *ganhar* alguns cobres, pois o pouco que tenho gasta-se de pressa, e não quero ficar na pindaíba...

— As cousas estão muito ruins, mas ha de arranjar-se alguns recursos com que possas viver *honradamente* ... Emquanto houver mundo ha de haver tolos-velhacos que cáiam nos contos do vigario... e nem todas as portas são trancadas de modo que um homem activo, como você, não encontre sempre caminho facil até onde haja dinheiro ou cousa que o valha...

— Isso sei eu! Não me dás novidade! Mas vamos ao vinho, que já tenho as guélas sêccas ...

Sebastião poz sobre a mesa duas garrafas e dois copos, e affastou-se logo para attender a outro freguez.

Osorio encheu os dois copos e dispunha-se a beber quando *Seriema* disse:

— Espera um pouco ... Lembras-te dos duellos que tivemos aqui algumas vezes?

— Ora se me lembro! exclamou o agente, estremeendo com o receio de trahir-se, mas mostrando um ar risonho e tranquillo.

— Ambos tinhamos a prosapia de ser os melhores bebedores de toda a rapaziada... E então, para vêr qual dos dois merecia o honroso titulo de — rei dos bebados — eu desafiava-te para um duello de cópo que acabava quasi sempre por cairmos para baixo da mesa, de maneira que nunca sabiamos quem era o vencedor.

E *Seriema*, dando uma estrepitosa gargalhada, continuou:

— Que bons tempos aquelles! O' Chico, queres hoje acceitar um duello d'esses, para vêr se ainda somos os mesmos?

— Tu és mais forte ... Sempre o foste ... Eu sei que perco porque já não estou tão habituado á bebida, mas vá lá... não quero recusar o desafio ...

— Quem perder, paga o vinho, berrou o *Seriema*.

E pegando no copo, esvasiou-o rapidamente.

Osorio imitou-o, tornando a encher os copos.

Beberam outra vez, com o denodo de dois campeões, costumados áquelles singulares e estravagantes duellos...

— Vamos conversando para abrir o appetite, disse o agente rindo:

E, apoz uma breve pausa, perguntou á queima roupa:

— E' verdade, dize-me uma cousa! Em Minas, n'um logar perto de Juiz de Fóra, alguns companheiros contaram-me que havia aqui uma sociedade, que era o terror e o desespero da policia, conhecida pelo esquisito nome de... *mão negra*, ou cousa parecida. Não será uma mentira, inventada por aquelles patifes? Você deve saber...

— Eu te digo... não é mentira, a *Mão Negra* existe e é uma sociedade composta da nossa melhor rapaziada. Queres entrar para ella?

— Se fôr possível...

— Eu te proponho... Fallarei ámanhã com o secretario e serás admittido, podes crer...

— Obrigado. Disseram-me que o chefe é esperto e activo, como nunca houve outro igual...

— E não exaggeraram... O *señ* Diogo é um moço intelligente, fino e velhaco como a raposa, e feroz como o tigre para os seus inimigos, porque para nós é bondoso e delicado... Toda a rapaziada o estima, e desgraçado d'aquelle que nós soubermos lhe queira fazer mal...

— A não ser a policia, que tem o maldito costume de intrometter-se na vida dos outros, sem ser chamada, um homem d'esses não póde nem deve ter inimigos...

— Enganas-te. Ha uma familia graúda que elle odeia, não sei porque motivo, e que procura perseguil-o...

— Negocios de mulheres, provavelmente. Sendo elle moço intelligente e sympathico, não admira... Mas agora reparo, não bebes mais? Vamos, senão, d'esta, vez, proclamo-te o mais fracalhão de todos os bebedores...

Seriema esvasiou o copo pela terceira vez.

Osorio pediu mais vinho que Sebastião trouxe immediatamente.

O gatuno cabeceava, piscando os olhos, querendo resistir á embriaguez que o entorpecia.

— Mas elle não tem castigado essa familia como ella merece? perguntou Osorio.

— Tem, tartamudeou *Seriema*. Mas o caipoirismo . . . não deixa elle levar ávante os seus projectos. Mas agora . . .

Seriema calou-se prudentemente, aproveitando o momento para beber mais um copo de vinho.

Osorio, d'aquella vez, não o acompanhou, o que passou para elle despercebido.

E não querendo perder a occasião de fazer fallar o gatuno, disse-lhe :

— O caiporismo nem sempre ha de durar . . . E' questão de elle fazer as cousas bem feitas e andar sempre prevenido e desconfiado . . .

— Ah! a esse respeito, não precisa das tuas lições... O *seu* Diogo consegue tudo quanto quer... Por ora está brincando com elles, como o gato que tem o rato seguro, finge dar-lhe a liberdade para divertir enquanto não tem vontade de o devorar . . .

O patife tornou a beber, como se uma sêde insaciavel o dominasse.

O agente, receando que a embriaguez de *Seriema* chegasse a impossibilitar-o de dar alguns esclarecimentos que tanto desejava, e vendo que elle fallava já com difficuldade, resolveu fazer-lhe perguntas mais directas.

— N'esse caso, disse, o chefe da *Mão Negra* que eu já estimo sem ter a honra de o conhecer, tem a certeza de vencer esses idiotas que caíram na grande asneira de serem seus inimigos?

— Essa é boa! . . . Pois já te disse . . . que elle tem tudo prompto . . . para acabar com essa familia . . . logo que fôr da sua vontade . . .

— Então porque demora a sua vingança? Não comprehendendo.

— Eu sei lá! . . . Você é muito curioso . . . Chegaste hoje e queres saber de tudo . . .

— Não, mas interesse-me pelo teu chefe que já considero meu tambem. Receio que os inimigos lhe prepa-

rem alguma emboscada... De uma traição não se livra o mais esperto...

Seriema deu uma risada alvar de ébrio, e pegando na garrafa enguliu todo o vinho que ella continha, com uma rapidez extraordinaria.

— Você ri-se, insistiu Osorio, pois eu tenho visto companheiros sacudidos cairem ás vezes no laço que uma creança evitaria... Não adivinham onde elle está e...

— Não diga asneiras... O chefe sabe tudo... Tem vigias em toda a parte... até junto dos inimigos... sem elles saberem...

— Algum creado? Isso é gente que não merece confiança.

— Estás hoje... insupportavel. O garoto... faz de creado... mas é esperto... tem bons olhos... e bons ouvidos... e conta tudo a *seu* Diogo.

— Ora, garoto sempre é creança...

— Vae-te para o diabo... O Bento vale... por uma duzia... de homens...

E *Seriema* não podendo resistir por mais tempo á completa embriaguez que o dominava, estendeu-se na mesa e ficou immovel, roncando ruidosamente.

Osorio levantou-se, pagou a despesa e saiu d'aquella infecta e lobrega taberna.

VALENTE GARIBALDINO

O agente de policia, quando respirou o ar livre, soltou um suspiro de allivio e de satisfação, murmurando :

— Aquella maldita pocilga tem um cheiro nauseabundo ! Se estivesse por muito tempo n'aquelle ambiente saturado de emanações putridas, era capaz de ficar doente... Safa ! Ainda estou agoniado...

Aspirou com força o ar fresco da noite, caminhando com passos vagarosos, ao acaso, sem pensar qual a direcção que devia seguir.

Apoz alguns minutos, parou, olhou em redor como se despertasse de um sonho, e disse :

— Onde vou agora?... Que me cumpre fazer ? Fiquei tonto com a zurrapa, que o repellente mulato vende por vinho especial... A sua unica especialidade consiste no preço. Que ladroeira ! Mil e seiscentos réis cada garrafa !

«Mas não faz mal... valeu a pena o sacrificio de beber aquelle veneno, porque não perdi o tempo nem o dinheiro. Já soube alguma cousa. Infelizmente não foi quanto desejava...

«Paciencia ! Roma não se fez n'um dia... Mas não poderei aproveitar ainda o resto da noite?!... Quando se está com sorte, é que se deve proseguir na caça... Não se erra um tiro, e por maior que seja a fadiga do corpo, o coração do caçador exulta de contentamento...

«Vou dar uma volta para desentorpecer as pernas e o espirito, e arranjarei depois um posto de observação

perto da taberna . . . O chefe, o secretario ou qualquer outro *influyente* da *Mão Negra*, talvez appareça mais tarde, quando a *Grula*, como elles lhe chamam, não tenha tanta gente . . .

E dizendo isto, Osorio continuou caminhando devagar, escolhendo de preferencia as ruas mais solitarias, para melhor poder entregar-se ás suas reflexões.

— Que patifes! Com que então a familia Lacerda tem, sem o saber, um espião de Diogo, na sua propria residencia?

«O garoto, que tem o nome falso ou verdadeiro de Bento, é o encarregado de desempenhar essa infame missão . . . E, segundo disse o *Seriema*, o rapazinho é esperto. Amanhã hei de conhecê-lo, e prevenirei a familia, recommendando-lhe que o conserve em casa por mais algum tempo . . . Não convêm mandal-o embora. Póde ser um importante auxiliar para o bom resultado das minhas investigações . . .

«Não desconfiando elle de cousa alguma, irá ter com o chefe da *Mão Negra*, e eu prepararei tudo para que o moléque, sem o suspeitar, seja o meu guia . . . Conduzir-me-ha até o logar onde vive ou estiver o homem que tanto quero conhecer . . .

«Depois, o trabalho torna-se facil . . . E' não perdê-lo de vista, e quanto fôr o momento opportuno, convidô-o *amavelmente* para ir visitar o dr. chefe de policia . . .

«Não convêm precipitar-me, porque a prisão, sem possuir primeiro provas incontestaveis dos crimes praticados, é um erro imperdoavel. Ora, eu preciso conhecer tambem os cúmplices . . . o tal secretario e outros bandidos que exercem os cargos de confiança e de auctoridade da terrivel *Mão Negra* . . .

«E onde estará escondida a creada envenenadora? Ignez deve ser amante de qualquer d'elles, quem sabe se do proprio chefe! Se ella não fugiu de S. Paulo, é preciso que a encontre . . . As mulheres quando se vêem presas, choram, perdem a coragem, e, com geito, confessam tudo.

Osorio, meditando, andou mais de uma hora percorrendo algumas ruas do Braz, sem afastar-se muito do local onde devia proseguir nas suas operações, que elle estudára com a habilidade e a calma de um intelligente e pratico agente de policia, verdadeiro conhecedor de seu mister difficil e arriscado.

Ouvindo um relógio dar onze horas, retrocedeu e estugando o passo, disse:

— Vamos. E Deus permitta que seja feliz...

Chegando perto da *Gruta*, que já havia fechado as duas portas, Osorio olhou em volta detidamente.

Do outro lado da rua, a uma distancia de uns vinte metros da frente da taberna, estava um predio em reconstrucção.

Aproveitando aquelle unico ponto que o accaso lhe proporcionava para a sua espionagem, o agente de policia occultou-se o melhor que pode atraz de um monte de tijollos, e esperou.

Decorreu meia hora no mais absoluto silencio.

A taberna continuava fechada, e apenas de quando em quando vinha de dentro um rumor de vozes, que eram provavelmente de freguezes *escolhidos* que gosavam o privilegio de ficar no estabelecimento depois das 10 horas.

Um vulto embuçado, caminhando apressadamente, passou em frente de Osorio, atravessou a rua e, chegando diante da *Gruta*, parou.

Lançou em volta um olhar prescrutador, e, não vendo ninguem, bateu na porta de um modo particular, ao mesmo tempo que soltava um assobio com a maior naturalidade.

Decorridos alguns momentos, o vulto, depois de ter proferido algumas palavras que o agente não pode perceber, entrou.

— Quem será aquelle figurão? murmurou Osorio. Dava agora cem mil réis para estar dentro da taberna. Mas não convem lá ir... Era um grave erro que podia ser muito prejudicial ao meu plano. A paciencia é uma

grande virtude... Esperarei. Quem sabe se não perderei o meu tempo?

E o astuto sergipano dispoz-se a permanecer na incommoda posição em que estava, com o ouvido attento e o olhar fixo na porta da taberna.

Deccorreu assim mais de uma hora, e já o nosso homem impacientava-se, praguejando como um marinheiro, quando a porta da *Gruta* abriu-se e saíram tres individuos.

— Ola! exclamou Osorio. Parece-me que temos novidade. Quando estes sujeitos andam em grupo é porque vão fazer alguma proeza. Vou segui-los com todo o cuidado...

E, saindo de seu esconderijo, dando passos em falso como um ébrio, foi disfarçadamente atraz dos tres homens que iam conversando em voz baixa.

Seguiram elles o caminho da Moóca. N'um angulo da rua pararam e por muito tempo continuaram discutindo.

Afinal tendo tomado uma resolução dirigiram-se para a Penha.

A noite tornára-se escura. Grossas nuvens encastellavam-se no horisonte, ameaçando tempestade.

Osorio com muita difficuldade, occultando-se a cada momento, não perdia de vista os tres frequentadores da *Gruta*.

Que iriam elles fazer áquella hora, n'um arrabalde de S. Paulo?

Eram quasi tres horas da madrugada, e na pequena localidade não se via ninguem pelas ruas.

Certamente algum crime aquelles miseraveis planejavam.

Mas contra quem?

Tratar-se-ia apenas de um roubo, ou seria alguma missão do chefe da *Mão Negra* que elles iam desempenhar?

Ancioso, acariciando o reвольver que collocára na algibeira prompto a utilisar-se d'elle no momento em que

precisasse de agir com energia, em defeza de alguma victima, Osorio avançava junto ás paredes, usando de todas as precauções para não ser presentido.

Os tres patifes pararam em frente de uma casa, de modesta apparencia.

Pareciam indecisos.

Trocaram algumas palavras, e um d'elles, auxiliado pelos companheiros, saltou o muro que dava para um quintal que havia ao lado da casa.

Deccorridos alguns minutos, ouviu-se um pequeno assobio e outro patife, com a agilidade de quem está costumado a estes exercicios, fez a mesma escalada.

O que ficára olhou com a maxima attenção para todos os lados, e encostou-se ao tronco de uma arvore que havia quasi em frente da casa.

Osorio occultou-se em um portão de uma chacara, distante uns trinta metros do local onde os tres miseraveis iniciavam provavelmente algum roubo, e, inquieto como era natural, murmurava :

— Que irão fazer estes canalhas ? Devo estar quieto, aguardando os acontecimentos, ou será melhor que eu prenda já o patife que ficou de vigia ? Evitava um roubo, mas faria um grande alarme e nada aproveitaria para os fins que tenho em vista. Nada, o mais sensato é abrir bem os olhos e os ouvidos e deixar correr o marfim . . . Se fôr necessaria a minha intervenção, então apparecerei de repente e será o que Deus quizer . . .

N'esta disposição de espirito, esperou o desfecho d'aquella singular aventura que o acaso lhe deparára.

Não teve de esperar muito tempo.

Ainda não havia deccorrido um quarto de hora quando ouviu uns gritos de homem que, pela pronuncia parecia italiano, praguejando irado, ao mesmo tempo que lhe chegava distinctamente aos ouvidos o ruido de uma lucta.

O seu primeiro impecto foi correr em auxilio do italiano, mas quando ia fazel-o os dois patifes que tinham saltado para o quintal, pularam agilmente o muro.

Ao mesmo tempo um homem alto, que parecia forte e musculoso, berrando com voz atroadora, saiu por uma porta que havia no muro, e vendo os tres patifes, correu para elles, manejando um grosso cacete que segurava com ambas as mãos.

Os miseraveis não esperaram enfrentar com aquelle herculeo adversario.

Trocaram breves palavras, e, soltando silvos estridentes como se se vingassem do inimigo, dando-lhe uma vaia, fizeram uma fuga vergonhosa.

Osorio corria n'aquelle momento para auxiliar o homem, e prender os meliantes, mas vendo que estes fugiam, e que era quasi impossivel alcançal-os, pois os protegiam a escuridão da noite, voltou-se para o italiano, que continuava enraivecido, e disse-lhe :

— Que lhe fizeram estes patifes? Provavelmente queriam roubal-o?

O italiano não respondeu logo, desconfiado de vêr surgir repentinamente um desconhecido cujo vestuario era mais proprio a inspirar suspeitas, parecendo um rato-neiro, que vinha aproveitar-se do ensejo para fazer alguma traição.

Por isso, elle perguntou com voz aspera, conservando-se em attitude aggressiva.

— Quem é você? Como apparece a esta hora perto do logar onde estavam aquelles canalhas? *Per Dio Santo!* Será tambem você um dos d'essa quadrilha que vive roubando e matando, espalhando por toda a parte o terror e o luto?

Osorio sorriu-se, e, approximando-se, respondeu com calma :

— Se eu pertencesse ao numero d'aquelles patifes, teria fugido com elles...

— Isso não quer dizer nada. Vocês todos são muito finos mas eu não caio nas vossas espertezas.

— Não diga asneiras, homem, que estamos perdendo um tempo precioso. Eu vim desde o Braz no encalço

d'aquelles tres infames, desconfiado de que elles iam praticar alguma proesa. E occultei-me, porque queria apañal-os em flagrante...

— Se é verdade o que está dizendo, porque não veiu logo em meu auxilio, e porque não correu em perseguição dos salteadores?

— Porque quando eu sahi do meu esconderijo para vir em seu auxilio, elles fugiram, e achei que era tolice perseguil-os porque a escuridão não o permite. Cansava-me, arriscava-me a tomar um tiro e com certeza não teria o prazer de lhes deitar a mão...

— Mas então o senhor é...

— Sou agente de policia. Posso apresentar-lhe o documento respectivo, mesmo porque preciso conversar consigo sobre o que acaba de succeder. Desejo que me conte tudo e me dê todas as indicações precisas para eu descobrir os tres patifes, ou algum d'elles, afim de lhe dar hospedagem gratuita na cadeia...

— Estou as suas ordens, mas acho melhor entrarmos em casa onde fallaremos mais á vontade...

— Como quizer...

— Vamos.

E o italiano, sempre intimamente desconfiado, encaminhou-se para a porta do quintal.

— Um momento ainda exclamou Osorio. Desejava primeiramente verificar bem o local onde os gatunos praticaram a escalada. E' possivel que encontre algum obecto ou descubra algum vestigio que possa ser de utilidade para as investigações da policia. Não tinha uma lanterna que fizesse o favor de emprestar-me?

— Vou buscal-a. Queira esperar um pouco...

Apoz alguns momentos tornou o italiano a apparecer com uma lanterna accesa.

Osorio começou examinando junto do muro, do lado de fóra, nada vendo de notavel.

Depois entrou no quintal e continuou no seu exame, minuciosa e pacientemente, como se procurasse um objecto perdido.

O italiano acompanhava-o, lançando-lhe de quando em quando olhares de desconfiança.

De repente Osorio soltou uma exclamação de alegria, e correndo para um pequeno monte de terra perto do qual havia uma cova feita recentemente para plantar algum arbusto, apontou para um objecto, que mal se distinguia, e disse:

— Olhe alli. Quem sabe se a fortuna nos depara um indício precioso . . .

E, abaixando-se, apanhou um pequeno rolo de papel, atado com um barbante, que examinou perfunctoriamente á luz fraca da lanterna.

Depois guardando-o na algibeira murmurou:

— Veremos, com vagar, o que é isto. Póde valer muito ou não prestar para nada, mas em pesquisas policiaes tudo se deve aproveitar, até as cousas mais insignificantes.

E não tendo encontrado mais nenhum objecto caído no quintal, Osorio voltou-se para o italiano e disse-lhe:

— Estamos perdendo o nosso tempo. E' melhor não proseguir n'uma busca inutil. Não lhe parece?

— Sou da sua opinião, e se deseja entrar em casa e conversar com o sr. Beppi . . .

— Beppi! exclamou o agente admirado.

— Sim, senhor. E' o dono d'esta propriedade . . .

— Mas então o senhor . . .

— Eu sou um amigo que móro aqui juntamente com elle . . .

Chegaram á porta, e Osorio entrou n'uma pequena sala onde viu um velho de physionomia sympathica, que o encarou com um mixto de receio e de espanto.

— Este senhor é agente de policia, e deseja fallar-nos para tomar alguns apontamentos, apressou-se a dizer o robusto italiano, que corajosamente havia repellido a tentativa criminosa de tres miseraveis.

Beppi, mais tranquillo, indicou a Osorio uma cadeira e disse-lhe:

— Queira sentar-se. Estou inteiramente ás suas ordens.

O agente sentou-se, e, apoz alguns momentos de silencio, perguntou :

— Em primeiro logar desejava que me dissesse se o sr. Beppi é o mesmo que ouvi contar ser intimo amigo de um pintor . . .

— Oscar?! interrompeu o velho erguendo-se sobresaltado. Sou eu mesmo. Succedeu-lhe alguma cousa?

— Não, senhor. Tranquilize-se, pois eu queria apenas ter a certeza de que o sr. Beppi é a mesma pessoa que auxiliou o sr. Oscar a salvar da morte uma infeliz joven, porque n'este caso é perfeitamente justificado e comprehensivel o assalto que acaba de soffrer na sua propriedade.

— Não entendo . . .

— Pois vou explicar-me melhor. O sr. Beppi se não sabe, fica sabendo, que o chefe da *Mão Negra*, da mais terrivel sociedade de bandidos que tem apparecido em S. Paulo, não perdôa a ninguem que, por qualquer forma o tenha estorvado na realisação de seus nefandos projectos. Ora, o senhor entra no numero dos que téem de ser castigados por esse miseravel que jurei descobrir, custe o que custar.

— Mas desculpe a minha pergunta, ponderou o velho. Quem é o senhor e porque motivo está informado do que acaba de me dizer?

— Já o seu amigo me apresentou como sendo agente de policia. Mas não tem duvida em dar-lhe esclarecimentos mais explicitos.

E Osorio contou aos dois italianos boquiabertos, qual a missão que lhe havia sido confiada pelo chefe de policia, a conferencia que tinha tido com a familia Lacerda, á qual assistira Oscar, e finalmente o que já fizera n'aquella noite, e que justificava aquelle vestuario, que lhe dava a apparencia de um malfeitor, papel que lhe

convinha representar, para mais facilmente poder approximar-se da infame sociedade *Mão Negra*.

— Pois, senhor, bradou o velho entusiasmado, felicito-o pela sua habilidade e Deus permitta que consiga prender esse vil Diogo que tantos crimes commette, com a mais hedionda malvadez. Agora reconheço que escapei de um assassinato, devido a coragem d'este meu amigo e patricio, um valente garibaldino, que, felizmente, estava em casa. Pensava que fossem gatunos, mas estou convencido que devo acautelarme . . .

— Aconselho-o a viver prevenido e desconfiado, enquanto eu não possa destruir essa maldita *Mão Negra* . . .

Conversaram ainda muito tempo. Afinal Osorio despediu-se dos dois italianos e saiu.

Caminhando para S. Paulo, murmurava satisfeito :

— Não é exaggero o que disse Beppi do companheiro. Realmente é um valente garibaldino, pois obrigou os tres miseraveis a fugir cobardemente. E eu pude apanhar aquelle embrulho que estou com pressa de vêr o que contém. Graças a Deus, não perdi o meu tempo . . . Só para uma noite não consegui pouca cousa.

E estugou o passo, silencioso e immerso nas mais profundas reflexões.

IV

NA EUROPA...

Osorio, logo que chegou á sua residencia, quiz verificar o que continha o embrulho de que se apoderára, suppondo encontrar importantes indicios e uteis esclarecimentos para as suas investigações.

Mas grande foi a sua decepção vendo apenas que eram algumas folhas de papel escriptas com pessima calligraphia, unidas por alguns pontos, e numeradas, em fórma de folheto.

Na folna que lhe servia de capa viam-se estas palavras:

«Historia verdadeira

« de um crime praticado na Europa, em 1840 por
« Vicente... mais desgraçado do que criminoso, que
« soffreu a pena de morte.»

Osorio encostou-se á mesa, approximou o lampeão, cuja luz augmentou, e começou a lêr:

« Maria casára com Pedro aos 20 annos de idade. Viajaram algum tempo pela Hespanha, afim de obterem uma pequena fortuna que lhes proporcionasse uma vida modesta, mas tranquilla e livre de necessidades.

« Activos e laboriosos, foram depois para a Algeria e afinal fixaram-se em Oran, onde se estabeleceram com hospedaria.

« Deccorridos uns tres annos Pedro foi morto, combatendo os arabes, numa occasião em que o povo precisou repellir um inesperado ataque desses ferozes inimigos dos christãos.

• Logo que ficou viuva, Maria deixou a Africa, e foi residir em Pau, acompanhada de seus filhos, José, de 4 annos, e Mathilde, de 2.

« Não possuia a pobre mãe mais do que o producto do seu trabalho para provêr á sua subsistencia e educar convenientemente os dois innocentes, que em tão tenra idade tinham ficado orphãos de pae.

« Dedicou-se, porém, tão habil e corajosamente á sua sagrada missão, que poude ganhar o sufficiente para não soffrer as agruras da miseria.

« A sua extrema economia, a ternura com que tratava seus filhinhos, a pureza dos seus costumes e os seus sentimentos bons e piedosos, conciliaram-lhe a affeição e o respeito de todas as pessoas que a conheciam.

« Vivia, portanto, feliz e tranquilla quando teve a desgraça de conhecer Vicente ...

« Natural do mesmo paiz que Maria, tinha Vicente frequentado tres seminarios para tomar ordens sacras, mas, dominado por excessivo orgulho, apaixonado por idéas de grandeza, considerando-se d'uma notavel superioridade, renunciou á vida ecclesiastica, para a qual nunca mostrára decidida vocação.

« Depois de ter exercido o professorado, durante alguns annos, dando lições em casas particulares, Vicente conseguiu assumir a direcção d'uma escola primaria.

« Pouco tempo, porém, esteve satisfeito na sua nova posição. D'uma excessiva severidade para os alumnos, comprazendo-se até em os maltratar, asseverando que uma boa educação devia ser rigorosa para obrigar as crianças a serem obedientes e doces, Vicente não era estimado.

« Accresce ainda que, sendo muito ambicioso, não se contentava com o modesto viver d'um professor primario, e por isso abandonou repentinamente a escola para se atirar a uma existencia aventureira, disposto a tentar

fortuna, na convicção de que breve realisaria todas as suas illusões.

« Seguiu para Paris, onde esgotou todos os recursos, ficando na mais precaria situação.

« Durante o tempo que dirigira a escola primaria, tivera a habilidade de illudir a pobre Maria, que acreditou nos seus protestos e juramentos.

« Amaram-se com o maior segredo, e logo que Vicente se viu reduzido em Paris a uma afflictiva penuria, lembrou-se de attrahir a desditosa viuva para aproveitar as parcas economias que ella tinha com o seu incessante e honesto trabalho.

« Para conseguir tão nefandos fins, Vicente mantinha uma activa correspondencia com Maria, promettendo sempre desposal-a e fazel-a feliz.

« Longe de lhe confessar que só tinha encontrado a obscuridade e a miseria, contava-lhe mentirosas felicidades, dizendo-lhe que ia fundar um importante collegio, que ganhava muito dinheiro, e induziu-a a vir quanto antes para a sua companhia.

« Para seduzir a infeliz senhora, Vicente recorria a todos os meios que mais podiam influir no coração d'ella.

« Referia-se, em phrases apaixonadas, ao seu amor, ao futuro de seus filhos, e á felicidade de viverem juntos, n'uma relativa abastança.

« Escrevia elle :

« E' preciso, Maria, que me próves o teu amor,
« vindo dar-me a felicidade de um lar cheio de
« venturas.

« Desejaria, porém, que mandasses primeiro o José.
« Eu encarregar-me-hei d'elle, com todo o carinho,
« fazendo-lhe as vezes de pae.

« Depois virás tu com Mathilde, e aqui serás re-
« cebida nos meus braços, pois quero que tu sejas
« a minha vida, o meu fanal, a milha alma, e quando
« vier a velhice, poderemos conversar tranquilla-

«mente do passado, em uma pequena casa de nossa
«propriedade, na terra que nos foi berço.

«Oh! como eu preciso do teu amor para trabalhar
«com coragem e perseverança. Dizes que tenha pa-
«ciencia! Como és cruel fazendo-me esperar tanto tão
«desejada felicidade.

«Terei, pois, paciencia, mas ao menos manda-me o
«José para amenisar a minha existencia solitaria, além
«de que elle lucra em seguir seus estudos.»

«Maria, illudida com estas palavras fementidas e hypo-
critas, resolveu satisfazer o pedido de Vicente.

«Custava-lhe muito separar-se, ainda que por pouco
tempo de seu filho; mas suppondo que era para a felicidade
d'elle, preparou toda a sua roupa, com a sollicitude que
téem as mães carinhosas, e pondo na maleta a pequena
quantia de cem francos, tirada de suas economias, mandou-o
na companhia de uma senhora, para Paris, confiado a Vi-
cente, como o amigo mais sincero, o melhor protector que
elle podia ter.

«Vicente recebeu a pobre criança com as mais affe-
ctuosas demonstrações de alegria.

«Prodigalisou-lhe immensas caricias, e levou-o á um
restaurante onde jantaram.

«Depois foi passear com a desditosa criança, tendo
tido antes o cuidado de escrever a Maria nos seguintes
termos :

«Acabo de receber José nos meus braços, e fiquei
«muito satisfeito de o vêr com saude.

«Quando terei o prazer de ver-te tambem? Almejo por
«esse momento feliz, certo de que brevemente accederás a
«meus rogos.»

«Em seguida, n'um *post-scriptum*, Vicente fez com
«que José escrevesse o seguinte :

«Minha querida mamãi :

«Gheguei ás 4 horas da tarde. O sr. Vicente
«veiu esperar-me, e abraçou-me muito . . . A cidade

«é muito bonita e parece-me que hei de gostar muito
«de viver aqui. Já vi algumas ruas que me deixaram
«encantado . . .

«Adeus, minha boa mamã, abraço-a ternamente,
«assim como á mana Mathilde.»

«Era o ultimo testemunho de sincera amizade que a
mãe e a irmã recebiam d'este infeliz.

«O adeus que elle lhes enviava era um adeus
eterno!

Vicente deitou a carta no correio, divagou ainda sem
rumo certo com o pobre José, e por fim dirigiu-se para um
logar inteiramente afastado e solitario.

«Era noite.

«No momento em que a criança caminhava adiante, o
miseravel agarra em um martello que trazia occulto e des-
carrega na cabeça de José uma formidavel pancada.

«Sem o menor sentimento de piedade, vendo-o cair,
continúa dando terriveis martelladas, e por fim arranca d'uma
faca, corta a garganta da pobre victima, e arrasta o cadaver
para um barranco.

«Commettido este crime hediondo, volta tranquillamente
para a sua residencia

«O monstro, sedento de mais victimas, continúa no
seu plano feroz e infame.

«Deccorridos alguns dias, escreveu a Maria :

«Vem depressa, arranja tua bagagem, e não com-
«munica a tua partida a ninguem. Convêm por
«ora, guardar segredo, e quando tudo estiver feito,
«então fallaremos francamente e ninguem terá que nos
«censurar.

«Seremos um do outro para toda a vida. Que nos
«importa o mundo, desde que nos amemos e sejamos
«felizes ?

«José vae indo bem. Vive satisfeito. Eu estou con-
«tente vendo que elle applica-se ao estudo, revelando
«intelligencia»

«Para attrahir a pobre mãe, o miserevel tinha coragem de fallar-lhe no filho, illudindo-a torpemente.

«Cedendo ás reiteradas e carinhosas instancias do homem a quem amava, e que ella suppunha ser bom e verdadeiro, Maria resolveu sair de sua terra natal, afim de ir viver na companhia d'elle.

«Acompanhada de sua filha, a infeliz tendo vendido quanto possuia, seguiu para Paris.

«Vicente foi esperal-as em Bordeus, recebendo-as com as mais vivas demonstrações de alegria e de affecto.

«A) jantar, contou divertidas anedotas, revelando um jubilo de collegial, no goso de férias.

«Depois disse que muito desejava leval-as á casa de uma sua irmã, onde ficariam hospedadas alguns dias.

«Alugou um carro que devia conduzil-as, mas quando chegaram a um certo ponto da estrada, fez com que apeassem e conduziu-as por um atalho que, segundo elle disse, ia dar á casa de sua irmã.

«O céu estava nublado, o ar abafadiço, ameaçando tempestade.

«Era quasi noite. De repente o monstro, empunhando o mesmo martello, que tinha escondido, atira-se sobre as pobres victimas e derruba-as com furiosas pancadas.

«Corta-lhes depois a garganta, e, com um sangue frio inaudito e a mais estupenda e feroz crueldade, mutila o rosto de Maria para que não podesse ser reconhecida.

«Agarra no corpo ensanguentado de Mathilde e vae precipital-o em um córrego, distante quasi um kilometro do local onde perpetrára o duplo assassinato.

«Procura destruir todos os vestigios do crime, e retira-se tranquillamente para uma hospedaria, levando consigo a bagagem das victimas, que continha alguns pequenos valores.

«Comeu com appetite e deitou-se, sem que a mais leve sombra de remorso lhe perturbasse o somno,

« A Providencia, porém, não quiz que ficassem impunes tão horrorosos crimes.

« Tendo sido descobertos os dois cadaveres, a policia poz-se immediatamente em campo, e por alguns indicios habilmente aproveitados, a auctoridade seguiu a pista do criminoso que foi preso no dia immediato, quando elle se preparava para sair da hospedaria.

« Ao principio elle obstinou-se em proclamar a sua innocencia, mas perante as provas evidentes de seus crimes, não teve outro remedio senão confessar inteiramente a verdade.

« Interrogado sobre os motivos que tivera para assassinar uma mulher e duas crianças, elle teve o cynismo de declarar que não querendo que soffressem uma vida de miseria, lhes havia dado a morte, como a unica felicidade a que podiam aspirar!...

« A affeição que lhes tinha, e desvairado por não poder garantir-lhes uma vida feliz, como mereciam, achou melhor destruir-lhes a existencia, pois assim terminariam para esses entes, que elle tanto amava, todas as desventuras!!!...

« Mas a justiça, desprezando o infame cynismo d'este extraordinario e fementido affecto, ¶provou exuberantemente que Vicente assassinára a infeliz Maria e seus filhos para poder roubar-lhes tudo quanto possuíam.

« Debalde o monstro tentou demonstrar que elle foi impellido por uma inexoravel fatalidade, tendo cedido a funestas vertigens.

« As circumstancias horriveis dos tres assassinios, e a fria premeditação com que preparou o laço em que caíram as pobres victimas, provam cabalmente que elle era um bandido cruel, capaz de commetter os mais monstruosos crimes.

« Portanto, Vicente foi accusado de haver feito tres assassinatos, com a mais perversa premeditação, e, impellido apenas pelo ignobil fim de se apoderar do pouco que possuíam as desgraçadas victimas.

« O julgamento foi notavel, e o criminoso, durante esse acto solemne, mostrou a mais completa e cynica tranquillidade.

« A accusação foi tremenda e calorosa, provando cabalmente que Vicente era um responsavel, e não uma victima, como elle allegava com a mais infame hypocrisia, de uma fatalidade morbida.

« O advogado, incumbido da defeza, revelou um grande talento, mas todos os seus esforços foram vãos e improficuos para salvar o monstro do merecido castigo.

« Esgotou toda a sua eloquencia, mas a causa que defendia não podia ser peor.

« Como desejo, no futuro, saber todas as particularidades d'este crime, pois se não fôr eu, meus descendentes poderão conseguir a vingança que tanto almejo e que actualmente não posso effectuar, vou resumir a defeza do illustre advogado.

« Disse elle :

« Srs. jurados, depositarios fieis dos interesses da sociedade, armados do seu gladio, e ainda sob a horrivel impressão dos pormenores de tão espantoso crime, devo dizer-vos que se a sociedade clama vingança a lei pede justiça.

« E' necessaria toda a reflexão, bem como uma grande coragem, isto é, a judiciousa impassibilidade que provém das proprias convicções, que não se deixam influir pelos odios apaixonados da multidão.

« Ella quer que no fundo da vossa consciencia apreciéis tudo, e se fôr necessaria uma vingança legal, não vos esqueceis da piedade que deriva da natureza humana, tão bella nas suas creações, tão caprichosa nas suas obras, tão inconcebivel nos seus desvios.

« Um gravissimo acontecimento, como poucos apparecem nos nossos registos criminaes, veio horrorisar a nossa cidade.

« O cadaver d'uma mulher estranha foi descoberto. Estava mutilado, e a alguns passos encontrou-se um outro, de uma joven, que o assassino lançára n'um corrego.

« Suspeitou-se de Vicente que foi preso, e, effectivamente, logo ás primeiras perguntas não só elle confessou ter sido o autor d'essas duas mortes, como tambem do assassinato do menor José, crime que ficára no mais impenetravel mysterio.

« Um grito de indignação, muito natural, levantou-se contra o criminoso.

« Cada qual procurava comprehender que motivo haveria para crime tão monstruoso, mas todos perderam-se em conjecturas.

« Quando me foi incumbida a defeza de Vicente, tambem eu procurei descobrir o movel que tinha armado a sua mão contra tres entes inoffensivos.

« Resolvi então exigir de Vicente a historia da sua vida. Quiz saber d'elle proprio o que fôra no momento do crime que confessára, e o que elle era ainda dentro das grades da prisão.

« Entreguei-o inteiramente ás suas reflexões e ás suas reminiscencias.

« Dois dias depois recebi a narração desejada. Nada ahi se occulta, nada se dissimula...

« Permitti-me, portanto, senhores, que eu a submetta á vossa esclarecida attenção :

« Nasci sob a estrella funesta da desgraça...

« Meu pae dedicou-se ao commercio, com mais probidade do que fortuna.

« Por incitamento meu a minha familia foi despojando-se de tudo que possuamos, tanto do lado paterno, como do materno, e depois eu havia imposto a mim mesmo o dever de ser o arrimo de meu pae e de minha mãe.

« Desde a minha mais tenra infancia, inclinações virtuosas, uma razão precoce, um character sério e uma grande aptidão para o estudo, fizeram-me dedicar á vida ecclesiastica, sem duvida uma das mais bellas carreiras!

« Entreguei-me tão completamente ás praticas e theo-

rias de uma estricta devoção que o meu espirito ficou perturbado.

« Não via senão faltas e peccados; não se me deparava meio de conseguir a minha salvação. Parecia-me que uma reprovação eterna me esperava no fim da minha carreira.

« Tornei-me sombrio e taciturno. As mais estravagantes ideias perpassavam-me pelo cerebro, mas nenhuma d'ellas se fixava...

« Um dos directores do seminario, confidente das torturas moraes que eu soffria, chegou a ter receios de que a minha razão se transtornasse...

« Sahi do seminario e dediquei-me á vida de professor. Foi então que conheci Maria...

« Vendo a pobre mãe, inquieta, chorando por não poder assegurar um bom futuro para seu filho, trabalhei para que elle fosse internado na escola onde eu leccionava.

« Talvez por este facto as nossas relações foram estreitando-se, tornaram-se intimas, e por fim, como ternos amantes, jurámos pertencer um ao outro. Jurei tambem que serviria de pae a seus filhos...

« Mais tarde combinámos que eu iria para Paris, onde ella depois se juntaria commigo, e que até esse momento feliz, as nossas relações seriam occultas, de maneira que ninguem d'ellas suspeitasse...

« Partindo para Paris, sacrifiquei uma posição bastante vantajosa ás exigencias do meu espirito doentio. Por desgraça só vi homens condemnados á fatalidade: ricos correndo apoz os prazeres, e pobres soffrendo e morrendo em procura da felicidade.

« A morte, imprevista e subita, sem dôres, entre os sonhos dos prazeres, pareceu-me o fim mais feliz da vida, cheia de atordoamentos e de decepções.

« Conheci que nada poderia conseguir em Paris. Os meus fracos recursos esgotaram-se rapidamente. O futuro apparecia-me com côres sombrias...

« Sentia a cabeça fraca e o meu espirito não formava um projecto, que me parecesse realisavel. Ia sempre visitar o necroterio, comquanto me enjoasse vêr tantos cadaveres.

« No meio d'estas agitações e da tristeza que se seguia, as imagens de Maria e de seus filhos, condemnados á dôr, ás privações, á miseria, tornavam febril a minha imaginação.

« Estava na mais cruel disposição de espirito, quando um dia ouvi em uma conversação sobre as decepções da vida, uma pessoa exclamar: «Bagatelas! com algum raciocinio deveriamos alegrar-nos de vêr o fim d'aquelles a quem estimamos, porque sempre é melhor do que vêl-os entregues á desgraça.»

« Seria impossivel descrever o effeito que me produziram estas palavras. Foram como um clarão d'um facho infernal!

« Vêr morrer quem eu amava foi uma ideia que se apoderou do meu cerebro desde aquelle momento. Os meus pensamentos eram só de exterminio.

« Procurei ainda fazer um esforço e conjurar a desgraça que me opprimia, mas a fatalidade impelliu-me n'um declive irresistivel.

« Iniciei diversos modos de vida, mas todos foram nullos e improficuos. Estava dando licção a um joven e interessante menino, quando me entregaram uma carta annunciando-me a chegada de José.

« Pobre criança, que sorte será a tua? Prometti servir-te de pae, ser teu mentor, o teu guia, nos tramites da vida.

« A vida!... mas na tua idade prediziam-m'a boa e feliz. Eu tinha parentes que velaram por mim. Mais tarde uma boa educação foi o meu melhor patrimonio...

« E' verdade que a minha cabeça sempre foi doentia... mas esta cabeça não é todo o teu apoio? Pobre criança! Mas tranquiliza-te: tu morrerás, antes de te haveres maculado com o contacto da sociedade. Serás a

primeira victima que deverei immolar... Matar-te?! mas onde acharei eu forças para o fazer?

« A esta ideia fiquei trémulo e estonteado. Quando diminuiu a agitação que me dominava, dispuz-me a ir esperar José...

« Cheguei á estação, e ao vêr a pobre criança desembarcar abraceio-o affectuosamente.

« Tendo-me elle dito que se sentia incommodado por haver comido alguma fructa durante a viagem, entendi fazer-lhe bem um passeio.

« Parecia ter-me já esquecido das minhas terriveis ideias; quando subitamente uma nuvem negra obumbrou o meu cérebro.

« Caminhando naquelle momento por um atalho ermo e solitario, deu-me uma vertigem, e lembrei-me então de lhe dar uma martellada na cabeça. Vendo-o cair, e receando que elle soffresse, apressei-lhe a morte, cortando-lhe a garganta.

« Vendo sangue, as forças abandonaram-me e cahi a alguns passos da victima.

« A Providencia não quiz que ás portas de Paris, ás oito horas e meia da noite, e a dez passos de um caminho de muito transito, n'um logar á vista de todos, e com um luar claro, houvesse uma unica testemunha desta scena terrivel!

« Quando me levantei, o cadaver estava frio. Um tremor convulsivo agitava todos os seus membros... Rolei o corpo de José para um barranco, e dirigi-me rapidamente para a cidade.

« Todos os meus pensamentos concentraram-se então em Maria, e parecendo-me que via a sua imagem, fiquei como louco.

« Tinha prometido a Maria fazel-a feliz... a José servir-lhe de pae, e havia adoptado Mathilde por minha filha... E depois, sem mim, a minha mãe choraria inconsolavel, e meu pae ficaria quasi na indigencia.

« Oh! não! eu terei tempo para os matar a todos.

Tal era o meu raciocinio, e assim livraria da miseria aquelles a quem amava...

« Querida Maria! a felicidade não é mais do que uma pura imaginação. Sê feliz de ignorancia e de esperanza...

« Quando fui ao seu encontro, ella chorava! Não pude tambem conter as lagrimas...

« Apertei-a contra o peito, e n'aquelle instante, pela agradavel sensação que gosei, esqueci de meus horriveis projectos.

« Procurei distrahir-a, mas depressa me lembrei que muitos annos de infortunio succederiam áquelles curtos momentos de felicidade.

« Logo a ideia da morte veiu novamente dominar o meu espirito, é quando estava entregue a todo o horror das minhas reflexões, pensei confessar-lhe tudo.

« Não obstante a exaltação em que estava, esta resolução parece que me alliviou d'um peso enorme...

« Mas... eu não podia pensar mais com a necessaria calma. Procurava distracções em idas e vindas, os meus membros tinham acção, mas a cabeça era um cahos...

« N'este estado parti com Maria e Mathilde para o logar onde deveria arrancar-as aos soffrimentos de uma vida de miserias e de illusões.

« Ia taciturno, trémulo, queria fallar e não podia... O ar faltava-me, quasi suffocava. De repente deu-me uma vertigem terrivel, agarrei no martello e bati com força n'aquelles dois entes que caminhavam descuidados...

« Pouco depois um silencio de morte reinava n'aquelle logar escuro e medonho. Estupido, atordoado, fui agachar-me a alguns passos das victimas.

« Não tinha desejo algum de afastar-me dos cadaveres mutilados... A chuva que cahia em abundancia, acompanhada de grande ventania, tinha-me traspassado, sem que eu sentisse, quando os latidos de um cachorro me despertaram.

« Parecia-me que toda a natureza se revoltava contra aquelles assassínios, e que os cadaveres se levantavam para me accusar... Pela primeira vez tive temor de Deus!

« Não tinha mais do que uma confusa lembrança dos meus crimes. Fiz todas as confissões com a maior franqueza e não pretendi diminuir o horror dos meus actos.»

« Depois de terminar a leitura d'esta narração feita pelo proprio criminoso, o defensor accrescenta:

« — As ultimas palavras que Vicente escreveu foram: « Eu não peço compaixão, a minha morte será justa e merecida.

« Esta phrase final deve merecer toda a attenção dos srs. jurados.

« Parece que uma voz me brada: profunda a consciencia d'esse criminoso, penétra nos seus pensamentos, informa-te das desgraças da sua familia, remonta até á origem do sangue que lhe córre nas veias, interroga os que o conheciam e confia na justiça dos homens.

« Mas o arrependimento, energicamente expresso n'estas palavras: a minha morte será justa e merecida, bastará para a justiça humana? Eu julgo que não, mas não vos admireis de eu affirmar que entre Vicente e um assassino ha um abysmo.

« Seria esse triplice assassinio feito por uma vontade livre? Convêm primeiro esclarecer este ponto.

« Eu posso fazer ideia d'um assassinato commettido para satisfazer uma paixão, como a ambição, a vingança, ou o ciume.

« Mas o que não comprehendo, e nunca poderei comprehender, é o assassinato de duas criança de 9 e 10 annos, friamente degoladas e mutiladas da mesma fórma como o foi sua mãe, pelo individuo que as prote-

geu e amou, sem que se possa dar a esses actos uma explicação que admitta o menor grau de racionalidade.

« O problema conserva-se, portanto, insolúvel; mas é preciso achar-lhe a solução, porque os crimes succederam, o accusado confessa-se autor d'elles, não procurando mesmo attenuar as mais aggravantes circumstancias.

« O character de Vicente era sombrio e taciturno. Irritava-se com a mais leve contrariedade.

« Não gostava de conversar com os seus camaradas, preferindo viver só e isolado.

« Sempre concentrado e silencioso, não sahia da sua taciturnidade senão para desenvolver ideias estravagantes e paradoxaes, que defendia com enthusiasmo.

« O fundo do seu character era o orgulho, e quando em discussão com os seus mestres, sendo obrigado a ceder á auctoridade d'elles, ficava furioso, nunca se dando por vencido.

« Vicente tinha religião, mas uma vez, na missa, que costumava o vir todos os dias, pegou em Virgilio, que leu todo o tempo, e quando no final do acto religioso lh'o fizeram notar, ficou admirado de ter tido tal distracção!!

« Soffria continuas dôres de cabeça faltando por esse motivo ás aulas. Em tudo o mais o seu comportamento era irreprehensivel.

« Quando reuni todas estas circumstancias, e as analysei detidamente, surgiram no meu espirito duvidas importantes.

« Trata-se de crimes horriveis, e se eu acreditasse que elles fossem o resultado d'uma vontade livre, não viria disputar á justiça a cabeça do assassino.

« Mas não... As molestias do espirito, como as do corpo, são o segredo da natureza. Conhecemos-lhes os effeitos mas ignoramos quasi sempre as causas; e foi talvez esta ignorancia profunda dos mysterios da creação que levou alguns philosophos a desejarem que só existissem nas leis penas temporarias.

« E' preciso descobrir o movel que impelliu Vicente ao crime; porque suppôr um triplice assassinato sem paixão, sem interesse, é suppol-o sem vontade, e n'este caso não será mais do que um acto de demencia.

« A avó do accusado morreu louca, em consequencia de um exaltado fanatismo.

« E se ao lado da tendencia hereditaria, da taciturnidade e das singularidades de character, do amor pelo isolamento, das leituras apaixonadas de livros mysticos, collocarmos um triplice assassinato, é confessar que se trata de um caso de *monomania*.

« Em todos os tempos a natureza tem tido aberrações. O espirito, a imaginação, a alma, téem tido as suas molestias, como a materia que os envolve.

« Consultamos os mestres, aquelles que consagram toda a sua vida a estudar o homem sob todos os aspectos psychologicos.

« Os melancholicos, dizem elles, são arrastados por um delirio parcial, por uma ideia fixa, pela exaltação da sua sensibilidade, pelo desvio das paixões, pelo erro do juizo. Todos téem um motivo conhecido e confessado.

« Elles obedecem a um impulso reflectido, e até com premeditação. Alguns téem havido que tomam innumeras precauções para conseguir os seus intentos.

« Uns fogem e occultam-se, tendo a consciencia de naver commettido uma acção má; outros alegam-se, ficam tranquillos e satisfeitos, depois de praticarem crimes horrorosos.

« Partem d'uma ideia falsa, d'um principio falso, mas todos os seus raciocinios, todas as suas deducções, téem logica, ou, pelo menos, assim o parece.

« No que fôr extranho á sua ideia fixa, elles são como todos os outros individuos. Apreciam bem as cousas, julgam sensatamente dos factos e das pessoas, discorrem com exactidão.

« O character, os habitos, a maneira de viver do melancholico, mudam, porque o delirio altera as relações entre o *eu* e o mundo exterior.

« Por mais desordenadas que sejam as suas acções, elles sempre encontram razões mais ou menos plausiveis para as justificar.

« Dominados por uma paixão levada até ao delirio, gosam, quanto ao mais, da razão. Commettem crimes com sangue frio e tranquillidade, pelo menos na apparencia.

« Acontece algumas vezes que a alteração mental que os leva á perpetração de crimes não apresenta sensivel perturbação da intelligencia. Os doentes são arrastados por uma indefinivel fatalidade que os impelle a matar.

« O defensor continuou a demonstrar que Vicente era um irresponsavel.

« Foi eloquente na sua peroração, invocando os sentimentos de justiça e de humanidade para que em nome da lei não fosse commettido outro crime.

E terminou com estas palavras:

« E' conveniente não esquecer que o accusado não dissimulou nenhum dos seus actos, fez uma completa confissão escripta por elle proprio, e disse áquelles que o vão julgar: « eu não peço favor algum, mereci a Morte? Podeis pronuncial-a ».

« Depois dos debates, e do relatorio, feito brilhantemente pelo juiz, o jury retirou-se para deliberar.

« Decorrido algum tempo, voltou á sala do tribunal, proferindo por maioria absoluta, o veredictum condemnatorio.

« Ao ouvir a sentença, em que lhe era decretada a pena de morte, Vicente, com apparente indifferença, apenas pronunciou estas palavras:

« — Vamos, meu pobre pescoço, no fim de contas és tu que has de pagar tudo.»

« Alguns dias depois Vicente foi guilhotinado ...

« *Como é triste ser descendente do algoz e da victima!*

« Parece que a desgraça e o sangue me impellem para o crime.

« Tanto na Europa como no Brazil a fatalidade não deixa de perseguir-me, e quem sabe se eu terei de acrescentar a esta horrivel historia, que foi a minha unica herança, uma narraçãc ainda mais horrorosa de crimes praticados por mim e por meus companheiros, aggreuiados n'uma sociedade secreta que a policia e a sociedade já conhecem pelo titulo suggestivo de «Mão Negra».

Depois d'estes tres periodos griphados, nada mais continha o manuscrito.

Osorio que lera todo elle com uma anciedade facil de comprehender, fez um gesto de aborrecimento e exclamou:

— Que significa esta narrativa de um crime succedido ha muitos annos, na Europa? Perdi inteiramente o tempo e nada lucro conservando estas folhas de papel...

« Em todo o caso, talvez seja um indicio para encontrar o sujeito que perdeu este caderno... E por elle poderá saber-se muita cousa...

« Mas como? Sim, que meios devo empregar para descobrir este patife que promette descrever um dia a historia da *Mão Negra*?

« Devia ser interessante tal trabalho, feito por um dos membros, provavelmente de maior influencia e auctoridade, d'essa terrivel sociedade secreta...

« Emfim, vou guardar esta papelada e descansar, pois, é quasi manhã e estou fatigadissimo.

Osorio deitou-se, e momentos depois dormia tranquilla e pesadamente, recuperando as forças para a prosecução da formidavel campanha que jurára fazer contra a *Mão Negra*.

A TRIPLICE ALLIANÇA

Osorio acordou ás 9 horas da manhã, e dando um pulo da cama correu a vêr o relógio d'algibeira.

— Safa! exclamou elle admirado. Dormi como um capitalista que tem o seu dinheiro empregado em boas hypothecas a cinco por cento ao mez! Se o meu chefe me visse levantar a esta hora, fazia um máu conceito de mim. E no entanto andei toda a noite atraz d'aquelles patifes...

Vestiu-se rapidamente, ao mesmo tempo que ia monologando, seguindo as suas reflexões:

— Que devo fazer agora? Ir participar o occorrido ao Dr. Nobrega pouco adianta e eu quero contar alguma cousa boa, que valha a pena incommodar o meu digno chefe e lhe dê esperanças...

« Continuar vigiando a *Gruta*, tambem não é sensato, porque de dia os *morcegos* andam occultos. Só de noite é que talvez convenha ir lá para continuar representando, sem procuração, o defunto *Tico-tico*...

« O melhor é não fazer nenhum plano e dirigir ao acaso as pesquisas. De repente, quando não se pensa, surge um clarão a illuminar o caminho que cumpre seguir.

Dizendo isto, Osorio poz o chapéu, pegou na bengala e saiu.

Andou vagando, como um ocioso, pelo centro da cidade, foi a um restaurante onde almoçou frugalmente, e, satisfeito, resolveu ir a casa da familia Lacerda.

Pouco depois entrava na sala, sendo recebido, com alegria e anciedade, pelo barão e por Theodoro que estavam palestrando n'aquelle momento.

— Que ha de novo? perguntou o barão cheio de curiosidade, logo que se sentaram.

— Pouca cousa, sr. barão. O inimigo é velhaco e poderoso para que se deixe vencer em um dia. Levará seu tempo, mas estou certo de que, em breve, a *Mão Negra* não perturbará mais o espirito de V. Exa. e de sua familia.

— Deus o permitta! Desde que esse malvado Diogo nos persegue encarnicadamente, por motivos que ignoro, nunca mais tivemos um minuto de socego. Este continuo sobresalto prejudica gravemente a saude, principalmente das mulheres que são mais nervosas e impressionaveis do que nós. Minha filha anda doente, pallida, e vive chorando e rezando a Nossa Senhora para que a felicidade volte ao nosso lar...

— O mesmo succede com Rachel, disse Theodoro com tristeza. Por mais que procure distrahil-a, anda n'uma constante melancholia, cujas consequencias pôdem ser funestas. Era tão saudavel, tão alegre, e hoje mal se vislumbra um sorriso nos seus labios descorados...

O pobre velho limpou uma lagrima, e suspirou como suffocado por um grande soffrimento que opprimia o seu coração de pae.

Osorio commoveu-se vendo aquelles dois velhos, tristes, meditativos, soffrendo a implacavel e incomprehen-sivel vindicta de um bandido que, em pleno S. Paulo, ousára formar uma sociedade de malfeitos, com a qual pretendia espalhar o terror, o luto e a desgraça, principalmente n'uma numerosa familia, distincta e bondosa que se não fosse elle, tinha todas as condições de ser immensamente feliz.

Apoz um breve silencio, o agente de policia exclamou:

— Não ha bem que sempre dure nem mal que não

acabe, assim diz o proverbio popular, cuja confirmação vêmos a todo o momento. Portanto, eu estou convencido de que mais dia menos dia as senhoras hão de viver alegres e tranquillias. Eu vou entrar brevemente para a maldita sociedade que obedece ás ordens d'esse infame Diogo...

— Quem, o senhor?! exclamou o barão estupefato

— Eu mesmo, respondeu Osorio sorrindo. Enfiei-me na pelle de um defunto, que em vida foi um refinadissimo patife, e estou certo de que serei muito bem recebido do chefe e de seus preciosos auxiliares.

— Com toda a franqueza, affirmo-lhe que não comprehendo nada do que está dizendo, disse o barão.

— Pois vae comprehender tudo desde que lhe conte o que fiz a noite passada.

E Osorio contou aos dois velhos, boquiabertos, como se havia apresentado na *Gruta*, a conversa que tivera, com o *Seriema*, gatuno muito conhecido da policia, e, finalmente, a espionagem, um tanto improfiqua, que fizera dos tres patifes até á Penha onde elles iam certamente praticar mais um crime, que por uma grande felicidade, foi frustrado pela attitudo energica do valente garibaldino, como tratavam o herculeo italiano que por dever de gratidão fazia todas as noites companhia ao velho Beppi.

O barão e Theodoro escutaram attentamente toda esta narrativa, finda a qual foram estreitar, de um modo effusivo, a mão do agente de policia, ao mesmo tempo que exclamavam enthusiasmados:

— Muito bem! O senhor é realmente engenhoso e audaz... Agora estamos convencidos de que é o unico homem capaz de descobrir essa terrivel sociedade de bandidos, que se intitula a *Mão Negra*, fazendo com que cáiam nas unhas da auctoridade todos os seus membros desde o famigerado chefe até o ultimo de seus sequazes...

— Talvez não consiga tanto, observou modestamente Osorio, mas o que lhes posso affirmar é de que hei de fazer todo o possivel para metter na cadeia o invisivel

Diogo... Inutilisada a cabeça o restante do corpo decompôr-se-ha por si mesmo. Pouco mérito terei em esmagar, um a um, todos os principaes membros da quadrilha...

O astuto agente de policia tinha propositalmente deixado de referir-se á parte mais importante da conversação que tivera com o *Seriema*, em que este, completamente embriagado, alludira ao espião que vivia na propria residencia da familia Lacerda.

Por isso, apoz uma breve pausa, elle proseguiu com a sua calma habitual:

— Já lhes contei o pouco que fiz hontem, cumpre-me agora dizer-lhes o principal motivo porque vim incommodal-os...

— Não diga isso. Estamos inteiramente ás suas ordens, não só para termos o gosto de o receber a qualquer hora, como para lhe prestarmos qualquer esclarecimento ou auxilio de que precise...

— Agradeço tanta bondade... mas peço-lhes não se sobresaltarem com o que vou dizer: V. Exas. téem ha tempos em sua casa, sem o suspeitarem, um espião que vae contar quanto vê e ouve ao chefe da *Mão Negra*.

— Não é possivel, o senhor está mal informado, com certeza, exclamou o barão. Todos aquelles que temos agora ao nosso serviço são pessoas de confiança...

— Devéras? Então V. Exa. confia muito n'esse rapazinho que disse chamar-se Bento...

— Bento?! Elle tem uma cara aparvalhada, e só sáe d'aqui para ir vêr a mãe, uma pobre engomadeira que móra no Braz...

— Tudo isso é falso, sr. barão. Elle não é mais do que um garoto, um vagabundo que tem vivido na companhia de gatunos e obedece cégamente ao maldito Diogo que o dirige e aconselha... Faz-se humilde e idiota mas quando pede licença para ir visitar a mãe, córre logo ao bandido, que o espera n'algum logar aprazado, a dar-lhe contas da sua infame missão...

—N'esse caso, é muito facil o remedio...

E o barão levantou-se impetuosamente, dando alguns passos em direcção ao interior da casa.

Osorio, suspendendo-o com um gesto, perguntou-lhe:

— Onde vae, sr. barão? Desculpe a minha ousadia mas parece-me que vae commetter irreflectidamente um grande erro...

— O que vou fazer é muito simples e racional, exclamou o velho Lacerda. Depois do que me disse, devo immediatamente expulsar de minha casa o infame espião que n'ella se introduziu com a maior astucia...

— Pois é exactamente o que V. Exa. não deve fazer.

— Ora Essa! Francamente, não o comprehendo...

— Explicarei o sentido das minhas palavras. Se V. Exa. mandar embora o Bento e dizer-lhe o motivo porque assim procede, não só ficamos privados de um meio que deverá conduzir-nos junto do chefe da *Mão Negra*, como este ficará logo prevenido e lançará mão de outros recursos de espionagem que poderão ser, para V. Exa. e sua Exma. familia, mais prejudiciaes e irremediaveis...

— Mas então devo continuar a ter em casa um maroto que eu sei ser um emissario do meu terrivel e implacavel inimigo?

— A razão e o bom senso assim o aconselham.

— No entanto...

— V. Exa. permite que eu lhe exponha o plano que formulei logo que soube do facto de ser Bento um espião?

— Ora essa, peço-lhe até que me ilucide e ajude... Estou velho e cansado, e estes ultimos desgostos obcecaram-me o entendimento. Queira fallar...

E o barão, dizendo isto, sentou-se de novo fixando attenta e anciosamente o esperto agente de policia.

Este concentrou-se por alguns momentos e proseguiu:

— Tendo-se descoberto que o rapazinho é um espião de Diogo, e guardando-se a maior reserva sobre isso, ha tudo a lucrar. Sem a menor suspeita de que

somos conhecedores da verdade, Bento ha de continuar a ter as suas conferencias com o chefe!.. Ora eu que estarei de atalaia, seguil-o-hei e sem grande esforço, ficarei sabendo onde é a jaula da féra, ou pelo menos, qual o ponto aprazado para taes entrevistas. Depois é facil saber-se quem é esse terrivel Diogo, e, conseguido isso, V. Exa. comprehende que a minha missão limitar-se-ha a não perder de vista o miseravel, e a deitar-lhe as unhas no primeiro momento favoravel, isto é, logo que tiver reunido algumas provas de seus innumerados crimes, o que não será muito difficil...

— Effectivamente, é sensato o que diz.

— Muito bem pensado, confirmou Theodoro, fazendo um gesto de approvação.

— Ora, se V. Exa., n'um impeto de indignação justificada, puzesse Bento na rua, elle iria logo prevenir o chefe e este escapava-nos, accrescendo ainda o perigo de surgir, de qualquer fórma, um outro espião, cuja existencia ignoravamos e que podia servir de instrumento para novos crimes...

— Mas este Bento não será capaz de commetter um envenenamento ou de abrir a porta a alguns malvados com o fim de assassinar-me e a toda a minha familia...

— Não creio que lancem mão d'esses meios extremos por essa fórma... E' muito arriscado tudo isso e o patife do Diogo tem mostrado ser um bandido esperto... Elle sabe que esta casa é activamente vigiada pela policia, e se se lembrasse de um assalto, o resultado seria assáz desastroso para a *Mão Negra*... Acredíte-me V. Exa., o que elle quer é saber o que se passa n'esta casa, afim de forjar, com segurança, as suas ciladas como a que ultimamente preparou na Floresta, em que, por felicidade, escapou de ser assassinada a sra. D. Rachel...

— Oh! que miseravel! rugiu Theodoro, ficando pallido de raiva. Se um dia me encontrasse frente a frente com elle...

— Serei eu quem terei essa honra, replicou Osorio sorrindo-se. E creia de que o saberei tratar com as deferencias que merece um tão importante chefe de bandidos...

— Mas o senhor crê que a tentativa d'assassinato contra Rachel já foi o producto da infame espionagem de Bento? perguntou o barão.

— Estou plenamente convencido do que affirmo. O garoto soube de que V. Exa. e sua familia tinham resolvido dar n'esse dia um passeio, e apressou-se a participal-o a Diogo, em cujo espirito infernal surgiu logo a ideia de mais um crime hediondo...

— Parece-me que tem razão, pois agora me lembro de que na vespera elle me pediu para ir visitar a mãe, e por signal que demorou-se bastante tempo...

— Já vê, portanto, que é conveniente avisar toda a sua familia para que ande vigilante e cautelosa... Não devem, porém, dar a conhecer a menor desconfiança, nem alterarem o modo como o tratam, para que elle não suspcite de cousa alguma... Do contrario está tudo perdido...

— Darei as minhas ordens no sentido que acaba de indicar...

— Muito bem. Estou certo de que o meu plano dará excellentes resultados...

— Oxalá! Por maior sangue frio que procuremos ter, comprehende que d'ora ávante augmentará a nossa inquietação sabendo que temos comnosco uma pessoa inteiramente dedicada ao terrivel inimigo que jurou exterminar-nos...

— Nada receie, sr. barão. Irei hoje mesmo fallar ao sr. chefe de policia para que mande redobrar de vigilancia, o mais difarçadamente possivel, em volta de sua casa. Assim ficará V. Exa. garantido de qualquer ataque... E quanto ao receio de envenenamento, é infundado... Diogo não incumbiria uma criança de um caso de tanta responsabilidade... Em todo o caso, andando todos prevenidos, Bento não poderá fazer qualquer patifaria...

Ámanhã virei aqui afim de combinar com V. Exa. o meio de facilitar com que o garoto, sem querer, me ponha na pista do grande criminoso com quem tenho immensos desejos de travar o mais intimo conhecimento.

Proferindo estas palavras com expressão zombeteira, Osorio levantou-se, cumprimentou respeitosamente o barão e Theodoro, e saiu.

Caminhando ao acaso, ia reflectindo sobre o que devia fazer n'aquelle dia.

— Vou ter com o Dr. Nobrega, murmurou elle. Cumprirei assim o que acabei agora de prometter áquelles dois pobres velhos que vivem nervosos e inquietos com todos estes tristes acontecimentos.

E, em vista d'esta deliberação, dirigiu-se immediatamente á Repartição Central da Policia, onde teve uma demorada conferencia com o 1.º delegado auxiliar.

Pouco depois este ordenava a alguns agentes, de sua confiança, que estabelecessem uma activa vigilancia em volta da residencia da familia Lacerda.

Osorio, satisfeito, saiu do gabinete do Dr. Nobrega, e andou distrahidamente pelo centro da cidade, sem saber o que devia fazer para aproveitar o tempo, proseguindo nas importantes investigações de que fôra incumbido.

De subito, parou, fez um expressivo gesto de contrariedade que chamou a attenção d'algumas pessoas que passavam perto, e murmurou com voz surda e concentrada:

— Que diabo! Quando se descobre um ninho nunca devemos perdê-lo de vista...

E, saltando em um bonde que ia para o Braz, acrescentou comsigo mesmo:

— Vamos vêr se os *innocentes passarinhos* andam voando, em busca de ramos altos onde possam empoleirar-se e apanhar um pouco de sol e de ar puro...

E Osorio, completando o seu pensamento, murmurou entre dentes:

— Coitados! Apesar de gostarem da liberdade eu

tenho muita vontade de os vêr na gaiola, á sombra, por causa das . . . congestões cerebraes . . .

Logo que chegou ao Braz, encaminhou-se com passos vagarosos, e reflectindo, para a rua onde se ostentava a taboleta da *Gruta*.

Perto do predio que alguns operarios andavam reconstruindo, e onde na vespera estivera occulto, parou.

Começou olhando para as obras, como um entendido ou um ocioso, mas a sua attenção estava na porta da taberna, reparando nas pessoas que entravam ou saham.

Havia um quarto d'ora que alli permanecia disfarçadamente, sem nada adiantar, quando um sujeito pequeno, magro, com cara de velhaco, saiu da *Gruta*.

— Aquelle typo é o mesmo que vi hontem entrar mysteriosamente na immunda taberna, murmurou Osorio.

E, tomando subitamente uma resolução, continuou:

— Vou seguir a caça . . . Se perder o tempo, não faz mal. Ando mesmo passeando e será isto um entretenimento de que talvez tire algum resultado . . .

E caminhou atraz do desconhecido, ora approximando-se d'elle para lhe vêr a physionomia, ora afastando-se para não inspirar desconfianças, mas sem nunca o perder de vista.

O homem magro andava apressadamente, e parecia immerso em profundas reflexões, não reparando que era seguido, mesmo porque ia com os olhos baixos, fazendo de quando em quando algum gesto incomprehensivel.

— O sujeito tem cara de um grande patife, monologava Osorio. Vae pensativo e contrariado. Será algum chefe subalterno da *Mão Negra*? Palpita-me que a felicidade mais uma vez não me abandona.

Apoz meia hora de boa caminhada, o desconhecido parou em frente de uma pequena casa, olhou para todos os lados com attenção, e, não vendo ninguem, pois o agente de policia tinha rapidamente recuado, occultando-se n'uma esquina proxima, bateu á porta, e logo que lh'a abriram, entrou.

— Quem será o morador d'aquella casa? murmurou Osorio. Se fosse o supremo chefe... esse maldito Diogo, seria o cumulo da felicidade esta minha descoberta! Mas não naverá um meio de saber a verdade?... Com juizo e paciencia tudo se consegue. Vou experimentar se sou capaz de colher alguma cousa, sem me comprometter...

E caminhando alguns passos examinou em redor. Viu a pequena distancia um sapateiro que trabalhava á porta de casa, e, n'aquelle momento, batia um pedaço de sóla, com uma furia terrivel, como se quizesse reduzi-la, desprezivamente, á mais simples expressão... de uma folha de papel.

Dirigiu-se a elle, e com o seu melhor sorriso, n'um tom amavel, perguntou:

— O senhor faz favor de me dizer se conhece pela vizinhança um homem que é afinador de pianos, chamado Jorge Mendonça e Sá?

O sapateiro, que era calabrez, suspendeu a infernal pancadaria, e, fazendo uma careta ao mesmo tempo que encolhia os hombros, respondeu:

— Non conosco.

— Eu tenho empenho em saber onde elle móra. E' meu compadre, e, como vim hontem do interior, perguntei pelo Sá e me disseram que morava nesta rua, n'uma casa pequena...

Com o seu modo habitual de tratar toda a gente por tu, n'uma intimidade muitas vezes enfadonha, o calabrez retorquiou:

— Te disse já que non conosco.

— Desculpe ainda uma pergunta, tornou Osorio, com a mais amavel delicadeza. Pelas indicações que me deram parece-me que é naquella casa, mas como receio ir lá incommodar os moradores, poderá fazer o favor de dizer-me se conhece quem móra alli...

E o agente de policia apontava para a casa onde o desconhecido tinha entrado.

— *Dove?* perguntou o sapateiro.

— Alli.

O calabrez olhou para o ponto indicado por Osorio e soltou uma gargalhada.

— Ah! tu não sabes?... Alli vive a *nera*, que todos tratam pelo nome de... bruxa...

— Ora vejam como eu ia enganado. Em todo o caso foi bom perguntar porque preciso consultar uma mulher de virtude para fazer a vontade á minha Francisca... Ella quer saber se ainda terá, ao menos, um filho... E' o seu maior desejo coitada. Muito agradecido pelas suas bondosas informações...

E Osorio, retirou-se, depois de cumprimentar rasgadamente o calabrez que rosnou qualquer coisa no seu dialecto e continuou furiosamente martellando no pedaço de couro...

O esperto agente de policia, chegando á esquina, parou, e reflectiu:

— Uma bruxa! E demais a mais preta?! Que diabo: Será esta a mão negra da sociedade?

Sem o saber, por uma série de circumstancias fortuitas, Osorio estava dizendo a verdade.

— Conservou-se muito tempo á esquina, espreitando quando sahia o desconhecido.

Este, com o mesmo ar de desconfiança, saiu momentos depois da casa da bruxa.

Osorio ia segui-lo novamente, quando uma ideia lhe ocorreu de subito.

— Não convém andar atraz d'aquelle sujeito. Quando quizer encontral-o já sei onde devo ir... Na *Gruta* é o ponto de reunião e de conferencia... Agora preciso saber quem é esta bruxa, e principalmente conhecel-a...

E, apoz alguns minutos de reflexão, proseguiu:

— Está decidido. Sangue frio e ávante... Saberei engendrar uma historia, pela qual possa chegar á conclusão que preciso...

E, senhor de si, calmo, dando á physionomia

uma expressão de simplicidade e de franqueza, o agente de policia dirigiu-se á casa da bruxa.

Bateu á porta, e como ninguem lhe respondesse, tornou a bater.

— Uma voz roufenha perguntou-lhe.

— Quem é?

— Faz favor...

— Que deseja?

— Fallar com a dona da casa sobre um negocio importante...

— Não recebo pessoas que não conheço...

— Eu vim aqui por indicação de um intimo amigo meu...

— Como se chama elle?

— Ora eu não posso dar-lhe mais explicações d'esta maneira... Basta dizer-lhe que quem me mandou á sua casa foi o meu particular amigo Diogo...

— A porta abriu-se immediatamente, apparecendo uma negra velha, de feições repellentes, onde transparecia n'aquelle momento o espanto e a desconfiança.

Osorio, sem mais preambulos, foi logo entrando, ao mesmo tempo que dizia alegremente:

— Ora eu bem sabia que a senhora não deixaria de me receber, pois venho fazer-lhe uma consulta, visto saber que em S. Paulo não ha outra pessoa que melhor saiba lêr no futuro, satisfazendo a curiosidade dos simples mortaes, como eu, que nada entendem de cousas mysteriosas...

— Tenha a bondade de sentar-se, disse a velha megera depois de fechar a porta, e lançando um olhar investigador sobre o visitante.

— Não esteja com incommodos. Gosto mais estar de pé, e desculpe incomodal-a mas o meu amigo disse-me cousas tão admiraveis que a senhora faz e adivinha, que senti um grande desejo de vir consultal-a sobre um assumpto que occupa quasi inteiramente a attenção de minha mulher...

— Mas esse amigo . . . que o senhor disse chamar-se Diogo . . . quem é?

— Ora, a senhora não se recorda? E' um moço que vende bilhetes de loteria, e por signal bem feliz, para os outros bem entendido, pois já vendeu tres vezes a sorte grande . . .

— Ah! exclamou a negra desapontada e fazendo um gesto de enfado.

— Já se lembrou? Eu logo vi . . . Diogo Martins de Souza, que é meu campadre, é muito conhecido. Já lhe vendeu algum bilhete premiado?

E vendo que a vélha, aborrecida, não respondia, continuou:

— E' um felizardo o tal meu compadre, mas veja como a sorte é mofina: dá dinheiro para os outros e o pobre diabo anda quasi sempre sem vintem. Cousas d'este mundo . . .

Osorio suspirou com um ar bonacheirão, ao passo que disfarçadamente olhava para a sala, de grotesca e estranha decoração, que servia de gabinete á repellente feiticeira.

Esta, com uma impaciencia que mal podia conter, fazia tregeitos horriveis que teria assustado outro que não fosse o astuto agente de policia.

— Mas, finalmente, uivou ella com certa aspereza, que quer o senhor?

— Ah! eu lhe digo: minha mulher tem quasi quarenta annos, e ha vinte que é casada, sem nunca ter tido a felicidade de ter um filho . . . Ora como nós temos uma pequena fortuna ella queria muito que viesse um herdeiro . . . Manias de mulher, não acha?

Ouvindo fallar aquelle homem de que possuia dinheiro, a physionomia da bruxa tomou uma expressão mais benevola, e foi com voz pausada, que se esforçou para tornar agradavel, que respondeu:

— E' natural o desejo de sua senhora. Quer então saber se ella ainda terá um filho, não é verdade?

— Exactamente. Estou ancioso da sua resposta, pois tenho muita confiança na sua sciencia, que tem sido sempre infallivel, segundo disse o meu compadre, que é um homem honrado.

A velha negra sentou-se á mesa, e pegando em um dos sebentos baralhos de cartas que lhe serviam para as advinhações, começou o *trabalho*, ao mesmo tempo que resmoneava palavras incompreensíveis.

Osorio, aproveitando aquelle ensejo, examinava á sua vontade toda a casa onde entrára, chamando-lhe especialmente a attenção os toscos aparelhos de chimica, as hervas, e os vidrinhos que estavam perto e que deviam conter venenos terríveis.

— Sua mulher tem alguma pessoa inimiga? perguntou a velha negra, sem levantar a cabeça...

— Ah! as cartas já disseram isso? Pois é verdade, tem uma familia que não gosta d'ella ha muitos annos, não sei porquê... Provavelmente porque abandonou o serviço da casa, sem se importar com os pedidos que todos d'essa familia lhe faziam... Lá por serem ricos imaginavam que a Francisca, que era pobre, não tinha o direito de fazer o que bem lhe aprouvesse...

E foi boa a ideia que minha mulher teve de sair d'aquella casa, pois começámos a fazer pequenos negocios que foram sempre augmentando, e hoje, graças a Deus, temos que comer sem nos matarmos a trabalhar...

A negra continuava mechendo os beiços e dispondo as cartas de jogar de diversos modos.

Osorio, com os olhos fixos n'ella, examinava-a attentamente, preparando uma nova experiencia que se lembrára de fazer.

— Pois a causa de sua mulher não ter tido filhos é o resultado de uma praga que lhe lançou essa familia, disse a megera em tom sentencioso.

— Oh! que patifes! exclamou Osorio fingindo-se indignado. Pois essa familia rogou pragas á minha mulher?! E vá lá a gente confiar em boas pessoas... Sim, se

fossem umas pessoas quaesquer, mas uns fidalgos que se dizem bons, ricos e generosos! Ora essa! Pois apezar de eu ser pequeno ao pé d'essa gente importante, juro que hei de vingar-me de toda a familia do sr. barão de Lacerda...

A negra, ouvindo este nome, estremeceu como se tivesse recebido um choque electrico; e, erguendo repentinamente a cabeça, bradou com voz suffocada:

— Barão de Lacerda?

— Sim. Conhece-o? Tinha-o e á sua familia na conta de boas pessoas, mas agora sabendo como sei, que rogaram pragas a minha mulher, tendo-lhes raiva, e se pudesse fazer-lhes mal creia que lhes faria, sem escrupulo algum.

A negra encarava com feroz expressão, em que havia muito de desconfiança, o agente de policia.

Mas era tão bem fingida a indignação que este mostrava, tão sincera e franca a sua physionomia, que a velha Thereza não podia suspeitar do seu interlocutor.

E, satisfeita, com um sorriso cruel contrahindo-lhe os grossos labios manchados, regougou com voz cavernosa:

— Pois posso affiançar-lhe que essa familia, que o senhor diz ser do barão de Lacerda, é que tem sido a causadora de sua mulher não ter um filho... E considera-se feliz em não ter soffrido maiores desgraças, das quaes, com toda a franqueza, ainda não está inteiramente livre, emquanto essa gente continuar querendo mal ao senhor e á sua mulher, por motivos bem simples...

— Assusta-me, senhora... Pois será possível que nos estejam reservados soffrimentos quando nós cumprimos sempre os nossos deveres e ganhámos a nossa pequena fortuna honradamente?

— O poder do mal é grande, sentenciou a bruxa com um modo ridiculamente auctoritario. Muitas vezes os innocentes e honestos soffrem desgostos e prejuizos sem saberem d'onde lhes vem a origem de tanta infelicidade...

— Mas não haverá um meio de obstar á continuação d'esse mal de que somos victimas?

— Ha. Prometto-lhe que combaterei a influencia maléfica d'essa familia, e o senhor e a sua mulher ainda hão de ser felizes.

— Oh! quanto lhe ficarei grato. Bem fiz eu em vir procural-a. O meu compadre não me enganou asseverando-me que a senhora era boa, condoía-se dos desgraçados, a quem salvava com o seu poderoso saber...

— Farei o que puder. No entanto...

— Ha alguma séria difficuldade?

— Não deve nunca esquecer-se do que lhe digo. Essa familia Lacerda é má, rancorosa, embora aparente uma certa bondade para enganar os tolos. Deve acautelar-se, e se me permite um conselho...

— Oh! peço-lh'o. Foi para isso que aqui vim. E seja qual fôr elle, prometto-lhe que cumpril-o-hei á risca...

— Pois então dir-lhe-hei que nós não devemos cruzar os braços quando os nossos inimigos nos desejam mal, e que as suas pragas diabolicas nos alcançam. Cumpre-nos reagir e vingar-nos... Comprehende?

— Perfeitamente. Devo tambem fazer todo o mal que puder a essa familia hypocrita e má... Amor com amor se paga... Não é assim?

— Vejo que é intelligente e percebeu o sentido das minhas palavras. Eu estou prompta a auxiliá-lo no que puder. E póde estar descansado de que farei com que os seus inimigos sejam vencidos... Sua mulher ainda terá mais de um filho, e espera-os um futuro risonho e cheio de felicidades...

Osorio mostrou um grande contentamento.

Estregou as mãos, e exclamou enthusiasmado:

— Que boa ideia eu tive de vir procural-a! E que alegria não terá tambem a minha querida Francisca quando eu lhe dissér tudo... Ah! póde contar com o nosso eterno reconhecimento. Será madrinha do nosso primeiro filho, se nos dér essa honra.

A bruxa sorriu-se desvanecida, procurando dar á phisionomia, sempre sombria e feroz, uma expressão humana e agradável.

Não o conseguindo, fazia apenas umas que assustariam um granadeiro, affeito á vida de companhia.

Mas Osorio, que sentia enorme repugnancia em vêr as feições malvadas d'aquella megéra, e que tão depressa tinha vontade de soltar algumas gargalhadas, como de desancar com a bengala aquelle monstro de corpo e de alma, continuava impassivel, apenas entregue ao seu papel, que aliás desempenhava perfeitamente, como se fosse um actor emérito que estivesse representando perante um publico escolhido.

Desejoso, porém, de levar até final aquella comedia, que tão bons resultados ia dando para a espinhosa e arriscada missão policial de que o tinham incumbido, Osorio, com uma energia que surprehendeu a propria feiticeira, proseguiu:

— E quanto á minha vingança fique certa de que será terrivel. Sou bom mas não perdôo facilmente aos inimigos que procuram prejudicar a minha felicidade domestica. O sr. barão de Lacerda e sua exma. familia hão de saber quanto vale o marido de Francisca...

— Que se chama? perguntou a bruxa com curiosidade.

— O meu nome? Luiz Fonseca da Silveira, um creado para a servir e que espera ser seu compadre.

— Muito obrigado. Mas então está disposto a vingar-se dos seus inimigos?

— Ora, isso nem se pergunta. Já se sabe que estou. Mas é verdade: agora me lembra uma cousa, que até aqui me causava pena, mas que d'ora ávante me dará grande satisfação.

— O que é?

Osorio com modos mysterios, mas com a mais simples naturalidade, embora não perdesse um unico movimento, gesto ou contracção que a negra fizesse no de-

correr da conversação interessante que elle manhosamente ia encetar, respondeu :

— Eu lhe digo. Ha uns tempos para cá a familia Lacerda tem soffrido grandes desgostos. Parece-me que ella está colhendo o fructo do mal que tem feito . . .

Querendo mostrar-se impassivel, mas com olhar brilhando sinistramente, a bruxa observou com hypocrisia :

— Ah! a gente ruim sempre encontra mais tarde ou mais cedo o castigo.

— E' exactamente como eu penso, e agora tenho a certeza de que não me engano. A familia Lacerda deve ter feito mal a muitas pessoas, de grande poder . . .

— Mas porque diz isso?

— Porque ella tem soffrido muito n'estes ultimos tempos . . . O palacio do barão foi destruido por um grande incendio, e eu sei por uma amiga de minha mulher que ainda vai á casa d'essa má gente, que as moças vivem chorando e os homens andam pallidos, tristes, como se a desgraça os abatesse . . .

— Ah! sim?!

E o olhar da infame feiticeira fulgurou com feroz alegria.

Osorio, com a mesma expressão de simplicidade com que conseguira illudir a negra, continuou:

— Consta-me até que é uma poderosa sociedade que persegue aquella familia . . . Isto eu digo-o aqui em segredo, e, com toda a franqueza, regosija-me bastante esse facto . . . Ah! se eu pudesse auxiliar esses adversarios dos Lacerdas! Desde que a senhora me confirmou as minhas suspeitas de que elles desejam mal a minha mulher, tenho uma vontade de fazel-os soffrer que não imagina . . .

Fez um gesto de cólera, bateu com o pé no chão, e proseguiu com voz rancorosa :

— Mas não tem duvida. Cada qual deve trabalhar por seu lado. Eu tambem hei de fazer alguma cousa para

cumprir a minha vingança . . . Diga-me com toda a franqueza : quer fazer-me um grande favor ?

— Conforme elle seja . . .

— Ah ! é simples, mas de muito valor para mim. E' permittir que eu venha fallar-lhe algumas vezes, a fim de pedir-lhe os seus conselhos, pois d'hoje em diante juro-lhe que vou tratar activamente de me vingar. Quero conhecer bem a vida do sr. barão de Lacerda e de sua familia para poder melhor aproveitar um ensejo favoravel . . . Não acha que faço bem ? . . .

— Desde que não se comprometta, deve usar dos meios da defeza para garantir a sua felicidade futura. E quanto a vir aqui consultar-me, póde fazel-o quando quizer . . . Sou sempre a favor das victimas que soffrem as consequencias da má indole de certa gente que se julga superior a todos porque tem dinheiro e influencia . . .

Estas palavras foram pronunciadas com grande rancor que não passou despercebido ao agente de policia, que, n'um tom enthusiastico e agradecido exclamou :

— Diz muito bem ! E mostra ter bom coração . . . Assim é que todos deviam pensar : defender os opprimidos contra os oppressores. Oh ! como as suas palavras me fazem bem. Não imagina como lhe sou grato pelas suas bondades, e creia que o meu reconhecimento será immenso . . .

E com uma amabilidade admiravelmente fingida, continuou :

— Vou retirar-me, pois não desejo roubar-lhe o seu tempo precioso. Quanto lhe devo ?

— Vinte mil réis, se não acha muito . . .

— Ora essa, mais que fosse . . . Estou tão contente das esperanças que me dá de que minha mulher ainda ha de ter um filhinho e ao mesmo tempo tão animado me sinto na vingança em que vou empenhar-me, que não me importa gastar uma parte da minha fortuna para conseguir uma e outra cousa . . .

Osorio pagou a quantia pedida, e, sempre com a maior bonhomia, acrescentou:

— Posso contar com o seu auxillio não é verdade?

— Estou ás suas ordens, respondeu a negra, pegando ávidamente na nota de vinte mil réis.

— Oh! como é bondosa! Eu, minha mulher e a senhora, que já considero minha comadre, e nossa protetora, havemos de conseguir uma desforra d'essa familia que encobre a sua perversidade sob falsos sentimentos de caridade christã...

«Formaremos uma triplice alliança contra esse inimigo poderoso, mas que não poderá lutar contra nós, eu lhe garanto...

«E conte sempre para o que precisar com o meu pouco prestimo, e o de minha mulher. E se me dá licença, virei visital-a qualquer dia na companhia de Francisca... Verá como ha de gostar della. Espero que virão a ser boas amigas.

— Esta casa fica ás ordens... Quando quizerem... Eu pouco saio...

— Muito agradecido. Oh! estou contentissimo. Tenho a certeza de que vão acabar as nossas tristezas e aborrecimentos. E ninguem, a começar d'esses malditos Lacerdas, poderá destruir a nossa triplice alliança.

Dizendo isto Osorio cumprimentou a velha bruxa e saiu.

Seguiu por acaso diversas ruas, com passo rapido, receando que a negra mandasse alguem em seu seguimento.

Logo que chegou n'um ponto isolado e verificou que ninguem o vigiava, afrouxou o passo, respirou um tanto cansado e, radiante de sincera alegria, murmurou:

— Ah! finalmente! Deus protege os infelizes. Já sei mais do que eu pensava obter, em tão pouco tempo. Aquella amaldiçoada negra!... Como ella abriu a porta

assim que lhe disse o nome de Diogo!... E como estreme-
cia de rancor, verdadeiramente feroz, todas as vezes que
fallava dos Lacerdas!... Oh! que excellentes resultados vão
dar esta triplice alliança!...

E soltando uma gargalhada, tomou vagarosamente o
caminho de casa.

O SUPPLICIO

Osorio, logo que chegou á sua solitaria residencia, estendeu-se na cama, conforme o seu costume, para melhor poder reflectir sobre os acontecimentos d'aquelle dia, que se precipitavam de uma maneira extraordinaria.

Por muito tempo conservou-se silencioso, concentrado, com os olhos fechados, como quem está dormitando.

Por fim, murmurou:

— Não póde haver a menor duvida de que aquella maldita bruxa faz parte da *Mão Negra*. Mas será um méro instrumento de Diogo, ou terá tambem uma parcella de auctoridade?... N'este caso, é consultada e obedecida... Que motivos, porém, póde ella ter para odiar a familia Lacerda?

« Em tudo isto ha um grande mysterio que preciso desvendar. Mas como? Continuar frequentando a casa da bruxa, em vista do pacto que combinámos ha pouco? Tem graça eu pertencer ainda á sociedade de bandidos, e tornar-me inimigo, embora aparente, dos Lacerdas que devo defender...

« Não foi má ideia a que subitamente me occorreu de organizar a triplice alliança. O peor é que nunca poderá ser triplice porque falta uma pessoa importante... a minha mulher, a boa Francisca que eu nunca vi mais gorda...

O agente de policia deu uma expansiva gargalhada e continuou:

— E' claro que preciso andar depressa, e proceder cautelosamente, pois se não apresento qualquer dia a Francisca á bruxa, esta desconfia e tudo se transtorna.

« Ah! mas tudo se ha de arranjar o melhor possível. Nunca imaginei que fizesse tanto em tão pouco tempo... A Providencia favorece-me para que eu possa livrar o Estado de S. Paulo, e muito principalmente uma distincta familia, injusta e cruelmente sacrificada, da mais terrivel alcateia de salteadores que tem apparecido ultimamente...

« Mas raciocinemos com calma. Aquelle typo magro, que frequenta a *Gruta* certas horas, e que foi á casa da feiticeira, onde se demorou bastante tempo, em conferencia, deve incontestavelmente ser algum auxiliar precioso de Diogo. Preciso, pois, de segui-lo tambem, e de saber quem elle é...

« Ora a bruxa conhece o chefe dos bandidos, e a sua cumplicidade nos crimes praticados contra a familia Lacerda obedece egualmente, como o Diogo, a um sentimento de implacavel vingança.

« Eu bem notei no seu olhar uma expressão de extraordinaria ferocidade todas as vezes que eu fallava dos Lacerdas. Foi ella, sem duvida alguma, quem preparou o veneno que deveria matar a pobre filha do barão...

« Mas que motivos terão esses infames para odiar e perseguir com tanto encarniçamento toda uma numerosa familia?

« A primeira cousa que devo fazer é conseguir, embora com grande risco, que o *Seriema* seja o meu padrinho para que eu possa entrar no meio de tão honrada gente, afim de conhecer os principaes membros da quadrilha...

« No entretanto, não largarei de vista o garoto, o tal Bento que tem fama de esperto, nem deixarei tambem de ir consultar amiudadas vezes a repellente feiticeira até o momento de convidal-a para um passeio forçado á cadeia...

Por algum tempo, Osorio conservou-se silencioso, meditando sobre o que tinha feito e o muito que ainda teria de fazer para conseguir absoluta victoria da tenaz e terrivel campanha que elle encetára contra tantos e tão temiveis bandidos.

Por fim, tomou uma resolução, na qual certamente tinha esperança de bom resultado, porque descerrou os labios n'um sorriso de triumpho.

E, pondo o chapéu, saiu apressadamente.

Dirigiu-se á casa da familia Lacerda.

O barão recebeu-o com affectuosas demonstrações de sympathia e reconhecimento.

Osorio, cumprimentando-o com a maior consideração, disse-lhe :

— Desculpe V. Exa. se venho de novo incommodal-o . . .

— Já lhe disse que estou sempre ás suas ordens, tanto mais quando o senhor anda tratando de garantir a felicidade e o socego de minha familia . . . Descobriu alguma cousa importante ?

— Ainda não, mas, parece-me que vou em muito bom caminho para concluir brevemente a minha missão . . .

— Sim?! Ah! Deus queira que novos acontecimentos não venham obstar á realisação d'esse desideratum que tanto almejo . . .

— Se surgirem difficuldades e obstaculos, supprem-se e vencem-se com a mesma tenacidade e coragem.

Houve um momento de silencio.

— Desejava pedir a V. Exa., disse Osorio, a fineza de mandar Bento a algum recado que elle possa demorar-se . . .

— Oh! pois não, fal-o-hei immediatamente . . .

— Perdão! Não me convêm que elle sáia agora . . .

— Então quando quer ?

— Depois de eu sair. Ficarei de atalaia, e não só ficarei conhecendo-o bem, como seguil-o-hei, sem que o saiba. Quem sabe até onde me levará . . .

— Perfeitamente.

— Outra cousa: V. Exa. tem algum creado de sua inteira confiança?

— Tenho o Domingos, muito dedicado a toda a nossa familia. Precisa d'elle?

— V. Exa. recommendar-lhe-ha que vigie tambem quanto puder o garoto, procurando saber aonde elle vae, com quem falla, finalmente todos os passos que dér e cujo conhecimento é da maxima importancia para o fim que temos em vista . . .

— D'ora ávante o Domingos ficará incumbido especialmente d'esse serviço. Elle é esperto e activo e estou certo de que se desempenhará muito bem da missão que lhe fôr confiada.

— Agradeço muito a V. Exa. E' um auxilio valioso, visto que eu tenho tantos logares que vigiar e tantos patifes a perseguir que não seria possivel fazer tudo ao mesmo tempo. Agora, vou sair e logo que V. Exa. mandar o Bento a qualquer ponto distante da cidade, com um pretexto plausivel e não lhe dando pressa, eu trartarei de o seguir para vêr se elle me conduz aonde tanto desejo . . .

— Está bem. Vou já fazer o que diz . . .

— Uma palavra ainda, sr. barão. Antes de mandar o garoto sair, é conveniente V. Exa. dizer, em voz alta para alguma pessoa de familia, de maneira que elle ouça, que resolveu dar um passeio ou fazer uma viagem . . . por exemplo, de combinação com o sr. Theodoro, dizer a este que acha conveniente ir passar algum tempo, com toda a familia, para a sua fazenda em Campinas, e que com a maior urgencia devem todos preparar as suas málas . . .

— Bem lembrado. Bento ouvirá essa grande novidade, e como depois, muito naturalmente, eu mando-o sair, sob pretexto de fazer um serviço, irá logo contar tudo a esse malvado Diogo . . .

— E eu, que estou de atalaia, vou no encalço d'elle

e assim saberei onde reside ou, pelo menos, onde se encontra, esse audaz e temível chefe da *Mão Negra*.

— Oxalá o consiga. Assim, a sua espinhosa missão terá um fim mais rápido e decisivo.

— Para isso eu penso e trabalho com todo o entusiasmo e a maior força de vontade.

E Osorio, dizendo isto, levantou-se, cumprimentou o barão e saiu.

Chegando á rua, e depois de corresponder ligeiramente aos acenos e olhares de intelligencia e de cortezia dos agentes disfarçados que rondavam a residencia da familia Lacerda, procurou um ponto onde pudesse occultar-se, afim de esperar que Bento apparecesse e seguil-o, sem que elle tivesse a menor desconfiança.

Viu perto um quitandeiro conhecido, que n'aquelle momento vendia doces a um rancho de crianças que o cercava lançando olhares cubiçosos para o taboleiro, e dirigindo-se a elle, disse-lhe:

— Olá, *seu* Julio, você por aqui? Então a freguezia, sempre que o vê parado, com o seu negocio ambulante, córre pressurosa a comprar-lhe as balas e os doces que sua mulher faz com grande habilidade e capricho, segundo tenho ouvido dizer?

— Ah! bom dia, sr. Osorio. Qual! A concorrencia em volta do meu taboleiro é grande. Mas a freguezia é pequena. Muitos querem vêr os doces mas poucos os compram.

— Isso significa apenas muito appetite e pouco dinheiro, respondeu Osorio rindo. E já agora devo prevenil-o de uma cousa. Estou aqui em exercicio do meu mister...

— Isso não é para admirar. O senhor é o melhor de todos...

— Muito obrigado, atalhou o agente, mas vou pedir-lhe a fineza de não dizer o meu nome, porque é inconveniente agora... pôde espantar-me a caça...

— Já percebo. Direi apenas o primeiro nome...

O quitandeiro olhou em volta com curiosidade para vêr se descobria quem era... a victima da espionagem do astuto e temivel agente.

— Este sorriu-se, e entabolou uma conversação com o vendedor de doces, com o intuito apenas de o demorar alli algum tempo.

Não perdia, porém, de vista a porta da residencia da familia Lacerda.

Passados alguns momentos, appareceu o garoto.

Olhou em volta com a desenvoltura que lhe era peculiar, e vendo o quitandeiro, avançou para elle.

Viu os doces, discutiu preços e por fim comprou duzentos réis de bolinhos de côco.

Osorio, muito naturalmente, despediu-se logo do seu amigo doceiro, e afastou-se com a maior fleugma, como um pacato burguez.

Bento, comendo soffregamente os bolos, caminhava em direcção do centro da cidade, seguido, sem que o soubesse, pelo agente.

Este ia radiante, e monologando:

Ah! meu patife! Mal sabes tu que vaes ser o meu perdigueiro, para que o meu tiro não falhe... E's um precioso auxiliar, e eu hei de mostrar-te mais tarde o meu profundo reconhecimento...

E Osorio ria-se satisfeito, fazendo já os seus calculos de que, sabendo onde Diogo se occultava, não o largaria mais até que pudesse pol-o em logar seguro onde elle não fizesse damno...

Mas, de repente, soltou uma exclamação de raiva e de despeito.

O garoto, parecendo que desconfiára de alguma cousa, começou correndo quanto podia.

Osorio, com risco de passar por doido, seguiu-o assim mesmo, quasi correndo, dando encontrões em todas as pessoas que encontrava.

Offegante, o agente conseguiu por algum tempo ir no encalço do garoto, mas este augmentou de ligeireza

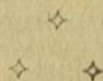
e dobrava as esquinas com tanta rapidez que Osorio perdeu-o completamente de vista.

— Maldito rapaz! bradou elle enraivecido. Como é que podes adivinhar que eu o seguia?

Mal sabia o esperto sergipano que era assim que Bento procedia todas as vezes, sempre cauteloso e desconfiado, para que ninguem pudesse acompanhá-lo, o que seria, sem duvida alguma, uma infelicidade não só para elle, como para o chefe da *Mão Negra*.

Osorio tentou ainda vêr se descobria o rapaz, mas não o conseguindo, praguejou colerico como um marinheiro quando está de máu humor.

Cansado, aborrecido, foi para casa, onde ficou o resto da tarde fazendo planos dos quaes esperava o mais seguro resultado...



A's oito horas da noite, Osorio, disfarçado como da primeira vez, entrava ousadamente na *Gruta*.

Lá estava o *Seriema* que, vendo-o, correu a abraçá-lo com effusivo transporte de amizade.

Sebastião cumprimentou tambem affectuosamente o seu antigo freguez, recémchegado do interior, d'onde escapára á sanha feroz de uma escolta assassina.

O agente, perfeitamente senhor de si, com a convicção do papel que representava, correspondeu aos cumprimentos do mulato, e abraçou o gatuno com equal intimidade.

— Julgava que não vinhas hoje, meu velho, disse *Seriema* batendo-lhe amigavelmente no hombro.

— Pois já sabes, por experiencia, que eu não sou ingrato. Os amigos verdadeiros não se esquecem com facilidade.

— Isso prova que és um bom companheiro. Então como vae a vida? Arranja-se alguma cousa?

— Muito mal. Por ora vivo apenas de rendimentos, mas estes acabam de pressa e preciso ir já pensando nos meios de adquirir os cobres...

— Não ha duvida. Todos temos obrigação de cuidar da existencia, e quem tem muito dinheiro ha de forçosamente auxiliar aquelles que não o téem..

— E' a regra do bom viver, e tolos são os que assim não comprehendem o mundo. Mas isto de dar á lingua, sem beber um cópo de vinho, não é das melhores cousas... Vamos esvasiar uma garrafa do *especial*?

— Isso nem se pergunta. Hontem eu perdi a aposta e tu tiveste a generosidade de pagar a despeza...

— Ora, não fallemos n'isso. São bagatelas, tanto mais entre velhos amigos e camaradas, como nós.

Osorio e *Seriema* sentaram-se a uma das mesas, e o mulato foi servil-os logo, com a presteza com que elle distinguia os bons freguezes que pagavam a sua despeza, immediatamente.

Depois de beberem uns góles de vinho, continuaram na conversação interrompida.

O primeiro a fallar foi Osorio, que, com ar alegre exclamou:

— Deixa-me dizer-te que eu não esqueço as promessas que me fazem, tanto mais quando ellas véem de pessoas que eu estimo. Portanto venho pedir-te que cumpras o que hontem me prometteste...

— Eu?! Não me lembro de cousa alguma.

— Ora essa! Não acredito.

— Palavrinha que não me recordo de haver promettido qualquer cousa... Mas, em todo o caso, o que disse está dito. Tenho só uma cara e um coração para os amigos...

— Isso sei eu. Por isso és estimado por quantos te conhecem e sabem dar-te o valor que realmente tens.

— Obrigado. Faço a diligencia para ser um homem honrado. Só allivio as algibeiras dos homens ricos, por-

que o pouco que os pobres possuem eu respeito e considero sagrado.

— Pensas e procedes muito bem. Na nossa profissão é necessario que sejamos *cavalheiros*.

— Apoiado. Mas o que foi que te prometti?

— Ora, parece impossivel não te lembrares! Disses-te-me que ias propôr-me para eu entrar n'uma sociedade onde se pôde ganhar dinheiro...

— Para a *Mão Negra*? perguntou *Seriema* em voz baixa.

— Acho que sim. Fallaste-me de que tratarias com o secretario para que eu fosse accedido, honra que não mereço, mas que devendo-a á tua boa amizade, farei toda a diligencia para ser digno dos meus companheiros...

— Ah! por ti eu respondo. Já sei que és um rapaz esperto, e em quem se pôde ter absoluta confiança. Hoje mesmo, se vier o secretario, serás apresentado e se agradares a elle e ao sr. Diogo, como estou certo, verás como serás feliz...

— Então ha muitos *negocios* bons?

— Alguns. E o chefe é generoso. Não faz caso de dinheiro quando a gente o serve com verdadeira dedicação... Principalmente quando se trata da medonha lucta em que elle anda empenhado, e da qual, mais tarde ou mais cedo ha de sair victorioso.

— Contra a tal familia?

— Sim. Mas a esse respeito, não digas por ora coisa alguma ao secretario. Elle é um homem desconfiado e recommendo-te o maior segredo sobre o que te disse. Mas já que tive a franqueza de pôr-te ao facto de tudo, é preciso que de modo algum me compromettas...

— Oh! podes estar descansado, meu rapaz! Já me conheces bem para saberes que eu não sou nenhum traidor...

— Bem sei, e por isso mesmo é que fui demasiadamente franco contigo.

Os dois *amigos* continuaram conversando e bebendo por espaço de duas horas.

A *Gruta* fechou as suas portas, ficando apenas alguns freguezes, uns dormindo, outros fallando em voz baixa, provavelmente sobre grandes patifarias . . .

De repente, alguém bateu á porta de uma maneira especial, ao mesmo tempo que assobiava.

Sebastião fez algumas perguntas que, sendo respondidas convenientemente, deram em resultado o ingresso de um novo personagem.

Osorio que havia prestado a maior attenção ás phrases trocadas entre o mulato e o recém-chegado, reconheceu immediatamente aquelle que tinha seguido de dia, e que entrára em casa da bruxa.

— Cá está o nosso secretario, murmurou *Seriema*.

E dando logo cumprimento á sua promessa, levantou-se e depois de saudar respeitosamente o *doutor* Silva esteve conversando com elle algum tempo.

Osorio não ouvia o que elles diziam, mas percebeu que tratavam da sua pessoa pelos olhares obliquos que lhe deitava o antipathico e repulsivo homunculo.

Sustentou, sem pestanejar, com a maior tranquillidade, aquelle singular exame, aguardando o resultado da conferencia, cuja demora começou a impaciental-o intimamente.

Afinal, o secretario dirigiu-se a elle, e, estendendo-lhe a mão com affectuosa superioridade disse-lhe:

— O nosso amigo *Seriema* acaba de dizer-me que você tem muitos desejos de entrar para a nossa sociedade . . .

— Se for possivel é um grande favor, pois estou bem necessitado de ganhar alguns còbres . . . Cheguei ha pouco a S. Paulo mas posso prestar alguns serviços . . .

— Pelo que me disse o *Seriema* você é um rapaz esperto, activo e de toda a confiança . . . Além d'isto eu já o conhecia de nome. Com toda a franqueza, suppunha-o morto, mas já que escapou das unhas da policia,

e está hoje aqui, livre de qualquer perseguição, não tenho duvida de o acceitar no numero dos associados . . .

— Muito lhe agradeço, e póde dispor de mim para tudo quanto lhe for util . . .

— Está bem. Póde considerar-se admittido e já não é pouco, porque eu não gosto de ter muita gente na sociedade. Quero poucos mas que sejam bons.

— Tem muita razão. E quanto ao meu prestimo só experimentando-me . . .

— Não faltarão occasiões. Quando precisar de você, mando-o chamar por intermedio do *Seriema*. Fica entendido?

— Sim, senhor.

— Muito bem.

E o *doutor* Silva, com uma grave importancia que fez ferver o sangue ao agente de policia, dirigiu-lhe secamente um gesto de despedida, e caminhou para os fundos da taberna, onde desapareceu.

Seriema, contente, approximou-se logo de Osorio e perguntou-lhe:

Então eu não te dizia que era só fallar com o secretario para que tu entrasses logo para a sociedade?

— E fico-te muito obrigado. Estou tão satisfeito que não será para admirar que eu tome hoje uma *chuva*, como ha muito tempo não tomava. Queres ajudar-me a beber algumas garrafas de vinho?

— Ora, que pergunta! Tens companheiro para isso sempre que quizeres.

O mulato trouxe mais da zurrapa que elle vendia por uma especialidade, e ao passo que *Seriema* e o falso *Tico-tico* bebiam fazendo brindes reciprocos, aquelle disse:

— Vou ter um serviço de que não gósto muito, mas emfim não ha remedio senão fazer as vontades ao secretario . . .

— E' cousa que se póde sair?

— Eu te digo. Elle pediu-me segredo, mas não te-

nho receio de que tu sejas capaz de dar com a lingua nos dentes...

— Pódes estar certo de que sou cego e mudo como um morto, quando é preciso...

— Bem sei, e por isso vou dizer-te de que se trata. Hoje apanhará um camarada de confiança do tal inimigo do nosso chefe...

Osorio estremeceu, e esteve prestes a soltar uma exclamação de surpresa que o trahiria a ponto de ficar irremediavelmente perdido.

— Teve, porém, a grande força de vontade para permanecer aparentemente tranquillo.

— E foi com a maior naturalidade que...

— Provavelmente elle vae pagar as favas pelo pântano!

— Isso não, mas não continuará a vigiar um rapazinho esperto que está ao serviço da nossa sociedade. Caiu na asneira de seguil-o, e com tal habilidade que chegou a descobrir alguma cousa, mas o chefe armou-lhe uma cilada em que elle caiu como um idiota...

— Foi bem feito. Merece um castigo exemplar...

— Ah! eu não lhe queria estar na noite...

— Então vae ser *liquidado*? O sr. Diogo é muito perigoso. Se houver apenas um indício de actividade no campo com toda a actividade porque sempre se trata de um crime de morte...

— Ora, deixa-se de asneiras, nós não somos crianças. O trabalhinho ha de fazer-se com toda a limpeza. E, segundo me parece, eu vou servir de guarda esta noite ao tal typo...

— Para quê?

— Eu sei lá... Estou esperando ordens...

— Do chefe?

— Não, do secretario. O sr. Diogo quasi nunca falla com a gente. Transmite as suas ordens por meio dos auxiliares...

— Então tem mais alguns?

— Tem. Depois do secretario, o homem de maior influencia e confiança é o Juca Velho...

— Ah! isso sim. Então está tudo muito bem organizado...

— Ainda tu não sabes da missa a metade...

— Até tenho orgulho de pertencer a uma sociedade tão importante...

— E deves mesmo orgulhar-te. Nem todos o conseguem. Não queremos muita gente, mas fazemos questão de que seja boa.

— Com certeza. Mas o secretario foi-se embora?

— Não. Está lá dentro no gabinete, conferenciando com Juca Velho.

Osorio calou-se.

E, embora não demonstrasse a menor preocupação, reflectia no melhor modo de salvar o pobre camarada do barão de Lacerda.

Que teria succedido?

Como era que Domingos, sendo activo, caíra n'uma emboscada?

E como tinha sido arranjada?

Todas estas interrogações fazia elle interiormente sem que pudesse encontrar uma resposta satisfactoria que o arrancasse á cruciante anciedade que o assoberbava.

No entanto estava decidido a lançar mão de todos os recursos para salvar mais uma desgraçada victima da terrivel sociedade a *Mão Negra*.

Não queria comprometter-se, porque isso prejudicaria muito o seu plano, que tão boa execução ia tendo...

Tendo conseguido fazer parte da sociedade, muito facil se tornaria a sua missão.

No primeiro ensejo favoravel, dava o golpe, para o que prepararia tudo em segredo.

Mas, mesmo que sacrificasse alguma cousa o seu projecto, em via de realisação, era mister livrar Domingos da morte.

Osorio, immerso nas suas reflexões, permaneceu por muito tempo silencioso e pensativo.

Seriema notou isso, e observou-lhe:

— Em que pensas, meu velho?

O agente de policia, fazendo *appello* a todo o seu sangue frio, sorriu-se e respondeu:

Ora, estou imaginando que o tal homensinho, que foi apanhado no laço, vae passar um máu quarto d' hora...

— Quem o mandou intrometter-se na vida alheia? Quiz fazer-se esperto, e soffreu-lhe as consequencias.

— Não ha duvida alguma que merece uma boa licção, que assuste os inimigos do nosso chefe. Quando elles souberem que perderam um dos seus melhores homens, hão de ficar nervosos e convictos de que nada fazem na lucta desigual que pretendem sustentar. Eu, se estivesse no caso d'elles, abriria o arco quanto antes...

— Nem isso elles pódem. O sr. Diogo ha de perseguil-os até na China, se elles para lá forem. Acredita-me: eu não queria ser inimigo do chefe, nem que me déssem quinhentos contos...

— Nem eu. Homens como elle, respeitam-se e estimam-se... Mas dize-me uma cousa, ó *Seriema*...

— Que é?

— Eu tinha muita vontade de conhecer o sr. Diogo. Não haverá um meio de vê-lo, mesmo de relance, só para satisfazer a minha curiosidade?

— Isso é difficil, mas talvez se lhe dê um geito... Verás que bello moço é elle, e com certeza has de apreciar-o logo...

— Eu já o estimo e considero, só pelo que tu me tens contado a seu respeito. Sempre admirei os homens superiores...

N'este ponto da conversação, o mulato, dirigindo-se ao *Seriema*, disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Espera-me um pouco, disse o gatuno ao agente

de policia. Eu vou fallar com o secretario, que me mandou chamar, e já volto...

E, dizendo isto, levantou-se e foi direito ao gabinete.

Osorio, impaciente de saber o que se tramava, certamente contra o desgraçado Domingos, receando que já fosse tarde para poder salvá-lo, esperou anciosamente que *Seriema* voltasse, e ao mesmo tempo reflectia:

— Que demonio! As cousas vão-se complicando de uma maneira extraordinaria. Que hei de fazer para arrancar a estes malvados o pobre camarada do barão de Lacerda? Nunca na minha vida me vi tão atrapalhado. A minha situação é critica devéras...

E apoz alguns momentos de profunda concentração, proseguiu:

— Algum meio hei de encontrar, nem que tenha de recorrer ao extremo de reagir, de revolver em punho, contra essa cáfila de bandidos. Vou destruir todo o meu trabalho, e talvez perder depois todo o ensejo de agarrar esse maldito Diogo... Mas tambem a vida de um homem honesto vale bem quaesquer sacrificios...

E disposto a ir até da violencia, arriscando a propria vida para salvar a de Domingos, o agente de policia continuou immerso nas suas reflexões.

Seriema voltou risonho, bamboleando o corpo, com o modo que lhe era habitual.

Logo que elle sentou-se na sua frente, Osorio, sem revelar a grande anciedade que o opprimia, exclamou:

— Vens contente? Aposto que acabas de ser convidado para algum trabalho rendoso?

— Enganas-te. Até não aprecio muito a commissão de que acabo de ser encarregado. Mas venho rindo das ideias estravagantes do secretario... E' um grande finorio aquelle sujeito...

— A physionomia d'elle não engana. Logo vi que deve ser fino como uma raposa velha...

— E acertaste. Chega muitas vezes a passar a perna ao proprio chefe...

Seriema calou-se.

Osorio pensava como devia proceder para que o seu amigo descobrisse alguma cousa o mysterio d'aquella conferencia.

— Oh! perdeste a vontade de beber, exclamou elle com um sorriso. Estás pensativo! Se tens alguma difficuldade em cumprir a incumbencia que te deu o secretario, pôde contar com o meu sincero auxilio. Os bons amigos são para as occasiões...

— Obrigado. O que vou fazer é muito simples, e além d'isso levo commigo mais tres companheiros. Em todo o caso não recuso o teu offercimento...

E, baixando a voz, em tom mysterioso, accrescentou:

— Vamos na Moóca, por causa do tal sujeitinho, que foi apanhado no laço...

— Ah! vaes fallar com elle?

— Sim, vou obrigar-o a contar-nos tudo o que sabe e por que motivo elle seguia o rapazinho, chegando a vel-o entrar na principal residencia do chefe. Depois... faremos com que elle fique mudo para que não possa fallar com outras pessoas...

Seriema concluiu a phrase fazendo um gesto de ameaça, ao passo que soltou uma risadinha malvada.

— Então elle está prisioneiro? Mas se gritar não corre o perigo de que alguém lhe acuda?

— Qual! Pode berrar á sua vontade, que perde o seu tempo. A casa é isolada e elle está em um subterraneo, que a policia já conhece, mas de que nunca mais se lembrou. E depois o negocio far-se-ha com a maior rapidez possivel. Queres vir connosco?

— Estou ás tuas ordens, respondeu logo Osorio, contendo a custo a sua satisfação.

— Bem. Então sae primeiro e espera-me na esquina da rua... Mas, vê lá, isto é uma prova da muita confiança que tenho em ti...

— Ora, até me offendes com tantas recommendações.

Bem sabes quem sou e portanto são escusadas as tuas palavras . . .

— D'aqui a pouco eu saio com meus companheiros, e tu terás occasião de assistir a uma scena interessante. Mas pága primeiro o vinho porque não estou hoje muito endinheirado. Outro dia pagarei eu . . .

Osorio, sem responder, levantou-se, dirigiu-se ao balcão, pagou a despeza ao mulato e saiu.

Logo que se viu na rua, respirou com força.

Estava oprimido, com a cabeça perturbada, numa afflictiva indecisão, sem saber o que devia fazer, em tão grave emergencia.

No entanto, era urgente tomar uma deliberação rapida.

Passando a mão pela fronte, deteve-se alguns momentos á esquina da rua, onde deveria aguardar a chegada de *Seriema* e companheiros, e murmurou por entre os dentes :

— Elle disse que o desgraçado Domingos estava em um subterraneo de uma casa para os lados da Moóca . . .

De subito occorreu-lhe uma ideia que lhe fez soltar uma surda exclamação.

— Não póde haver duvida . . . E' a mesma casa, onde esteve encerrada a sobrinha do barão . . . E o dr. Nobrega sabe onde é pelas investigações a que procedeu sobre aquelle acontecimento . . .

E depois de uma breve reflexão, continuou :

— N'esse caso não devo hesitar . . . Se elle chegar a tempo, melhor, senão será o que Deus quizer. Libertarei Domingos e, com o auxilio d'elle, prenderei os quatro bandidos.

E rasgando uma folha da carteira, escreveu a lapis algumas palavras, a luz fraca de um lampeão.

Depois, estugando o passo, quasi a correr, dobrou a esquina e foi a uma outra rua, no fim da qual rondava um soldado.

Dirigiu-se a elle, e, entregando-lhe o bilhete que

pouco antes tinha escripto, disse-lhe algumas breves palavras.

O soldado partiu apressadamente para o centro da cidade, procurando com a vista algum tilbury.

Osorio voltou o mais rapidamente possivel para o ponto que *Seriema* lhe indicára para o esperar.

Decorreram alguns minutos que o agente de policia aproveitou, não só para descansar da carreira que fizera, como tambem para coordenar as suas ideias, afim de prevêr qualquer hypothese inesperada que pudesse destruir o plano que formulára.

Por fim, *Seriema* e mais tres homens, sahiram da *Gruta*.

Passaram junto de Osorio, a quem o esguio gatu-no disse :

— Vem connosco, Chico . . .

E, voltando-se para os companheiros, accrescentou :

— Este é um antigo camarada, boni e esperto como poucos . . . Vocês são novatos no officio e por isso não o conhecem, pois elle pertence já á classe dos *veteranos*. Veiu agora de Minas, onde escapou milagrosamente de ser morto por uma escolta de soldados, uma sucia de patifes e de assassinos que imaginam que a vida de um cidadão, como nós, é cousa de pouco valor . . .

Cumprimentaram-se, pondo-se depois todos a caminho.

Divididos em dois grupos, distanciados para não causar suspeitas, andaram muito tempo, com passo rapido, e silenciosos como pessoas que alguma cousa preocupe sériamente.

Eram quasi onze horas quando chegaram á casa isolada onde iam succeder scenas, umas tristes, outras inesperadas.

Seriema bateu á porta de uma maneira particular, a qual abriu-se immediatamente, dando ingresso a todos.

Osorio, entrando, viu na sala dois homens, de má catadura, que estavam entretendo-se com um baralho de

cartas, jogando a bisca, ao mesmo tempo que saboreavam de quando em quando um calice de aguardente.

— Seis! exclamou mentalmente o agente de policia. Se tudo correr bem, como espero, é uma boa caçada.

Seriema, arvorado n'aquella occasião em chefe do bando perguntou aos que estavam na casa:

— Como vac o sujeitinho? Tem estado muito inquieto?

— Parece que dorme socegradamente, respondeu um delles, fazendo um esgar, que imaginava talvez ser um sorriso. A todas as perguntas que lhe fizemos não quiz responder... Encarava-nos com uns olhos furiosos, e retesava tanto as cordas que o prendiam, que quasi as quebrava. Mas nós tivemos o cuidado de o amarrar solidamente, de modo que o bruto, comprehendendo que eram inuteis todos os esforços, resolveu ficar manso como um cordeiro...

— Pois vamos vêr como elle vac de saude... Trago instrucções especiaes para o tratar com *todo o curinho*...

E, sublinhando estas ultimas palavras, *Seriema* soltou uma gargalhada, em que havia tanto de cinismo como de malvadez.

Houve um momento de silencio, durante o qual todos aquelles bandidos, excepto *Seriema* olhavam de soslaio para o agente de policia, com mal disfarçada desconfiança.

Osorio, fazendo que não percebia estes olhares, sentára-se n'um banco com a mais tranquilla naturalidade, como se já estivesse muito habituado a identicos acontecimentos, como um *hom veterano*, que era, segundo a phrase do seu *amigo* que tão calorosa e entusiasticamente o havia apresentado aos companheiros.

Intimamente, porém, estava deveras inquieto, comprehendendo quão difficil e critica era a sua verdadeira situação.

Envolvido em graves acontecimentos, não seria facil prevêr como acabariam, ouvindo combinações e vendo

preparativos contra um homem que lhe cumpriu salvar, a todo o custo, o astuto e energico agente de policia quasi perdia a calma e o sangue frio que até então nunca o tinham abandonado.

Mas, confiado nas consequencias do que elle tambem havia preparado, aguardava anciosamente o desenlace d'aquella comedia que podia terminar de uma forma tragica.

Seriema, com um ar de superioridade, que se tornava repellente em tão asqueroso individuo, disse para os outros bandidos:

— Vamos apresentar os nossos respeitos ao muito digno representante da familia Lacerda. Tu, Zé Bilontra, abre o alçapão.

E indicando dois dos miseraveis que o cercavam, proseguiu:

— Vocês ficam aqui para viajarem bem a casa, e qualquer novidade que porventura haja, avisem-me immediatamente.

Dizendo isto, *Seriema* desceu os carcomidos degraus que iam dar ao subterraneo, onde estivera a infeliz Dulce.

Dois bandidos seguiram-n'o, e Zé Bilontra, um typo imberbe, de physionomia cynica, magro e esfarrapado, ficou junto do alçapão.

Osorio, com a maior audacia seguiu o seu *amigo*, não se importando com o que murmuravam os miseraveis a seu respeito

— Quem será este sujeito? perguntou um em voz baixa.

— Não sei, respondeu outro. Mas o que te posso dizer é que não gosto da cara d'elle...

— Nem eu, confirmava o primeiro.

— Mas é amigo do *Seriema* que nol-o apresentou como um velho companheiro, retorquiu um terceiro.

— Póde ser, observava um dos infames, considerado pela sua grande experiencia e pratico do officio. Mas

querem vocês que eu lhes diga o que penso? Parece-me um policia disfarçado.

— Ah! se isso fosse verdade, desgraçado d'elle... Não ha nenhum que tenha a extraordinaria audacia de vir metter-se na bocca do lobo... Mas é possível que seja um traidor e devemos acautelar-nos com elle, e não o perdermos de vista.

— Decerto. E se sair certa a nossa suspeita, enterramos-lhe um palmo de aço no peito como premio da sua traição.

— E' o melhor que lhe póde succeder. Não gosto de vêr estranhos na nossa sociedade.

Osorio estava, portanto, n'uma situação perigosa que lhe podia custar a vida.

Mas, desprezando tudo, elle persistia em querer salvar o infeliz Domingos.

Elle estava amarrado a um canto do lobrego e infecto buraco onde o tinham mettido.

Osorio, oproveitando a escuridão, tinha conseguido approximar-se d'elle e dissera-lhe em voz baixa, com o mais habil disfarce:

— Coragem!... Soffra com resignação que a policia vae salvá-lo!

E, erguendo a voz, continuou dirigindo-se a *Seriema*:

— Este maroto tem cara de poucos amigos... Parece um bicho bravo quando cáe no laço...

— Depois de espinotear um pouco, elle fica manso. Vaes vêr...

E, dizendo estas palavras com o mais malvado cynismo, *Seriema* voltando-se para os outros dois bandidos que o tinham acompanhado até áquelle acanhado e sepulcral subterraneo, deu-lhes uma ordem em voz baixa.

Os miseraveis avançaram para Domingos e pozeram-lhe na cabeça um circulo de ferro, em cada um dos lados tinha uma móla, feita propositalmente para que, sem grande esforço, pudessem comprimir o craneo do infeliz.

Era um terrível supplicio, copiado rudemente da inquisição, de nefanda memoria.

Seriema, dando-se ares de juiz, collocou-se em frente de Domingos, e perguntou-lhe:

— Você está disposto a confessar quem foi que lhe disse, ou como é que soube, ser o rapazinho um auxiliar do nosso chefe, tendo ido para casa do vosso patrão só para saber o que lá se passava?

O mulato não respondeu.

— Ah! você começa com luxos, a querer fazer-se de mudo? Pois ha um meio excellente de fazer com que você falle até cançarmos de o ouvir.

E fez um signal aos dois miseraveis, os quaes apertaram as mólas com tal força que Domingos soltou um grito de dôr.

— Fallas ou preferes que te arrebente a cabeça?

Domingos, com o olhar desvairado, permanecia silencioso.

— Ah! você está caçoando? Pois vou abreviar o teu castigo porque nunca gostei de levar muito tempo a fazer uma cousa...

Osorio, que estava pallido e inquieto, percebendo que iam assassinar o pobre homem, por meio d'aquelle atroz e infame supplicio, interveiu:

— O' *Seriema*, desculpa-me intrometter nas tuas resoluções, mas parece-me que se póde obrigar este patife a fallar por uma outra fórma.

— Como?

— Se me dás licença, eu me encarrego d'isso...

— Não consegues nada, mas em todo caso pódes experimentar. Estes mulatos são de má raça... Preferem morrer a obedecer a uma ordem de um inimigo.

Osorio avançou para Domingos, e disse-lhe:

— Você deve cumprir os conselhos dos amigos. Está n'isso a sua salvação... Ora eu recommendo-lhe que falle... E' asneira revelar coragem para o soffrimento quando póde evital-o facilmente, respondendo ás

perguntas que lhe forem feitas. Um sacrificio faz-se quando é preciso e util... Comprehende o que eu quero dizer?

Domingos, fixando o agente de policia, reparou na singular expressão do seu olhar.

Lembrou-se das palavras que elle lhe havia dito momentos antes, e adivinhou que aquelle homem não podia ser um inimigo...

Estaria alli para o salvar?

Mas de que maneira?

Talvez elle esperasse socorro e quizesse apenas ganhar tempo.

N'essa consoladora esperança, respondeu:

— Pois bem. Como você me trata de outro modo, mais delicado, estou prompto a responder a tudo quanto quizerem...

— Bravo! exclamou *Seriema* entusiasmado, voltando-se para Osorio. Tens mais habilidade do que eu.

E dispunha-se a fazer um interrogatorio, com todas as formalidades, como se fosse realmente um juiz que necessitasse de ouvir o accusado para proferir com mais rectidão a sua sentença, quando um grande ruido, vindo de cima, o fez estremecer violentamente.

Ao mesmo tempo o *Zé Bilontra* que tinha ficado junto do alçapão, gritou com voz afflicta:

— Alerta, rapaziada. Venham depressa. Estamos perdidos.

Seriema subiu a escada rapidamente.

Os dois miseraveis seguiram-n'o logo com a mesma rapidez.

Osorio, voltando-se sorrindo para Domingos, disse-lhe em voz baixa:

— Eu não lhe disse? Está salvo. A policia cercou a casa, e está arrombando a porta.

Effectivamente succedia o que Osorio estava dizendo. A casa estava cercada por todos os lados, de maneira que os seis miseraveis quando tentaram fugir pelo

quintal, recuaram enraivecidos vendo scintillar as armas dos soldados que lhes impediam a fuga.

Lembraram-se de reagir, e, juntando-se, arrancavam as facas e garruchas que traziam occultas mas nem para isso tiveram tempo.

A porta acabava de ser despedaçada e innumerados soldados, com as carabinas apontadas, entraram precipitadamente na casa, atirando-se sobre os bandidos, que, surprehendidos, foram subjugados, com incrível rapidez.

O Dr. Nobrega, rodeado de numerosos agentes de policia, entrou logo depois dos soldados, e, vendo Osorio, que reconheceu apezar do disfarce, dirigiu-se a elle e disse-lhe quasi em segredo:

- Cheguei a tempo?
- Chegou. O homem está são e salvo.
- Aonde?
- No subterraneo.
- Foi um bom serviço.

Um quarto de hora depois os seis bandidos foram, no meio de uma grande escolta, para a cadeia.

Domingos, livre do horrivel supplicio a que estava condemnado, manifestava o seu profundo reconhecimento a Osorio.

Este não occultava a sua grande satisfação.

E, voltando-se para o Dr. Nobrega, exclamou:

— A sorte não me desampara. Sofri angustias terribes imaginando que não teria recebido o meu bilhete, ou que viesse tarde para fazer esta excellente caçada, salvando mais uma infeliz victima da maldita *Mão Negra*.

— Não perdi um minuto, respondeu o 1.º Delegado auxiliar. Dei immediatas providencias e pude, felizmente, chegar a tempo...

Momentos depois reinava o mais profundo silencio na lobrega casa onde já se tinham desenrolado tantos acontecimentos.

Mas, nas immediações, quatro agentes de policia, dos melhores, ficaram occultos para prenderem qualquer pessoa que se dirigisse áquelle ergastulo inventado pela terrivel *Mão Negra*.

MEDICO VICTORIOSO

Osorio, como é natural, ficou satisfeitissimo com o excellente resultado do seu plano.

Salvára a vida de Domingos, livrando-o ainda de ser suppliciado cobarde e atrozmente por aquelles malvados.

Além d'isso, o seu *amigo Seriema* e todos os seus *illustres* companheiros tinham sido apanhados em flagrante, o que constituia uma victoria para a policia.

Mas era preciso não descançar sobre os louros colhidos.

O principal ainda estava por fazer. Diogo, o chefe dos bandidos, podia continuar na perpetração de crimes, e a *Mão Negra* permanecia ameaçadora e poderosa.

Felizmente já conhecia o secretario, e depois a bruxa devia auxiliá-lo involuntariamente para a consecução de seus fins.

Logo que Domingos saiu do subterraneo, Osorio perguntou-lhe:

— Ora já que você se libertou d'aquelles patifes, deverá dizer-me como foi que deixou-se cair no laço.

— Eu vou contar-lhe tudo minuciosamente, e creia que eu mesmo estou admirado de ter sido victima da emboscada que me prepararam aquelles miseraveis.

— Está bem. Socegue agora o seu espirito, mas antes de fazer a sua narração, diga-me uma cousa, que é a mais importante de todas. Descobriu a morada de Diogo?

— Descobri.

— Onde é? perguntou Osorio com anciedade.

— Na rua da Esperança.

— Pois antes de ouvil-o, vou propôr-lhe que vamos immediatamente á casa d'esse heróe do crime.

— Estou prompto a acompanhá-lo.

— Com licença. Quero primeiro dizer algumas palavras ao sr. dr. Nobrega...

E Osorio conferenciou durante um quarto de hora com o 1.º Delegado auxiliar.

Este, visivelmente satisfeito, exclamou:

— Está bem. Continúe fazendo o que lhe parecer mais util e conveniente... Confio inteiramente em si.

— Obrigado, sr. doutor.

E, voltando-se para Domingos e para alguns [agentes, que escolheu, Osorio ordenou:

— Vamos. Mas dividimo-nos em tres grupos, para fazermos um trabalho bom.

E, caminhando adiante, ao lado de Domingos, seguido distarçadamente de seus agentes de policia, o astuto sergipano disse:

— Podemos ir conversando, pois assim o caminho nos parecerá mais curto. Conte-me agora como foi que caiu na emboscada em que quasi ia perdendo a vida... Estou ancioso de saber esse acontecimento, que deve ser devéras interessante...

— Eu mesmo admito a facilidade com que elles me conduziram para aquelle maldito subterraneo.

— Foi então raptado, como se fosse uma bonita donzella? perguntou Osorio rindo.

— Sim, raptado, é a pura verdade. E até tenho vergonha de que me succedesse esse facto, em que representei um papel de criança... O que não dirá o sr. barão quando souber tudo isto!

— Não se incommode com os commentarios ou as criticas de seu patrão. O mais esperto cáe n'uma armadilha... Elle mesmo, desconfiado e prevenido como anda,

não está livre de ser apanhado em qualquer *raloeira* que lhe arme a *Mão Negra*... Vamos, não se importe com o que possam dizer sobre a cilada de que ia sendo victima, e conte-me como foi que lh'a arranjam esses patifes tão habilmente capitaneados pelo terrivel Diogo, que é um bandido perigoso, da peor especie...

Domingos ficou por algum tempo silencioso. Por fim, disse:

— Eu tinha recebido ordem terminante do sr. barão para vigiar aquelle demonio do Bento, que é um garoto, esperto e velhaco, sob a apparencia enganadora de um bobo...

« O sr. barão recommendou-me muito que fizesse todo o possivel para não perder de vista o garoto, quando elle saisse, afim de saber onde elle ia, unico meio de descobrir-se o cobarde inimigo da familia Lacerda.

« Tratando-se de uma causa de tanta importancia eu jurei a mim mesmo que faria tudo para ter a honra de ser o primeiro a desvendar parte do mysterio que envolve a tão fallada e terrivel *Mão Negra*...

« Na tarde desse dia, Bento pediu licença para ir visitar sua mãe. O barão concedeu-lh'a logo.

« Eu sahi e esperei o garoto, disposto a segui-o, nem que tivesse de andar dia e noite atraz d'elle. Mas, na precipitação com que fui collocar-me no meu posto de vigia e de espera, esqueci de prevenir-me com alguma arma... Foi um grande erro, cujas consequencias foram bem ruins, e que poderiam causar a minha morte, se não fosse a providencial intervenção do sr. Osorio, a quem devo unicamente o estar ainda vivo... Por isso, creia que será grande e eterno o meu reconhecimento...

— Bem, adiante. Não fiz mais do que cumprir o meu dever.

— D'accôrdo. Mas arriscou-se muito, para me salvar. Devo-lhe, portanto, ser grato. Ora, pouco depois de eu estar occulto, á espera da caça, Bento saiu, alegre e assobiando, como se fosse dar um passeio.

« Eu, disfarçadamente, fui seguindo-o, mas, de repente o garoto deitou a correr, como se fugisse de um phantasma ou de um inimigo que o quizesse lançar em uma fogueira...

— Foi o mesmo que elle fez, quando eu tentei seguir-o. O patife escapou-se-me, como o passarinho voando atravez uma floresta...

— Ah! mas commigo enganou-se. Vendo que elle desaparecia, corri tambem, como um louco, sem me importar com a attenção que o meu procedimento despertava. Assim, não o perdi de vista. O maroto voltava esquinas de ruas, com uma rapidez assombrosa... Conheci logo que elle queria desnorrear-me. Saberá elle que eu o vigiava? Então, conservando sempre a maior distancia possivel, para não ser visto por elle, não o larguei mais, com a tenacidade de um caçador que persegue uma boa perdiz...

« Afinal, consegui o meu intento. Chegando á rua da Esperança, Bento olhou para todos os lados, e entrou em uma casa de simples e modesta apparencia...

« Eu occultára-me logo n'um botequim, para que elle não me visse. Depois, mais tranquillo e satisfeito, fui vêr o numero da porta onde elle entrára, e comecei indagando pela vizinhança quem alli morava.

« Disseram-me que era um moço, que suppunham ser empregado no commercio, pois raras vezes o viam, e só de manhã é que estava em casa e recebia alguns amigos...

« Calculei logo que devia ser o homem, esse temivel bandido, chefe da *Mão Negra*, que tanto mal fazia á familia Lacerda.

« Exultei de satisfação, e tive impetos de apresentar-me immediatamente a esse infame, e estrangulal-o, fazendo justiça por minhas mãos...

« Mas, pensando melhor, comprehendí que era uma loucura a minha idéia. Tendo descoberto a morada do homem, que até então se conservára incognito, envolvi-

do n'um mysterio impenetravel, era mais sensato e proficuo que contasse tudo ao sr. barão para elle dar logo os passos precisos afim de ser capturado o chefe dos bandidos.

« Contento com a minha descoberta, mas desejanco saber mais alguma cousa, esperando pelo menos que saisse o Bento, entrei n'um botequim, que navia perto, e dispuz-me a permanecer alli algum tempo, bebendo uma garrafa de cerveja.

« Não reparei que era espiado por quatro miseraveis que tinham observado tudo o que eu fizera, e que vendo o seu chefe em perigo, trataram logo de preparar-me a cilada em que cahi, como um bobo.

« O dono do botequim pertence tambem á quadrilha, pois foi elle quem representou o papel principal na farça que rapidamente arranjarão, como vae vêr.

« Quando eu saboreava o primeiro copo de cerveja, encostado ao balcão para poder assim vigiar a casa onde estava o garoto, entraram quatro homens, fingindo-se zangados uns com os outros.

« Pediram aguardente, e a um insuito mais grosseiro que um d'elles disse a um companheiro, com cara de facinora, este arrancou de uma navalha e atirou-se sobre aquelle que o offendera.

« Os outros intervieram, e pouco depois, armados todos de facas, juraram, sem grande algazarra, n'uma calma feroz que bastante me admirou, liquidar-se alli mesmo a questão que tinham tido.

« O taberneiro, fingindo-se muito assustado, exclamava :

« — Estejam quietos pelo amor de Deus. Não brigar para a rua. Se algum de vocês fica morto, a minha casa fica desacreditada...

« E, voltando-se para mim, muito afflicto, proseguiu com voz trémula;

« — D'aqui a pouco vem ahi a policia e vamos todos presos. Olhe! Se quer livrar-se de incommodos,

venha commigo. Entre no meu quarto que alli está garantido, eu lhe afianço... Quando terminar a briga, e forem todos para o xadrez, que é o mais certo, o senhor retira-se sem soffrer o desgosto de ir até á policia.

« Dizendo isto empurrava-me brandamente para o interior do botequim, introduzindo-me em um pequeno quarto, meio escuro, onde havia um catre, e diversos caixões de bebidas.

« Não me convindo envolver no conflicto, nem tão pouco ser preso, no meio da confusão que certamente ia dar-se, acceitei sem relutancia, e até com certo reconhecimento, o alvitre que o taberneiro me propunha e que supuz sincero, chegando a ter pena do homem que demonstrava grande afflicção.

« Mas logo que entrei no quarto, os quatro miseraveis, correndo uns apoz outros, como empenhados n'uma terrivel lucta, vieram de roldão parar onde eu estava, arrastando com elles o taberneiro que fingia fazer todos os esforços para os conter, impedindo-os que avançassem.

« Pensava eu no meio de me escapar d'aquelle chinfrim, quando todos, incluindo o dono do botequim, se atiraram a mim com uma rapidez e uma violencia incriveis.

« Quiz reagir, mas não pude. Cinco homens, todos robustos, seguraram-me brutalmente, e nem mesmo podia gritar porque tiveram o cuidado de me amoldaçarem.

« Comprehendi que tinha sido victima de uma cilada habilmente realisada, mas todos os esforços que empreguei para me libertar das mãos d'aquelles malvados, foram inuteis.

« Fui amarrado como um porco bravo quando é levado para o matadouro, e, immovel, amordaçado, considerei-me desde logo um homem morto.

« Esperava a todo o momento que aquelles miseraveis me esfaqueassem alli mesmo, mas fiquei bastante admirado quando, depois de conferenciarem em voz baixa, me collocaram dentro de um grande caixão vasio, no qual

puzeram a tampa, por cujas frinchas entrava o ar sufficiente para que eu não morresse asfixiado.

« Depois... não vi mais nada, mas senti que me transportavam para uma carroça que poz-se immediatamente a caminho.

« Não sei quanto tempo decorreu, porque o meu sofrimento era immenso, e ás vezes julgava que morria, n'uma afflicção medonha.

« Afinal, a carroça parou, e os mesmos miseraveis, tirando-me de dentro do caixão, levaram-me para o subterraneo onde o sr. Osorio me encontrou.

« Conservaram-me sempre amarrado, mas, felizmente, tiraram-me a mordaca que muito me incommodava.

« Ora veja de que maneira eu me deixei cair no laço que aquelles patifes arranjarão com infernal astucia e assombrosa rapidez... Ah! se encontro ainda o maldito taberneiro, garanto-lhe que hei de dar-lhe os agradecimentos do cuidado que mostrou ter por mim...

Osorio riu-se, e disse:

— Não tenha pressa. O dono do botequim irá fazer companhia aos que foram ha pouco para a cadeia...

— Isso não me satisfaz. Eu queria apanhal-o n'um logar solitario e dar-lhe uma sóva de facão até me cansar. Elle foi o principal canalha... armando-me aquella ratoeira onde cahi como um tatú... Tenho até vergonha de contar o que me succedeu...

— Deixe-se d'isso. De uma traição ninguem se livra... tanto mais n'um estabelecimento, e quasi no centro da cidade. Mas não estava mais ninguem no botequim?

— Estavam tres ou quatro pessoas, mas saíram logo que começou a tal briga, que não passou de palavras e de gestos, para me illudirem.

— Se o senhor tambem saísse immediatamente, era possivel que ficassem burladas.

— Fiz muito mal em não fazer isso, mas o maldito taberneiro agarrou-se a mim, afflicto, fallando na policia, em sangue, que aquillo era uma grande desgraça para o

seu negocio, e que ao menos eu me occultasse para não ir tambem no *rolo*, sem ter culpa... Soube illudir-me bem, o patife...

— Pois o que não tem remedio, remediado está. Agora está livre e illeso, graças a Deus, e vamos tratar da desforra... Creia que nem sempre esses bandidos serão victoriosos...

— Oh! Tenho essa esperanza. Eu estou prompto a fazer tudo o que fôr preciso, mesmo que me custe a vida...

— Não precisa tanto. A questão depende mais de astucia, tempo e paciencia...

— Pois eu preferia acabar com essa quadrilha a tiro ou de qualquer geito. Não comprehendo porque havemos de ter tantas contemplações com uns infames que não as merecem.

Osorio sorriu-se e não respondeu.

Decorridos uns dez minutos, chegou o grupo á rua da Esperança.

— Onde é? perguntou Osorio em voz baixa.

Alli, respondeu o mulato, indicando a casa onde vira entrar o garoto.

— Está bem. Procedamos com toda a cautela, e sem fazer espalhafato.

E, chamando os seus agentes de policia que o seguiram sempre, a certa distancia, deu-lhes algumas ordens que elles pozeram immediatamente em execução.

A residencia do temivel chefe da *Mão Negra* foi logo cercada.

Era impossivel que elle escapasse.

Passado algum tempo, appareceu o Dr. Nobrega, com uma força de soldados.

Pouco depois, presentes as respectivas auctoridades, deu-se começo á importante diligencia.

Osorio bateu á porta, com força, por diversas vezes. Como ninguem respondia, procedeu-se ao arrombamento.

Acabava de surgir a aurora, e foi á fraca luz matutina que Osorio, seguido de agentes, bem armados, invadiu a residencia de Diogo.

Mas, grande foi a sua decepção, quando, tendo percorrido todos os compartimentos, e depois de um exame minucioso, verificou que não estava pessoa alguma n'aquella casa.

O miseravel advinhára certamente as intenções da policia, e não esperára a sua visita!

O Dr. Nobrega, Osorio, e, principalmente Domingos, ficaram desolados.

— Que grande patife! murmurou Osorio enraivecido. Perdemos o nosso tempo e a esta hora deve rir-se, satisfeito do fiasco que fizemos... Oh! mas eu hei de agarral-o, custe o que custar.

— Que faremos agora? perguntou o 1.º Delegado auxiliar.

— Aproveitar o nosso trabalho o mais possivel... Já que não conseguimos prender esse maldito Diogo, demos ao menos busca na casa, porque talvez se encontrem papeis compromettedores, que nos dêem a saber os cumplices ou alguns planos criminosos, cujo conhecimento será, sem duvida alguma, da maior conveniencia...

— Tem razão. Procedamos a uma busca minuciosa...

O Dr. Nobrega, Osorio e mais dois agentes, dos melhores, começaram a revistar a casa, reunindo todos os papeis que encontravam.

Conseguiram obter alguns esclarecimentos preciosos, que lhes servisse para novas e mais proficuas diligencias?

E' o que brevemente saberemos...

No dia seguinte, Osorio que reflectiu profundamente sobre a melhor fórma de agir, com a maior segurança e

rapidez, em vista dos acontecimentos da vespera, que o obrigaram a modificar sensivelmente os seus planos, dirigiu-se ao gabinete do 1.º Delegado auxiliar, e comparecendo com este perante o doutor chefe de policia, esteve por muito tempo tratando do magno assumpto que a todos interessava, como era o aniquilamento da terrivel *Mão Negra*.

Era necessario não hesitar mais em recorrer aos recursos violentos, mas bem realizados, sem tibieza condemnavel mas tambem sem a menor precipitação que seria bastante prejudicial.

O chefe de policia e seu auxiliar concordaram, como era natural, com as idéias expendidas pelo astuto e activo agente, incumbido da difficil missão de destruir a sociedade de bandidos que até então fôra sempre victoriosa, gozando a maior impunidade, pelo grande mysterio com que soubera envolver os seus crimes.

Depois d'esta importante conferencia, Osorio retirou-se, seguindo immediatamente para casa da feiticeira.

Decorrido um quarto d'hora, pouco mais ou menos, sahia do posto policial de Santa Ephigenia um sub-delegado com um cabo e dois soldados que tomaram a direcção da Ponte Grande, parando perto da residencia da avó de Diogo, essa hedionda megéra que era a alma negregada da temivel *Mão Negra*, a que ella propria déra o titulo.

Osorio, resolutio e confiado na felicidade que até então o protegera, bateu á porta da negra que o recebeu sem receio nem constrangimento.

Era evidente que no espirito da bruxa não pairava a menor sombra de desconfiança, pois foi com certa alegria que exclamou, ao vêr o seu generoso cliente, que era tambem, como ella, inimigo acérrimo da familia Lacerda :

— Oh ! não o esperava tão depressa. Ha alguma novidade ?

Osorio, apparentando o mesmo modo sincero e sim-

ples com que já a havia tão habilmente enganado, respondeu :

— Infelizmente, não posso dar-lhe a noticia de que realisei a minha vingança, mas parece-me que tenho agora uma excellente occasião para a pôr em pratica, se a senhora me ajudar.

O olhar da negra brilhou com extraordinaria malvadez.

— Bem sabe que estou prompta a prestar-lhe o meu auxilio, se lhe fôr preciso, bradou ella com mal disfarçado enthiasmado. Que posso eu fazer para que consiga a sua justa vingança?

— Eu lhe digo. Minha mulher foi visitar a familia Lacerda...

— Para quê?

— Ora, para podermos mais facilmente satisfazer o nosso odio... porque, com toda a franqueza, tanto eu como ella temos tal raiva a essa familia que, sem nunca lhe termos feito mal algum, nos roga pragas, que não temos duvida em empregar todos os meios para que seja terrivel a nossa desforra...

— Muito bem. Isso prova que são pessoas energicas que não se deixam facilmente vencer pelo inimigo, pelo facto d'elle ser poderoso...

— Ah! a senhora não nos conhece. Somos incapazes de prejudicar quem quer que seja, mas quando nos offendem e prejudicam injustamente, não ha nada que nos faça recuar em defeza da nossa felicidade, ameaçada por uma familia ruim, de máus sentimentos...

A infame feiticeira não disse cousa alguma mas esfregou as mãos com visivel contentamento.

Osorio proseguiu :

— Para termos maiores vantagens, lembrei-me de que era conveniente approximar-nos do adversario para lhe vibrarmos o golpe no primeiro momento favoravel. Por isso minha mulher foi visitar essa maldita familia,

fazendo-se muito amiga d'ella para conseguirmos melhor os nossos fins.

— Bem lembrado, sim senhor! regougou a negra, fazendo um gesto de inteira approvação.

— Ora, esta nossa idéia deu excellentes resultados, pois, por uma casualidade extraordinaria, tenho agora uma excellente occasião de me vingar, sem o menor receio, e com uma rapidez que eu não esperava...

— Mas como? perguntou Thereza anciosa. Não comprehendo que feliz casualidade seja essa para que possa realisar os seus desejos, sem se comprometter.

— Espere. Tenha um pouquinho de paciencia que tudo saberá. Ora é preciso que lhe diga que estive já alguns annos no sertão, e, entre outras cousas, aprendi com um comrade meu, um caboclo intelligente, diversas receitas para certas molestias que os doutores não sabem curar completamente...

« Adquiri até alguma fama de curandeiro, e o povo da roça chamava-me o *medico victorioso*, pois não havia doença alguma que resistisse ás beberagens que eu receitava.

« Por este facto, os homens da medicina, humilhados pela sua ignorancia, e não podendo vencer-me por outro meio, perseguiram-me encarniçadamente, e, protegidos pelo chefe politico local, que tinha grande influencia, a ponto de fazer o que bem queria, conseguiram banir-me do logar onde eu era geralmente estimado.

« A familia Lacerda sabe tudo isso, e até o sr. Theodoro já uma vez se utilisou das minhas receitas, que o livraram de uma grave doença, ficando elle bastante admirado pelo resultado maravilhoso dos meus remedios, tão simples, e bem differentes dos que ordenam os medicos, verdadeiros especuladores que só querem prolongar as doenças para que elles e as pharmacias de seus amigos lucrem exorbitantes quantias.

« Na occasião em que minha mulher foi visitar a familia Lacerda, estava o sr. barão bastante incommo-

dado, e o irmão d'elle, sr. Theodoro, vendo Francisca, lembrou-se de mim, dizendo-lhe:

« — E' verdade. Porque não mandas chamar o Luiz Fonseca que conhece bons remedios que elle prepara n'um instante com algumas hervas? Elle é um homem intelligente e de toda a confiança. Já me curou uma vez e posso affiançar-te que vale mais do que muitos medicos...

— O sr. barão balbuciou algumas palavras de duvida e de receio, mas instado pelo sr. Theodoro, resolveu mandar-me chamar, aproveitando para isso a occasião de estar minha mulher presente.

« Ora a senhora percebe que eu tenho agora uma excellente oportunidade para me vingat d'aquelle patife que, apesar de velho e rico, ainda deseja mal aos outros que são mais dignos de serem felizes do que elle.

« Eu podia dar-lhe um veneno que liquidasse com elle rapidamente, mas não convêm fazel-o porque não estou para acabar os meus dias na cadeia.

« Confiado na sua bondade, e na sua promessa de que auxiliaria a minha vingança, venho pedir-lhe que me arranje ou me ensine uma beberagem qualquer que não o mate logo, mas vá pouco a pouco mandando-o para o inferno. Não sei se me faço comprehender...

A negra olhou fixamente para Osorio, com alguma desconfiança, mas vendo-o com o olhar incendiado pela co-lera, acreditou que elle estivesse realmente disposto a pôr em pratica aquelle crime, o que provava serem sinceros e vehementes os seus desejos de uma implacavel vingança.

Por isso, apoz alguns momentos de silencio, em que esteve reflectindo profundamente, exclamou.

— Pois bem, não tenho duvida em fazer-lhe o que me pede, mas é necessario proceder com muita cautela para não ser descoberto, e principalmente, haja o que houver, não me comprometta, porque eu apenas faço-lhe um favor...

— Oh! nada receie. Juro-lhe que guardarei eterno

segredo do grande serviço que me vae prestar. Seria até uma grande ingratidão da minha parte se revelasse alguma cousa em seu prejuizo. A senhora não tem n'isto a menor culpa. O responsavel de tudo sou eu. Mas póde ficar socegada de que eu saberei fazer as cousas de maneira que me sáia bem da... cura que vou fazer ao sr. barão...

« Em vista da recommendação que lhe fez o sr. Theodoro, elle não suspeita de mim, e eu vingo-me do mal que me tem feito e d'aquelle que ainda me deseja... Estou no meu direito. Não acha?

— Não contesto esse direito, e approvo o seu procedimento. Todo o homem energico assim faz. Só os cobardes se curvam perante os inimigos.

— Perfeitamente. Estamos de accôrdo sobre esse ponto. E quanto ao... *remedio* pôde dar-m'o já? Era um grande favor, pois hoje mesmo começarei pagando capital e juros ao sr. barão de Lacerda... Garanto-lhe que hei de pagar-lhe generosamente quanto lhe devo...

A infame bruxa levantou-se, foi a uma das cantoneiras e tirou um vidrinho que continha um liquido escuro.

— Aqui tem, disse ella entregando-o a Osorio.

E com um sorriso diabolico, acrescentou:

— Tenho sempre preparados no meu pequeno laboratorio remedios efficazes para todas as doenças. Este é de effeito demorado mas infallivel.

— E qual a dóse que devo dar ao *doente*?

— Oh! muito pequena. Bastam duas ou tres gotas por dia...

— Então leva muito tempo a produzir o effeito desejado?...

— Não, no fim de oito dias o sr. barão de Lacerda estará bom. Não soffrerá mais...

— Vamos vêr se consigo entretel-o com as minhas beberagens durante esse prazo. Minha mulher offerecer-se-ha carinhosamente para ficar lá alguns dias, não só

para tratar d'elle, como para fazer alguns pequenos serviços domesticos, e assim me auxiliará muito...

— E' boa idéia. Ninguem desconfiará e o senhor consegue completamente o que deseja...

— Mas diga-me uma cousa: os symptomas que apparecerem no doente, não causarão suspeitas que possam ser verificadas pelos medicos, a ponto de descobrirem o crime de envenenamento?

— Não tenha receio. Nada poderão descobrir... Elle cáe n'uma grande fraqueza, vae definhando-se dia a dia, sem haver symptomas alarmantes... E como é velho, attribuirão essa fraqueza á idade e aos desgostos, e nem por sombras se lembram de que elle está soffrendo o justo castigo que merece, applicado por meio d'esse veneno que é um preparado, composto de muitas cousas, e cujo segredo me pertence...

— Estou satisfeito e agradeço-lhe o grande obsequio que acaba de me fazer e pelo qual ser-lhe-hei eternamente reconhecido. Para o que lhe fôr util estou tambem inteiramente ao seu dispôr...

Thereza esfregava as mãos e revolvía os olhos, dominada por um sentimento irresistivel de intima satisfação.

— Agora peço-lhe dizer-me quanto lhe devo? perguntou Osorio tirando da algibeira das calças um maço de notas.

No olhar da megéra brillhou rapidamente a avidez e a ganancia, porque tudo o que ha de sordido e vil reunia-se n'aquelle character repellente e feroz.

— Dê o que quizer... O mesmo que da outra vez... Parece-me não ser demais! rosnou a negra, não desviando os olhos do dinheiro que Osorio conservava na mão.

— Ora essa! E' baratissimo, e tanto que de minha espontanea vontade augmento dez mil réis...

E, separando a quantia que queria, accrescentou ao mesmo tempo que a entregava á bruxa, cuja mão descarnada estava aberta soffregamente;

— Aqui tem trinta mil réis. E creia na minha gratidão... Eu virei participar-lhe o resultado do excellente *remedio* que acaba de me dar para o sr. barão de Lacerda. Que grande curativo eu vou fazer n'aquelle figurão!... Justificarei mais uma vez o titulo que, em tempos, me deram na roça, de *medico victorioso*... D'esta vez a victoria é importante, e não esquecerei que a devo, quasi inteiramente, ao seu generoso auxilio e á sua grande habilidade...

Dizendo isto, Osorio despediu-se affectuosamente da negra.

Mas no momento em que Thereza, visivelmente satisfeita, abria a porta para dar saída ao seu bom cliente e cumplice, um homem, de aspecto severo, empurrando-a com certa violencia, bradou-lhe:

— Hoje é dia feliz. A freguezia é escolhida e numerosa...

Apoz o recémchegado entraram rapidamente um cabo e dois soldados que, sem proferirem uma palavra, collocaram-se em volta da feiticeira.

Esta deu um grito de raiva, e, com as mãos crispadas, mostrando os dentes, como um animal feroz, perguntou com voz rouca e colerica:

— Que querem de mim?

— Dar-lhe uma morada mais digna e espaçosa do que esta, respondeu o sub-delegado de policia, soltando uma risada escarnekedora.

— Vem prender-me? bradou Thereza n'um impeto de indignação e de furia indescriptiveis. Mas com que direito? De que sou accusada?

— Temos muito tempo para conversar. Devo primeiramente tratar da sua installação, e dar-lhe ainda uma guarda de honra que a acompanhará á sua nova residencia. Veja que consideração me merece...

E, sempre calmo, sorrindo com bonhomia, o sub-delegado de policia, dirigindo-se aos soldados, ordenou:

— Levem essa mulher. Tratem-n'a com as atenções que merece.

— Não, eu não vou d'aqui sem me dizerem porque sou presa.

— Não tenha pressa que sabel-o-ha hoje mesmo. Agora vá andando, que esses homens têm serviço e não podem estar perdendo tempo.

— Não quero ir. Não vou, a não ser arrastada. E' um desafôro levarem-me assim, sem a menor explicação, berrou a feiticeira.

A auctoridade fez um signal aos soldados que agarraram na bruxa, conduzindo-a á força para fóra da casa.

Osorio, logo que viu entrar o sub-delegado de policia, fingiu ficar muito assustado, e saiu como quem fugia de um perigo.

Mas, assomando-lhe aos labios um sorriso ironico, atravessou a rua, e, encostando-se ao tronco de uma arvore, disse tranquillamente :

— Vou gosar o espectáculo de longe. A cara da bruxa é horrorosa. Está damnada!...

A negra segurava-se com extraordinaria força nervosa aos humbraes da porta, recusando-se a caminhar.

Os soldados, enraivecidos, conseguiram com muito custo arrancar-a d'aquelle logar.

Ella, porém, n'um verdadeiro ataque de loucura, atirou-se aos soldados, com unhas e dentes.

A lucta foi breve, e alguns soccos e pontapés, bem puchados, fizeram abrandar o genio feroz e terrivel da velha.

— Vamos, acabem com isso! Tres homens não podem com uma negra?! disse o sub-delegado de policia com voz imperiosa.

Os soldados, despeitados e enfurecidos com esta observação, agarraram brutalmente a prisioneira, e obrigaram-n'a a andar, empregando para esse fim todos os meios violentos de que, diga-se de passagem, elles usam geralmente, com a maior facilidade.

Apezar da sua furiosa resistencia, a maldita bruxa foi levada aos empurrões para a cadeia.

Osorio que até então tinha-se conservado impassivel, assistindo como méro espectador á prisão, dirigiu-se ao sub-delegado de policia a quem cumprimentou, dizendo-lhe:

— A negra é levada da breca! Não gostou nada da sua visita!

Ah! quando eu visito alguém, no exercicio das minhas funcções policiaes, não fica muito satisfeito...

— Outro tanto me succede, respondeu Osorio rindo. E muitas vezes preparo as cousas de maneira que os meus amigos de occasião, arrançados com grandes sacrificios, tornam-se meus fidagaes inimigos...

— Aquella maldita bruxa suppunha-o um bom cliente... Se ella adivinhasse...

— Deus me livre! Era capaz de me estrangular. Mas já que estamos aqui, não lhe parece conveniente darmos uma busca na casa?

— E' o que ia fazer. Queira auxiliar-me...

Os dois homens percorreram n'um instante a morada da feiticeira, não encontrando ninguem.

Lucia tinha saído, e demorára-se o bastante para não presenciar a prisão de sua mãe.

— Agora mando trancar a porta, e dar as providencias necessarias para que a casa fique guardada por um soldado.

— Não, não se póde fazer assim, atallhou rapidamente Osorio. A ratoeira deve ficar preparada para apanhar mais *alguem*, que é a caça mais importante. Deixe o resto por minha conta.

— Pois então seja feliz. Eu retiro-me. Precisa d'alguuma cousa?

— Nada absolutamente. Tenho tudo preparado para o restante do espectáculo, que é muito mais interessante.

O sub-delegado afastou-se. Osório encostou a porta o melhor que pôde, e foi para junto da arvore onde estivera pouco antes, murmurando:

— Tudo corre as mil maravilhas. Se conseguir o final da operação, posso vangloriar-me de ser, como disse á velha bruxa, um *medico victorioso*!

FIM DA TERCEIRA PARTE

THE HISTORY OF THE

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

... ..

OUARTA PARTE

O CASTIGO

I

O MATRICIDA

Osorio parecia aguardar acontecimentos mais importantes, e estava preparado para elles, com a paciencia e a sagacidade que o caracterisavam.

Espalhados em redor da casa da feiticeira, em diversos pontos relativamente afastados, numerosos agentes de policia estacionavam, como simples curiosos, ou caminhavam naturalmente, como quaesquer transeuntes, cruzando-se, em silencio, em differentes direcções.

Osorio tambem não estava inactivo, e, sempre attento, movia-se disfarçadamente, com a habilidade que o distinguia, ora procurando o nome de uma pessoa a quem desejava muito fallar, e que nunca existira, ora fazendo outras perguntas para justificar a sua permanencia n'aquella rua d'onde não lhe convinha retirar-se.

Felizmente, poudo travar uma insulsa e estravagante conversação com o sapateiro napolitano, a quem dias antes interrogára com o fim de saber quem morava na casa onde entrára o homem que elle seguira desde a *Gruta* até alli, e que sabia agora ser o secretario da terrivel quadilha de salteadores.

Esgotava o astuto sergipano todos os recursos da sua fértil imaginação para conservar-se na prósa com o brutal e estúpido sapateiro, quando viu uma mulata, bem proporcionada de corpo, parar em frente á casa da bruxa.

— E' ella! disse Osorio comsigo mesmo.

Era effectivamente Lucia que parára, surprehendida pelo facto de vêr a porta apenas cerrada.

Um angustioso presentimento a opprimiu logo.

Que succedera?

Sua mãe, sempre tão cautelosa e desconfiada, esquecer-se-hia de fechar a porta?

Era a primeira vez que se dava aquelle facto devéras estranhavel...

Perturbada, entrou na sala, e, não vendo ninguem, correu a casa toda, foi ao quintal, e por toda a parte encontrou tudo em ordem, mas no mais absoluto silencio.

Nervosa, agitada, prevendo um triste acontecimento, saiu e foi a uma vizinha que morava perto, e com quem se dava, afim de perguntar se tinha visto a mãe.

A vizinha era mulata escura, já quarentona, e vivia de costurar roupas para soldados que algumas vezes lhe pagavam com pontapés e pescoções quando ella exigia mais o cumprimento de promessas de dinheiro, as quaes, escusado é dizer, elles faziam com o firme proposito de as addiar indefinidamente.

Ao vêr Lucia, fez uma cara de hypocrita tristeza, e levantando os braços, n'uma attitude de comica indignação, exclamou:

— Ah! sôra Lucia, tive hoje muita pena de sua mãe. Que faria ella para ser tratada d'aquelle modo? Sempre se faz muita injustiça n'este mundo...

— Mas que lhe aconteceu? balbuciou a mulata tremendo.

— Pois *mecê* não sabe nada?

— Eu não. Cheguei agora mesmo de fóra, e muito admirada de vêr a porta aberta, entrei, procurei em toda

a casa e, não vendo minha mãe, vim aqui perguntar-lhe se sabia d'ella...

— A pobresinha foi presa...

— Presa?! exclamou Lucia dando um grito de terror.

— Sim. Ella foi levada á força por tres soldados que lhe batiam, empurrando-a com a *delicadeza* que elles costumam...

« Eu ouvi uns gritos e um certo rumor na rua, e vim espreitar... Fiquei admirada de vêr a sra. Thereza no meio de soldados, gritando que não queria ir para a cadeia, sem saber primeiramente os motivos da sua prisão.

— Valha-me Nossa Senhora! murmurou Lucia, pallida e afflicta. Que haveria para que a minha mãe fosse presa?

— Não sei. Quiz perguntar ao delegado, mas elle tinha uma cara tão feia e mostrava estar bravo, que, com franqueza, tive medo d'elle...

— Vou para casa, disse Lucia, cambaleando como se estivesse ébria. Não me sinto boa... Parece que estou suffocada...

— Quer entrar, ou que vá na sua casa fazer-lhe um cházinho de folhas de lorangeira?... E' muito bom. Isso é nervoso...

— Não, senhora. Obrigada. Isto passa, e preciso estar só para socegar o meu espirito e pensar no que hei de fazer para acudir a minha mãe. Tenho a cabeça tão perturbada que receio me dê algum ataque. Até logo, vizinha...

— Até logo, Lucia. E se precisa de mim, não faça cerimonia...

— Se precisar, chamal-a-hei...

E dizendo isto a mãe de Diogo regressou á casa, e sentando-se no canapé que havia na sala, rompeu n'um pranto convulsivo...

Passado algum tempo, mais tranquilla, murmurou:

— Presinto que vaee acontecer uma grande desgraça... E meu filho, onde estará elle? Quem sabe se a maldita policia descobriu alguma cousa e elle tambem está em perigo?! Oh! aquelles Lacerdas téem sido e hão de ser a nossa fatalidade!...

E continuou chorando, mas silenciosamente, sem poder reflectir na sua triste situação, nada resolvendo sobre o que devia fazer.

Estava afflicta, desorientada, e como andava doente, aquelle inesperado acontecimento fez-lhe um mal immenso.

— Meu Deus! dizia ella levando a mão ao seio. Não sei o que sinto... Parece-me que vou morrer!... Ah! se apparecesse Diogo, neste momento, como eu ficaria contente!

Estas palavras foram como uma verdadeira invocação, pois quando tinha acabado de as proferir, alguém bateu á porta, que ella tivera o cuidado de fechar, para poder chorar á sua vontade.

Lucia foi abrir, e soltou uma exclamação de jubilo, vendo Diogo que, pallido e sombrio, entrou rapidamente, perguntando:

— Onde está a avó? Preciso fallar-lhe já... As cousas vão pessimamente, e não ha um minuto a perder para que nos possamos salvar...

A mulata, assustada, com o olhar espantado, a respiração oppressa, deu um forte grito de terror e de angustia.

Só então Diogo reparou no estado de afflicção de sua mãe.

E, fulgurando-lhe no olhar um sinistro relampago, bradou com voz cava:

— Que tem? Succedeu aqui alguma desgraça?

Lucia quiz responder, mas não pode.

Suffocada, levou as mãos á garganta, n'um movimento de dôr e desespero, e cairia redondamente no chão, se Diogo não a amparasse, conduzindo-a para o canapé.

O energico chefe da *Mão Negra* lançou em redor um olhar feroz e desvairado, como se temesse vêr surgir diante d'elle algum terrivel inimigo.

Por fim, deixando sua mãe, percorreu toda a casa, com o revolver na mão, para ter a certeza de que não estava, ninguem occulto, pois uma subita suspeita lhe assaltára o espirito.

Depois de ter revistado todos os cantos, e vendo que era infundada a sua desconfiança, voltou, mais tranquillo para junto de Lucia que esforçava-se por serenar o seu espirito, embora soffresse physicamente uma dolorosa oppressão, cuja causa ella desconhecia.

A mulata peorára gravemente da enfermidade de que andava tratando-se havia um mez, em consequencia da angustia que a accomettera por prever uma grande desgraça, imminente sobre seu filho que ella idolatrava.

Diogo, vendo sua mãe pallida e afflicta, exclamou:

— Mas que succedeu? Peço-lhe que me diga tudo . . . O seu silencio infunde-me terror. Ameaça-nos algum perigo?

— Minha mãe foi presa . . . não sei porquê.

— Prenderam a avó? bradou o chefe dos bandidos. Mas conte-me como se deu essa prisão . . .

— Não sei, balbuciou Lucia com voz fraca. Eu não estava em casa. Quando vim ha pouco, encontrei a porta aberta, não a vi em casa, e, perguntando a uma vizinha, ella disse-me que um sub-delegado de policia com alguns soldados a tinham levado brutalmente para a cadeia, dando-lhe pancadas porque ella reagia . . .

— Ah! canalhas! rugiu Diogo com feroz expressão. Hei de saber quem é esse sub-delegado e elle me pagará.

— Meu filho, não faças nada. Fóge . . . Adivinha-me o coração que corres um grande perigo. A policia descobriu certamente alguma cousa, e não tardará talvez a apparecer por aqui . . . Fóge, enquanto é tempo.

Diogo estremeceu, e um relampago de furor brilhou-lhe no olhar.

— Mas não devo deixar vocemecê assim, fraca e doente, completamente só e abandonada.

— A vizinha trata-me. Olha, eu vou deitar-me... Talvez me faça bem. Ajuda-me... e depois fôge, não percas mais tempo commigo.

Diogo amparou sua mãe até o leito, onde eila deitou-se, mesino vestida, tremendo com febre, e com a physionomia alterada pelo soffrimento e pelo terror que igualmente a dominavam.

— Quer que eu lhe dê alguma cousa? Onde estão os remedios? perguntou Diogo com solicitude.

— Alli, sobre a commoda. Traz um vidro pequeno, com um liquido escuro, que hontem me receitou o medico, e que alliviará as dôres que soffro na cabeça e no peito... Dá-me uma colher d'esse remedio.

E Lucia, fechando os olhos, ficou silenciosa, offegante soltando alguns fracos gemidos.

Diogo apressou-se a obedecer, e, pegando no frasco que sua mãe lhe indicára, sem reparar o rotulo, procurou uma colher de chá, e, enchendo-a do liquido escuro, chegou-a aos labios de Lucia, dizendo-lhe:

— Beba... Vamos... Tenha coragem. Isso não é nada.

A pobre mulata, sem abrir os olhos, enguliu o conteúdo da pequena colher.

Mas, immediatamente, um forte estremezimento nervoso sacudiu o corpo da infeliz.

Depois, seguiram-se terriveis convulsões, sem que ella pudesse articular uma palavra.

Os olhos rolavam-lhe nas orbitas, os labios espumavam, os dentes entrechocavam-se, e grossas bagas de suor, frio lhe corriam da fronte, coberta de mortal pallidez.

Diogo, assustado, quiz accudir a sua mãe, mas o mal aggravou-se com tanta rapidez, que elle, desorientado, perdeu a calma que o caracterisava.

Lucia, n'um arranco de agonia, estendeu os braços, e com voz afflicta e lugubre, murmurou com grande difficuldade:

— Enganaste-te no remedio... E' o castigo... Eu vou morrer... e tu... meu filho... foge... salva-te... a fatalidade... persegue-nos... a todos...

— Mas que fiz eu? exclamou Diogo, dominado pelo terror. Será possível que lhe desse um remedio errado?!...

E só então lembrou-se de lér o rotulo que tinha o frasco...

Soltou um grito de angustia e de pavor, e, desvairado, bradou com intonação louca e medonha:

— Maldição!... Envenenei minha mãe!... Este vidro contém um dos mais poderosos venenos feitos pela avó!... Mas como estava elle sobre a commoda?

Mal tinha acabado de proferir estas palavras, ouviu um rumor de vozes, na rua, perto de casa, e pouco depois alguém batia fortemente na porta.

— Quem será? exclamou Diogo, como que despertando d'um immenso pesadello.

As pancadas na porta succediam-se cada vez com mais força, parecendo que queriam arrombal-a.

Ao mesmo tempo Lucia revolvia-se em afflictivas e cruciantes convulsões, que tinham chegado ao seu paroxismo.

O corpo inteiriçava-se-lhe, os olhos, desmesuradamente abertos e fixos em seu filho, começavam a vidrar-se, os labios, cobertos de espuma sangrenta, tremiam, mas, apesar do seu horrivel soffrimento, ouviu confusamente as fortes pancadas que percutiam na porta, com insistente violencia.

Tendo, n'um ultimo lampejo de razão comprehendido o perigo que ameaçava seu querido filho, esquecendo-se de si propria, fez um supremo esforço, e, soerguendo-se, com custo, balbuciou com voz debil e carinhosa:

— Deixa-me... fôge... é a policia...

A esta palavra, proferida com difficuldade por sua

mãe, Diogo estremeceu, dando um salto, como se fosse mordido por um reptil.

Lançou um olhar ferocissimo em redor de si, levando a mão ao revolver que tinha na cinta.

Correu para a porta, prestes a ceder aos violentos impulsos d'aquelles que gritavam com modo peremptorio e auctoritario :

— Abra! Senão arrombamos a porta...

Ouvia-se o ruido de armas e um sussuro de vozes, o que demonstrava que a casa estava cercada por numerosa força.

A imminencia do perigo fez com que Diogo readquirisse subitamente a sua indomavel energia.

Esquecendo sua mãe, que agitava-se no leito, nas vas-cas de uma horrivel agonia, o chefe da *Mão Negra* pensou apenas em salvar-se.

Mas como?

Urgia tomar uma repentina resolução.

Correu para o quintal e viu scintillar em volta do muro, que era baixo, as bayonetas dos soldados.

Estava perdido!

Resistir, seria uma loucura. Mataria dois ou tres, mas cairia indubitavelmente em poder da policia que, decerto, havia de tirar uma desforra terrivel.

O miseravel tremeu, e rangendo os dentes de raiva, como uma féra apanhada no covil, murmurou com voz cava e ameaçadora :

— Não... não quero que me apanhem... E' necessario que eu escape d'esta!...

O bandido correu a trancar as portas, e encostou-lhe alguns moveis, procurando por todas as fórmás fortificar-se para ter tempo de pôr em pratica o projecto de salvação que rapidamente concebera.

Depois, com felina agilidade, e servindo-se de uma mesa, sobre a qual collocou outra mais pequena, e sobre esta uns caixões e por fim uma cadeira, conseguiu assim

chegar ao madeiramento, que era visível por não ser a casa forrada.

Equilibrando-se sobre a trave principal, começou, com uma furia e uma precipitação nervosas arrancando as telhas, esforçando-se por fazer o menor ruído possível, e sem deixar cair alguma, que desse a perceber aos que empurravam a porta, o que estava fazendo.

Quando tinha feito uma abertura sufficiente por onde pudesse passar, Diogo elevou-se a pulso, e pôde assim respirar o ar livre!...

Logo que se viu no telhado, deitou-se, e, rastejando como um reptil, rápida e subtilmente, sem perder um segundo, alcançou o telhado da casa contigua, mais baixo meio metro.

Rasgando o vestuário, esfolando as mãos, em risco de cair, arrastou-se sobre tres outras propriedades.

Extenuado, mas sem perder a feroz energia que o caracterisava, agarrou-se a uma chaminé, e, occultando-se com ella o melhor possível, olhou para baixo.

Viu um quintal, completamente deserto.

Escutou attentamente, e, espreitando, murmurou com intima e profunda alegria:

— Esta casa parece deshabitada, e, como é de esquina, serve optimamente para que eu do outro, lado, d'onde a policia não poderá avistar-me, possa descer para o quintal. Mas como?... Ah!...

Esta exclamação foi causada pela lembrança de que, por uma felicidade inaudita, tinha na algibeira uma corda, cujo comprimento seria de cinco metros, mais ou menos.

— Estou salvo! bradou elle com enthusiasmo.

E, com indescriptivel rapidez, atou uma das extremidades da corda á chaminé, e arriscando-se a cair de uma altura, que lhe seria fatal, deixou-se escorregar...

Quando chegou ao outro extremo da corda, viu que estava distante do sólo uns tres metros,

Corajosamente, largou as mãos, tornando o corpo flexível para que a queda não fosse forte.

Não obstante, o baque fez com que elle ficasse atordado durante alguns minutos.

Reagindo, porém, recuperou logo a sua energia, lembrando-se do perigo que o ameaçava.

Saltou o muro, com as maiores precauções, e, a breve trecho, encontrou-se em uns terrenos, em aberto, que iam dar á Ponte Pequena.

Estava salvo!



Emquanto Diogo conseguia fugir audaciosamente, a policia cercava a casa, com grande aparato de força, e desenvolvendo a maior actividade para que não lhe escapasse um criminoso que tanto empenho tinha de prender.

Depois de bater á porta o dr. Nobrega ordenou que, ella fosse arrombada, com as formalidades legais.

Para cumprir estas, e fazer um cerco rigoroso, preparando-se para a eventualidade de uma lucta, pois decerto o terrivel bandido não se entregaria humildemente á prisão houve alguma demora que Diogo soube aproveitar bem como já vimos.

Depois de tudo em ordem, procedeu-se ao arrombamento.

Retirados os moveis que obstruiam a passagem, Osorio, com o revolver engatilhado, e seguido de agentes e soldados, entrou corajosamente na casa.

Mal tinha dado alguns passos, avistou as mesas e os caixões sobrepostos, e logo a abertura no telhado por onde Diogo tinha fugido.

— Oh! com seiscentos demonios! exclamou Osorio empallidecendo de raiva. O miseravel escapou... Não me lembrei do telhado.

— Que succedeu? perguntou o dr. Nobrega correndo para o grupo de agentes e soldados que tinham ficado a-parvalhados e boquiabertos.

— Olhe! disse Osorio, apontando para o telhado. O infame é mais esperto do que nós...

— Quem sabe se ainda o poderemos alcançar?!... Elle não póde estar muito longe.

E, dizendo isto, o dr. Nobrega correu para fóra, e deu novas ordens, que foram cumpridas com a maior presteza.

Correram agentes e soldados para todos os lados, e pouco depois descobria-se a corda pendente da chaminé.

Seguiram o rastro de Diogo, pelos vestigios que este havia deixado no terreno, mas pouco depois, ao chegarem a uma rua ficaram desorientados, sem saberem qual a direcção que elle tinha tomado.

Por mais minuciosas pesquisas e mais habéis investigações que fizeram, nada puderam saber.

O chefe da *Mão Negra* havia desaparecido, pregando um logro á policia, que tanto trabalho devia ter ainda para conseguir derrotar tão audaz quanto poderoso adversario.

No entretanto, Osorio e o 1.º Delegado auxiliar, percorrendo a casa da bruxa, tinham deparado com a pobre Lucia, que, estorcedo-se no leito, soltava angustiosos gemidos.

O dr. Nobrega mandára immediatamente chamar, pelo telephono mais proximo, o medico que estava de serviço na Repartição Central de Policia.

Mas de nada valeu o soccorro da medicina!

Pouco depois a desgraçada exhalava o ultimo suspiro e quando o medico chegou, só poudo verificar a morte, declarando que esta tinha sido causada por um forte veneno.

Tratar-se-ia de um assassinato ou de um suicidio?

Diogo, o infame bandido, mataria sua mãe?

Osorio encontrou, sobre a commoda, o frasco contendo o veneno, e a colher que havia servido, ainda com um resto do liquido mortal.

Isto provava que fôra Diogo quem dera o veneno a sua mãe, pois o medico declarou que a dóse ingerida pela infeliz fôra em tal quantidade que ella não poderia mais ir collocar o vidro e a colher sobre a commoda, que estava distante, n'outro aposento.

Estava provado, portanto, que o miseravel chefe da *Mão Negra* commettera o hediondo crime de matricidio.

Seria por engano ?

Ou teria a horrorosa idéia de assassinar sua mãe para que ella não fizesse declarações á policia, que pudesse compromettel-o.

Seria o cumulo da ferocidade, quasi inconcebivel n'um ente humano . . .

Mas, em qualquer das hypotheses, o que era indubitavel, é que Diogo, o temivel bandido, podia juntar aos seus *gloriosos titulos*, mais o de: matricida! . . .

VINGANÇA A' PORTUGUEZA

No dia seguinte, pelas nove horas da noite, tres homens conversavam em uma casa terrea, isolada, que havia então na rua Bresser.

Estavam tristes, abatidos, sentados no sólo, pois a referida casa estava completamente desguarnecida de mobilia.

Os nossos leitores conhecem muito bem estes tres homes, e decerto já adivinharam quem elles sejam...

Comtudo, cumpre-nos dizer-lhes que eram Diogo, Juca Velho e *doutor* Silva.

As physionomias d'estes miseraveis revelavam o desanimo que os dominava.

Estavam silenciosos, pensativos, machinando certamente mais alguma infamia, e receando ao mesmo tempo que tivesse chegado o momento do castigo.

Tremiam como uns cobardes, lançavam em redor olhares desconfiados, e, de quando em quando, faziam gestos de odio e de vingança.

O primeiro a quebrar o profundo silencio que reinava n'aquelle momento entre elles, foi Diogo, que disse com voz suffocada pela colera:

— Minha avó está na cadeia, e minha pobre mãe foi hoje enterrada, depois da autopsia que lhe fizeram... Antes de fugirmos de S. Paulo, é necessario que nos vingemos...

« A casa do barão de Lacerda está activamente vigiada pela policia, de modo que é impossivel, por agora, proseguir na lucta que tinha jurado contra esse velho idiota...

« Mas alguém d'essa maldita familia ha de morrer, para que eu vingue a morte de minha mãe.

« A unica que não é protegida pela policia é aquella a quem tiraste o manuscripto, Juca Velho, e que tambem pertence a essa raça dos Lacerdas. Será a victima que lançaremos, como um terrivel desafio, á face da policia que tanta actividade e esperteza está mostrando agora.

E, apoz uma breve pausa, o miseravel proseguiu:

— Nós tres fardmos isso, sem precisarmos de auxiliares que, no momento actual, só nos pódem ser prejudticiaes. Estão promptos a acompanhar-me?

— Isso nem se pergunta, sr. Diogo! exclamou Juca Velho, fazendo um gesto de resolução.

O *doutor* Silva limitou-se a fazer um aceno affirmativo.

— O nosso secretario, ponderou Diogo em ar de mófa, parece que perdeu a coragem. Nas situações criticas e perigosas é que se conhecem os homens...

— Eu sou sempre o mesmo, murmurou o infame homunculo. Mas, com franqueza, achava melhór que nos puzessemos a salvo da perseguição policial, em vez de irmos matar uma mulher que não concorreu, em cousa alguma, para os apuros em que nos encontramos. E' um crime inutil que nos poderá acarretar mais prejuizos do que proveito...

O olhar de Diogo brilhou com sinistra expressão, mas, contendo a colera que sentia perante aquellas observações do seu subordinado, distarçou o melhor que poude, e foi com intonação de zombaria que replicou:

— O nosso *doutor* está agora muito humanitario! Ou será antes o medo que é, geralmente, máu conselheiro e que o faz reflectir com tanto juizo e sensatez?!

Silva encolheu desdenhosamente os hombros, respondendo com certo azedume :

— Medo?! O sr. Diogo bem sabe que não sou medroso. Apenas me parece que, ultimamente, temos perdido o tempo, fazendo crimes, como esse de que se trata, que nada aproveitam á nossa sociedade...

— Isso é uma censura ao meu procedimento? bradou Diogo enraivecido. Acaso não tenho direito, como chefe, de fazer tudo o que me aprouver, sem ter de dar explicações aos que estão sob as minhas ordens?

— Ninguém lhe contesta esse direito, sr. Diogo, disse o secretario humildemente. Eu tenho sempre obececido e estou prompto a obedecer a tudo o que me ordenar. Mas tomei a liberdade de fazer uma observação por me parecer mais conveniente tratarmos, em primeiro lugar, de nos garantirmos contra a policia...

— Temos muito tempo para fugir para o interior. Mas antes de sair de S. Paulo quero deixar uma recordação á policia e á familia Lacerda que lhes fique bem gravada na memoria.

Houve um momento de silencio entre os tres bandidos.

Por fim, Diogo, mais tranquillo, embora volvesse, de quando em quando, sinistros olhares sobre o secretario que permanecia meditativo e cabisbaixo, exclamou:

— Bem. Não vale a pena dizer palavras inuteis... Vamos tratar do assumpto que mais me interessa agora...

E, baixando a voz, esteve muito tempo fallando com seus cumplices, que o escutavam attenta e silenciosamente...

*
* *

No dia seguinte, de tarde, a população de S. Paulo, ficou alarmada e attonita com a noticia, rapidamente propalada, e que se tornou o assumpto de todas as conversações, de um crime mysterioso e horrivel.

Uma senhora, viuva, que vivia na companhia de duas creadas, fôra assassinada na sua propria residencia, e a policia não pudera ainda descobrir indicio algum do criminoso ou criminosos.

Em bem tristes circumstancias somos forçados a apresentar aos nossos leitores a ultima irmã do barão de Lacerda, á qual, no decurso d'este romance, apenas nos referimos vagamente, por algumas vezes.

Mathilde Lacerda Rodrigues enviuvára havia uns dez annos de Arthur Rodrigues, brasileiro, natural da Bahia.

Por questões intimas de familia, ventiladas principalmente por seu marido, cujo procedimento não fôra muito correcto, como mais tarde saberemos, Mathilde não se dava com a familia.

Isolada, triste, e não tendo filhos nem possuindo avultados meios de fortuna, vivia modestamente.

O seu assassinato, como era de prever, causou a mais dolorosa impressão na sociedade paulista.

A policia poz-se immediatamente em campo, e o que mais intrigou foi o desaparecimento das creadas.

O chefe de policia, no dia seguinte ao do crime, recebeu pelo correio uma carta que o deixou, por alguns momentos, estupefacto e cheio da maior indignação.

Eis o que ella continha, n'um papel quadrado, grosseiro, escripto em grandes caractéres:

« A policia julgou-se muito depressa victoriosa
« contra a *Mão Negra*. O que dirá do mysterio-
« so assassinato de D. Mathilde Lacerda, a unica
« até agora incolume do odio justificado d'aquelle
« que mais uma vez demonstra que não receia o
« immenso poder da policia de S. Paulo?

DIOGO ».

— Que grande malvado! exclamou o chefe de policia, não podendo conter a colera que o dominava. Não

terei a felicidade de prender ou vingar-me, de qualquer modo, d'este scelerado?

E ficou, por algum tempo, passeando agitadamente no seu gabinete, immerso nas mais profundas reflexões.

.

Meia hora depois conferenciava secretamente com o dr. Nobrega, e com o astuto Osorio, que, de todos, era o que estava mais inquieto e nervoso.



N'esse mesmo dia, o 1.º Delegado auxiliar tomou as mais energicas medidas, em cumprimento de ordens superiores que havia recebido.

Para todas as estações da Estrada de Ferro partiram agentes, com instrucções reservadas e especiaes, autorisados a deter todo e qualquer individuo de quem suspeitassem.

Osorio, acompanhado de uma força de policia, deu inopinadamente um assalto na *Gruta*, esse medonho antro onde se planejavam tantos crimes, servindo igualmente para ponto de reunião da infame sociedade de bandidos, que a malvadez de Thereza fizera intitular *Mão Negra*.

Sebastião foi preso, e fez-se uma importante rusga em quantos faccinoras e vagabundos estavam n'aquelle momento na sordida taberna, que tão grotesca e pomposamente ostentava a taboleta com o titulo de *Restaurante Internacional*.

Osorio percorreu todo o immundo estabelecimento, descobrindo o celebre gabinete onde o secretario, o Juca Velho e outros patifes se reuniam para combinarem os mais terriveis crimes.

Infelizmente não poude encontrar nenhum d'esses *ca-beças*, que era, decerto, o seu maior empenho.

A *Gruta* foi fechada e toda aquella escuria apanhada na rede policial, foi conduzida para a cadeia.

Terminada esta diligencia, Osorio ia retirar-se, quando reparou n'uma velha que, de longe, em uma esquina, parecia estupefacta, demonstrando na pallida physionomia certa inquietação que não passou despercebida aos olhares penetrantes do astuto agente.

Disfarçando, com a sua reconhecida habilidade, Osorio não a perdeu mais de vista.

A velha, depois da escolta desaparecer, conduzindo a leva de prisioneiros, tomou uma direcção, mas, pelos olhares de desconfiança que volvia para todos os lados, parecia recear qualquer cousa.

— Quem será esta velha? murmurou Osorio seguindo-a a certa distancia.

Pouco depois, ella entrou em uma pequena casa, cuja porta fechou immediatamente.

O agente de policia reflectiu durante alguns momentos com a natural indecisão que perturba o espirito nos casos repentinos e inesperados.

— Estarei perdendo o meu tempo? murmurou elle aborrecido.

Mas decerto que alguma boa idéia lhe occorrera, pois transpareceu-lhe na physionomia uma subita expressão de grande contentamento.

— Oh! se fosse verdade, era uma sorte incrível, exclamou elle.

E, tomando uma resolução, dirigiu-se para a casa onde a velha tinha entrado, e bateu á porta, ao mesmo tempo que dizia mentalmente:

— Se fôr ella, devo reconhecê-la, apezar de nunca a ter visto... pelos signaes que me deu a sra. baroneza...

A porta abriu-se, e appareceu a velha, que lançou um olhar investigador sobre Osorio, a quem perguntou com evidentes signaes de enfado e de receio:

— Que deseja?

O agente, sorrindo, com a maior delicadeza, cumprimentou-a e disse:

— A senhora não é uma engommadeira que trabalha para uma familia moradora á rua da Liberdade?

— Não, senhor. Não sou engommadeira... Com certeza, está enganado...

— Perdôe-me, mas indicaram-me a sua casa...

N'este momento, apparecia por detraz da velha, uma outra mulher muito mais moça. Olhou para Osorio com curiosidade, e retirou-se logo, sem proferir uma palavra.

— E' ella, murmurou intimamente o agente.

E, conservando a maior impassibilidade, proseguiu:

— Admira-me que me dêsem o numero da sua porta, só pelo prazer de que eu fizesse esta caminhada...

— Pois sinto muito, replicou a velha com mau modo, mas eu não tenho culpa. Com licença...

E ia a fechar a porta, quando Osorio, interpondo-se atrevidamente, exclamou:

— Ah! deixe-me dizer-lhe o nome da familia que me mandou aqui...

— Mas que me importa saber isso?

— Absolutamente nada, mas quem sabe se a senhora a conhece e pôde fazer o favor de me dar algumas indicações para que eu desempenhe a minha missão...

A velha, já inquieta, vendo que Osorio ia entrando, com atrevido desembaraço, disse-lhe zangada, e n'uma attitude aggressiva:

— Faça o favor de sair, e deixar-me fechar a porta, senão grito pela vizinhança...

— Não gritará, estou certo, desde que eu lhe diga que venho aqui por ordem do sr. barão de Lacerda...

A velha empallideceu horriavelmente, e soltou um grito abafado de espanto e de terror.

Quiz fallar, mas não pôde; e começou a tremer, com o olhar fixo em Osorio que sorria, com um ar ironico e triumphante.

Passados alguns momentos, e diligenciando apparentar sangue frio, disse:

— Eu não conheço essa familia a que se refere, e não sei o que deseja . . .

— Eu explico-me melhor, atalhou Osorio, entrando definitivamente e ousadamente em casa da velha. Estou convencido de que vocemecê não conhece a familia do sr. barão de Lacerda, mas outrotanto não poderá dizer sua filha . . . Ora eu venho aqui, incumbido pelo sr. doutor chefe de policia, pessoa muito amavel, para que as leve á sua presença, pois deseja muito conhecel-as . . . Um convite, como este, é tão honroso que não admite a menor recusa . . .

Chorando e lamentando-se, Gertrudes e Ignez, pois eram ellas, como naturalmente já os leitores advinharam, foram conduzidas para a cadeia pelo esperto Osorio que estava devéras satisfeito pela sua boa fortuna . . .



Ao passo que em São Paulo, a *Mão Negra* começava a soffrer o justo castigo que merecia, Diogo, Juca Velho, o *doutor* Silva e outros bandidos conseguiram fugir para o interior, no firme proposito de continuarem nas suas criminosas façanhas.

Mas deixemos elles, por ora, para brevemente os encontrarmos, e vamos tratar de um acontecimento que era muito fallado em Campinas.

O infeliz João Venancio, logo que ficou curado, jurou que não descansaria emquanto não soubesse quem tinha sido o miseravel que lhe desfechara traiçoeiramente um tiro de espingarda, que o deixára desfigurado para toda a vida.

Saiu da Fazenda de Theodoro Lacerda, e atirou-se a uma vida errante, investigando, com o fixo pensamento de vingar-se.

Mas o tempo decorria e João Venancio andava constantemente pelas Fazendas e pelas pequenas localidades, sempre com o ouvido attento, sem que conseguisse saber o que tanto desejava.

Um dia, o acaso favoreceu-o. Caminhava por atalho triste, aborrecido, quando as vozes de duas pessoas que altercavam o fizeram parar chamando-lhe a attenção.

Os que discutiam acaloradamente estavam em um rancho, afastado uns vinte metros do ponto onde permanecia João Venancio, reflectindo sobre o que devia fazer, visto que não perdia occasião alguma para eumprir a missão de vingança que a si proprio impuzera.

Resolveu approximar-se do rancho com o maior cuidado.

Decorridos alguns minutos estava elle deitado no sólo, contendo a respiração, e escutando attentamente o que diziam os desconhecidos que pareciam muito zangados.

— Com os diabos! exclamava um, dando um murro n'uma mesa. Não me faça sair do sério, compadre!... Você bem sabe que eu não sou para graças, e não tenho medo de homem nenhum...

— Isso é prosa, redarguiu o outro encolerizado. Você tem feito das suas, mas á traição... Cara a cara você não teria coragem de bater n'alguns que eu conheço...

— A' traição!... Você faz-me perder a paciencia, compadre. Ninguem me insulta sem receber logo o troco... Quem foi o canalha que lhe disse isso? Vamos, diga tudo, senão...

— Olha, Chrispim, deixemo-nos de questões que é melhor... Ninguem me disse nada... Sei-o eu, e conheço a victima a quem tu feriste cobarde e traiçoeiramente...

— Eu?!

— Sim, você mesmo. João Venancio foi ferido por um tiro que você lhe disparou do matto... Você não teve coragem de lhe sair na frente... Sabia que elle não

era homem para brincadeiras, e como tinha medo d'elle, e queria vingar-se de *coisas velhas*, quiz matal-o á traição... Ora negue o que eu estou dizendo, se é capaz...

— Não nego cousa alguma... mas isso foi para obedecer a ordens que recebi... E demais não tenho que dar satisfações a você dos meus actos...

— Pois bem, mas é para lhe provar que não sou mentiroso quando faço uma affirmação... E como estou cansado, peço-lhe, compadre, que me deixe socegado... Outro dia trataremos do negocio que você quer á força fazer commigo...

— Voltarei amanhã, e então conversaremos com mais vagar... Você nada perderá com a demora... Boa tarde...

Começava a escurecer quando Chrispim saiu do rancho, enfurecido com a discussão que tivera com o compadre, um rachador de lenha, a quem elle queria obrigar a ser seu cúmplice n'uma grande canalhice que projectava, e que não podia realisar sem o concurso do honrado caboclo, que não estava pelos ajustes, nem que fosse preciso ir ás ultimas...

João Venancio, occultando-se, viu sair Chrispim, e, machinalmente levou a mão direita á garrucha que tinha na cinta.

— Não, murmurou elle, não farei o mesmo que elle fez... A traição é propria dos cobardes, e eu quero que elle saiba de quem vae apanhar...

E, pegando no cacete ferrado, com que viajava, como se fosse um bordão de peregrino, seguiu Chrispim, sem fazer o menor ruido...

Decorrida uma meia hora, approximadamente, n'uma volta do caminho, João Venancio surgiu, como um espectro, em frente do miseravel que recuou horrorizado.

— Conheces-me?! bradou aquelle, com furiosa expressão. Tens medo de mim? Se tenho a cara desfigurada é por tua culpa... Foi o resultado do tiro que me deste cobardemente... e agora venho dar-te os meus agradecimentos...

Chrispim quiz puchar pela garrucha, mas João Venancio não lhe deu tempo a isso, vibrando-lhe tão furiosa cacetada no braço que lhe fez soltar um grito de dôr...

— Podia matar-te á faca, a tiro, ou de qualquer outra maneira, mas prefiro a pau, bradou Venancio raivosamente. E' assim que se esmagam os reptis, e ao menos não me podes accusar de cobardia...

Chrispim procurava defender-se, pulando como um energumeno, mas o adversario era terrivel, e não lhe dava um momento de descanso...

Manejava o pau com grande habilidade, tinha uma força herculea, augmentada naquelle momento pela sêde de vingança, e era agil como um macaco.

Um quarto de hora depois, Chrispim, todo ensanguentado, estava cahido na estrada; e, no outro dia, de manhã, uns colonos que passavam por alli, a cavallo, ficaram aterrorisados, indo logo participar á auctoridade que tinham visto o cadaver de um homem, horripelmente desfigurado.

No entanto, João Venancio voltava para a Fazenda de Theodoro Lacerda, murmurando com intima alegria:

— Agora posso viver tranquillo, e trabalhar conforme puder... O miseravel que me feriu traiçoeiramente, deixando-me deformado para toda a minha vida, já recebeu a merecida recompensa... Foi bom ter aprendido a jogar o pau com o Manoel Lourenço, portuguez ás direitas, que tinha a cabeça tão dura como o pau que sabia manejar como poucos, mas que era um excellente coração... Posso gabar-me de que aproveitei bem as suas licções, e tanto que pude satisfazer os meus mais ardentes desejos, realisando uma *vingança a portugueza!*...

NO SAMBA . . .

Diogo e seus preciosos auxiliares, depois de commetterem o barbaro assassinato de D. Mathilde Lacerda, vendo que a policia procurava activamente os criminosos, e sabendo que Gertrudes e Ignez tinham sido presas, assim como o mulato Sebastião e todos os *habitués* da *Gruta*, deliberaram fugir de São Paulo, com o resto do bando que tinha escapado á furiosa e bem dirigida perseguição das auctoridades.

Escusado é dizer que attribuiam toda a responsabilidade ao chefe de policia e a seu auxiliar, dr. Nobrega, ignorando que deviam sómente a um homem, o agente Osorio, a vergonhosa derrota que aniquilára a poderosa *Mão Negra*, famosa sociedade, tão secretamente organizada, que elles julgavam invencivel . . .

Não podendo vingar-se do barão de Lacerda, e de sua familia, que vivia desconfiado de tudo e de todos, e sob a activa vigilancia policial, Diogo, sem, de modo algum, renunciar á sua implacavel vingança, convenceu-se de que não podia continuar em São Paulo, onde ficaria sujeito a uma repentina decepção que lhe custaria a liberdade, ou talvez a vida . . .

Os inimigos eram muitos, e por isso era conveniente ausentar-se por algum tempo . . .

Nos sertões commetteria tantos crimes que chamaria a attenção da policia; e, quando esta entendesse perseguil-o, elle regressaria a São Paulo, e, n'um salto de

tigre, prostará alguma victima d'essa familia poderosa, a quem jurára um odio de morte...

N'esta idéia, poude, a pé, sair da capital paulista, combinando com os seus homens, que iriam por diversos caminhos, um ponto de reunião.

Fôra este marcado n'um logar, perto de Cravinhos, onde a policia não podia facilmente perseguil-os.

Decorridas duas semanas Diogo chegava ao local aprazado para se encontrar com os seus companheiros.

Alguns d'estes já lá estavam, aguardando impacientes a vinda de seu chefe, em que depositavam a mais absoluta confiança.

Quando viram Diogo ficaram contentissimos, pois receavam que lhe tivesse succedido algum grave contratempo, visto que sabiam ser elle perseguido pela policia, com o maior encarniçamento.

No dia seguinte appareceu Juca Velho, distarçado de tropeiro.

Mais alguns bandidos vieram ainda juntar-se a esta terrivel quadrilha que se preparava para infestar o oeste de São Paulo, praticando toda a casta de crimes, os mais inauditos e abominaveis.

O ultimo que compareceu a esta *satecta* reunião foi o *doutor* Silva, que vinha extenuado, e com uma physionomia triste, onde transparecia, de quando em quando, sob uma apparente e falsa humildade, uma expressão de despeito e de raiva concentrada.

Diogo notou isso, e, embora se lhe encrespasse os labios n'um sorriso de malvadez, brilhando-lhe o olhar sinistramente, poude em tom zombeteiro e occultando os seus vingativos pensamentos, exclamar com bem fingida tranquillidade:

— Ora estavam todos lamentando a falta do nosso secretario, suppondo que elle, constricto e arrependido, tivesse ido para algum convento, e eil-o que apparece a animar-nos com os seus conselhos e com a sua agradavel presença...

Uma unisona gargalhada dos bandidos acolheu estas palavras do chefe.

O homunculo não gostou da caçoada, mas com a sua costumada hypocrisia, não se mostrou agastado, respondendo com um sorriso de agradecimento:

— O sr. Diogo é muito bondoso, a ponto de descobrir virtudes que eu não possuo. O arrependimento nunca me levaria ao excesso de tornar-me frade, para passar o resto da vida jejuando e encerrado n'uma grande prisão...

— Outros diziam, continuou Diogo no mesmo tom jocoso e motejador, que o nosso incomparavel e insubstituivel secretario, fascinado pelo brilho das fardas, e no engodo de pingues recompensas, tinha passado com armas e bagagem para o campo inimigo! A policia lucrava um valioso auxiliar, e nós perdiamos um excellente companheiro...

— Aquelles que pensaram tal disparate, replicou o homunculo com azedume, além de serem tolos demonstram grande dóse de patifaria... E' porque eram capazes de fazer o mesmo ou peor, se isso lhes conviésse, pois é bem certo o ditado: *quem mal usa mal cuida*...

O chefe da *Mão Negra* mordeu os labios a ponto de fazer sangue, e calou-se.

.....

Passados alguns dias começaram, n'aquella zona, a circular boatos aterradores de que andava por alli uma terrivel quadrilha de bandidos, sob as ordens de um tal Diogo, cuja audacia era igual á sua malvadez.

A sua carabina estava sempre prompta a matar qualquer pessoa, comtanto que o mandante pagasse bem...

Nenhuma consideração humana o prendia: a victima indigitada podia ser um homem honrado, chefe de numerosa familia que ficaria na miseria se elle faltasse.

O mercenario assassino, com o maior sangue frio, contava o dinheiro que algum miseravel lhe dava para a

perpetração do crime, com a mesma tranquillidade como se acabasse de fazer um negocio licito...

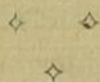
E no dia seguinte, se pudesse, ou mais tarde, a sua carabina alvejaria certamente o desgraçado, cuja condemnação havia sido lavrada por algum inimigo, cobarde e infame, que pagava generosamente a Diogo aquelle assassinato, como se paga a um magarefe por abater uma rez brava, que investisse na campina contra todos aquelles que lhe passassem perto...

Mas, esse execravel assassino que semeava a morte, com o sorriso nos labios e os olhos fixos no dinheiro, não esquecera a vingança que jurára contra a familia Lacerda.

— Oh! eu matei minha mãe, por uma fatalidade! exclamava elle nos seus momentos de furor. Que me importa a vida dos outros?! Serei amaldiçoado por muitos, mas serei tambem temido por todos... E' uma gloria como outra qualquer. Não deverei, porém, deixar-me cegar pela vaidade do meu immenso poder, tornando-me celebre, não só para os contemporaneos como até para os vindouros, desprezando um juramento que tantas vezes fiz a mim da minha vida, que decerto será longa, porque sou moço, e sinto-me forte e robusto...

E com este pensamento fixo, veio de terra em terra, espalhando por toda a parte o terror, approximando-se da fazenda de Theodoro Lacerda.

— Se elles já tivessem regressado para a Fazenda, murmurava elle com feroz jubilo, é que seria uma excellente occasião de tirar uma esplendida desforra. Mas contentar-me-hei com o pouco, e mais tarde — quem sabe?! — poderei concluir a minha vingança!



Uma noite, pelas 10 horas, na Fazenda de Theodoro Lacerda os empregados e os colonos dormiam tranquillamente, fatigados dos arduos labores da lavoura, emquanto uma duzia de negros e algumas negras se divertiam perto de uma fogueira, dançando e bebendo com ruidosa alegria, ao som monotomo e cadenciada do batuque.

Era um *samba*, festa que lhes é peculiar e agradável, principalmente quando querem commemorar a data gloriosa, e para elles inesquecível, de 13 de Maio.

Animados pela cachaça, cujo garrafão corre de bocca em bocca, n'uma promiscuidade natural n'aquelles momentos, não param um minuto sequer no seu invariavel movimento physico...

Incançaveis, ébrios de entusiasmo e de aguardente, batem as palmas, cantam com voz rouca, pulando, gesticulando, n'um continuo palmilhar que só termina quando rompe a aurora.

As negras, saracoteando, acceitam e retribuem corajosamente as mais fortes umbigadas que são o caracteristico da dança.

De quando em quando alguma negra velha traz o café, chamando com voz esganiçada, que apresenta umas intermittencias roucas, de baixo profundo, os seus mais affeioados para que saboreiem, em canecas de diversos tamanhos ou em chicharas sem azas, de todos os feitios, a aromatica infusão da preciosa rubiacea...

Mas nem assim mesmo pára o batuque; substitua-se embora o tocador, o couro retezado d'aquelle tambor improvisado e original, quasi semelhante ao tabaque dos indios não póde ficar em repouso um só minuto.

Parece que o som aspero e monotomo d'aquelle selvagem e primitivo instrumento mantém inalteravel o entusiasmo delirante dos dançarinos, dando-lhes elasticidade ás pernas e força aos umbigos que se embatem furiosamente, n'uma verdadeira lucta homerica em que outro qualquer sairia vencido, soltando sentidos queixumes...

E de quando em quando lá surge um verso improvisado, que rima á força, por falta de syllabas, e que é recebido com palmas, produzindo um sapateado ensurdecedor, que só diminue quando outro quer tambem patentear a sua veia poetica.

A's vezes uma negra mais dengosa sáe um pouco da róda, e, remechendo-se dos pés á cabeça como se estivesse sob a acção immediata de uma pilha electrica, vem egualmente com o seu descante provocar algum preferido que se contorce de alegria, pulando, em attitudes grotescas, para demonstrar a sua agilidade verdadeiramente espantosa...

E assim vae o *samba* até madrugada, deixando extenuados, mas cheios de satisfação, todos os que n'elle tomaram parte.

.....

Estavam, pois, os negros divertindo-se, no auge do entusiasmo, quando appareceram dois cavalleiros que apearam-se, e, sem dizer uma palavra, ataram as redeas dos animaes n'uma cerca proxima e avançaram para o grupo dos alegres camaradas que, apezar de já estarem embriagados, estranharam tão inopinada apparição.

O mais novo dos cavalleiros, trajando com simplicidade, mas com uma certa elegancia, cumprimentou todos com desembaraço dizendo :

— Boa noite, rapaziada. Não interrompam por minha causa o seu divertimento. Eu e o meu companheiro só desejamos descançar um pouco, e beber alguns góles de aguardente que decerto não me recusarão...

Os negros saudaram os recémchegados, e offereceram-lhes logo o garrafão da cachaça e uma tigela, para que servissem á vontade.

Diogo e Juca Velho, pois eram estes dois miseraveis que haviam interrompido o *samba* por alguns momentos, sentaram-se n'um escabello que uma negra velha lhes

trouxera com respeitosa delicadeza, e beberam tranquilamente.

Os mais ébrios, sem darem maior importancia aos recém-vindos, continuaram no seu favorito divertimento; mas alguns, mais edosos ou mais sensatos, tiveram uma vaga desconfiança d'aquelles dois nomens armados de carabinas e de rewolvers, que em noite escura, surgiam abruptamente na Fazenda, sem darem a menor explicação.

E, conferenciando rapidamente entre elles, em voz baixa, deliberaram indagar quem eram aquelles desconhecidos e o que queriam.

Foi designado um para proceder a essa indagação, não só por ser o mais esperto, como pelos actos de coragem de que por diversas vezes déra provas.

Os outros, embora dispersos, para não despertarem suspeitas, combinaram estar promptos e prevenidos para acudir ao seu companheiro, caso houvesse algum conflicto.

Diogo comprehendeu do que se tratava, vendo os negros conversando com a maior reserva, mas continuou sentado com impertubavel calma, mostrando apreciar com o maximo interesse o *samba* que proseguia com grande entusiasmo.

Quando o negro, commissionado pelos companheiros avançou, Diogo recebeu-o com um sorriso cheio de affabilidade, e foi o primeiro a dirigir-lhe a palavra, dizendo com affectuosa alegria:

— Vocês sabem divertir-se!... Gósto immenso de vêr como dançam, com graça e agilidade, depois de um dia de trabalho!... Ah! os patrões nem sempre sabem reconhecer quanto vocês valem!... Sempre obedientes, sacrificando a vida a todo o momento por elles, só téem estes curtos instantes de alegria, que não compensam uma vida trabalhosa e honrada, em que mal ganham para comer. Não é verdade?

O negro, lisongeadado com estas palavras, sorriu-se e respondeu:

— O senhor falla muito bem, mas nós somos felizes pois não temos queixa do patrão. Elle é bom para nós, paga-nos razoavelmente e não se importa que a gente se divirta sempre que queira...

— Pois isso é uma invejavel felicidade... Nem todos pódem dizer a mesma cousa de seus patrões.

Houve um momento de silencio.

O negro, não querendo perder a occasião de começar as suas indagações, perguntou:

— O senhor não conhece o dono d'esta Fazenda?

— Parece-me que não... Como se chama?

— Sr. Theodoro de Lacerda.

— Ah! tenho ouvido fallar d'elle. Não é irmão do sr. barão de Lacerda?

— E' sim senhor.

— Pois já me disseram algures que era muito bom homem, mas não tenho a honra de conhecê-lo pessoalmente...

Então não é d'estes sitios?

— Quem? Eu?

— Sim...

— Não. Eu sou do Paraná. E a minha vida é errante como a de um cigano... Mas, graças a Deus, não procedo como elle... Trabalho e ganho o meu dinheiro muito honradamente...

— Anda negociando?

— Tal qual. Compro e vendo animaes... Sou tropeiro, mas onde sou muito conhecido é no oeste de São Paulo, e em Sul de Minas, onde faço as minhas transacções...

— Mas agora resolveu vir até aqui?

— Ah! recebi uma carta de um fazendeiro d'estes logares propondo-me a venda de uma pequena trópa, com taes vantagens que decidi vir fallar com o homem, para vêr se fazemos negocio...

— Mas esse fazendeiro é perto d'aqui?

— Com franqueza não lhe posso responder, pois estava até com idéas de lhe pedir o favor de me dar in-

formações a respeito. Indicaram-me um caminho, e como anoiteceu, continuei avançando sem ter quem me guiasse. Acho que me perdi, e vendo de longe esta fogueira, e as vozes alegres da rapasiada, dirigi-me para aqui, não só para descansar um pouco, como para esperar os meus camaradas que vêem atrasados. O que sinto é tel-os perturbado um pouco no seu divertimento...

— Oh! não senhor! creia que não nos incommodou em cousa alguma, e se quer utilizar-se do meu prestimo, estou inteiramente ás suas ordens.

— Agradeço-lhe muito, e acceito, pedindo-lhe apenas que me indique o melhor caminho para a Fazenda do sr. Negreiros...

— Ah! é o sr. Negreiros quem o mandou chamar? Elle tem effectivamente alguns animaes para vender. Pois, meu senhor, é muito perto d'aqui... talvez pouco mais de meia legua. Eu lhe ensino um caminho que não tem *errada* nenhuma...

— Quando chegarem meus camaradas, se é que elles não se perderam tambem, indo ter a outro logar, eu acceito o seu favor.

O negro, livre já de apprehensões, continuou conversando com o *tropeiro*, sem a menor reserva, e até alegremente.

Os companheiros vendo que a conversa tornára-se amistosa, e comprehendendo o signal que o seu emissario lhes fizera, deixaram todas as prevenções e atiraram-se ao *samba* com saudoso phrenesi.

Era um grande sacrificio que estavam fazendo, não participando tambem da sua dança favorita, vendo as negras rebolarem-se jubilosamente ao som do interminavel batuque.

Diogo, sorrindo imperceptivelmente, comprehendeu que tinham cessado as hostis desconfianças dos poucos negros que ainda não estavam ébrios, e resolveu aproveitar o ensejo favoravel para saber o que desejava.

Foi, por isso, com naturalidade e bonhomia, que

perguntou ao seu interlocutor que se julgava ser o mais esperto do grupo que pulava agora furiosamente, para recuperar o tempo que tinha perdido:

— E' verdade: quem sabe se o seu patrão, o sr. Theodoro Lacerda, tem tambem animaes para vender? Eu aproveitava a occasião de estar aqui para fazer algum negocio com elle... Esperava que fosse dia e ia cumprimental-o...

— Ah! não póde, meu senhor.

— Porquê?

— Porque o sr. Theodoro não está na Fazenda.

— Mas demorar-se-ha muito? Caso venha amanhã ou depois, passarei aqui na volta...

— Elle está em São Paulo, e não sei quando virá, mas estou certo de que demora-se ainda muito tempo lá na capital...

— E não deixou aqui pessoa de familia, que o represente para fazer-se algum negocio?

— Não, senhor. A familia foi tambem para São Paulo. Mas ficou na Fazenda um empregado, encarregado da administração... Se quizer fallar-lhe...

— Não. Um empregado não terá provavelmente auctorisacção para fazer transacções importantes...

— Tambem me parece, concordou o negro.

Diogo calou-se, e reflectiu:

— Já sei que, infelizmente, não está na Fazenda nenhum Lacerda. Era uma boa occasião para fazer ao mesmo tempo um *trabalhinho* completo. Paciencia... n'outra vez serei mais feliz. Por hoje deixarei apenas uma boa recordação...

Por alguns momentos tanto elle como o negro conservaram-se silenciosos.

Juca Velho, mostrando-se alheio a conversação, bebia aguardente e parecia attento no *samba*, que proseguia com inalteravel enthusiasmo.

Diogo, levantando-se, exclamou:

— Já descansei o sufficiente para seguir a minha

viagem. E agradeço-lhe as informações que me deu. Se alguma vez precisar do conhecido tropeiro Chico Jeronymo, creia que estou prompto para o servir...

— Muito obrigado, senhor, respondeu o negro, tirando o chapéu. Eu chamo-me Marcellino e para pouco présto, mas estou ás suas ordens. Quer que lhe indique o caminho para a Fazenda do sr. Negreiros?

— Se faz favor... Mas a noite está escura, e tenho receio de novamente me perder...

— Eu acompanhal-o-hei até perto do pasto, e de lá lhe direi a direcção que ha de seguir. Assim não poderá errar mais o caminho porque é muito facil, conforme lhe explicarei...

— E' um grande obsequio que acceito e agradeço.

Neste momento chegaram dois cavalleiros em frente do *samba*.

— São os meus camaradas, disse Diogo. Vamos embora.

E, erguendo a voz, bradou:

— Boa noite, rapaziada. Divirtam-se bastante.

Os negros e negras cumprimentaram-no, e elle montou a cavallo.

Juca Velho levou a mão ao chapéu para saudar os que estavam mais perto, e, sem dizer palavra, imitou o seu chefe, com grande agilidade.

Marcellino, conforme tinha promettido, acompanhou o grupo de cavalleiros até o ponto onde devia indicar-lhes o caminho.

Quando chegou ao alto do morro, onde havia a porteira que communicava os pastos com o cafezal, o negro parou repentinamente, soltando uma exclamação de terror e de espanto.

Tinha avistado ao longe um sinistro clarão. Um incendio medonho destruia as tulhas e o machinismo de beneficiar café.

Grupos de homens e de mulheres corriam, de diversas direcções, para o local do fogo.

Diogo havia parado o cavallo e contemplava as chamas que já se elevavam a grande altura, envolvidas n'uma fumaça escura e espessa, com manifesto regosijo.

Juca Velho e os outros dois bandidos viam o incendio com cynica indiferença.

O negro deu um grito rouco, e olhou desvairadamente em redor, levando as mãos á frente com intimo desespero.

Depois esfregou os olhos, e tornou a fixar as labaredas que augmentavam e desenvolviam-se com incrível rapidez.

Parecia-lhe que estava sonhando, ou que uma visão extraordinaria e alucinadora lhe perturbava o espirito.

Mas a voz ironica e ao mesmo tempo imperiosa de Diogo, o veiu tirar d'aquelle estado desesperador, terrivel e estatico, em que se encontrava.

— Olá, seu Marcellino. Agradeço-lhe o incommodo que teve de vir até aqui. Não precisava que me indicasse o caminho porque conheço-o perfeitamente, mas quiz proporcionar-lhe um bonito espectáculo. Visto a certa distancia, um grande incendio tem o que quer que seja de phantastico. Não acha?

O negro bramiu como um tigre, e, comprehendendo a malvadez d'aquellas zombeteiras expressões, levou a mão á cintura para arrancar a garrucha.

Mas Diogo, que o observava, viu o seu movimento, e, apontando-lhe rapidamente a carabina, bradou-lhe:

— Toma cuidado, negro, se puchas da tua arma, faço-te ficar quieto n'um instante...

Marcellino ficou attonito e immovel, conhecendo o perigo que o ameaçava, n'aquelle logar isolado, onde não poderia lutar com quatro homens bem armados.

— Ouve-me, continuou Diogo, sem deixar de alvejar com a carabina o pobre negro que estava boquiaberto e cheio de terror. Não te quero fazer mal, pois preciso de ti... para dizeres a todos, e principalmente ao teu patrão, esse maldito Theodoro de Lacerda que a esta

hora está dormindo tranquillamente em São Paulo, quem lhe deu a honra de visitar-lhe a Fazenda...

« Não te esqueças de mandar-lhe dizer que estive aqui o celebre Diogo, chefe da *Mão Negra*, que de modo algum esquece a sua vingança. Como, infelizmente, não encontrei elle, nem ninguém da sua familia, para fazer-lhe os meus respeitosos cumprimentos com esta carabina, minha inseparavel companheira, que em poucos minutos *liquidaria* com todos os Lacerdas, resolvi deixar-lhe uma agradável recordação...

« Como elle tem muito dinheiro accumulado, que deve circular, segundo mandam as leis economicas, eu destrui-lhe as machinas, as tulhas e o café, que são cousas faceis de remediar...

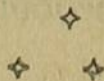
« Fazer novas construcções, comprar outros machinismos, e esperar a futura safra... é muito simples e pouco dispendioso. Ora, todos estes obsequios elle deve agradecer áquelle que nunca o esquece...

« Terei todos os defeitos menos o de ser ingrato, e toda a familia Lacerda é merecedora da minha *gratidão*.. Talvez estranhes a fórma como eu demonstro o meu reconhecimento mas cada um tem o seu modo de comprehender as cousas...

« Portanto, não te esqueças do meu nome: Diogo, o chefe da *Mão Negra*, veio visitar a Fazenda do sr. Theodoro de Lacerda e deixar-lhe uma delicada lembrança de sua visita. Mais tarde voltarei para receber os agradecimentos de teu patrão, se elle me dér a honra e o prazer de vir até aqui, visto que por ora não posso ir a São Paulo...

E, dando uma gargalhada satanica, cravou as esporas no cavallo e partiu a galope.

Juca Velho e os outros dois bandidos seguiram-n'o immediatamente, desaparecendo todos, em poucos instantes, n'uma nuvem de poeira.



O negro ficou immovel e aterrorizado por alguns momentos.

Afinal exclamou:

— Que grande canalha! E não poder eu vingar o patrão, matando este... Diogo, chefe de uma terrivel quadrilha de malfeitos! Ah! se um dia te encontrasse a geito... ou entrasses outra vez n'um *samba* em que eu estivesse!

Marcellino era um antigo camarada de Theodoro de Lacerda, de quem fôra escravo, e no seu coração simples e bom tinha uma profunda amizade a toda a familia Lacerda...

De repente, lembrando-se do incendio, deu um grito de rancor e de angustia, e largou correndo quanto podia para a Fazenda...

.
.
.

Aos primeiros clarões do fogo, que tinha sido posto ao mesmo tempo em diversos pontos, todos aquelles que estavam no *samba* ficaram por alguns momentos dominados pela surpresa, causada por tão inesperado acontecimento...

Por fim, correram para o local do sinistro, dando repetidos gritos de alarme...

O administrador, despertando sobresaltado, deu logo as mais energicas ordens que foram cumpridas com a maior rapidez possivel.

O sino grande tocou furiosamente a rebate, e os colonos, estremunhados, accudiam de todos os pontos, com as primeiras ferramentas que lhes vinham ás mãos.

Os empregados procuravam organizar o ataque contra o terrivel incendio que assumia enormes proporções.

Mas comprehenderam logo a improficuidade de seus esforços.

Não tinham os necessarios elementos para dominar o fogo.

Os fazendeiros, em geral, gastam muitas vezes superfluamente o dinheiro, e não se lembram de, com uma pequena despesa, prepararem-se para o caso de incendio que lhes pôde acarretar enormes prejuizos, de muitos e muitos contos de réis.

Não havia na Fazenda uma bomba, com todos os pe-trêchos necessarios; e não era certamente com baldes de agua que podia dominar-se o fogo.

Quizeram todos salvar ao menos o café, mas as cham-mas eram tão intensas, e envolviam por tal fórma as tulhas, que tornaram impraticaveis todos os meios de salvação.

O administrador perdeu a cabeça, lembrando-se da grande responsabilidade que pesava sobre elle, embora não tivesse a menor culpa de tão incomprehensivel como inesperado acontecimento.

Os empregados, animados das melhores intenções, mas impotentes perante aquella immensa catastrophe, corriam e gritavam, dando ordens, umas impossiveis de cumprir, e outras que não tinham a menor utilidade.

Os colonos, quasi todos italianos, blasphemavam em todos os dialectos, formando um côro unisono de maldições contra tudo o que se lembravam, e Deus e o diabo eram tratados com equal rancor e aspereza.

No entanto... o fogo proseguia na sua obra destruidora, e em pouco tempo o telhado e algumas paredes desabavam com pavoroso ruido.

Milhares de fatilhas ergueram-se n'uma espiral enorme, caindo como uma chuva de fogo sobre os espectadores que continuavam girando em volta do edificio, sob o impulso inconsciente do terror.

O empregado superior que ficára administrando a Fazenda, um excellente moço que era digno da estima e da confiaça que Theodoro de Lacerda lhe dedicava, vendo que nada podia fazer para, ao menos, diminuir tão grandes prejuizos, succumbiu á dôr que o torturava.

E, nervoso, olhando desvairadamente para todos os lados, com as feições pallidas e alteradas por uma angustia indizível, chorou...

N'este momento um homem correndo, como louco, perguntava a todos onde estava o sr. administrador.

E vendo este, afastado, entregue á sua cruciante afflicção, dirigiu-se-lhe logo, bradando com voz cava e ofegante:

— Senhor... senhor... A Fazenda foi invadida por uma quadriilha de malfeitores...

— Que estás dizendo? Perdeste o juizo?

— Ah! meu senhor, oxalá que assim fosse, pois não succederia esta grande desgraça.

E apontava o incendio.

— Explica-te, bradou o administrador com voz freme-mente.

O negro Marcellino, n'uma agitação angustiosa, narrou então quanto lhe succedera, desde que os desconhecidos cavalleiros tinham chegado no *samba* até o momento em que um d'elles lhe disséra tão malvadas e zombeteiras expressões, que o deixaram aterrorisado e cheio de raiva por não poder matar aquelle terrivel inimigo do sr. Theodoro...

Concluindo, o negro disse com energia:

— Ah! se apanhar um dia aquelle canalha eu me vingarei... Não posso esquecer estas suas palavras que são um verdadeiro desafio a nós todos: « Dize a teu patrão que esteve aqui o celebre Diogo, chefe da *Mão Negra*, que não o encontrando na Fazenda, nem a ninguém da sua familia, deixou-lhe esta agradavel lembrança ».

« Referia-se ao incendio que vae causar enormes prejuizos... Sempre ha gente muito malvada!

O administrador ouviu, estupefacto e afflicto, a narrativa do negro, e, por fim, fazendo um gesto de ameaça, exclamou:

— Ah! miseravel! E's o acérrimo e cobarde inimigo da familia Lacerda! Talvez não escapes d'esta... Precisamos já participar tudo ás auctoridades de Campinas e de S. Paulo... Cumpre-nos perseguir essa quadrilha e exterminá-la sem a menor hesitação.

O negro suspirou, rosnando com voz terrivel:

— Eu queria vêr outra vez esse tal Diogo... Oh! como eu o faria dançar bem *no samba!*

O TIGRE E O CHACAL

O administrador, em vista do que Marcellino lhe contára, deu immediatamente as mais promptas e energicas providencias.

Mandou participar o occorrido ás auctoridades de Campinas, e telegraphou para S. Paulo, dando a triste noticia do lamentavel acontecimento, a Theodoro de Lacerda.

Quando este recebeu o telegramma, que, por sua natureza, não podia ser muito explicito, ficou pallido e mudo de terror.

Não era tanto o prejuizo soffrido o que mais o affligia e perturbava, mas a apparição d'esse maldito Diogo que elle julgava ter fugido para muito longe, abandonando para sempre os seus horriveis planos de vingança.

O barão, sabedor do crime que o miseravel chefe da *Mão Negra* commettera infame e cobardemente, correu pressuroso ao chefe de policia a quem mostrou o telegramma.

— Já recebi communicação de Campinas sobre esse incendio, exclamou o magistrado que estava nervoso, passeando agitadamente pelo gabinete.

Apoz um momento de silencio, o barão, com voz oppressa e indignada, bradou :

— Mas não será possivel exterminar aquelle malvado? E' lançar mão dos recursos extremos... Com tão execrando bandido não póde haver a menor contempla-

ção. Uma descarga á queima-roupa seria um acto de benevolencia, além de um importante serviço prestado á sociedade . . . As fêras derrubam-se, e os caçadores, que corajosamente as atacam nos seus covis, mereceram sempre e em todos os tempos premios e louvores . . .

O barão proferiu estas palavras com desusada exaltação, o olhar fulgurante, acompanhando-as com largos gestos ameaçadores . . .

O chefe de policia sorriu-se e replicou :

— Não contesto o que V. Exa. acaba de dizer, mas para matar uma fêra é necessario vê-la, não é verdade?

— Decerto.

— Pois é exactamente o que desejo, mas que não acontece. O malvado Diogo é, sem duvida alguma, uma fêra mais terrivel do que aquellas que andam pelos mattos, mas não se deixa alvejar pelas carabinas dos nossos caçadores . . . Ah! se um dia o pudermos caçar, creia que será peor tratado do que uma onça pintada . . .

— No entanto . . .

— Sei o que vae dizer. Não devemos perder tempo nem esmorecer na perseguição contra o terrivel chefe dos bandidos, não é assim?

— V. Exa. adivinhou o meu pensamento. E peço-lhe desculpa se ousou formular uma opinião sobre um assumpto, que estou certo, prende muitissimo a attenção de V. Exa.; mas, tenho tanto interesse em vêr o nosso audaz e feroz inimigo baquear de uma vez para sempre, que irreflectidamente adduzo as minhas considerações . . .

— Oh! sr. barão, interrompeu o chefe de policia amavelmente. Ouço V. Exa. com o maximo prazer, e comprehendo muito bem quanta anciedade lhe dominará o espirito perante a série de crimes que o famigerado chefe da *Mão Negra* tem praticado contra a familia de V. Exa.

« Por maiores desejos que tenha de vêr aniquilado o terrivel Diogo, não excedem aquelles que me dominam e me absorvem a existencia. Farei tudo o que fôr huma-

namente possível para vencer n'esta lucta travada entre a policia e a *Mão Negra*. Alguma cousa já se conseguiu, mas não terei um momento de socego enquanto viver, em liberdade, esse maldito bandido, cuja audacia só é comparavel á sua extraordinaria malvadez...

« Logo que soube do incendio havido esta noite, nas tulhas e machanismos da Fazenda do sr. Theodoro de Lacerda, mandei o Dr. Nobrega, acompanhado do agente Osorio e de 20 praças, para vêr se é possível apanhar os incendiarios. Agora resta aguardar o resultado d'esta diligencia, tanto mais que para melhor exito d'ella, mandei ordens reservadas ás auctoridades de Campinas e das localidades circumvizinhas...

— Muito bem. Oxalá termine agora esta medonha campanha. Recebo as suas ordens, sr. doutor...

O barão despediu-se affectuosamente do chefe de policia, e voltou a casa afim de contar tudo a Theodoro de Lacerda que estava n'uma excitação indescriptivel.

Conforme disséra o chefe de policia, o 1.º delegado auxiliar e o agente Osorio embarcaram para Campinas, em trem especial.

Logo que chegaram, conferenciaram com o delegado, e em companhia d'este, seguiram para a Fazenda de Theodoro de Lacerda.

Immediatamente procederam a um inquerito rigoroso; e, sem a menor delonga, os soldados, divididos em duas escoltas, partiram a galope por diversos caminhos, com ordens terminantes de trazerem, vivos ou mortos, os infames bandidos e principalmente o seu temivel chefe.

O agente Osorio foi com uma das escoltas, que devia passar pela Fazenda do sr. Negreiros, e seguir finalmente o rastro dos incendiarios.

Emquanto estes eram vivamente perseguidos, o Dr. Nobrega reunia todos os esclarecimentos possíveis, procedendo a diversas investigações, com uma tenacidade incansável...

Ouviu as poucas testemunhas que podiam dar alguma luz sobre o crime praticado, sendo a principal o negro Marcellino que contou tudo quanto lhe succedera.

Procedeu ás mais minuciosas pesquisas, verificando que em volta das tulhas e do edificio annexo, onde tinha os machanismos, havia muitas pégádas, o que provava terem sido numerosos os incendiarios.

Finalmente não desprezou o menor indicio para que pudesse descobrir qual a direcção que os bandidos haviam tomado, sendo possivel que elles estivessem occultos n'algum matto proximo.

Mas baldados foram todos os seus esforços, e improficuas todas as investigações que fez para descobrir o paradeiro de um só bandido que fosse.

Osorio e as duas escoltas não foram mais felizes. Andaram leguas e leguas, inquiriram, bateram alguns mattos e não puderam sequer saber qual o rumo que o chefe da *Mão Negra* tinha seguido, depois de dizer a Marcellino as terriveis e zombeteiras palavras que o deixaram estupefacto e assombrado.

E no fim de alguns dias de fatigantes diligencias, o Dr. Nobrega e Osorio regressaram tristes e aborrecidos a S. Paulo.

A força que os acompanhára ficou em Campinas, ás ordens do delegado, para este continuar trabalhando, de combinação com outras auctoridades das cidades e villas proximas, até descobrir qualquer indicio valioso para a captura de tão infames como terriveis criminosos.



No entanto, Diogo e parte do seu bando fugiam para o oeste de S. Paulo, por invias florestas e afasta-

dos caminhos, que elles conheciam, zombando da perseguição policial, embora estivessem dispostos a uma lucta renhida e sangrenta caso a escolta os encontrasse.

Decorridos alguns dias, Diogo chegava ao seu *acampamento*, que era, como já dissémos, n'uma matta perto da villa de Cravinhos.

O *doutor* Silva, allegando que não podia fazer grandes viagens, e que ia portanto só servir de estorvo, sendo o seu auxilio perfectamente dispensavel, ficou com alguns bandidos no logar em que viviam occultamente.

Diogo não se oppozera á resolução do secretario, mas intimamente enraivecido, murmurou por entre os dentes :

— Este patife está precisando de uma tremenda lição! Julga-se com demasiada influencia para me affrontar, e, sabedor de alguns segredos, talvez imagine que tenho medo d'elle . . .

E soltando uma gargalhada cynica e malvada, accrescentou :

— Veremos na volta . . . Se as minhas suspeitas se realisarem, esse miseravel receberá o premio da sua traição.

E partiu, com Juca Velho e alguns bandidos que escolhera, em direcção á Fazenda de Theodoro de Lacerda, onde queria continuar, por qualquer fórma, a sua implacavel vingança !

Quando regressou, satisfeito do que fizera, lembrou-se da estranha attitude que o secretario assumira ultimamente ; e, rangendo os dentes de raiva, rosnou :

— Estás em meu poder, e não sou homem que poupe os meus adversarios.

Diogo, Juca Velho e os outros bandidos chegaram de noite ao *acampamento*.

Vinham extenuados, e cada qual tratou de descansar, depois de tomar uma frugal refeição, que foi por elles mesmos preparada á pressa.

O *doutor* Silva estava meditativo e sorumbático.

O astuto e infame homunculo andava effectivamente preparando uma traição ao seu chefe, querendo libertar-se d'elle, afim de trabalhar por sua conta com alguns bandidos que procurava alliciar para esse fim.

Diogo, absorvido pelas suas idéias de vingança, não cuidava de outra cousa.

E o secretario que era ambicioso, não estava contente: queria emprehender e praticar crimes mais lucrativos e menos arriscados.

Roubos, assaltos, feitos com toda a cautela e sagacidade, eram preferiveis a incendios, raptos e outras violencias de que não advinha o menor resultado.

Queria vingar-se da familia Lacerda? E ter a *gloria* de viver em duello com a policia?

Pois fizesse tudo isso sósinho, ou auxiliado por aquelles que fossem bobos.

Elle não estava disposto a ser sempre um docil instrumento de quantas loucuras surgiam no cerebro obcecado de um homem que se julgava superior a todos, quando os seus melhores planos eram frustrados, pela precipitação e pela audacia com que queria realisal-os.

Não: o *doutor* Silva não se sujeitava a ser por mais tempo um escravo submisso de Diogo.

Até então tinha cumprido o seu dever, não desamparando a sociedade da *Mão Negra* de que era secretario.

Obedecera e accetára sem protesto todos os caprichos do chefe, limitando-se, de quando em quando, a fazer-lhe algumas observações.

Agora, porém, que a sociedade fôra dissolvida, pela força das circumstancias, e que muitos dos associados da *Mão Negra* estavam na cadeia, em S. Paulo, onde ficaram cruelmente e ingratamente abandonados pelo chefe, não poderia haver escrupulos de deixar este entregue á sua sorte, cujo final seria certamente desastroso.

O *doutor* Silva pensava tambem na sua Gertrudes e na sympathica Ignez, que estavam encarceradas.

Elle era amante da mãe e tinha as suas idéias de o ser igualmente da filha ; e quando soube que ellas tinham sido presas, ficou desesperado . . .

Attribuia a culpa de tudo isto ao despotico e prepotente Diogo, insaciavel de vingança, para a realização da qual arrastava todos os que, confiando n'elle, auxiliavam de boa vontade.

Resolvido a livrar-se do nefasto dominio do seu chefe, meditava sobre a melhor fórma de conseguir os seus intentos.

Não lhe convinha romper abertamente com elle: receava a sua colera que, quando explodia, era terrivel . . .

Occorrera-lhe um unico meio de pôr em pratica o seu projecto.

Convencer alguns companheiros, de sua maior confiança, para que o seguissem, e n'uma occasião favoravel, desaparecer com elles para outro ponto distante, onde poderia trabalhar á vontade, sem estar sujeito aos perigos que ameaçavam Diogo, em vista das suas constantes e audaciosas loucuras.

No entanto, o cobarde homunculo hesitava. Tinha medo do chefe que, se soubesse qual o plano que elle acariçava, era muito capaz de o mandar para o outro mundo, com a maior facilidade . . .

Era preciso usar de toda a sua astucia para que Diogo não suspeitasse cousa alguma do que elle andava tramando.

Já fallára com alguns homens que lhe tinham dito estarem promptos para o acompanharem, obedecendo-lhe da melhor boa vontade, pois que tambem preferiam fazer alguns trabalhos mais rendosos, do que perseguir só a familia Lacerda que nenhum mal lhes havia feito.

Assim, o astuto homunculo começou a preparar o terreno para, na occasião favoravel, fugir, e dedicar-se ao *officio* por sua conta e risco . . .

Mas não seria mais sensato e conveniente inventar um pretexto para afastar-se primeiramente de Diogo, só-

sinho, sem o menor assomo de revolta, para que elle não ficasse seu inimigo?

Por maiores precauções que tomasse, receava muito a vingança do chefe, que não era homem para esquecer ou perdoar facilmente uma traição.

O *doutor* Silva meditava sobre a melhor fórma de agir, e tão immerso estava nas suas reflexões que não reparou nos olhares colericos e ameaçadores que lhe dardejava o infame Diogo.

— Aquelle patife, murmurava este, está decerto tramando alguma cousa. Será contra mim? Estranho-o ha algum tempo . . . Ah! se eu souber que elle me trahe, de qualquer fórma, dar-lhe-hei logo a merecida recompensa.

.

No dia seguinte, de manhã, o bando dispersou-se pelo matto, uns para caçar, e outros para irem á villa comprar algumas provisões.

Diogo e o *doutor* Silva ficaram sós.

A hesitação d'este era manifesta. Parecia recear o insuccesso do que planejára com o maior cuidado.

Diogo olhava-o de soslaio, disfarçadamente, e, apparentando indifferença, e uma certa alegria, assobiava um tango bahiano.

O secretario, vendo o chefe bem disposto, decidiu-se a fallar-lhe.

Approximando-se d'elle, exclamou com o servilismo que o caracterisava :

— Foi feliz na sua viagem?

— Muito, e senti apenas que não tivesses ido tambem. Verias um incendio extraordinario, que, de longe, fazia um effeito admiravel . . .

— Ah! eu sinto-me doente, e não posso viajar, a cavallo, grandes distancias . . .

Diogo soltou uma gargalhada, e disse com o modo

terrivelmente sarcástico que tinha em certas ocasiões, quando queria occultar a colera que o dominava:

— Tens a nostalgia da cidade? Estavas tão habituado aos prazeres e ás commodidades que se gozam em São Paulo, que não aprecias o matto?! Pois aqui é melhor para a saude; o ar é mais puro, e a contemplação da natureza alegre o espirito fatigado da monotonia da cidade... O que me parece é que deixaste por lá o coração, e por isso andas triste e desgostoso, mas a esperança vivifica o amor, e um dia serás compensado de todos os sacrificios e de todas as saudades que soffreres agora... Coragem e perseverança, meu caro D. Juan...

— Ora, sr. Díogo, deixemo-nos de caçoadas e fallemos sério, replicou o secretario agastado com a constante zombaria do seu chefe.

— Ah! bradou este, levantando-se tranquillamente e com o olhar brilhante de colera. Queres então que tratemos sériamente de algum negocio importante? Pois aqui estou prestando-te a maxima attenção: podes fallar com toda franqueza...

— O que vou dizer não tem grande importancia: de-sejo apenas participar-lhe uma resolução que tomei...

— Uma resolução?! Vejamos qual é... Deverá ser boa porque sei quanto és sensato e intelligente...

— São bondades suas, sr. Diogo. Eu para pouco presto... Estou ficando velho, e o meu estado de saude não permite continuar n'esta vida agitada que levo. Por isso...

O doutor Silva hesitou, receando continuar.

Olhou para Diogo, mas viu-o tranquillo e risonho, e, illudido por estas apparencias, proseguiu:

— Eu sinto-me doente, sr. Diogo, e desejava descansar por algum tempo...

— Mas quem se oppõe a isso? Podes viver comnosco do modo que quizeres... Não faças nada que te fatigue, e trata-te bem... Juca Velho entende alguma

cousa de doenças... Já foi curandeiro, e póde prestar-te bons serviços...

— Eu preferia antes ir para longe, onde não estivesse sobressaltado, nem soffresse perseguições da maldita policia... Como tenho algum dinheiro, pois fui sempre muito economico, irei para Minas ou para outro Estado onde terei tempo de restabelecer-me. Não lhe parece boa a minha ideia?

— Excellente, e approvo-a inteiramente. Sinto ficar privado do teu valioso auxilio... mas, como não sou ingrato, cumpre-me, de qualquer modo, demonstrar-te o meu sincero reconhecimento...

— Oh! sr. Diogo, não mereço mais do que a sua amizade... Cumpri apenas o meu dever e lamento ter de ausentar-me, mas...

— Ora, não é preciso insistir mais, pois sei muito bem que só um caso de força maior faria com que o meu secretario resolvesse abandonar-me. Mas é meu costume recompensar a lealdade...

E Diogo sublinhou esta palavra com tal ironia que o homunculo estremeceu, e, desconfiado, assumiu uma attitude de defeza, levando disfarçadamente a mão ao revolver.

— Já me conheces bem, meu caro *doutor*, proseguiu o terrivel chefe da *Mão Negra*, para que te admires da vontade que tenho de dar-te agora mesmo os meus agradecimentos... Estamos sós, e devo declarar-te que já sabia que ias retirar-te, e como não gostas de viajar sósinho, convidaste alguns dos meus homens para te acompanharem. Não é verdade?

— Isso é uma calumnia! balbuciou o secretario todo perturbado.

— Foi o *Bocca-torta* quem me contou. E's um homem esperto e quizeste aproveitar a minha ausencia...

— Grande canalha! rosnou o *doutor* Silva, tremendo como um vime, mas disposto a defender-se.

— Portanto, continuou o chefe tranquillamente, não quero chamar de traição esse teu projecto, mas devo dar-te o premio que mereces.

— Que quer dizer?

— Ainda não percebeste? Pois vou explicar-me melhor...

Diogo, arrancando a faca, arrojou-se, como um tigre, sobre o secretario. Este quiz puchar o revolver mas não pode...

Com felina agilidade, e uma força herculea, o miseravel chefe dos bandidos segurou-o pelo pescoço e cravou-lhe no peito a comprida faca...

O *doutor* Silva soltou um gemido surdo e caiu.

Estava morto.

Recebera o castigo de seus crimes das mãos d'aquelle a quem sempre auxiliára com dedicação.

Diogo olhou o cadaver com cynica indiferença, limpou a faca ao paletot do que acabára de assassinar, e afastou-se tranquillamente, assobiando um estribilho popular...

O CZAR DE UMA FAZENDA

A morte violenta do secretario causou pasmo e terror a todos os bandidos.

Juca Velho estremeceu de medo, vendo a sorte que lhe estava reservada caso não fosse sempre um humilde e submisso servo de Diogo...

Este, compreendendo que era preciso explicar a todos os motivos ponderosos que tivera para vingar-se do *doutor* Silva, chamou Juca Velho e disse-lhe:

— Chama os nossos homens. Quero fallar-lhes para que elles fiquem sabendo toda a verdade.

Um quarto de hora depois estavam os bandidos em volta do chefe.

Este, relanceando o olhar por todas as physionomias, exclamou:

— Devo explicar-lhes por que castiguei, por minhas proprias mãos, o secretario... Ha muito que andava desconfiado de que elle procurava um meio de me trahir... Sabia muitos segredos importantes e supunha que por esse facto eu seria dominado pela sua vontade...

« Como não tinha absoluta certeza, não queria proceder energicamente contra elle, baseado apenas n'uma simples suspeita. Aguardava a occasião em que se manifestasse, e eu tivesse as provas incontestaveis da sua traição.

« Essa occasião foi hoje: o infiel e velhaco *doutor* Silva queria afasstar-se de nós, e procurou convencer

alguns que estão presentes a acompanharem-n'o... Ora isto seria a nossa completa derrota.

« Reunidos, ainda somos fortes, e podemos vantajosamente lutar com a policia que nos persegue. Divididos em dois grupos, ambos ficariam fracos, e era irruito provavel, quasi certo, que o infame traidor, para merecer o perdão da policia e avultadas recompensas pecuniarias dos inimigos, nos vendesse, como um Judas, no primeiro ensejo que se lhe offerecesse ...

Um sussurro de indignação de alguns bandidos e palavras de duvida e de incredulidade de outros interromperam Diogo que, olhando com altivez para todos, proseguiu:

— O miseravel traidor não pode realizar os seus planos, cortados radicalmente e a tempo pela lamina da minha faca. E declaro estar disposto fazer o mesmo a todo aquelle que tentar trahir-me de qualquer modo... Foi um castigo merecido e um exemplo salutar!

« Aos que duvidam da culpabilidade do que desempenhou por alguns annos o cargo de meu secretario, basta dizer-lhes que não costumo proceder levianamente, e tenho a certeza do que lhes affirmo... Elle proprio me confessou a sua traição, embora procurasse desculpar-se com pretextos falsos e argumentos capciosos.

« Mas assim como posso e quero castigar os infames que tentam prejudicar a nossa sociedade, devo tambem reconhecer e premiar aquelles que continúan sendo meus leaes e sinceros auxiliares. Portanto nomeio Juca Velho para o cargo de secretario, e convido todos vocês para beberem á saude d'elle algumas garrafas de boas bebidas, á escolha e á vontade de cada um...

« Poderão ir alguns á villa buscar o que quizerem que eu pagarei toda a despeza. E dou-lhes licença para se divertirem e embebedarem-se com a maxima liberdade. A vossa divisa é: «união e obediencia». Não se esqueçam d'ella, e encontrareis sempre um amigo no vosso chefe.

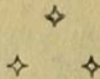
Os bandidos, ouvindo isto, esqueceram-se depressa do *deputado* Silva, cujo cadaver jazia estendido a alguns metros de distancia.

Contentes e entusiasmados pela perspectiva de uma *patuscada*, saudaram o chefe e o novo secretario, gritando:

— Viva o sr. Diogo! Viva Juca Velho!

O miseravel inimigo dos Lacerdas teve um sorriso de triumpho e fez um aceno imperativo para que cessasse a gritaria.

Os bandidos, obedecendo, dispersaram-se . . .



Decorreram alguns dias depois d'estes acontecimentos.

Diogo continuava praticando os mais hediondos crimes, e em todo o oeste de S. Paulo era grande a fama de tão malvado faccinora.

Poucas eram as pessoas que se aventuravam a viajar de noite, e os fazendeiros, de instinctos perversos, procuravam o famigerado assassino para que este, cobarde e traiçoeiramente, satisfizesse as vinganças d'elles.

As auctoridades locais nada podiam contra o terrivel scelerado, que tinha um bando de homens armados para o defender, e era protegido por alguns lavradores, que exerciam influencia politica.

Diogo, levando uma vida regalada, zombava da lei e da policia, procurando, por todos os modos, exacerbar o animo do digno magistrado a quem fôra confiada a segurança publica.

O doutor chefe de policia e o 1.º Delegado auxiliar, Dr. Nobrega, não se esqueciam, porém, da *Mão Negra* e aguardavam o ensejo favoravel para agirem com a maxima energia.

Aos commandantes de diversos destacamentos, por intermedio dos respectivos delegados, eram transmittidas ordens terminantes para perseguirem e capturarem o celebre Diogo.

Mas este ria-se de toda as diligencias, sempre iniciadas com grande esperanza, sem que nenhuma d'ellas lograsse conseguir cousa alguma.

O chefe da *Mão Negra* parecia invulneravel, e continuava commenttendo os crimes mais audaciosos e malvados.

Com a morte de sua mãe, e com a prisão da negra, sua avó e conselheira, elle tornára-se feroz, sanguinario, a ponto de praticar alguns assassinatos de pessoas pobres e inoffensivas, só pelo prazer de fazer mal e augmentar a sua terrivel fama.

Percorria diversos municipios da zona que escolhera para theatro de suas façanhas, deixando sempre, por onde passava, um rastro de sangue.

Já muitas esposas e mães, afflictas e inconsolaveis, pranteavam a perda de seus extremosos maridos e filhos, brutalmente assassinados, sem o menor motivo, e com o maior sangue frio, pelo malvado Diogo, cujo nome causava horror...

Alguns tomavam precauções contra os possiveis ataques da quadrilha, e outros dirigiam suas queixas ao chefe de policia, pedindo-lhe immediatas providencias.

Muitos lavradores receavam que, inopinadamente, o celebre Diogo apparecesse nas suas fazendas e commettesse toda a casta de violencias e de depredações.

Diversos mantinham grande numero de capangas armados, e a idéia do *militarismo* invadiu o espirito de alguns cabôclos.

Houve um, administrador de uma importante fazenda do oeste de S. Paulo, que quiz ter o sonho fagueiro de, ao menos por algumas horas, ser um Napoleão, com botas, ajudantes d'ordens, officiaes, dirigindo um *exercito* de algumas dezenas de colonos, marchando corajosamente.

te, com um tempo chuvoso, para a conquista certa mas gloriosa de uma bateria... de garrafas cheias de um liquido preparado ás pressas e que o fabricante dizia ser *cerveja nacional!*

Era curioso vêr a seriedade e o estímulo com que todos os empregados e colonos representavam os seus papeis, n'aquella grande farça que, vista repentinamente por algumas pessoas que não estivessem suggestionadas por aquelle meio estranho, que produzia tão indefinivel e extraordinario desequilibrio cerebral, provocar-lhes-ia certamente o riso e a piedade!

O mais interessante era os generaes: o de infantaria, empunhando uma espada de folha, que se dobrava ao sopro do vento, ordenando descargas que atroavam os ares, com uma irregularidade simplesmente admiravel; e o de cavallaria, com o capacete enfeitado de penas de gallo, vestido de diversas fazendas de côres variegadas, parecendo, não um militar, mas um palhaço annunciando o grande espectaculo de alguma companhia de cavallinhos.

Ha momentos na vida em que a razão, librando-se pelas mysteriosas regiões do *incognoscivel*, abandona quasi absolutamente o pobre mortal...

N'este acontecimento, que succintamente descrevemos, parece que todos, sem excepção, estavam hypnotisados por algum *Onofroff* que passasse pela Fazenda e se lembrasse de fazer aquella... brincadeira.

No entanto o entusiasmo era intenso e indescriptivel; e o armeiro, depois de trabalhar com fatigante ardor no fabrico das... espadas reluzentes, teve a suprema honra de empunhar o estandarte da cavallaria, e a sua attitude heroica e galharda causou admiração ao proprio administrador, general em chefe das forças internacionaes...

Os officiaes tinham bom aspecto marcial, embora alguns, no auge do entusiasmo, quando o gordo e car-rancudo Napoleão lhes passava em frente, lhe voltassem

as costas, cumprimentando os soldados que, por sua vez, gesticulavam e gritavam num irrequieto e bellicoso movimento...

Que delirio, na mais ampla accepção d'esta palavra!

Já que nos referimos a um interessante episodio succedido n'uma rica e florescente Fazenda do oeste de S. Paulo, seja-nos permitido dizer mais algumas palavras que, para muitos leitores, não serão completamente destituídas de interesse.

E, aproveitando o ensejo, faremos ligeiras considerações sobre a prepotencia de certos tyrannetes da roça, que seriam simplesmente ridiculos, se não fossem supinamente máus.

O simulacro de um exercito, com apparatus carnavalesco, poderá ser irrisorio, um producto de cerebros enfraquecidos pela longa permanencia em um meio mephitico e deprimente; mas, ao menos, tem o merito de provocar expansivas gargalhadas, de suffocar, pela alegria ruidosa de espalhafatosas e infantis brincadeiras, sentimentos nostalgicos, saudades pungentes, afastando, por algumas horas, melancholicos pensamentos, e a triste realidade de uma vida de trabalhos e de sacrificios...

Quando o trabalhador se diverte, folgando com os seus companheiros, tem mais animo para supportar, com resignação, as agruras de uma existencia rude e laboriosa.

Mas ha certos individuos despreziveis, que, quando exercem o *elevado* cargo de administrador, monopolisam tudo até os divertimentos, considerando uma offensa á sua descommunal auctoridade (!) que os pobres empregados e trabalhadores tenham alguns breves momentos de folga e de expansiva alegria.

Não lhes basta a imposição de quantos dilates lhes vêem á cabeça; é mister que todos os subordinados vivam sob o ferreo jugo de uma humilhação aviltante, nada podendo fazer sem prévia licença, escravizados sempre pelo estulto despotismo d'essas entidades nullas e que são a negação absoluta da caridade e da honra, pois, não

põssuindo nenhum sentimento humano, blasonam apenas de valentes quando não passam de uns cobardes, incapazes de enfrentar um homem resolutivo, sem que estejam acompanhados dos seus miseraveis capangas.

E, infelizmente, estes typos existem, infelicitando honestas familias que soffrem, por necessidade, as mais perversas prepotencias com que elles accentuam o seu poder, preferindo o terror ao respeito, a submissão á amizade!

Superfluo nos parece affirmar que, de modo algum, nos referimos á classe honesta, util e laboriosa dos bons administradores, mas sim áquelles que aproveitam-se do facto de serem uns senhores absolutos nas fazendas principalmente n'aquellas que estão afastadas dos centros populosos, para praticarem toda a casta de violencias e de brutalidades, proprias de seus instinctos infames e sanguinarios.

Talvez os leitores julguem exaggerada esta nossa apreciação, mas como o dever do escriptor é ser verdadeiro, cumpre-nos asseverar-lhes que na nossa galeria de personagens para romance, existe um, cuja vida, devidamente descripta e analysada, daria uma obra colossal!

Duvidam? Pois não resistimos á tentação de lhes apresentarmos tão raro especimen...

E' baixo, insignificante de estatura, infimo de alma, e infinitesimal de coração!

Olhos pequenos, barba de diversas côres, e uma voz sombria e pavorosa, completam o seu todo repellente.

Solta gargalhadas de louco quando lhe contam alguma desgraça ou algum soffrimento...

A's vezes raramente, tem assomos de arrependimento, profere palavras de sympathia ou de compaixão, impulsionado pela bondosa familia; mas depressa volta ao furor selvatico que o caracteriza...

E' indomavel, orgulhoso, e de uma crásca ignorancia, tão inçonsciente, que ufana-se, a todo o momento,

de ser um espirito arguto e sagaz, apto para todas as manifestações da actividade humana!...

Quando trata de negocios, os mais insignificantes, procede sempre com dolo e má fé.

Por este motivo, é naturalmente desconfiado, e aprecia apenas aquelles que sabem soprar-lhe a vaidade, achando-lhe graça aos maiores dislates e destemperos, e applaudindo-lhe incondicionalmente todos os seus actos brutos, mesmo que sejam perversos, e dos quaes não advem a menor utilidade para os grandes interesses que lhe foram confiados...

Na Fazenda só a sua vontade predomina; não tem a menor consideração com pessoa alguma.

E' um verdadeiro *Czar*, em miniatura, e para mais completa ser a comparação, todas as noites de insomnia lembra-se de decretar um *ukase* que por mais disparatado e inexequível que seja, não póde ser revogado. *Quod scripsi, scripsi!*

Aquelles que o cercam, adulando-o, orgulhosos de possuirem a estima do poderoso autocrata, assumem uns ares de importancia, que causam alternativamente a commiserção, o asco, o odio e o escarneo das pobres victimas!

Qualquer carroceiro, que tenha *coragem* para dar algumas cacetadas em inermes e inoffensivos trabalhadores, uns alquebrados pela idade, outros enfraquecidos pela doença e pelo trabalho — é um heróe!

E vae, se tem ainda outros predicados identicos que o recommendem, occupar um cargo importante na côrte luzida do *Czar!*

Como fica jubiloso o nescio! Bate com os pés, em risco de rebentar as solas das botas, empunha um cacetete, que julga ser o bastão de marechal, e berra, gesticula, dá ordens ridiculas, não admittindo reflexões, insultando sempre os que mourejam, pelo mais futil pretexto.

A' noite vae colher os louros gloriosos da sua in-

cançavel vigilancia e da sua energica actividade; e então é curioso vê-lo rindo, aos pulos, n'um esforço desesperado de dar sonóras gargalhadas, contorcendo-se como um *clown* que quer provocar a hilaridade dos espectadores, só porque o *Czar* disse uma asneira com pretensões a pilheria!

Nos concialiabulos, quando se ventilam questões sérias, e principalmente quando se trata de castigar algum rebelde, o nosso homem approva tudo quanto o autocrata diz, e, cofiando os bigodes, faz um gesto significativo de ameaça, e exclama com voz grossa, revirando os olhos para conseguir uma attitude terrivel:

— Isso arranja-se; mette-se o páu n'esse sujeito, e está liquidado o negocio.

Surge outro, de voz melliflua, pausada, nariz colossal, olhos de gato amoroso, mas sempre na presumpção de ser o mais bonito de todos, o *enfant gaté* da côrte do *Czar*, e aconselha prudencia, limitando-se a proferir palavras de comica indignação, principalmente contra os empregados e trabalhadores estrangeiros, á custa dos quaes vae vivendo e medrando, n'uma vadiação immensa, e n'um rendoso logar em que está completamente deslocado...

Pouco depois de ter manifestado reservadamente a sua ridicula indignação, mostra aos mesmos, que cobardemente offendeu pelas costas, a mais hypocrita affabilidade com que vae illudindo os que não o conhecem...

Um terceiro cogita apenas na melhor fórmula de arranjar alguns cóbres, seja como fôr, pelo trabalho ou pela tranquiibernia, para vêr se consegue recuperar a pequena fortuna que perdeu, por quaesquer motivos; e, para alcançar esse fim que tanto almeja, adula o *Czar* e trata todo o pessoal com fingida bondade...

O féro administrador, forte com o apoio d'estes typos, e de outros de mais baixa esphera, julga-se no direito de commetter todas as arbitrariedades, estabelecendo uma oppressão que torna angustiosa e insupporta-

vel a existencia de quantos téem a infelicidade de estar sob as suas ordens . . .

Este quadro, que descrevemos rapidamente, é apenas o pallido reflexo da realidade . . .

.
.
.

Façamos ponto em nossas considerações sobre o *Czar de uma Fazenda*.

Os despotismos téem sempre e inevitavelmente um fim, e a Providencia póde tardar algumas vezes mas é infallivel . . .

Proseguindo na nossa narrativa, diremos que Diogo aspirava ser um despota, como aquelle que descrevemos.

Cercado dos seus bandidos, queria passar vida folgada; a existencia nomada que levava, andando occulto pelas mattas, perseguido como um animal feroz, não podia agradar-lhe . . .

Enthusiasmado com a descripção que lhe fizeram de um administrador, senhor absoluto, um verdadeiro despota, firmado na força brutal dos seus asséclas, lembrou-se de por quaesquer meios, conseguir fixar-se n'um logar, onde, com os seus bandidos, podia dominar, e viver com mais tranquillidade . . .

N'esta idéia, dirigiu-se para as bandas do oeste de São Paulo, banhadas pelo rio Mogy-Guassú.

Ahi, n'um ponto adequado que escolhesse, assentaria o seu arraial, faria algumas plantações, estaria ao abrigo de traiçoeiras ciladas, e ficaria mais livre para ganhar *honradamente* a vida . . .

Saiu, portanto, de Cravinhos, e, escusado será dizer que em todo o trajecto ia espalhando o terror, commettendo os crimes mais revoltantes e roubando quanto podia, sem se expôr a grandes perigos.

Com a idéia fixa de ser tambem um *Czar*, nos seus dominios, avançava audaciosamente, sempre desconfiado, mas na convicção de que nada tinha a recear da Policia.

Quanto elle se enganava!

O seu poder estava prestes a baquear mortalmente, e elle mesmo estava condemnado a um castigo medonho...

Mas não antecipemos os acontecimentos.

Devemos, contudo, afirmar que o chefe da *Mão Negra* não renunciava á sua vingança contra a familia Lacerda.

Se se afastava, era para melhor preparar os necessarios elementos para a consecução dos seus infames intuitos.

No seu coração perverso não havia o menor sentimento compassivo; não lamentava, portanto, a morte horrorosa de sua mãe, e a prisão de sua avó, mas jurava vingal-as, praticando os maiores crimes contra aquelles que elle denominava seus fidagaes inimigos.

Deixemos, porém, o nosso protagonista caminhando em direcção ao rio Mogy-Guassú, e vamos tratar de outras personagens de que nos afastámos, por algum tempo, e que não podemos nem devemos esquecer.

TRISTEZAS E ALEGRIAS

Os nossos bondosos leitores, que têm a complacencia de nos acompanhar nas continuas e fatigantes viagens que somos forçados a fazer apoz personagens importantes, hão de permittir que regressemos á capital paulista com o fim de fazermos uma visita á familia Lacerda.

E, como certamente estarão lembrados de que Rachel e Judith viviam immersas na mais intensa melancholia, soffrendo as torturas de amores vehementes e correspondidos, mas que seus paes involuntariamente contrariavam, vamos dizer-lhes o que essas formosas jovens fizeram em obediencia á voz imperiosa de seus corações apaixonados.

Judith, de uma natureza assaz impressionavel, fraca, soffrendo o mais pungente martyrio sem um protesto, não tendo coragem para patentear o seu segredo, mas resolvida a conservar puro e fiel, até á morte, o seu amor por Oscar, ia definhando-se dia a dia, como mimosa flôr estiolada pelo sopro letthal da infelicidade . . .

A sua extrema pallidez, e a vivacidade febril de seu olhar, davam-lhe o aspecto doloroso de uma martyr, dominada por um fatal desgosto.

O barão de Lacerda tratava-a com o mais carinhoso cuidado, procurando distrahil-a, suppondo que ella andasse impressionada com os ataques traiçoeiros que, contra toda a sua familia, projectava o implacavel chefe da *Mão Negra*.

A mesma preocupação tinha Theodoro, vendo Rachel triste e nervosa.

Esta, porém, mais resoluta, sentia-se disposta a lutar contra todos os obstáculos que se erguessem ante o seu amor.

Oscar e Jorge viviam também tristes e meditativos. Aquelle, principalmente, mostrava no pallido semblante uma angustia indefinível.

Sob o imperio da paixão que o devorava, entregara-se a um desespero cruciante.

A pintura não tinha para elle mais encantos: os pinceis jaziam inactivos, e no seu ateliér não havia mais aquelle aspecto desordenadamente artistico que demonstra a actividade do pintor.

Tudo fôra abandonado, e Oscar levava horas e horas consecutivas, com a cabeça inclinada, reflectindo sobre a sua triste situação.

Nunca conhecera seus paes, não tinha uma familia, como tantos moços, cheios de nobres aspirações . . .

De que lhe servia ouvir dizer que elle era um talentoso artista, cujo futuro seria certamente glorioso?

Nunca poderia aspirar á suprema ventura de unir-se, pelo casamento, á sua querida Judith . . . Amava-a loucamente, sabia que era correspondido, mas não alimentava a menor esperanza de que o orgulhoso barão de Lacerda consentisse em que sua unica filha desposasse um moço pobre, sem familia, cujo passado era um mysterio, pois ignorava a que classe social pertenciam os seus progenitores e qual era o seu Estado natal . . .

Beppi, a quem devia a sua educação, recusava-se a categoricas explicações, dizendo-lhe apenas que elle era brasileiro, que seu pae havia morrido, e que nada mais lhe podia dizer, em vista de um solemne juramento que fizera, no proprio interesse d'elle, a quem amava como se fosse seu filho . . .

Todo este insondavel mysterio o opprimia; que terribes acontecimentos occultava o velho italiano?

Haveria algum crime que manchasse para sempre o nome de sua familia?

Até então não quizera descortinar o passado. Obedecera ao seu protector, assignando-se simplesmente: Oscar Brazil . . .

Mas podia continuar n'esta ignorancia, que era peor mil vezes do que a mais pungente realidade?

Não: queria conhecer toda a extensão da sua desgraça. Não podia, por mais tempo, acatar o silencio de Beppi.

Era mister que este lhe desvendasse, com a maior franqueza, o mysterio que envolvia a sua penosa existencia . . .

Saberia então se deveria ainda ter esperanza no seu amor, ou se lhe cumpria renunciar para sempre a essa vehemente paixão, que era a sua ventura, a sua vida . . .

Sim, porque Oscar conhecia muito bem que no dia em que perdesse a ultima esperanza, adquirindo a certeza de que Judith nunca poderia ser sua esposa, lavraria a sua sentença de morte!

Para que viver, se não lhe era dado gosar a felicidade?

Todas estas reflexões abalavam sèriamente a saude do pobre mancebo, que ia emmagrecendo, como se uma doença mortal lhe minasse o organismo.

Beppi via, com terror e afflicção, os progressos da indefinivel tristeza em que Oscar andava immerso; e, solícito, consagrando ao joven pintor um amor verdadeiramente paternal, dispoz-se a pôr em pratica um plano que ha algum tempo acariciava e que devia encher de ventura tantos corações . . .

Não devia por mais tempo manter uma reserva que poderia tornar-se funesta, e que fôra apenas inspirada pelo receio de que Oscar fosse victima de incognitos e perversos inimigos . . .

Mas, preserval-o de uma vingança, deixando-o sof-

frer uma dôr incommensuravel que podia arrastal-o ao tumulto, seria uma crueldade, quasi um crime.

Aguardava, porém, a melhor oportunidade para realisar o seu plano, para que este tivesse o exito desejado.

Todos os dias o velho e bondoso italiano visitava Oscar, a quem dirigia palavras de resignação e de conforto.

Um dia, o joven pintor, não podendo conter-se por mais tempo, deliberou contar todas as pungentes angustias que o martyrisavam.

Beppi, vendo-o muito pallido e febril, perguntára-lhe assustado :

— Que tens, Oscar ? Estás doente ? Soffres ?

O mancebo meneou tristemente a cabeça.

— Vejo que não te mereço mais aquella affectuosa confiança de outro tempo, disse o velho italiano com melancholia.

— Oh ! perdôe-me se o offendo ! exclamou Oscar com expressão afflicta. Eu não sou ingrato, mas ...

— Falla francamente. Tens alguma queixa de mim ?

— Não, conheço que me dedica uma carinhosa amizade. Não posso, porém, comprehender, por que razão não me arranca d'este estado de duvida, contando-me toda a verdade, por mais dolorosa que ella seja ...

Beppi estremeceu, e fixando attentamente o seu interlocutor, perguntou :

— Que queres dizer ? Explica-te melhor, pois é possível que d'esta vez sejam satisfeitos os teus desejos ...

— Falla sériamente ?! bradou Oscar com impetuosa alegria. Oh ! como eu lhe ficarei grato se desvendar-me o mysterio que envolve a minha existencia ... Diga-me a que familia eu pertenço, e qual o terrivel segredo que pesa sobre mim, talvez como uma herança maldita e deshonrosa ?! Não receie causar-me crueis afflições, pois não posso nem devo ignorar por mais tempo a verdade ... Estou n'uma situação horrivel, e do que souber sobre a minha individualidade, resultará a convicção de que devo

ter esperança na vida ou de que não me resta outro recurso senão morrer, amaldiçoando a hora em que vim ao mundo . . .

— Não falles assim, Oscar. Entregas-te irreflectidamente a um desespero insensato. Prometto-te que serás ainda muito feliz, e que não deves recear nenhuma deshonra d'este segredo que tenho guardado sómente para garantir a tua vida de perversos inimigos. Mas, dize-me com toda a franqueza: tu occultas-me tambem um segredo? Que razões tens para que uma febril agitação te domine, a ponto de teres abandonado o teu ateliér, onde antigamente tanto prazer sentias quando te dedicavas á pintura, a tua arte predilecta, para a qual sempre tiveste a mais decidida vocação?

O mancebo inclinou a cabeça com expressão triste e perturbada.

Passados alguns minutos, exclamou:

— Pois bem. Vou contar-lhe tudo, com a mais absoluta franqueza. Eu amo, com todo o ardor da minha alma, um anjo de bondade e de formosura que surgiu, meigo e sorridente, ante o meu olhar extasiado . . . Não pude ser senhor de mim e deixei-me arrastar pela mais violenta paixão, que é, simultaneamente, a minha vida e o meu tormento . . .

« Tão depressa me sinto enlevado por uns fagueiros sonhos de esperança, como soffro horrivelmente a realidade pungente de uma situação desesperadora . . .

« Conheço que é insensato e impossivel este vehemente amor que me enlouquece . . . Como poderei aspirar á suprema ventura de unir o meu destino á filha unica do nobre e orgulhoso barão de Lacerda, se eu não sou mais do que um pobre artista, sem nome, sem familia, sem outro valor que não seja o da mocidade?!

« Sei que Judith corresponde aos meus sentimentos, e que ella tambem soffre e talvez lucte contra a vontade paterna que lhe prepara um casamento vantajoso . . .

« Mas... amar e ser amado, não é bastante para que me sorria a felicidade. Os obstaculos que se erguem, terriveis e insuperaveis, causam-me uma angustia indescriptivel, e, muitas vezes, desesperado, tenho o desejo intenso de morrer... »

« Ah! a morte será certamente o unico recurso que me resta para readquirir a tranquillidade... Ao menos, nos ultimos momentos da minha vida, balbuciarei o nome d'aquella a quem dei o coração, e não soffrerei a horrorosa dôr de vel-a, por conveniencias de familia e de sociedade, nos braços de um rival, que gosará esse inestimavel thesouro que eu tanto ambiciono... »

Oscar calou-se, suffocado pelos soluços que lhe irrompiam da garganta contrahida.

Beppi olhava-o compassivamente, e, apoz alguns momentos de silencio, disse-lhe :

— Não te entregues a tão afflictiva desesperação... Tem esperanza no futuro, e confia em Deus que nunca desampara os bons... Tu serás ainda muito feliz, e o que consideras agora impossivel, talvez brevemente seja uma doce realidade...

— Oh! para que me diz essas palavras animadoras, se reconhece, tanto como eu, a impossibilidade de uma ventura que apenas posso entrever em sonhos?! exclamou o infeliz mancebo, com dolorosa expressão.

— Enganas-te, Oscar. Não tenho por fim illudir-te, o que seria indigno da sincera amizade que te dedico... Affirmo-te outra vez, e com a maior confiança, que não é tão triste e desgraçada, como julgas, a tua situação... Não curves a cabeça, como um fraco, ante as apparencias por peores que ellas sejam. Brevemente terás um nome e uma familia, e será então o proprio barão de Lacerda quem primeiro ha de abraçar-te com effusivos transportes de alegria e de affecto...

Oscar, com os olhos desmesuradamente abertos, ouvia, profundamente admirado, o que Beppi lhe estava dizendo.

— Duvidas?! continuou o velho italiano. Pois sómente te peço que contenhas a tua natural impaciencia por alguns dias, e verás se cumpro a minha palavra... Afugenta até lá esses tétricos pensamentos de morte, que só demonstram fraqueza, e que são indignos de um homem energico e intelligente, como tu és...

— Ah! meu querido protector, balbuciou Oscar, chorando como uma creança. Não me illuda com phrases de alegria e de esperanza... para diminuir a minha dôr. Depois seria ainda maior o meu soffrimento, quando viesse a dessillusão. Prefiro conhecer agora toda a extensão da minha desgraça... Um nome? (... uma familia?!... Será possível?! Porque nada me disse até hoje, recusando-se, pelo contrario, a dar-me quaesquer explicações sobre a minha origem?!

— Deves fazer-me a devida justiça, não suppondo que eu estava ludibriando-te... Se tenho conservado um segredo até agora, é porque a tua felicidade assim o exigia... Sabes quanto te estimo, e por isso espero que me acredites, não duvidando das minhas palavras, por mais indecifreveis que ellas te pareçam...

— Oh! perdôe-me, sr. Beppi. Sinto a cabeça devairada, e não sei o que digo. Não foi minha intenção offendel-o... mas sou tão infeliz!!... que chego a julgar uma chimera a venturosa transformação na minha vida... a que acaba de referir-se. Creio, porém, na sua amizade, e seria um ingrato se não confiasse nas suas palavras...

Beppi, commovido, levantou-se, e, pondo a mão no hombro de Oscar, disse-lhe com voz terna:

— Pois então tranquilisa o teu espirito, meu querido Oscar. Não faço ainda as revelações que desejas, mas juro-te que muito brevemente terás o grande prazer de abraçar tua mãe...

— Minha mãe?! exclamou o mancebo, levantando-se impetuosamente, e levando a mão direita ao coração, como para conter-lhe as pulsações desordenadas.

— Sim, tua mãe. Terás então um nome e uma família, conforme te disse. Depois, espero em Deus que serás feliz, não tendo necessidade de occultares por mais tempo o teu amor...

— Ah! como lhe poderei compensar tudo isso, meu bom e querido protector?

— Com a tua amizade. E, demais, vendo-te feliz, eu terei o unico prazer que ambiciono no pouco tempo que me resta a viver...

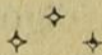
— Mas...

— Nada mais posso dizer-te n'este momento, e por isso espera, com paciencia, alguns dias... Crê n'este velho que foi, como poudes, teu segundo pae, e confia na infinita bondade de Deus...

Oscar e Beppi abraçaram-se com effusiva e sincera amizade.

O velho italiano saiu, limpando as lagrimas que lhe corriam ao longo das faces.

O joven pintor sentou-se novamente, mas na sua pallida physionomia brilhava um clarão de esperanza...



Emquanto isto se passava no ateliér de Oscar Brazil, outros acontecimentos tinham logar em casa da familia Lacerda.

Theodoro e o barão fallavam na sala em voz baixa.

— E' necessario darmos uma definitiva soluçào aos nossos compromissos, dizia aquelle. Os moços a quem demos a mão de nossas filhas, hão de imaginar que andamos caçoando com elles... Parece-me melhor apressar os casamentos... Estas cousas são ditas e feitas. Téem mais graça, e dão maior felicidade...

— Dizes bem, concordou o barão. Mas, com franqueza, vejo Judith tão triste e doente que não me atrevo

a dizer-lhe cousa alguma. Não seria melhor esperar mais alguns dias?

— Não. Logo que ella saiba a tua resolução, e conheça o noivo rico e elegante que lhe destinas, alegrar-se-ha, e verás como se accentuam rapidamente as suas melhoras. Rachel tambem anda nervosa e melancholica... Aquelle malvado Diogo tem sido o culpado de tudo isto; mas, por todos os motivos, acho conveniente não termos mais delongas.

— Pois bem, farei como dizes. Amanhã communicarei a Judith...

— Amanhã?! Para que addiarmos uma cousa que podemos fazer já?!...

— Tens muita pressa! ponderou o barão sorrindo.

— Não tenho a tua paciencia. Gosto de tratar todos os meus negocios com actividade...

— Então queres que mande chamar Rachel e Judith?

— E' a minha opinião. Trata-se d'um assumpto que interessa egualmente a ambas, e portanto não é necessario proceder com ridiculo segredo...

— Faça-se a tua vontade.

O barão focou a campainha, e, apparecendo uma criada, ordenou-lhe que fosse chamar as duas moças.

Pouco depois ellas entraram na sala, tristes e abatidas, como se presentissem o que lhes ia succeder.

— Sentem-se, disse o barão carinhosamente. Eu e Theodoro, como bons paes que nos prezamos ser, resolvemos pensar no vosso futuro...

E, apoz, uma breve pausa, proseguiu:

— Já tive occasião de dizer-vos algumas palavras sobre este assumpto, e, como é natural, concedemos um prazo para que desseis uma resposta. Os vossos noivos esperam anciosamente a feliz decisão, embora estejam certos de que vocês os acceitam da melhor vontade... Eu e Theodoro desejamos que os dois casamentos se façam no mesmo dia, para que uma não tenha inveja da outra...

Houve um momento de silencio, que foi um seculo de soffrimento para as duas pobres jovens.

Judith, principalmente, tremia como se fosse victima de um violento ataque febril, e o seu doloroso aspecto infundia compaixão.

Tão grande era a sua pallidez, que o barão, assustado, correu para ella, e, apertando-lhe as mãos que estavam frias e tremulas, exclamou:

— Que tens, minha filha? Soffres muito? Que sentes? Queres recolher ao teu quarto?...

— Não, meu pae, respondeu Judith fazendo um supremo esforço para tornar-se tranquilla.

— Mas tu estás doente?! Será conveniente chamar um medico. Octavio, como é moço, apesar de ser intelligente parece que não comprehende a tua doença.

A joven sorriu-se com tristeza, e balbuciou com voz fraca:

— Nem Octavio nem outro qualquer medico poderá curar-me.

— Não digas isso, atalhou o barão afflicto. O teu estado não é tão grave, como imaginas. E's muito nervosa, e...

— O unico que póde curar-me, interrompeu Judith receosa, é...

— Quem?! exclamou admirado o barão.

— O Senhor...

— Eu?!

— Sim. Devo, meu querido papae, fallar-lhe com toda a franqueza. O casamento que novamente me propõe é impossivel... Seria um horroroso sacrificio, e confesso-lhe que prefiro antes m...

O barão sou... uma exclamação de espanto, e, encarando fixamente sua filha, replicou com voz tremula, mas cheia de auctoridade:

— Tu occultas-me algum segredo que influe poderosamente na tua vida... Que significam essas tuas pa-

lavras?! ... Vamos, minha filha, responde-me com a maxima lealdade ...

Judith curvou a cabeça, e começou a chorar, com indizível afflicção.

O barão de Lacerda, pallido, agitado, ficou em frente d'ella n'uma attitude anciosa e inquieta.

— Então?! disse elle, approximando-se de sua filha que, n'um impeto de extraordinaria commoção, lançou-se-lhe nos braços. Que tens?! Tranquillisa-te e abre-me sinceramente o teu coração ...

Judith, abraçada a seu pae, murmurou, com voz fraca, como se dissesse um terrível segredo:

— Não posso casar com esse moço que papai accetou para genro, suppondo fazer-me feliz ...

— Porque?

— Porque amo outro ... e jurei a mim mesma ...

— O que juraste?!

— Se não casar com elle ... ficar solteira toda a vida ... E' inabalavel esta minha resolução ...

Atrapalhado com esta confissão inesperada, e surpreendido com as ultimas palavras que Judith proferira com estranha energia, o barão de Lacerda permaneceu alguns momentos boquiaberto e silencioso.

Afinal, procurando serenar o seu espirito, poude reflectir, dizendo com bonhomia:

— Mas ... quem é esse ... feliz possuidor de teu bello coração?! ... Certamente ha de ser digno de ti e da nossa familia ...

— Oh! sim, elle é honrado, nobre de sentimentos, e é estimado por quantos o conhecem pelas excellentes qualidades do seu character pouco vulgar ...

— Que enthusiasmo?! Como se chama elle?

A joven estremeceu, mas fazendo um esforço para completar a sua confissão, murmurou com voz debil:

— Oscar ...

— Quem?! O pintor?! exclamou o barão de Lacerda.

E, aturdido, com o semblante pallido, apenas poudo dizer a sua filha, com inflexão dolorosa de subito desgosto:

— Vae para o teu quarto ... Estás fraca e agitada ... Mais tarde fallaremos sobre o que acabaste de me confessar.

Judith obedeceu, retirando-se da sala, e o barão, caindo n'uma cadeira, levou as mãos á cabeça, exclamando:

— O pintor?!... Que grande infelicidade! Minha filha casar com um homem obscuro, sem familia ... oh! nunca! nunca!...

.

Durante a scena que descrevemos, Theodoro e Rachel conservaram-se silenciosos.

Esta, porém, chorava, como se partilhasse intimamente a afflicção de sua prima Judith, e quando esta retirou-se, por ordem do barão, correu para ella, e abraçando-a, acompanhou-a ao seu aposento, onde ficaram muito tempo conversando.

Theodoro, estupefacto com o que presenciára, aproximára-se do barão, e pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe:

— Não vejo motivo algum para que fiques assim aniquilado, como se te succedesse uma grande desgraça.

— Pois não achas que é uma fatalidade ter uma filha unica, desejar-lhe um brilhante futuro, digno d'ella, e vel-a apaixonar-se loucamente por um pintor pobre, sem familia, um obscuro artista, que veiu não se sabe d'onde e tem apenas por protector um velho italiano?!

— Oh! mas todas essas idéias loucas, proprias da juventude, passam depressa. Aconselha-a bem e verás como ella muda de pensar ...

Quando Theodoro acabou de proferir estas palavras entrou uma criada dizendo que um velho desejava muito fallar ao sr. barão.

— Mande entrar, disse este.

Pouco depois appareceu Beppi, que cumprimentou os dois irmãos, e sentou-se.

— Deseja alguma cousa? perguntou o barão, um tanto inquieto, com a presença do italiano, que sorria, tranquillo e prazenteiro.

— Preciso fallar a V. Exa. sobre um assumpto importante.

— Não querendo incommodal-os na sua conversação, eu retiro-me, disse Theodoro.

— Peço-lhe que fique, pois o que tenho a dizer interessa egualmente V. Exa., exclamou Beppi.

E accrescentou, sorrindo com a sua costumada bondade, que lhe dava um aspecto bastante sympathico:

— Trata-se de um facto que, creio, será de grande importancia para toda a familia Lacerda.

— Queira explicar-se, senhor, disse o barão ancioso.

Beppi, apoz alguns momentos de reflexão, começou fallando com voz pausada e tranquilla.

Repetidas vezes pronunciava o nome de Oscar, sempre com expressão triste e affectuosa.

Theodoro e o barão de Lacerda ouviam-n'o silenciosamente, e nas suas physionomias attentas e commovidas via-se claramente quanto profunda era a admiração que lhes causava a narrativa de Beppi.

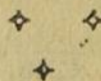
De quando em quando soltavam exclamações de surpresa, e os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas...

Que estaria dizendo o italiano para que produzisse tão extraordinaria impressão nos seus ouvintes?

No capitulo seguinte encontrarão os nossos leitores a explicação de tão estranho caso.

Apenas diremos por ora que da conferencia havida entre Beppi e os dois Lacerdas, e que durou mais de duas horas, resultou uma completa transformação em todos os membros d'essa numerosa familia que o desgosto assoberbava, por diversas fórmas.

Desvaneceram-se, como por encanto, todas as tristezas...
Os corações dos velhos e dos moços palpitarão de alegrias, mais ou menos intensas, mas sinceras e indescritíveis...



Beppi foi abraçado cordealmente por Theodoro e pelo barão de Lacerda que quiz vêr Oscar o mais breve possível.

O velho e bondoso italiano, profundamente commovido, prometteu voltar n'essa mesma tarde, acompanhado do joven pintor.

Judith, radiante de contentamento, abraçava Dulce, dizendo-lhe palavras affectuosas...

Rachel sorria para Jorge, como que affirmando-lhe que aquella repentina felicidade tambem os envolvia...

Mas de todas as pessoas da familia Lacerda, aquella que manifestava maior alegria, era Amelia, a pobre senhora que até então vivera sempre triste e abatida...

O velho italiano podia vangloriar-se de possuir uma varinha magica, de effeitos surprehendentes...

VII

MÃE E FILHO

Beppi, logo que saiu de casa do barão de Lacerda, dirigiu-se pressurosamente para o ateliér de Oscar.

Este, sentado n'uma cadeira de balanço, meditava.

As palavras mysteriosas e incomprehensíveis do seu protector tinham deixado no seu espirito uma profunda impressão.

Elle havia-lhe jurado que brevemente não seria mais um infeliz, sem nome, sem familia, entregue inexoravelmente a uma sorte cruel...

Teria o prazer de abraçar sua mãe, e então poderia aspirar ás mais placidas e ineffaveis venturas...

Sua mãe?! Oh! como repetia esta doce palavra que tinha para elle encantos indizíveis!...

Sentia-se dominado por uma commoção extraordinaria, pensando no momento feliz em que conhecesse aquella que lhe déra o ser!

Mas... uma nuvem triste lhe obscurecia o cerebro, produzindo um terrivel sofrimento.

As promessas de Beppi seriam illusorias? Diria aquellas palavras de esperança e de felicidade, só para lhe suavisar a angustia que o assoberbava?

Oh! seria uma ironia cruel apontar-lhe o caminho da mais completa ventura para logo depois o deixar immerso nas trévas caliginosas da terrivel ignorancia que envolvia a sua existencia...

Beppi possuia um coração bondoso, incapaz de praticar tão grande crueldade.

As suas palavras eram convictas e sinceras, e Oscar sorria-se de contentamento, lembrando-se da hora venturosa em que pudesse, de cabeça erguida, bradar á sociedade :

— Tenho um nome, uma familia!... Não sou mais um engeitado, um ente infeliz, a quem o mundo despreza, no seu insensato orgulho, na sua criminosa indiferença pelas desgraças dos humildes!

Estava Oscar immerso nas suas reflexões, quando appareceu Beppi, com o sorriso nos labios e transparecendo-lhe a mais viva alegria no semblante bondoso.

O joven pintor, ao vê-lo, correu para elle impetuosamente, e, abraçando-o, exclamou :

Ah! com que impaciencia o esperava. Depois das palavras que me disse hontem, estava ancioso de o vêr... Receio que tudo seja um sonho, cujo despertar seria horroroso ...

— Tranquilisa o teu espirito, meu querido Oscar, disse o velho conduzindo o joven pintor para o ateliér. Senta-te e ouve-me... Saberás agora que não se trata de sonhos nem de illusões, mas de factos reaes que farão a tua felicidade...

Oscar deixou-se cair em uma cadeira, pallido, dominado por uma commoção extraordinaria.

Passados alguns momentos de silencio, Beppi proseguiu :

— Venho agora mesmo de casa do barão de Lacerda...

— Ah! Fallou-lhe a meu respeito?

— Decerto. Foi com esse fim exclusivo que o procurei...

— Mas... que tinha a dizer-lhe? Espero que... não lhe revelasse o meu segredo...

— Qual?!

— Do meu vehemente mas insensato amor por Judith...

— Não foi preciso eu dizer-lhe cousa alguma a esse respeito. Elle já o sabia...

— Oh! quem lh'o disse?

— Sua propria filha.

— Judith?!...

— Sim, ella ama-te, meu caro, e não teve duvida em o declarar francamente ao pae...

— Meu Deus?!

E Oscar, ancioso, afflicto, accrescentou com voz oppressa:

— Que disse o barão? Oh! conte-me tudo depressa... Tenha dó da minha angustia...

— Socega, não ha razões para que estejas assim inquieto. O barão, admirado da confissão da filha, não lhe deu logo uma resposta, a qual provavelmente não seria muito agradável para ti, mas... o homem põe e Deus dispõe.

« Eu appareci-lhe naquelle momento e, depois de conversarmos mais de duas horas, já o barão estava com outras disposições a teu respeito. Ficou alegre e commovido, e quiz que toda a familia participasse da sua subita alegria...

« Judith, que chorava de tristeza, sorri agora de felicidade; e toda a familia Lacerda está contente, aguardando com anciedade o momento de abraçar-te...

— Mas... como conseguiu essa maravilhosa transformação? Parece-me tudo isto um sonho?! Com franqueza, não comprehendo como podia succeder tão estranho facto...

— Vaes comprehender, atalhou Beppi com expressão bondosa. E' necessario, porém, que tenhas paciencia para ouvir o que vou dizer-te. E' a historia da tua vida, e por ella saberás quem és, e quaes as razões por que a familia Lacerda te deve consagrar verdadeira amizade...

— Oh! falle... estou ancioso de saber todos esses mysterios que me perturbam a razão...

— Bem. Escuta com calma. Chegou a ocasião de revelar-te tudo.

E, apoz alguns momentos de silencio, durante os quaes esteve concentrado, o velho proseguiu:

— Ha pouco mais de dezoito annos foi praticado um crime horroroso n'um logar ermo e sombrio, proximo da villa de S. Bernardo. Um talentoso pintor, chamado Ernesto, quando vinha para S. Paulo, de regresso da viagem que fizera dois dias antes áquella villa, foi assaltado por uns negros que o assassinaram cruelmente, arrastando-o meio vivo para um pequeno capão onde o deixaram entregue á voracidade dos córvos...

« Dois dias depois, uns tropeiros viram o cadaver do desditoso pintor, e participaram ás auctoridades que compareceram immediatamente ao local do crime.

« Todas as investigações para a descoberta dos assassinos foram infructuosas; e este crime horrendo ficou impune até hoje.

« Ora as auctoridades souberam que o infeliz Ernesto viajava em companhia de uma criança de 4 annos, seu filho, que desapareceu de uma fórma mysteriosa.

« Teria tambem sido morto? Procederam as mais minuciosas pesquisas mas nada puderam conseguir; e, afinal, cançaram, deixando na mais pungente afflicção uma pobre senhora, que, pranteando a morte violenta de seu esposo, lamentava tambem o desaparecimento de seu querido filhinho.

Beppi interrompeu, por alguns momentos, a sua narrativa, e ficou silencioso, reflectindo como devia continual-a.

Oscar estava visivelmente commovido.

Com o olhar fixo no velho italiano parecia querer adivinhar qual seria o fim d'aquella historia triste e horrorosa, de um crime acontecido ha tantos annos.

Afinal, Beppi, erguendo a cabeça, continuou com voz levemente perturbada:

— Essa pobre criança foi levada pelos assassinos

de seu pae, para um lobrego subterraneo, onde esteve alguns dias encerrada e sujeita aos mais atrozes martyrios.

« O assassinato de Ernesto tinha sido ordenado por uma negra, uma infame megéra, que assim satisfazia uma torpe vingança.

« Os negros que haviam praticado o nefando crime, não eram mais do que méros instrumentos, assalariados para esse fim...

« Rugindo como uma féra, a miseravel atirou-se á innocente criança que, desvairada pelo terror e pelos máus tratos, ficou em um estado lastimavel, digno de toda a commiseração...

« Soffrendo a todo o momento as mais horrorosas violencias, e alimentada a pão e agua, em breve a infeliz criancinha tornou-se idiota, tremendo como um vime ao menor ruido, não proferindo uma palavra, e soltando apenas, de quando em quando, uns debeis queixumes e gemidos que commoveriam o coração mais empedernido...

« Ora um d'esses angustiosos gemidos foi ouvido por um homem, vendedor ambulante de diversos artigos.

« Casualmente, passando de noite perto da casa onde morava a negra, chamou-lhe a attenção um grito doloroso, mas tão fraco, que parecia sair das entranhas da terra.

« Impellido pela curiosidade, e por um sentimento estranho que lhe dizia existir n'aquelle logar uma grande desgraça, o pobre transeunte teve a precisa coragem para se approximar da casa, unica que ali existia, e, arrastando-se para não fazer ruido, escutou attentamente.

« Ouviu então distinctamente outro grito de criança, e logo uma voz roufenha e aguardentada dizer :

«— Toma, meu pequeno. Tanta pancada has de levar que não repetirás mais na minha presença essas enfadonhas palavras: « mamãe, papae... »

« O vendedor ambulante, ouvindo isto, teve impetos de ir estrangular aquella furia, cuja voz rancorosa lhe fazia mal aos nervos...:

« A criança soltou ainda um debil grito de dôr, e calou-se como se tivesse exhalado o derradeiro suspiro.

« Uma onda de indignação subiu á cabeça do vendedor ambulante que jurou salvar aquelle pobre ente das garras deshumanas de uma infame...

« Com a maior cautela rodeou a casa, e poudo descobrir uma pequena fresta que parecia dar para o lobrego subterraneo onde devia estar encerrada a infeliz criança.

« Lançando mão de um ferro que encontrou dentro do quintal da casa, elle começou alargando aquella fresta, procurando fazer o menor ruido possivel.

« De quando em quando suspendia o trabalho, e escutava attentamente. Assegurando-se de que não era presentido, continuava com mais esforçado ardor.

« Ao fim de duas horas, offegante, banhado em suor, quasi exausto, conseguira alargar a fresta o sufficiente para que pudesse passar o seu corpo

« Correndo o risco de ser descoberto, acendeu um phosphoro e examinou rapidamente o interior do subterraneo, verificando que era de pouca altura.

« Então munido de uma corda que tambem encontrou estendida no quintal, com alguma roupa pendurada, atou uma das extremidades a uma arvore proxima, e confiando na sua robustez physica, desceu a pulso até ao fundo da infecta cóva.

« Accendeu alguns phosphoros e viu a um canto, cahida, sem sentidos, n'uma pallidez mortal, a pobre criança que tinha a cabeça ferida, e no rosto, emmoldurado de cabellos crespos, manchas de sangue coagulado.

« Levado por um impulso de compaixão, agarrou no macerado corpinho d'aquella infeliz criança, e trepou novamente pela corda, o que só conseguiu, apoz inauditos esforços.

« Logo que respirou o ar fresco da noite, o vendedor ambulante, carregando aquelle precioso fardo, fugiu como um criminoso que tivesse roubado um rico thesouro,

« Correu algum tempo como se fosse perseguido, e só afrouxou tão precipitada carreira quando se viu a grande distancia da maldita casa d'onde arrancára a desditosa criancinha que continuava inanimada, como se fosse morta.

« Não sabendo como prestar-lhe os primeiros socorros, dirigiu-se apressadamente para a casa de uma pobre mulher, sua conhecida, á qual contou o que succedera.

« Essa bondosa creatura tratou a infeliz criancinha com tão desvelado carinho, que, apoz alguns minutos, ella recuperou os sentidos, murmurando algumas palavras inintelligiveis.

« Tranquillo por saber que a pobre victima dos máus tratos da infame megéra ainda estava viva, o vendedor ambulante examinou-a detidamente.

« Viu que era um menino, que poderia ter, quando muito uns quatro annos, e nas suas roupinhas brancas encontrou marcado um nome...

— E esse nome era... balbuciou o joven pintor commovido.

— Oscar, respondeu Beppi limpando algumas lagrimas que lhe marejavam os olhos.

— Oh! então essa criança...

— Eras tu, concluiu o velho italiano. Não me admira que não te recordes de cousa alguma, porque estiveste muito mal por bastante tempo. Quasi morreste, e deves a tua vida a essa bondosa mulher que te tratou sempre com extremoso carinho...

— Guilhermina?

— Sim, foi ella a tua dedicada enfermeira.

— E o meu salvador?

— Fui eu... Tive a felicidade de livrar-te de uma morte certa e horrorosa, porque a malvada negra odiava-te ferozmente.,.

— Mas... porquê?

— Já vaes saber a causa d'esse intenso e atroz

rancor. Eu, logo que te vi entregue aos carinhos da boa Quilhermina, tratei de indagar o mais que pudesse a teu respeito... Todas as noites approximava-me da casa onde morava a maldita furia, e uma vez fui feliz, porque ouvi uma singular conversação entre ella e um seu cumplice...

« Foi então que soube quem tu eras, e que teu pae, o infeliz pintor Ernesto fôra morto traioeira e cobardemente por ordem da terrivel negra que jurára contra tua familia uma vingança implacavel...

« Receoso de que fosses mais tarde victima dos teus inexoraveis inimigos, occultei-te sempre a verdade, e logo que tu chegaste á idade de 8 annos, levei-te commigo para a Italia, onde te dedicaste, por decidida vocação, á nobre arte de pintor, seguindo assim, sem o saberes, a carreira de teu pae...

— Mas...

— Já sei o que vaes perguntar. Estás ancioso de saber o mais importante da minha narração. Pois vou satisfazer a tua natural anciedade...

« Pelas palavras que ouvi da negra, soube que teu pae tinha sido dias antes assassinado, e contra toda a tua familia a miseravel proferiu palavras de entranhado rancor e de extraordinaria vingança.

« No dia seguinte informei-me se tinha havido ultimamente algum assassinato, e foi então que soube do terrivel acontecimento que te orphanou...

« Sabendo que o morto era um conhecido pintor chamado Ernesto, foi facil descobrir quem era a sua familia...

« O infeliz deixára a mulher e uma filha, quasi sem recursos, e se não fosse a bondade de uma senhora, tia e madrinha d'aquella, teriam mãe e filha soffrido as angustias terriveis da miseria...

« Como já te disse, quatro annos depois levei-te para Italia, onde procurei dar-te a melhor educação possivel, e voltei contigo ao Brazil na idéia de revelar-te qual era a tua familia, para seres completamente feliz...

« Mas... sabendo que toda a tua familia continuava sendo perseguida atrozmente por cobardes e infames inimigos, tive receio de expôr-te igualmente aos perigos de uma implacavel vingança, e occultei-te a verdade. A amizade que te dedico, talvez o egoismo de um velho que não tem no mundo outra affeição, fez com que eu assim procedesse.

« Quando Guilhermina, dias antes de morrer, quiz fazer-te umas revelações importantes, eu oppuz-me obstinadamente, convencendo-a de que era para o teu bem que nos cumpria guardar segredo. A boa velha, que muito te estimava, accedeu ao meu pedido e calou-se...

— Pobre Guilhermina! murmurou Oscar commovido.

— Mas desde aquelle momento, continuou Beppi, parece que a Providencia quiz que te fosses approximando da tua familia, e apezar de seres para todos um estranho, d'essa approximação resultou envolveres-te nos mesmos odios, soffrendo as funestas consequencias de uma vingança tão atróz e infame quanto mysteriosa e injustificada...

— Que quer dizer?! Oh! meu Deus! Será possível?! exclamou Oscar, comprehendendo o pensamento de Beppi.

— Sim, proseguiu este, só a Providencia seria capaz de fazer com que, por uma série de factos casuaes e inesperados, pudesses arrancar de um horrivel subterraneo a tua unica irmã...

— Minha irmã?!

— Sim, Dulce é tua irmã, e, portanto, Amelia de Lacerda é tua mãe...

— Minha mãe?! Oh! todas as vezes que me approximava d'ella sentia uma estranha impressão que eu attribuia á tristeza em que a via sempre envolvida...

— Já vêes, meu querido Oscar, concluiu Beppi com um bondoso sorriso, que cumpri a minha promessa, e devo agora declarar-te que tua familia espera-te hoje

mesmo, e que teu tio, o barão de Lacerda, está ansioso de abraçar o sobrinho a quem quer dar igualmente o tratamento de genro...

— Ah! meu querido protector! Devo-lhe a vida e a felicidade.

E Oscar, chorando de alegria, atirou-se ao pescoço do bom velho italiano, beijando-o e abraçando-o com o mais effusivo enthusiasmo.

— Está bem! está bem! olha que me afogas! dizia Beppi com voz trémula. Eu não tenho feito mais do que o meu dever...

E, extraordinariamente commovido, abraçou o joven pintor, e acariciava-o com verdadeiro amor paternal, ao passo que pelas faces pallidas lhe deslisavam abundantes lagrimas.

Por algum tempo estiveram ambos abraçados, sem poderem proferir uma palavra, tal era a profunda commoção que igualmente os dominava.

Afinal, Beppi foi o primeiro a fallar, dizendo com expressão carinhosa:

— Vamos, Oscar, prepara-te para irmos á casa da tua familia... Tua mãe deve estar ansiosa de abraçar-te... Quando eu sahi, ella, chorando, pediu-me que não me demorasse...

— Oh! minha querida mãe! Tambem eu desejo estreital-a nos meus braços. Vamos, Beppi, não devo demorar tão grande felicidade. Como eu estou contente!...

.

Passados alguns minutos saíram ambos do ateliér, em direcção á casa da familia Lacerda.

Pelo caminho o velho italiano contou a Oscar quanto lhe succedera...

O barão recebera-o primeiramente com certa frieza, mas ao concluir a narrativa, tanto elle como Theodoro, que tudo ouvira, abraçaram-n'o commovidos.

— Oscar é meu sobrinho, e eu ha pouco dizia com

desespero que elle, sendo um obscuro artista, sem nome e sem familia, não merecia o amor de minha filha! exclamava o barão de Lacerda.

E, dominado por um impulso irresistivel, chamou em altos gritos toda a familia.

— Entraram todos na sala, onde eu estava, proseguiu Beppi, e o barão pediu-me para que repetisse tudo o que lhe contára.

« Fil-o o mais rapidamente que pude... Em todos os semblantes transpareciam a surpresa, a admiração e o prazer, e, por fim, houve uma scena de lagrimas, indescritivel e inolvidavel...

« Tua mãe balbuciou algumas palavras de reconhecimento e de amor, e desmaiou. Accudiram-lhe logo, e pouco depois recuperou os sentidos, bradando: meu filho, onde está meu filho?

« Judith e Dulce choravam abraçadas uma á outra, e Rachel, alegre, ria e fallava, formando um grupo encantador...

« Por ultimo quasi que me empurraram pela porta fóra para que viesse buscar-te.

« E a esta hora devem estar desesperados de nos termos demorado tanto... Mas, felizmente, eis-nos chegados.

Pouco depois Beppi e Oscar entravam na sala onde toda a familia Lacerda estava reunida.

Renunciamos ao difficil trabalho de descrever o que se passou n'aquelle momento.

Foi uma confusão, um delirio, o apparecimento do joven pintor...

Este, pallido, suffocado, com o olhar ardente e febril, esqueceu tudo e todos para estender os braços á sua mãe, balbuciando com voz trémula de commoção:

— Minha mãe!

Amelia, soltando um grito indefinivel, correu como louca para elle, abraçou-o com phrenesi, e, chorando, bradou com voz entrecortada:

— Meu filho!... meu querido filho!... Ah! Deus é bom!... restituiu-me o meu Oscar!... O meu coração apesar de tudo, dizia-me que eras vivo... Rezava por ti todos os dias. Ah! os assassinos de teu pae, do meu querido Ernesto, pouparam ao menos a tua vida, n'aquelle horroroso assalto...

Por muito tempo mãe e filho conservaram-se abraçados. Amelia acariciava-o, como se elle fosse uma criança, dizendo-lhe em voz carinhosa:

— Como estás bonito... E o meu coração não adivinhou que tu eras o meu filho, o meu querido Oscar, quando te vi!... Tinha por ti a mais profunda sympathia, dedicava te um doce affecto, mas attribuia este sentimento ao facto de teres sido o salvador de Dulce... Oh! onde está ella?

— Estou aqui, mamã, balbuciou a joven chorando.

— Vem, minha filha. Abraça teu irmão...

Dulce lançou-se nos braços de Oscar, murmurando:

— Meu bom irmão.

— Minha querida irmã, balbuciou o joven pintor extremamente commovido.

E Amelia, transfigurada, conchegou ambos ao seu seio offegante, exclamando com voz trémula:

— Obrigada, meu Deus! Tenho os meus filhos para me alegrarem a velhice... Oh! como sou feliz!...

E lembrando-se que devia toda aquella extraordinaria ventura ao velho Beppi, que ficára a um canto, afastado, chorando como uma criança, correu para elle e abraçou-o, dizendo-lhe:

— Oh! accete este abraço de uma mãe reconhecida pela generosa protecção que dispensou ao seu filho, salvando-o da morte e educando-o com verdadeiro amor paterno! Deus o abençõe pelo bem que fez!...

O pobre velho respondeu apenas com um soluço, e a sua cabeça, coberta de respeitaveis cans, inclinou-se sobre o hombro de Amelia.

O barão, dirigindo-se a Oscar, disse-lhe:

— Vamos, eu tambem tenho direito a um abraço.

— E eu tambem, disse Theodoro.

O joven pintor abraçou seus tios e seu primo Octavio, que estavam sinceramente commovidos.

Por fim, o barão, pegando no braço de Oscar, conduziu-o até onde estava Judith, a quem Rachel dirigia palavras carinhosas, incutindo-lhe no coração o calor benefico da esperança...

— Minha filha, disse o barão, vem cá... Quero resolver agora sobre a confissão que ha pouco me fizeste...

E, voltando-se para o joven pintor, acrescentou affectuosamente:

— Abrace sua prima... e sua noiva...

Oscar soltou um grito de alegria, ficou ainda mais pallido, e, levando as mãos ao coração, balbuciou:

— Oh! meu Deus! Tanta felicidade póde matar-me.

.
.
.

Quando toda a familia Lacerda estava radiante de jubilo, um novo acontecimento veio augmentar a extraordinaria commoção que dominava todos os corações.

Manoel Sequeira, como os leitores decerto se recordam, era vizinho dos Lacerdas; e, não obstante estar de cama, quasi entrevado pelo rheumatismo, quiz apparecer n'aquelle momento, para completar a felicidade de alguns... que n'elle confiavam.

Rachel, com o seu espirito energico e inventivo, é quem preparára a intervenção do seu padrinho.

Convencera Elysa a deixar o seu natural acanhamento, e, aproveitando a oportunidade de contar a seu pae quanto Beppi revelára, e que já não era segredo para ninguem, confessou-lhe toda a verdade, não só do que dizia respeito a ella, como tambem sobre as causas da grande tristeza em que Jorge andava.

Manoel Sequeira não ficou surprehendido; e, levantando-se, esperou o momento em que Oscar chegasse, para cumprir a sua missão.

Foi por isso que elle appareceu, com grande admiração de todos, exceptuando Rachel, na sala onde a familia Lacerda exultava de contentamento.

Amparado, por Jorge e Elysa, o bondoso portuguez, com o seu alegre sorriso, exclamou:

— Imaginavam que eu, por estar velho e entrevado, não devia comparecer n'estas reuniões onde só ha alegrias e felicidades... Pois enganaram-se: aqui estou, reclamando o meu quinhão, para mim e para meus filhos...

E, depois de o sentarem, com difficuldade, na cadeira de balanço, continuou, dirigindo-se a Theodoro:

— Compadre, você não aprecia aquella ventura que só o amor e a mocidade pódem dar?

E apontou para Oscar e Judith que, de mãos dadas, olhavam-se embevecidos, com apaixonado enthusiasmo.

Theodoro olhou para elle boquiaberto, como quem não comprehendia a pergunta.

O velho Sequeira continuou com inflexão levemente ironica:

— Pois se eu fosse você, desejaria vêr meus filhos tão felizes e alegres como estão aquelles.

— Dou-lhe a minha palavra, compadre, que não percebo nada do que você está dizendo, exclamou Theodoro encolhendo os hombros.

— Devo então ser mais claro e mais franco, retorquiu Sequeira. Você tem um casal de filhos e eu tenho outro... Ora, para que elles não tenham inveja d'aquelles dois pombinhos, e para que a alegria seja completa para todos, não seria bom tratarmos agora de mais dois casamentos?

— Que estás dizendo? Rachel...

— Sim, Rachel, que tu queres fazer casar com um ricaço qualquer, ama Jorge, e o rapaz anda triste e suspirando pelos cantos. Elysa ainda ha pouco me confes-

sou que Octavio é o marido que ella deseja... Que queres? Nós os velhos dispomos as cousas de um geito, e os moços resolvem-n'as de outro...

— Mas... eu de nada sabia... titubeou Theodoro, profundamente surprehendido.

— Nem precisavas saber. Basta que o saibas agora. Na qualidade de teu velho amigo e compadre ousou fazer-te desde já o meu pedido com todas as formalidades, e perante numerosas testemunhas...

E, sorrindo, Manoel Sequeira ergueu-se com difficuldade, e proseguiu com ar solenne:

— Sr. Theodoro de Lacerda: tenho a honra de pedir para o meu filho a mão de Rachel. — desejo que pergunte a Octavio quaes os seus sentimentos a respeito de minha filha.

Houve um momento de silencio, durante o qual todas as pessoas presentes se entreolharam admiradas e satisfeitas.

Theodoro disse á sua filha:

— Rachel, o que dizes sobre o pedido que acabaste de ouvir?

A joven, ruborisada mas resoluta, respondeu:

— Digo que serei muito feliz casando com Jorge...

— E tu, Octavio? interrogou ainda Theodoro.

— Eu devo confessar-lhe que amo Elysa, e era minha interção pedir-lhe que fallasse a tal respeito com o sr. Manoel Sequeira.

— Muito bem. Ignorava todos estes segredos... e estou contente em sabel-os agora.

E, voltando-se para o seu compadre, Theodoro disse:

— Manoel, respondo ao teu pedido, fazendo-te outro identico... Tenho a honra de pedir para o meu filho, a mão de Elysa...

Como unica resposta, Sequeira estendeu os braços, e os dois amigos velhos abraçaram-se commovidos.

— Magnifico! exclamou o barão de Lacerda. Temos tres casamentos brevemente... Combinaremos que se effectuem no mesmo dia, para que a alegria e a felicidade reinem egualmente em todos os corações...

VIII

A POLICIA E O MOGY

Vamos novamente encontrar o celebre Diogo que continúa, com o seu bando, a praticar os mais hediondos crimes pelo oeste de S. Paulo.

Eram tantas as queixas dirigidas ao doutor chefe de policia que este resolveu agir com a maior energia e promptidão.

Os destacamentos locais pouco ou nada faziam por medo ou negligencia.

As auctoridades do interior, dominadas por alguns influentes politicos que protegiam o famigerado bandido, e receando tambem a terrivel vingança d'este, não davam efficazes providencias, limitando-se a mandar officios para S. Paulo, nos quaes demonstravam a inepecia e a cobardia com que tratavam tão importante assumpto.

Assim, o malvado chefe da *Mão Negra* seguia forte e intemerato na tenebrosa senda do crime.

O seu nome era execrado e temido.

Vangloriando-se d'isso, elle considerava-se invulneravel, e, com os seus homens bem armados e municados, julgava-se no direito de dispôr a seu talante da vida e da propriedade dos habitantes d'aquella zona.

Tal estado de cousas não podia continuar; e o doutor chefe de policia assim o comprehendeu, deliberando perseguir, como se fosse uma féra, o terrivel Diogo com quem, ha muito, tinha sérias contas a ajustar.

Depois de obter as mais minuciosas informações sobre o audacioso bandido, para que este não pudesse escapar-lhe, mandou chamar o 1.º Delegado auxiliar, Dr. Nobrega, com quem conferenciou longamente.

Osorio assistiu também a essa conferencia, pois o illustre magistrado não podia dispensar o auxilio de um homem a quem devia a importante derrota que soffrera na capital a terrivel e poderosa sociedade secreta conhecida pelo suggestivo titulo de *Mão Negra*.

Os resultados d'essa conferencia e de outras que se lhe seguiram por alguns dias, não se fizeram esperar muito.

Uma manhã o Dr. Nobrega, Osorio e um escrivão de policia embarcaram em direcção a Cravinhos.

Seguia com elles uma escolta de 30 praças, bem armadas, e escolhidas cuidadosamente pelo respectivo commandante.

Procedendo logo ás necessarias indagações, o 1.º Delegado auxiliar proseguiu activamente na diligencia, procurando prender algum bandido que pertencesse ou soubesse alguma cousa da *Mão Negra*.

Pouco conseguiu nos primeiros dias, e, desnorteado, cheio de desespero, começava já a impacientar-se, julgando que teria de regressar a S. Paulo sem poder exterminar o famigerado Diogo, a quem odiava mortalmente, quando Osorio ponde colher seguras informações afim de seguirem o rastro dos criminosos.

Narrar todos os passos que deram o Dr. Nobrega e Osorio, acompanhados do escrivão e da escolta, seria enfadonho, e não teria grande utilidade para o fim que temos em vista.

Portanto, limitamo-nos a affirmar que a perseguição ao chefe da *Mão Negra* começou fazendo-se com a maior actividade, e na firme disposição de o apanharem, vivo ou morto.

Usando de todas as subtilezas, investigando sempre, e fazendo marchas consecutivas, a força policial não des-

animava, antes estava anciosa do momento em que pudesse enfrentar com o famigerado bandido e com os seus malvados capangas.

Conseguirá d'esta vez a policia aniquilar tão poderoso inimigo?

E' o que vamos ver.



Não obstante saber que o perseguiam encarniçadamente, Diogo, confiando em si e nos seus, pouco se preocupava com isso.

Apenas tomou algumas medidas, para que não fosse victima d'alguma traiçoeira cilada.

Internou-se pelas espessas mattas que marginavam o rio Mogy-Guassú, do lado esquerdo, e, sempre errando, ora n'um, ora n'outro ponto, estava convicto da sua superioridade, podendo mesmo repellir com vantagem qualquer ataque da policia.

Esta chegára já á margem opposta do rio Mogy, e, occulta, esperava a occasião de agir o mais rapidamente possivel.

Não sabendo, com certeza, onde era que o famigerado Diogo e a sua gente se tinham refugiado, não lhe convinha apparecer, para que os bandidos não escapassem mais uma vez.

Osorio desenvolvia toda a sua astucia para descobrir qual o paradeiro certo de Diogo.

O Dr. Nobrega punha em pratica todos os meios para ir avançando o mais habil e surrateiramente possivel.

Os soldados, anciosos do encontro, para terminarem com aquella penosa diligencia, procuravam occultar-se, conservando-se, porém, sempre alerta, promptos a travarem lucta, por mais sanguinolenta que fosse, contra a famosa e terrivel *Mão Negra*.

Assim decorreram dois dias, sem que succedesse facto algum digno de ser mencionado.

Afinal, no terceiro dia Osorio appareceu ao Dr. Nobrega, a quem disse algumas palavras em segredo.

O 1.º Delegado auxiliar exultou de satisfação, exclamando :

— Mas esse homem não irá trahir-nos?

— Não o julgo capaz d'isso. E' um velho honrado, um antigo canoeiro, muito conhecido pelos seus bons sentimentos, n'estes logares e cercanias...

— Mas será capaz de conseguir que Diogo venha até aqui? O maldito é esperto, e deve andar muito desconfiado.

— Elle não suppõe que nós estamos tão perto. E depois ... não se perde nada em tentar ... Se as cousas saírem mal, não será por nossa culpa ...

— Decerto. Mas quando o velho canoeiro fôr lá fallar-lhe, não poderá ser victima d'esse miseravel Diogo?...

— Não ha duvida que elle vae arriscar-se muito, mas é preciso fazer-se alguma cousa para não ficarmos aqui, de braços cruzados, por muito tempo ...

— Está bem. Vamos vêr como acaba tudo isto.

— Tenho a maior esperanza de que, d'esta vez, ganharemos completa victoria.

— Deus o permitta.

Osorio retirou-se para ir fallar de novo com o canoeiro, que era um velho caboclo, de physionomia sympathica, que odiava cordealmente os bandidos, e só por absoluta necessidade se dava com elles, para livrar-se de uma morte horrorosa que elles lhes poderiam dar, caso reluctasse em obedecer-lhes.

Decorrida meia hora, o canoeiro, aparentemente tranquillo e alegre, atravessava o Mogy, e, manejando o varejão com grande pericia, em poucos minutos encostava a velha e estreita canôa na margem esquerda do rio.

A escolta occultou-se o melhor possivel no capoeirão, que havia na margem direita, e aguardou os acontecimentos...

No entanto, Diogo, sem suspeitar o que succedia em frente d'elle, estava deitado á sombra de uma arvore frondosa, conversando com Juca Velho.

Os bandidos, em redor, abrigavam-se egualmente á sombra do arvoredor, e, enquanto uns dormiam a somno solto, outros, em pequenos grupos, jogavam e discutiam em voz baixa.

Ouçamos o que Diogo e Juca Velho estão dizendo:

— Ora, deixa-te de tristes apprehensões, exclamava aquelle, soltando uma gargalhada. Imaginas que esses patetas da policia são capazes de vir até aqui? As nossas carabinas são boas, e elles são muito valentes, mas têm amor á pelle.

— Mas podem fazer-nos alguma traição...

— Como?!

— Emboscando-se por ahi á nossa espera, como se fossemos animaes ferozes que não conviesse atacar de frente...

— Não digas asneiras. Uma emboscada de muitos homens logo se percebe e nós temos mais probabilidades de vencer do que elles...

— Era preferivel, porém, que evitassemos o encontro... A prudencia é sempre util, principalmente nas nossas circumstancias em que, com franqueza, falta nos recursos indispensaveis á propria subsistencia...

— Está tudo previsto e remediado. O canoeiro prometteu-me arranjar mantimento sufficiente para estarmos aqui alguns dias...

— Pois sim, mas...

— Desconheço-te hoje, Juca Velho. Estás nervoso e receias de tudo...

O novo secretario da *Mão Negra* suspirou e calou-se.

Pouco depois ouviu-se um assobio estridulo e prolongado.

— Ahi vem o homem! exclamou Diogo, levantando-se. E deu alguns passos ao encontro do recémchegado.

Era o canoeiro que vinha dar contas da commissão que lhe fôra confiada.

— Então, arranjo tudo bem? perguntou o chefe da quadrilha, sorrindo.

— Fez-se o que se poudo, respondeu o velho caboclo, saudando o bandido respeitosamente. Algum mantimento já tenho lá em casa, mas desejava que o senhor fosse vêr como deverá ser conduzido para aqui...

— Ora, vêm nas canôas. Os meus homens ajudam e tudo se faz com rapidez...

— A canôa em que eu vim é velha e pouco serviço nos pôde prestar...

— Mas temos a outra.

Houve um momento de silencio.

— Quando quer que comecemos a trazer o mantimento? perguntou o canoeiro.

— Hoje mesmo deve vir algum, pois tenho commigo quarenta homens, e elles não gostam de passar mal, nem eu o quero...

— Isso mostra que tem bom coração...

— Para os que me auxiliam. Mas para os inimigos e traidores sou peor do que uma féra... Não hesito em vingar-me com a maior crueldade...

O canoeiro estremeceu imperceptivelmente. Apparentando, porém, absoluta tranquillidade, replicou:

— Isso é justo... Eu tambem sou assim... Estimo os bons e odeio os máus... Todo o homem honrado assim faz...

— Pois volta para o rancho, disse Diogo com o modo imperioso que o caracterisava, e d'aquí a pouco eu vou ver o mantimento que você arranjou, e então combinaremos tudo melhor... Será até uma distracção

para mim, pois estou bastante aborrecido d'esta vida inactiva que levo ha alguns dias...

No olhar do canoeiro brillhou rapidamente um clarão d'alegria.

E, cumprimentando cortezmente o terrivel bandido, retirou-se.

*
* *

Uma hora depois Diogo e Juca Velho, bem armados, pulavam n'uma canôa que tinham occulta, e, satisfeitos, começaram remando tranquillamente.

O mais absoluto silencio reinava n'uma e n'outra margem do rio Mogy-Guassú.

Comtudo, os dois miseraveis, com a sua natural desconfiança, lançavam olhares prescrutadores para todos os lados.

O Dr. Nobrega, Osorio e a força policial, perfeitamente occultos no capoeirão, seguiam com indizivel anciedade e extraordinario interesse o lento deslizar da canôa que se aproximava vagarosamente.

Um soldado, mais irrequieto, moveu-se no seu enconderijo, produzindo um pequeno ruido e um leve agitação de ramos, que não passou despercebido a Diogo.

— Parece que ali está alguém escondido?! exclamou elle pegando na carabina,

— Seria bom retrocedermos, ponderou Juca Velho. Não acho prudente o que estamos fazendo...

— Espera, vou vêr se me enganei...

E, apontando a carabina, o chefe da *Mão Negra* disparou um tiro na direcção suspeita.

Felizmente não feriu ninguem, embora a bala sibilasse ao ouvido esquerdo do soldado, que estremeceu de terror.

Preparava-se Diogo para repetir a experiencia, dis-

parando mais alguns tiros para diversos pontos, quando ouviu-se distinctamente uma voz forte, de commando, ordenar :

— Fogo !

Os soldados erguendo-se subitamente, deram uma descarga nos dois bandidos.

Juca Velho caiu na canôa, soltando um grito de dôr.

Diogo, com grande rapidez, atirou-se n'agua, e, apesar de ferido, mergulhou, desapparecendo á vista dos soldados.

Estes continuaram atirando sobre a canôa, que, impelida pela corrente, seguiu rio abaixo.

Por algum tempo ouviram descargas successivas.

Que succedera ?

Diogo, d'esta vez, recebeu o castigo de seus crimes ?

E' o que veremos n'outro capitulo, pedindo aos nossos leitores que tenham um pouquinho de paciencia...

NEGROS E BRANCOS

A malvada e infame bruxa, avó de Diogo, logo que deu entrada na cadeia, onde ficou incommunicavel, foi accommettida de um ataque de furia, que muito divertiu o carcereiro e os guardas.

Como uma féra, revolvendo-se na jaula, a negra rugia e espumava, rosnando palavras inintelligiveis e fazendo terriveis gestos de ameaças e de vingança.

De quando em quando dava pulos como uma panthera e arremettia contra a porta, chapeada de ferro, gritando que se não a soltassem, despedaçaria a cabeça contra as paredes.

Vendo que ninguem a attendia, e ouvindo as gargalhadas dos guardas que gozavam o estravagante espectáculo de tão impotente furia, acocorou-se a um canto da prisão, com o felino olhar esgazeado e as mãos crispadas, como se estivesse prompta a dar um salto sobre o primeiro que ousasse entrar na prisão.

Afinal, tranquilisando-se um pouco, ficou por muito tempo immovel, silenciosa, com as mãos na fronte, os cotovellos fincados nos joelhos, n'uma attitude concentrada.

Procurou reflectir sobre a sua situação, conseguindo dominar a colera que a suffocava, e raciocinar com clareza de idéias, afim de comprehender certos factos e tirar d'elles as deducções logicas para determinar o seu procedimento futuro.

Fôra presa repentinamente, sem a menor formalidade e com extrema violencia; mas de que a accusavam?

Não podia haver provas contra ella, e, provavelmente queriam assustal-a para ella confessar a intima ligação que tinha com a sociedade secreta *A Mão Negra*...

Oh! mas a policia perderia o seu tempo, porque estava disposta a calar-se, e seria muito difficil obrigar-a a denunciar-se, havendo apenas contra ella méros indicios...

De subito uma idéia lhe perpassou pelo cerebro, fazendo-a soltar um grito de raiva.

E com os dentes cerrados, murmurou em voz baixa e terrivel:

— Quem sabe se aquelle... inimigo do barão de Lacerda é um espião da policia? Dei-lhe o veneno... e pôde comprometter-me sériamente.

Passados alguns momentos, encolheu os hombros e proseguiu:

— Ora, mesmo assim, nada me poderão fazer... Negarei tudo, e, como não ha testemunhas, não será provada a minha cumplicidade. A policia está desesperada contra Diogo... mas elle é bastante esperto para escapar ás suas garras, e até é muito capaz de me arrancar d'aqui. Lucia logo soube o que se passou... e decerto já foi ter com Diogo para contar-lhe o succedido... Portanto devo socegar o meu espirito, preparar-me para a lucta e esperar...

E animada por estes esperançosos pensamentos, a horrivel megéra serenou completamente a sua violenta agitação, e, erguendo-se, começou passeando na prisão, de um lado para outro, absorta nas suas profundas meditações.

Decorrida meia hora, abriu-se a porta da cellula, e appareceu o carcereiro.

Atraz d'elle vinham o dr. Nobrega, Osorio e um agente de policia.

A negra estacou, e olhando para todos com incrivel ferocidade, regougou com voz cavernosa:

— Que me querem?

— Conduzil-a para sua casa, respondeu o dr. Nobrega avançando para ella. Parece-me que não lhe dou uma noticia má...

E o 1.º Delegado auxiliar esboçou um sorriso ironico.

Thereza, desconfiada, recuou dois passos, dizendo:

— Mas para voltar á minha casa, não preciso mais do que deixarem-me sair da cadeia...

— Sabemos isso, mas como recebemos ordem para acompanhal-a acho que não porá duvida...

— Não vou com os senhores, berrou a feiticeira. Sei muito bem andar sósinha...

— Ora, não seja teimosa. A sua vontade nada vale n'este momento... Queira sair diante de nós, e previno-a de que se não quizer ir por bem, irá por mal.

— Mas...

— Vamos, não posso perder tempo, exclamou o dr. Nobrega com severidade e enfado.

A negra comprehendeu que toda a resistencia seria inutil, e, soltando um rugido de raiva, caminhou diante de Osorio e do agente, até ao carro celluar que a esperava, e onde entrou sem fazer o menor gesto de revolta.

O dr. Nobrega e os dois agentes subiram para um coupé, e pouco depois chegavam todos á casa da feiticeira.

A' porta estavam dois soldados, e a vizinhança, curiosa, espreitava pelas janellas.

Thereza desceu do carro, e seguida dos agentes, entrou no seu *gabinete de trabalho*.]

Ahi parou, circumvagando a vista com desconfiança e um terror intimo, como se alguma grande desgraça estivesse prestes a succeder-lhe...

O dr. Nobrega, approximando-se de uma das cantoneiras, que tinha muitos frascos de diversos tamanhos, voltou-se para a feiticeira e perguntou-lhe:

— Para que preparou todos estes venenos?

— São liquidos inoffensivos, respondeu a negra com

o maior desprazimento. Nas horas vagas sempre gostei de fazer experiências, extrahindo remedios de plantas que ia buscar no matto.

O 1.º Delegado auxiliar soltou uma gargalhada zombeteira, e retorquiu :

Então todos os frascos contém remedios inoffensivos, hein?! No entanto... bastam algumas gotas de qualquer panacéa d'esta para mandar um desgraçado até o outro mundo, com incrível rapidez! Não é verdade?

E como a negra não respondesse, meneando a cabeça e encolhendo os hombros desdenhosamente, elle continuou :

— Pretende ainda negar!? Pois temos aqui, n'esta casa, a prova terrivel e irrefragavel do que affirmo. Um dos seus venenos, de mais horroroso e rapido effeito, matou uma pobre mulher, cuja agonia eu presenciei...

Thereza, com os olhos desmesuradamente abertos, fitava o dr. Nobrega, como se quizesse adivinhar toda a verdade do que elle estava dizendo.

Não podendo conter-se, cedendo a um angustioso presentimento, murmurou :

— Uma mulher?! Oh! E' impossivel...

— Queira entrar naquelle quarto, perto da cosinha, e verificará que não estou mentindo...

A megera precipitou-se no interior da casa, e logo que entrou no quarto de sua filha, deparou-se-lhe um medonho espectaculo.

A mãe de Diogo estava hirta, livida, com a bocca contrahida, os olhos vidrados, e as mãos crispadas sobre o peito, onde tinha cravado as unhas, na ultima agonia.

Thereza soltou um grito estridente, e, erguendo os braços com desespero, bradou com voz trémula :

— Minha filha!... Lucia!

E, relampagueando-lhe o olhar com sinistro fulgor, accrescentou :

— Mataram-n'a!.. Ah! os miseraveis!...

Por algum tempo ficou immovel, silenciosa, fixando desesperadamente o cadaver da pobre mulata, cujo horrivel aspecto impressionava o dr. Nobrega e Osorio que tinham seguido a negra, e se conservavam atraz d'ella...

Afinal, a megéra, voltou-se para o Dr. Nobrega e disse-lhe com indescriptivel expressão de odio:

— Quem matou minha filha? Oh! seja quem fór... hei de vingar-me...

E reparando então em Osorio, que não reconhecera ainda na sua perturbação, avançou para elle com os punhos cerrados, clamando:

— Ah! miseravel traidor!... Foste tu quem mataste minha filha!

Osorio recuou rapidamente para não experimentar as unhas da megéra, e, pondo-se em attitude defensiva, exclamou:

— Olá, bruxa do inferno! Toma cuidado senão arreberto-te a cabeça.

O dr. Nobrega interveiu, dizendo com modo imperioso:

— Quer saber quem foi o assassino de sua filha?

— Quero... falle...

— Foi o chefe da *Mão Negra*, o infame Diogo de quem és cúmplice...

— Diogo?!... Mente, canalha, elle não podia matar sua mãe...

— Sua mãe?!

— Sim, esse inimigo da policia que zomba de vocês todos, tratando-os como uns idiotas que são, é meu neto... ouviste?! E' meu neto... e orgulho-me d'isso.

A physionomia da negra estava horrorosa.

— Pois foi elle quem deu o veneno a essa desgraçada, replicou o dr. Nobrega serenamente.

— Impossivel!

— Escute, continuou o 1.º Delegado auxiliar com severidade. Diogo estava aqui, quando cercámos a casa

Emquanto procedemos ao arrombamento elle fugiu pelo telhado.

— Ah! então não o prenderam? bradou a negra com alegria.

— D'esta vez escapou, mas estão dadas todas as providencias para que muito breve esteja em nosso poder...

— Será difficil...

— Vivo ou morto, havemos de apanhal-o.

Thereza estremeceu e dardejou um olhar cheio de odio sobre o dr. Nobrega que proseguiu impassivel:

— Quando e tránsos, vimos aquella infeliz estorcendo-se nas vascas de uma morte horrivel. Chamei um medico que não poude salva-la, mas procedendo-se a um exame minucioso, verificou-se que ella tinha sido envenenada havia pouco tempo... Ora, a unica pessoa que estava com ella era Diogo... o seu querido neto... Logo, o miseravel bandido, depois de tantos crimes, commetteu o mais horroroso de todos: o de matar a sua propria mãe...

— Não... elle não a matava... ha em tudo isto um grande mysterio, murmurou a negra.

E ficou por algum tempo pensativa, com a cabeça inclinada.

Depois, com uma energia que causou admiração ao dr. Nobrega, a Osorio e aos outros agentes de policia, que a observavam attentamente, caminhou para o leito onde jazia Lucia, contemplou-a por alguns momentos, e, por fim, estendendo o braço, exclamou n'um tom lugubre que fez estremecer todos os que presenciavam esta scena:

— Não... Diogo não te deu o veneno para te matar... Não podes dizer-me o que succedeu, mas eu advinho-o nos teus olhos... Atormentou-te a idéia de que elle fosse preso... e que não se pudesse realisar a nossa vingança... Mas tranquilisa-te, Lucia, elle está livre e fará sósinho o que nós não pudemos fazer...

E, dizendo isto, tocou as palpebras da morta, proseguindo com estranha intonação:

— Socega ... pódes dormir o somno eterno, que eu e teu fiiho te vingaremos ...

Sucedeu então uma cousa inexplicavel.

Os olhos de Lucia amorteceram, as palpebras cerraram-se-lhe e a sua physionomia contrahida pareceu adquirir a serena tranquillidade da morte, desaparecendo-lhe as horriveis contracções que lhe davam um aspecto medonho.

O dr. Nobrega, Osorio, e os agentes de policia experimentavam uma impressão extraordinaria que os opprimia.

Thereza esteve ainda alguns momentos junto do cadaver de Lucia, e, afinal, olhando para Osorio com indizivel odio, e uma expressão de ferocidade que faria recuar outro menos animoso, regougou com voz cava:

— E's um traidor... um assassino... Foste tu, canalha, o causador de tudo isto!... O teu odio ao barão de Lacerda era uma mentira... Pertences á policia, e por isso defendes aquella maldita familia... mas aguarda a hota do castigo. Diogo está livre e elle não perdôa aos seus inimigos.

O astuto Osorio cascallhou uma risada zombeteira, e replicou:

— Peço licença á rainha das feiticeiras para lhe dizer que nada receio, e espero muito breve conseguir que o *illustre* Diogo faça companhia á mãe ou á avó...

— Cala-te...

— Não gostas de ouvir isto, demonio? Pois juro-te que não levará muito tempo sem que vejas ou saibas que o poderoso chefe da *Mão Negra*, o teu inclito neto, está no tumulo ou na cadeia... Muitos da quadrilha, Sebastião, o *Seriema*, Bento e outros, já estão á sombra...

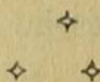
— E's um miseravel!...

— Oh! não antecipes elogios. Espera o final...

E Osorio soltou uma gargalhada que fez crispações nos nervos da negra.

— Acabemos com isto, ordenou o dr. Nobrega. Conduzam esta infame para a cadeia, pois já sei mais do que esperava obter d'esta diligencia.

Thereza, insultando e ameaçando todos, foi conduzida no carro cellular até á sua prisão, onde entrou, abatida physicamente, mas com o espirito repleto de rancor e de terriveis projectos de vingança...



Por diversas vezes a negra foi interrogada pelo dr. Nobrega, sobre as razões que tinha para odiar a familia Lacerda.

Thereza, porém, recusava-se a responder, ficando muda e impassivel, sem se importar com o desespero que a sua attitude provocava no 1.º Delegado auxiliar.

Apenas proferia alguns monosyllabos, e conservava-se com a cabeça inclinada, entregue ás suas reflexões, chegando até a esquecer-se de que a estavam interrogando.

Só quando o dr. Nobrega lhe fallava de Diogo, é que a infame bruxa erguia a cabeça, e no olhar brilhava-lhe um clarão estranho.

Depois recahia no estado apathico, até que a encerravam novamente na prisão, onde permanecia, horas e horas, acocorada a um canto, de olhar sombrio e esgazeado, como uma louca.

O barão de Lacerda sabia que tinham sido feitas prisões de diversas pessoas pertencentes á quadrilha, mas ignorava os pormenores, e, entregue ao venturoso socego no seio da familia, confiava na policia que decerto prenderia Diogo, esse terrivel inimigo que tanto mal lhe fizera.

Uma tarde, porém, recebeu um bilhete do doutor chefe de policia, pedindo-lhe para ir ao seu gabinete.

Com natural anciedade, foi immediatamente, suppondo que receberia a alegre noticia da prisão do famigerado fascinora; mas, vendo a physionomia contrariada do illustre magistrado, sentiu uma dolorosa impressão que não poudes dissimular.

— Succedeu alguma desgraça? perguntou elle, pallido e inquieto.

— Não tenho más noticias a communicar-lhe, felizmente ...

— Então?!...

— Peça-lhe que se tranquillise, atalhou o doutor chefe de policia, sorrindo. Vê-me triste e aborrecido, não é verdade? As cousas não correm bem, como era para desejar, mas nada houve que perturbe ou ameace a sua felicidade.

O barão, mais, tranquillo, sentou-se, e esperou cheio de curiosidade.

— Effectuaram-se diversas prisões, como já sabe, contiuiu o chefe de policia. Mas a principal foi a de uma negra que confessou ser avó de Diogo, e que demonstrou odiar muito V. Exa. e toda a sua familia ...

— Uma negra?! Mas que razões deu ella para esse odio?...

— Não tem querido fallar. O dr. Nobrega esgotou todos os recursos, e não couseguiu d'ella a menor explicação.

— E' singular! murmurou o barão pensativo.

— Em vista da sua teimosia em não proferir uma palavra, dei ordem para que a deixassem. Quem sabe, se reflectindo bem na sua situação, ella se decidirá a dar á lingua.

« Succedeu tambem que o dr. Nobrega seguiu ha dias para o interior, em perseguição do malvado Diogo que tem commettido alguns crimes em diversas localidades, cujas povoações andam sobresaltadas.

« Foi com elle o agente Osorio e uma escolhida escolta; e recommendei-lhe que fizesse todo o possivel

para agarrarmos esse famigerado chefe da *Mão Negra* vivo ou morto...

« Lembrei-me, porém, de que era conveniente que V. Exa. visse a negra...

— Para quê? perguntou o barão admirado.

— Para verificar se ella conhece V. Exa. E, além d'isso, aproveita o ensejo de assistir ao interrogatorio que vou fazer a essa infame... Julgo que não perderemos o tempo...

— Como V. Exa. quizer. Estou inteiramente ás suas ordens.

O chefe de policia mandou buscar Thereza á prisão.

Decorrido um quarto de hora entrava ella no gabinete, onde o barão estava nervoso e impaciente, sem saber porquê.

Afigurava-se-lhe que n'aquelle momento ia saber coisas horriveis, até então envolvidas no mais denso mysterio.

A negra olhou para o chefe de policia com audaciosa provocação, como se quizesse significar-lhe que nada conseguiria, por mais habilmente que a interrogasse.

Depois reparou no barão de Lacerda e um violento estremecimento saccudiu-a dos pés á cabeça.

Escancarou a bocca n'uma exclamação indefinivel, e encarando-o fixamente, avançou para elle alguns passos, n'uma attitude colerica e ameaçadora.

O barão, pallido e visivelmente impressionado, ergueu-se como se fosse impellido por uma móla occulta, e com voz trémula murmurou:

— Thereza!

A megéra teve um sorriso diabolico, e, estendendo o braço descarnado, regougou:

Conheces-me?! Tambem eu, apesar de estares velho, conheço-te muito bem... E's Joaquim Lacerda, o infame seductor de minha filha...

E, soltando uma gargalhada louca, a negra proseguiu:

— Já sabes que mataram Lucia?! Sim, morreu envenenada, amaldiçoando o pae de Diogo...

O barão, com as feições demudadas por um terror indescriptivel, exclamou com voz rouca e trémula:

— Que estás dizendo?! Diogo, o infame assassino, chefe da *Mão Negra*...

— E' teu filho, affirmou Thereza dando outra gargalhada.

E, com uma expressão terrível, pulando como uma fêra, aproximou-se do barão e continuou:

— Comprehendes agora a nossa vingança? Desprezados por ti e por tua familia, eu e Lucia jurámos um odio implacavel a todos os Lacerdas...

Fez uma breve pausa, meneou a cabeça com ar ameaçador e proseguiu:

— Recorreste á policia e conseguiste descobrir-nos... Julgas-te talvez victorioso porque Lucia está morta e eu estou presa... Ah! mas esqueces-te de que Diogo, o teu filho, odeia-te e não perderá um só momento emquanto não effectuar a sua justa vingança... Eu tenho confiança n'elle... Diogo é digno de ti, e de mim que o criei, preparei-lhe desde criança o espirito para elle, quando homem, cumprir o juramento que eu tinha feito contra toda a familia Lacerda, conforme deves estar lembrado...

O chefe de policia estava attonito e estupefacto com o que ouvia.

Vendo que o barão estava incommodado, afastando-se com horror da infame bruxa que continuava avançando para elle, com os braços estendidos, como se pretendesse estrangulal-o, resolveu intervir.

E, levantando-se, disse a Thereza com voz imperiosa:

— Não mandei vir você aqui para insultar quem está no meu gabinete. Foi para a interrogar, e, por isso, cale-se e limite-se a responder ás perguntas que eu lhe fizer.

— Não precisa interrogar-me, para saber toda a

verdade. O sr. barão de Lacerda, melhor do que eu, lhe póde contar tudo minuciosamente...

— V. Exa. dá licença que eu me retire? interrompeu o barão. Causa-me horror a presença desta infame negra, e mais tarde darei a V. Exa. as explicações necessárias...

E, dizendo isto, cumprimentou o chefe de policia, e retirou-se.

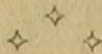
— Ah! tu não queres ouvir o que eu vou dizer? Espera, tem coragem...

E a negra, com o olhar incendiado pela colera e pelo rancor, voltou-se para o chefe de policia e disse-lhe com energica e terrivel expressão:

— Estou disposta a responder-lhe com a maxima franqueza... Elle quer occultar a sua infamia, mas eu, já que tudo está descoberto, devo fazer-lhe a mais completa confissão...

E, durante uma hora, fallou com uma verbosidade extraordinaria, expondo as razões que julgava ter para perseguir a familia Lacerda, a qual, de quando em quando, cobria de improperios e de graves insultos, sem fazer caso das observações do chefe de policia que mal podia conter a sua indignação.

Não acompanharemos a negra na sua longa narrativa, entremeada de commentarios de indignação e de queixas lamentosas, limitando-nos a fazer o resumo do seu depoimento para que os leitores saibam agora as causas determinantes do odio implacavel e feroz que tanto ella, como Lucia e Diogo votavam á familia Lacerda...



Sabedor do segredo de Thereza, narremol-o succintamente, sem lhe darmos a fórmula que ella usou para fazer a sua confissão, afim de justificar os crimes que praticára ou suggerira.

.....
.....
.....

Thereza fôra escrava de Joaquim Lacerda, pae.

Trabalhadora e obediente, embora tivesse um genio perverso para as suas companheiras que não gostavam d'ella, foi escolhida para tratar exclusivamente de certos arranjos domesticos.

Das relações amorosas que teve com um cabôclo, nasceu uma filha, que foi criada, por assim dizer, em casa do velho Lacerda.

Quando Lucia chegou á idade de 12 annos, foi mucama de Amelia, que a estimava, dando-lhe presentes amiúde, e tratando-a com a bondade carinhosa que caracterisava a pobre moça, que tão infeliz devia ser mais tarde.

Thereza recebeu do seu generoso senhor, como recompensa dos seus serviços de tantos annos, a carta de alforria.

Satisfeita por ser liberta, a negra sonhou um futuro auspicioso para sua filha...

Esta era bastante formosa, e tinha a provocadora fa-ceirisse propria das mulatas.

Quando completou 15 annos, Lucia tornou-se realmente uma rapariga bonita, esperta, e tinha uns modos agradaveis e carinhosos que attrahiam.

Joaquim, o filho primogenito do velho Lacerda, deixou-se render aos encantos da mulatinha, e, com a loucura da mocidade, apaixonou-se por ella sinceramente.

Lucia, que não desgostava tambem de Joaquim, um moço esbelto, moreno e bastante sympathico, defendeu-se por algum tempo d'aquelle amor vehemente, não accedendo aos pedidos de entrevistas com que elle a perseguia.

Afinal cedeu, e uma noite os dois amantes entre palavras e juramentos de amor, puderam entregar-se livremente aos mais ineffaveis devaneios.

A esta primeira entrevista succederam-se muitas outras, sem que a familia Lacerda o percebesse.

Thereza, porém, soube tudo. O seu primeiro impeto foi castigar brutalmente a filha, e obstar a continuação d'aquelles amores; mas conhecendo a que ponto elles tinham chegado, formou desde logo uns projectos irrealizaveis, que deviam satisfazer a sua vaidade e a sua cubiça.

Insinuou, portanto, á filha o que deveria fazer, obrigando o amante, com caricias e lagrimas, a proferir sollemnes juramentos que o deveriam ligar a ella, fossem quaes fossem os obstaculos que mais tarde se levantassem contra a realisação das suas promessas apaixonadas.

Joaquim, inexperiente, e sob o imperio de um amor louco, que lhe dominava os sentidos e lhe entorpecia a razão, deixou-se envolver nas malhas da rede astuciosa que a negra e a mulata lhe armaram com todo o cuidado.

Tudo quanto Lucia quiz, elle jurou, declarando com enthusiasmo que a amava muito, e não era seu intento desprezal-a, embora tivesse de luctar contra toda a sua familia...

Decorridos alguns mezes Lucia não podia occultar o seu estado de gravidez, já bem adiantado, que chamou a attenção da familia Lacerda, dando logar a murmurações e por fim a ser interrogada pelo pae de Joaquim.

A mulata, banhada em lagrimas, confessou toda a verdade, não esquecendo de dizer quaes os juramentos que lhe tinha feito o seu seductor.

O velho, exasperado, dirigiu-lhe palavras de aspera censura, accrescentando que os juramentos a que ella se referia não tinha valor algum, pois significavam apenas o pouco juizo de um moço, de menor idade, e que não tinha experiencia alguma do mundo.

Lucia foi contar tudo a sua mãe, a qual teve a extraordinaria audacia de ir reclamar de seu antigo senhor que ordenasse a devida reparação á honra de sua filha.

Tão estranho e ousado procedimento indignou sobremaneira toda a familia Lacerda.

Mãe e filha, porém, não desanimaram nas suas pretensões; e tanto fizeram e disseram que a reacção não se fez esperar.

Amelia, que era muito amiga de seu irmão Joaquim, percebendo que este fôra victima de uma torpe especulação não quiz mais que Lucia fosse sua mucama.

E o velho Lacerda, approvando o procedimento de sua filha, prohibiu terminantemente que a ex-escrava e a astuciosa mulata entrassem mais em sua casa.

Logo que foi expulsa por Amelia, Lucia foi derramar sentidas lagrimas no seio de sua mãe, que bastante encolerizada, jurou vingar-se.

Joaquim, triste e envergonhado com estes acontecimentos, recebeu ordem peremptoria de seu pae para apromtar-se afim de seguir para S. Paulo onde poderia continuar nos estudos e esquecer a paixão louca e degradante que tivera pela filha de uma ex-escrava.

Thereza soube dos preparativos que se faziam para a viagem do moço, e assegurou á Lucia que elle não sahiria da Fazenda, a não ser morto.

Ninguem fazia caso das ameaças que a negra repetia muitas vezes, mas, na vespera de Joaquim seguir a viagem que lhe fôra ordenada, elle adoeceu repentina e gravemente.

Este facto sobresaltou a familia, e muito mais quando o medico, vindo apressadamente de Campinas, declarou que o pobre moço tinha sido envenenado.

Dois dias depois o velho Lacerda queixava-se de dôres fortissimas de estomago, caindo n'uma prostração inquietadora.

Coincidiram estes graves acontecimentos com as declarações de algumas negras de que Thereza era feiticeira e tinha em sua casa um perfeito laboratorio de terriveis venenos, cujo segredo lhe fôra dado por um negro, já fallecido, que tivera sempre grande fama de magico.

Em vista destas afirmações, a familia Lacerda mandou proceder a uma rigorosa investigação em casa de Thereza, e embora não se provasse que ella fosse a auctora dos envenenamentos, verificou-se que era verdade o que se dizia, pelo que a negra e a sua filha foram immediatamente expulsas da Fazenda.

Como a infame, ao receber a ordem de expulsão, reagiu, e insultou os seus antigos senhores, foi preciso empregar a violencia, indo dois camaradas levar mãe e filha até Campinas, onde ficaram sob a vigilancia da auctoridade.

Lucia, impressionada com todos estes acontecimentos, adoeceu gravemente e quasi morreu, um mez depois, quando deu á luz um filho, sobre a cabeça do qual a repellente negra fez um solemne e terrivel juramento de vingança, promettendo criá-lo no mais implacavel odio contra a familia Lacerda.

Felizmente, Joaquim e seu pae salvaram-se do veneno que lhes fôra ministrado, de uma maneira sempre ignorada e mysteriosa, pela perversa Thereza.

Esta, passado pouco tempo, desapareceu de Campinas com sua filha e seu neto, sem nunca se saber para onde tinham ido.

A familia Lacerda esqueceu a ex-escrava, não imaginando que teria mais tarde de soffrer as consequencias do seu odio, augmentado com o tempo e com o concurso poderoso de Diogo, que a execravel megéra formára um terrivel e cruel bandido, intelligente, audaz e que tantos crimes devia commetter impellido por sua avó, monstro hediondo que contou tudo isto ao doutor chefe de policia com a maior tranquillidade...

E, concluindo o seu longo e minucioso depoimento ella exclamou :

— Agora póde o sr. doutor fazer o que quizer de mim, mas affirmo-lhe mais uma vez que não livrará o barão de Lacerda, nem sua familia, da minha vingança. Diogo está livre e ha de sair vencedor desta lucta em que se empenhou com a policia e com os nossos inimigos...

O chefe de policia sorriu-se, e retorquiu placidamente :

— Não me parece que seu neto seja mais feliz do que foram a avó e a mãe... Está sendo perseguido com a maxima actividade, e dei todas as ordens necessarias para que elle não possa escapar d'esta vez...

— Pois, vá dizendo isso, e espere os acontecimentos. Estou certa que não terá muito a esperar...

N'este momento entrou no gabinete a ordenança e entregou um telegramma ao chefe de policia.

Este leu-o rapidamente, e olhando com ironia para Thereza, disse-lhe :

— Sinto muito communicar-lhe que as suas esperanças em Diogo acabam de ser destruidas...

— Porquê? exclamou a negra, fuzilando-lhe no olhar um relampago de colera. Prenderam-n'o? Ah! Elle saberá fugir por melhor que o guardem...

— Não poudeser preso, e só a laço é facil agarrar uma féra como elle... mas, felizmente, não fará agora mais mal a ninguem...

— Que quer dizer? rugiu a feiticeira, dando um pulo e fazendo esgares medonhos.

— Sabe lêr?

— Pouco, mas...

— Então leia estes papeis, interrompeu o chefe de policia com terrivel serenidade, entregando-lhe o telegramma que acabára de receber.

Thereza leu vagarosamente, com difficuldade, o seguinte :

« De Nobrega

« Ao chefe de Policia

« S. Paulo

« Descobrimos Diogo e quadrilha, perto do
« rio Mogy.

« Soldados occultaram-se em um capoei-
« rão na margem do rio, do lado opposto onde
« estavam os bandidos.

« Diogo e Juca Velho, convidados por um
 « canoeiro que reside na margem em que nos
 « occultámos, appareceram n'uma canôa, mesmo
 « em nossa frente; mas, quando chegaram a
 « meio do rio, suspeitando decerto qualquer
 « cousa quizeram retroceder, disparando Diogo
 « alguns tiros na nossa direcção.

« Então empreguei o ultimo recurso, e os
 « soldados deram algumas descargas nos dois
 « bandidos.

« Juca Velho ficou morto na canôa e Diogo,
 « ferido mortalmente, caiu no rio, não sendo
 « encontrado até agora.

« Emprégo, porém, todos os esforços para
 « descobrir o cadaver do chefe da *Mão Negra*,
 « que quero photographar...

« Enviarei mais tarde minuciosos porme-
 « nores, terminando agora por enviar a V. Exa.,
 « e tambem á familia Lacerda, os meus sinceros
 « parabens por ficarem livres de um audaz ban-
 « dido, e de um inimigo traiçoeiro e terrivel.

« NOBREGA »

Quando terminou a leitura, Thereza olhou espantada para o chefe de policia como se não tivesse comprehendido o conteúdo d'aquelle longo telegramma.

— Então, que diz á completa derrota da *Mão Negra*? Ainda tem algumas esperanças?

E, sorrindo-se com o maior sangue-frio, encarou, com um mixto de desprezo e de horror, a infame bruxa que permanecia boquiaberta e pasmada diante d'elle, e continuou:

— Parte da quadrilha está na cadeia, e aquelles que andam pelos mattos serão perseguidos a tiro, como se faz ás feras. Antonio Silva, o *secretario*, foi encontrado morto n'uma grande matta perto da villa de Cravinhos; Juca Velho morreu *heroicamente* na canôa; o cele-

bre Diogo não quiz ser apenas fuzilado, e foi exhalar a alma torpe e infame nas aguas barrentas do rio Mogy; Lucia morreu envenenada, n'uma agonia horrorosa; e a miseravel bruxa, o terrivel genio do crime, a vingativa escrava, a infame Thereza que tantos crimes praticou e suggeriu, está em poder da justiça humana, e acabará seus dias, só e desprezada, na lage fria de uma prisão cellular.

« Razão tinha eu para lhe affirmar que as suas ultimas esperanças acabam de ser destruidas... Agora, enquanto os máus, os infames, os criminosos, soffrem o castigo merecido de suas acções hediondas e horrorosas, as victimas gosam a felicidade a que téem jús, livres dos atozes que tanto as perseguiram.

« Oscar, roubado por uns negros no momento em que estes assassinaram o pae, o infeliz pintor Ernesto, e que fôra salvo das garras deshumanas d'uma miseravel negra por um honrado e bondoso italiano que o criou carinhosamente como um pae, teve ha poucos dias a suprema ventura de abraçar sua mãe e sua irmã... E o pobre moço, que tanto soffreu, julgando-se um engeitado, sem familia e sem nome, é hoje completamente feliz, tanto mais que vae casar com sua prima Judith, a gentil e bondosa filha do sr. barão de Lacerda...

« A filha e o filho do sr. Theodoro Lacerda contractaram tambem casamento com o filho e a filha do muito conhecido e respeitado sr. Manoel Sequeira, importante proprietario em Campinas...

A' proporção que o chefe de policia ia fallando, com voz pausada e sonora, Thereza manifestava na repellente physionomia todos os horrores de uma raiva medonha e indescriptivel.

Os olhos sahiam-lhe fóra das orbitas, os dentes rangiam com estridor, as mãos crispavam-se-lhe violentamente, e o corpo tremia todo, n'uma convulsão de desespero...

Por fim, n'um arranco terrível de féra assanhada, deu um pulo felino para a frente, que fez recuar rapidamente o chefe de policia, levou as mãos á cabeça, o rosto tomou uma expressão indefinível e assustadora, e, cambaleando como se tivesse recebido subitamente uma violenta pancada no cerebro, soltou uma gargalhada estridente e pavorosa . . .

Estava louca!

X

O PODER DO REMORSO

Por ordem do chefe de policia, Thereza foi conduzida, com muito custo, para o hospicio onde foi preciso vestir-lhe o colete de forças, tal era a loucura furiosa de que foi repentinamente accommettida.

Proferindo phrases desconnexas, fazendo terriveis esgares de ameaça, procurando saltar nas pessoas que se lhe approximavam, a infame apresentava um aspecto horrivel e simultaneamente commiserador.

Os ataques succediam-se uns apoz outros, com pequenos intervallos, e, nos paroxismos de uma raiva immensa que a dominava, mordia os beiços, que sangravam, e espumava como uma féra bravía, encerrada n'uma jaula, e ouvindo os pequenos e dolorosos rugidos de seus filhos, que alguém desapiadadamente quizesse trucidar!

Em poucos dias a criminosa feiticeira tornou-se esqueletica.

Os ataques eram menos frequentes mas mais terriveis; e, com um soffrimento indescriptivel, n'uma agonia medonha, Thereza acabou por fim a sua existencia, cheia de crimes e de horrores.

Uma noite, tetrica e tenebrosa, enquanto a tempestade se desencadeava com pavoroso fragor, a negra morria desesperada, uivando e blasphemando, em terriveis e extraordinarias convulsões, que o colete de forças difficilmente continha.

Assim acabou a vida a perversa ex-escrava que tantos annos acariciou os mais terriveis e infames projectos de vingança contra os seus antigos senhores...

Se os crimes que commetteu foram grandes e imperdoaveis, se os planos que concebera, procurando ultimamente pôl-os em pratica, foram de inaudita crueldade, de requintada e ferina malvadez, o seu castigo foi egualmente espantoso e horrivel!

Nunca ella previra, apezar de ser feiticeira, blasonando de desvendar, com a sua irresistivel magia, os insondaveis arcanos do futuro, que a sua espição seria curta mas tremenda, e que o fim da sua negregada existencia seria tão tragico e medonho!

.

*
* *

O chefe de policia satisfeito por ter saido victorioso na lucta tenacissima que travára contra a poderosa e terrivel *Mão Negra*, procurou activamente reunir todos os elementos para a formação do inquerito que deveria servir de base ao processo criminal, ordenando que se procedesse ao interrogatorio de todos os presos que deveriam ser acareados, sempre que fosse necessario para o completo esclarecimento de certos pontos obscuros, e mais cabal prova da criminalidade dos cumplices de Thereza e de Diogo — a cabeça e o braço da maldita sociedade secreta.

O 2.º delegado auxiliar, na ausencia do dr. Nobrega, foi incumbido de proceder immediatamente ao interrogatorio dos presos, os quaes, sabendo da morte de Diogo e do ataque de loucura furiosa que Thereza tivera ao vêr-se perdida, confessaram tudo, com um abatimento que tinha muito de cobardia.

Não podendo mais contar com o auxilio do chefe, em quem depositavam a mais absoluta confiança, e vendo que a propria Thereza, que era a personificação da astucia, da energia e da malvadez, ficára aniquilada, a ponto de perder o juizo, deliberaram entregar-se á mercê da justiça, que lhes levaria em conta a franqueza e a boa vontade com que respondessem a todas as perguntas que lhes fossem feitas.

A confissão é sempre uma attenuante, tanto mais que elles eram méros instrumentos da negra e do chefe que nutriam o mais rancoroso odio contra a familia Lacerda, que elles, na maior parte, nem sequer conheciam.

Assim, *Seriema* disse tudo quanto sabia, chegando até, impiedosamente, a confessar que fôra um dos que assaltaram de noite o pintor Oscar, por ordem terminante de Juca Velho que de longe, presenciára a lucta.

Bento, com o desplante que lhe era caracteristico, affirmou que tinha ido para casa da familia Lacerda, unicamente com o fim de espiar tudo que ella dizia e fazia para ir contar ao sr. Diogo.

E, com a sua descarada *philosophia*, como elle qualificava o seu estranho modo de pensar, fez uma série de considerações sobre as pessoas *boas e honradas*, como elle, que tinham tido a infelicidade de serem desprezadas pela sociedade tola, vaidosa e egoista, pelo que necessitavam entregar-se a outros mistéres, tão justos e tão dignos como os melhores... A policia não tinha o direito de impedir que cada qual arranjasse a vida conforme soubesse ou pudesse...

O 2.º delegado auxiliar, boquiaberto e assombrado perante a *eloquencia* do garoto, não poudo reprimir um gesto de espanto, exclamando:

— E's um talento precoce para o crime. Promettes ser um grande tratante...

Bento, lisongeadado com estas palavras que considerou um elogio, cumprimentou-o e fez uma pirueta, como um palhaço agradecendo ao publico que, hilariante, o ap-

plaudisse phreneticamente para elle repetir alguma scena burlesca...

E dispunha-se a revelar toda a excepcional intelligencia de que era dotado, quando foi surprehendido pelos guardas que, a um gesto do 2.º delegado auxiliar, o conduziram novamente á prisão.

Sebastião, o obeso e repellente mulato, disse que o seu estabelecimento sempre fôra sério, e, entre lamurias repugnantes, accrescentou que, effectivamente consentira nas reuniões da *Mão Negra* no seu conceituado restaurante, mas cedera ao medo que lhe inspirava Diogo, capaz de o mandar para o outro mundo se elle desobedecesse ás suas ordens.

Os outros bandidos disseram, com pequenas variantes, a mesma cousa: que não tinham razões algumas para perseguir a familia Lacerda e cumpriam apenas as ordens que lhes dava o chefe, a quem temiam e respeitavam, porque o julgavam muito poderoso e vingativo.

Casimiro, em vista dos ultimos acontecimentos, abandonára o mutismo que tanto desespero causára ao dr. Nobrega, e entendeu que lhe era mais favoravel confessar toda a verdade.

Contou, portanto, que fôra procurado por Diogo, a quem devia alguns favores, e recebera ordem d'elle para *assustar* uma moça, que lhe deveria indicar no dia seguinte.

Effectivamente, no outro dia, que era domingo, Diogo, estando com elle no largo da Luz, e vendo uma numerosa familia descer do bonde, apontára-lhe rapidamente a pobre moça contra quem queria exercer a sua atroz vingança, por motivos que elle, Casimiro, ignorava.

Do que se passára depois, na Floresta, já a policia tinha amplo conhecimento.

Ignez, chorando, e dizendo estar muito arrependida, confessou que tinha propinado á filha do sr. barão de Lacerda, que era para ella muito bondosa, um terrivel veneno que lhe fôra dado por Diogo e pelo *doutor* Silva,

e praticára este acto criminoso contra sua vontade, mas sómente impellida pelo receio de, caso se recusasse a obedecer, ser assassinada pelo chefe e pelo secretario da *Mão Negra*, conforme lhe asseverára sua mãe.

Gertrudes declarou que tinha medo de Diogo, e que ella era uma pobre mulher, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa...

E ambas, com uma velhacaria revoltante, mostravam-se indignadas contra o audaz e terrivel bandido que pretendia dominar tudo e todos, e que asseverava não ter medo da policia nem da justiça, accrescentando que castigaria cruelmente aquelles que o trahissem.

E, com algumas lagrimas fingidas, acompanhadas de suspiros hypocritas, as miseraveis terminaram os seus depoimentos, supplicando que lhes perdoassem, pois ellas eram tambem umas infelizes victimas do chefe da *Mão Negra*...

.....

Concluido o interrogatorio dos presos, o inquerito proseguio para que fossem completamente esclarecidos certos crimes que ainda se conservavam envolvidos [no mais profundo mysterio.

Um d'elles era o assassinato de D. Mathilde de Lacerda.

Nenhum dos bandidos interrogados sabia cousa alguma d'este crime. E' verdade que a policia recebera uma carta anonyma em que se accusava infamemente um conhecido advogado, o dr. Jorge Sequeira, como sendo elle o perverso criminoso; mas o illustrado chefe de policia comprehendera que era esta mais uma torpe vingança do famigerado Diogo que fôra, indubitavelmente, o malvado assassino da desditosa senhora.

Para se obterem os mais amplos esclarecimentos sobre a sociedade secreta *A Mão Negra*, procedeu-se novamente a uma rigorosa busca na casa onde residira o chefe dos bandidos, na rua da Esperança.

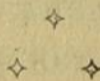
Descobriu-se um pequeno armario, embutido na parede, o qual, com muito trabalho, foi arrancado do logar em que estava occulto, e arrombado, assim como todos os es-caninhos que tinham fórtes e engenhosas mólas...

Entre muitos papeis valiosos, assaz elucidativos sobre outros crimes — na maioria roubos importantes — praticados pela *Mão Negra*, foi encontrado um manuscripto que chamou a attenção do doutor chefe de policia.

E, tomando conhecimento do seu conteúdo, elle escreveu immediatamente ao barão de Lacerda pedindo-lhe que viesse ao seu gabinete.

Houve entre ambos uma longa e secreta conferencia que terminou entregando o chefe de policia ao barão o referido manuscripto.

Compunha-se este de um caderno de papel, tendo algumas folhas escriptas com regular caligraphia, as quaes, usando do nosso privilegio de romancista, vamos transcrever para que os leitores as conheçam e apreciem...



Logo na primimeira pagina lia-se o seguinte:

« HISTORIA DA MINHA VIDA »

« REVELAÇÕES IMPORTANTES »

« *A confissão dos proprios erros, quando*
« *impellida pelo arrependimento sincero, al-*
« *livia o coração, preparando-o para a tran-*
« *quillidade feliz da morte, tão almejada pe-*
« *lo infeliz* »

« ARTHUR ».

É, na terceira pagina começa esta triste e veridica narrativa, onde o seu autor confessa um crime monstruoso, até então absolutamente ignorado:

« Nasci em Maragogipe, Provincia da Bahia, filho
« de paes tão pobres quanto honrados, e hoje já
« fallecidos. Levado pelas contingencias da sorte,
« e obedecendo ao desejo vehemente de viajar,
« tendo ainda a ambição de obter uma pequena
« fortuna, deixei a terra natal para aventurar-me
« n'uma excursão cheia de fadigas e de sacrificios.

« Não esmorecendo, trabalhando em diversos mis-
« téres, cheguei ao Rio de Janeiro, o que me causou
« grande alegria, pois vêr a Côrte era a minha idéa
« fixa e constante.

« Bem depressa, porém, comprehendí que sem
« dinheiro não podia gosar as delicias da capital;
« e, vendo os terriveis estragos que n'esse anno,
« fazia a fatal epidemia da febre amarella, resolvi
« seguir para S. Paulo onde o clima era mais sa-
« lubre, sendo considerada, pela importancia da sua
« grande lavoura de café, a Provincia mais pros-
« pera do Brazil.

« Effectivamente, pouco depois de chegar á ca-
« pital paulista arranjei uma collocação regular; e,
« decorridos alguns mezes, fui para Campinas, em-
« pregado n'um dos estabelecimentos mais impor-
« tantes d'essa cidade.

« Satisfeito por vêr que a felicidade começava sor-
« rindo-me, aguardava o futuro com grande esperança
« de conseguir a realisação dos meus ambiciosos
« desejos.

« Foi então, por uma casualidade venturosa, que
« conheci Mathilde, filha do mais rico fazendeiro
« de Campinas, Joaquim de Lacerda.

« Amei-a com todo o ardor de uma alma apaixonada;
« e considerei-me o mais fellz dos homens quando
« soube que era sincera e egualmente correspondido.

« Houve uma secreta correspondencia que veiu
« ligar para sempre os nossos corações, trocando-
« se os mais solemnes juramentos.

« Animado pela estrella propicia que brilhava
« no horisonte da minha exstencia, tive a cora-
« gem de pedir ao fopulento e orgulhoso Joaquim
« Lacerda a mão de sua filha Mathilde.

« Recebido com grande frieza, soffri alguns dias
« depois a decepção de vêr recusado offensivamen-
« te o meu pedido; e desde aquelle momento, con-
« fesso que votei o mais entranhado odio ao pae
« de minha amada.

« Esta consegui demover o orgulhoso velho
« do seu proposito.

« Joaquim Lacerda, fraco e abatido, não se mos-
« mostrára tão obstinado como, um anno antes,
« quando se oppozera tenazmente ao casamento
« de sua filha Amelia com Ernesto de Carvalho.

« Cedeu afinal, e o meu enlace com Mathilde
« effectuou-se dois mezes depois.

« Nos primeiros annos considerei-me venturoso;
« com o dote de minha mulher entrei como socio
« na casa commercial, em Campinas, onde fôra em-
« pregado.

« O velho Lacerda pouco me fallava, tratando-
« me sempre com certa aspereza e retrahimento,
« que me irritavam.

« Mas, gosando placidamente a vida, vendo que
« o negocio ia prospero, e estando eu bem
« relacionado na sociedade campineira, depressa
« esquecia o desprezo e o rancor de meu sogro.

« Infelizmente a sorte deixou um dia de ser
« propicia. Depois de successivos prejuizos, a casa
« commercial, de que eu era socio, viu-se na dura
« necessidade de abrir fallencia...

« Começou então uma série de sacrificios e de
« luctas, soffrendo muitos desgostos que me des-
« vairaram a ponto de tornar-me máu e vin-
« gativo.

« Recorri a meu sogro para que me auxiliasse

« n'aquelle transe afflictivo, fazendo-lhe vêr as tris-
« tes circumstancias em que me encontrava, asso-
« berbado por uma grande fatalidade.

« Depois de offender-me com censuras immere-
« cidas, elle negou-me terminantemente o menor
« auxilio, e com phrases desprezivas e injuriosas
« quasi me expulsou da sua presença.

« O odio que já lhe tinha recrudescido de uma
« maneira extraordinaria; e jurei vingar-me de to-
« das as affrontas que recebera desde o dia em
« que tivera a infelicidade de o conhecer.

« Vim residir para S. Paulo, onde soffri as agru-
« ras e as penosas difficuldades de uma vida tra-
« balhosa e sem sorte.

« Decorreram ainda alguns mezes, e, n'uma tar-
« de em que eu estava desesperado, recebi um bi-
« lhete mysterioso, cujo autor, dizendo-se meu ami-
« go, pedia-me que fosse a uma entrevista, cujo
« local e hora marcava, afim de me avisar de um
« grande perigo que pairava, sem eu o saber, so-
« bre a minha cabeça.

« Dizia mais o anonymo que comparecesse sem
« receio algum e nada dissesse a tal respeito a
« minha mulher.

« Instigado pela curiosidade, fui ao logar apra-
« zado, onde estava um negro que dirigindo-me a
« palavra com bondade e desembaraço me convi-
« dou a segui-lo.

« Tive alguns momentos de hesitação, mas, co-
« mo estava armado, e não querendo dar mostras
« de cobardia, accedi ao estranho convite.

« Meia hora depois era introduzido em uma pe-
« quena casa terrea, onde vi uma negra velha, feia
« como um demonio, e que pela singularidade dos
« objectos que a cercavam, conheci que se dedica-
« va ao rendoso mysterio de feiticeira.

« Disse-me ella que, sabendo de uma cilada

« que estava preparada contra mim por um ho-
« mem poderoso, tomára a resolução de avisar-me
« para que eu me precavesse.

« Admirado, perguntei-lhe quem era esse meu
« traíçoeiro inimigo, e grande foi o meu espanto
« quando a negra me declarou que era o meu
« sogro.

« Repelli indignado tão grave accusação contra
« um homem que, apesar de não ser meu amigo,
« considerava incapaz de praticar uma acção me-
« nos digna, armando-me uma cilada infame, ape-
« nas impellido por um espirito extraordinario de
« malvadez.

« Então, com o maior sangue-frio, ella pergun-
« tou-me se eu já havia esquecido o fim desas-
« trado que tivera o meu concunhado Ernesto de
« Carvalho.

« Todos diziam que fôra assassinado por uns
« negros, e por mais que a policia investigasse,
« nada mais se descobriu.

« O infeliz pintor teve uma morte horrivel, e
« seu filho Oscar, de 4 annos, desaparecera de
« uma maneira mysteriosa, o que fazia crêr que
« fôra igualmente morto em algum sombrio e so-
« litario logar de uma floresta virgem!

« Ora, todos ignoravam a verdade que ella co-
« nhecia, por um facto casual.

« Um dos negros que fizeram o assassinato,
« veio ter com ella e, cheio de remorso, confessou-
« lhe tudo, pedindo-lhe que não o denunciasse.

« Assim lh'o promettera com a condição d'elle
« narrar quanto sabia, com a maior franqueza.

« Então o negro disse que elle e seus companhei-
« ros tinham praticado o duplo crime por ordem do
« sr. Joaquim Lacerda, e accrescentou que este
« tencionava fazer o mesmo ao seu outro genro,
« Arthur Rodrigues, a quem igualmente odiava.

« Querendo evitar este segundo crime proje-
« ctado, lembrára-se ella de avisar-me, por um
« dever de humanidade e pela amizade que sem-
« pre dedicára á sra. D. Mathilde.

« Estupefacto com esta narração, não sabia se
« devia acreditar-a, quando a feiticeira, chamando
« um negro, o mesmo que me acompanhára até
« ali, ordenou-lhe que me referisse tudo o que sa-
« bia a tal respeito.

« Elle, com a expressão sincera de um profun-
« do arrependimento, repetiu tudo quanto a negra
« me dissera, terminando por affirmar que tinha a
« certeza de que, qualquer dia, eu seria repentina-
« mente victima do odio malvado e implacavel de
« meu sogro.

« Convencido de que era verdadeira tão tremen-
« da accusação contra um homem que sabia ter
« um genio violento, soberbo e intratavel, mas que
« nunca suppuzera ser um assassino, e horrorisa-
« sado ante a lembrança do barbaro assassinato
« de meu concunhado Ernesto e de seu filhinho
« Oscar, cuja desgraça tanto deplorára, sem saber
« toda a hediondez d'este triste acontecimento,
« jurei vingar-me de meu sogro, tendo até a co-
« ragem de o arrastar perante os tribunaes, se fosse
« possivel...

« A negra fez-me vêr que isso seria um gran-
« de disparate, pois, infelizmente, não havia pro-
« vas juridicas contra elle, e, em vista da sua
« riqueza e influencia, livrar-se-hia com a maior
« facilidade, podendo depois até perseguir quem o
« accusasse.

« O melhor era prevenir-me para não cair n'al-
« guma emboscada, e, se percebesse qualquer at-
« tentado, agir conforme me ditasse a razão para
« me livrar de tão horrivel e feroz inimigo.

« Em seguida, a velha negra contou-me uma
« longa historia que terminou por demonstrar que
« ella tambem era victima de Joaquim Lacerda, a
« quem temia mais do que ao proprio demonio.

« Por ultimo, dando-me um pequeno vidro con-
« tendo um terrivel veneno, disse-me :

« — Olhe: este é o unico meio infallivel de
« se vêr livre d'elle. A' menor desconfiança de
« que seu sogro lhe prepara alguma traição, faça
« com que ella beba este liquido, e, assim livra-
« se do perigo, e vinga-se, vingando ao mesmo
« tempo o seu infeliz concunhado. Não tenha
« receio... d'este facto não lhe poderá resultar
« responsabilidade alguma. Ninguem suspeitará
« de que é o justo castigo de um criminoso, e até
« os proprios medicos dirão que o miseravel mor-
« reu, muito naturalmente, de uma congestão
« cerebral...

« Estremeci ao receber o veneno que estive
« quasi para resusar... mas a velha disse-me taes
« cousas, que, sem ter consciencia do que fazia,
« guardei o frasco na algibeira, e sahi.

« Quando cheguei á casa ia nervoso e agitado.
« Tinha febre... e murmurava de quando em
« quando palavras incomprehensíveis, que assusta-
« taram Mathilde, profundamente admirada de me
« vêr n'aquelle estado de sobreexcitação, cujas
« causas recusei explicar-lhe.

« Decorreram dois dias, e minha mulher rece-
« beu um convite de sua familia para ir passar
« algum tempo na Fazenda. A carta era de minha
« sogra, e n'um *post-scriptum*, ella dizia que seu
« marido teria tambem muito prazer se eu fosse
« egualmente a Campinas...

« Estranhei este convite, que nunca tinha re-
« cebido; e, disposto a vingar-me de meu sogro,
« caso lhe notasse algum pensamento reservado

« contra mim tomei todas as precauções possíveis,
« e, pasados alguns dias, eu e Mathilde saímos de
« S. Paulo . . .

« Fui recebido por meu sogro com a frieza
« costumada. Vi, porém, que elle andava triste,
« concentrado, como se alguma idéia o preocu-
« passe, e, afastando-se da familia, encerrava-se no
« seu gabinete onde se conservava horas refle-
« ctindo.

« Certa occasião, surpреди-o fallando com dois
« negros, de má catadura, e ao approximar-me
« d'elle, afastou-se rapidamente.

« Tudo isto era muito natural, mas, desconfia-
« do como eu andava, o menor acontecimento
« assumia proporções enormes, e o meu espirito
« sobresaltado imaginava vêr por toda a parte
« projectos infames e criminosos contra a minha
« existencia.

« Uma tarde tive a inaudita coragem de prati-
« car um crime cobarde, cuja idéia tantas vezes
« me viera á mente e outras tantas repellira com
« horror.

« Treme a minha penna ao fazer esta confissão;
« mas jurei escrever a narrativa verdadeira da mi-
« nha vida, cujas revelações pódem ainda ser uteis
« no futuro . . .

« Aproveitando um ensejo favoravel, deitei no
« café que ia destinado a Joaquim Lacerda quasi
« todo o conteúdo do pequeno vidro que me déra
« a negra . . .

« Aguardei, tremendo, as consequencias do meu
« crime; e, quando meia hora depois, ouvi gritos
« angustiosos e vi toda a familia correr afflicta peia
« casa, tive impetos de fugir, receando que se des-
« descobrisse a verdade! . . .

« Pallido, com a fronte banhada de suores
« frios, mal tive coragem para perguntar o que

« succedera ; responderam-me que meu sogro tinha
« tido um ataque repentino e parecia morto.

« Quando chegaram os medicos nada mais pu-
« deram fazer do que verificar o obito, declarando
« que o velho fazendeiro tinha sido victima de um
« fórte ataque de congestão cerebral.

« Estava salvo de qualquer responsabilidade cri-
« minal, mas a minha consciencia não deixava um
« momento de accusar-me, como um juiz implaca-
« vel e incorruptivel.

« No dia seguinte fez-se o enterro ; e, apoz oito
« dias, pretextando importantes negocios, retirei-me
« para S. Paulo, por não poder conservar-me mais
« tempo na Fazenda depois de ter commettido tão
« hediondo crime...

«
«
«

« Quando recebi a herança de meu sogro, já
« o remorso me acabrunhava e affligia espantosa-
« mente.

« Para suffocal-o, para abafar a voz accusadora
« da minha consciencia, lancei-me no turbilhão es-
« tonteador de todos os prazeres mundanos.

« Debalde Mathilde, lacrimosa e meiga, preten-
« dia convencer-me do meu louco procedimento,
« que me prejudicaria igualmente a saude e o
« crédito.

« Fechando os ouvidos á vóz da amizade e da
« razão, entreguei-me, como um réprobo, ás mais
« desenfreadas orgias, ás mais depravadas e ruino-
« sas diversões.

« No curto espaço de dois annos dissipei quan-
« to havia herdado de meu sogro ; e, como conse-
« quencia fatal das minhas continuadas extrava-
« gancias, cahi, exaustos e perdido, no leito de

« dôr e de martyrio, d'onde, muito breve, serei
« levado para o tumulo, cujo algido repouso al-
« mejo para que cesse esta tortura horrosa de um
« remorso inextinguivel...

« Seria realmente meu sogro quem mandou as-
« sassinhar Ernesto de Carvalho? Ignoro-o ainda
« hoje, mas um crime não justifica outro crime...

« Fui infame, assassinando-o cobardemente; e,
« devo confessal-o, ás vezes um brado da minha
« consciencia revoltada diz-me que elle era inno-
« cente, e, n'este caso o meu procedimento foi
« monstruoso, imperdoavel, horrivel...

« Sou um scelerado; e rogo a Deus accete o
« mais sincero arrependimento que me punge n'este
« momento supremo, para que a minha alma não
« fique eternamente condemnada a justo e tremen-
« do castigo, por um fatal minuto de rancor e de
« irreflexão que tornou para sempre desgraçada
« esta miseravel existencia...

« A ti, minha boa e querida Mathilde, o ulti-
« mo adeus... e perdôa-me todo o mal que te
« causei.

« Nas tuas orações lembra-te sempre do infeliz
« que a fatalidade arrastou ao crime hediondo de
« assassinar teu pae!

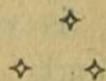
« Encontrarás este manuscripto quando eu já
« não existir, e ao saberes tão terrivel segredo...
« não me amaldições... perdôa-me pelo muito
« que soffri...

« A toda a tua familia peço perdão... e este
« não se recusa a um criminoso arrependido quan-
« do, moribundo, o supplica...

« Logo que me senti gravemente enfermo co-
« mecei escrevendo esta confissão, que é para mim
« um allivio, e estou certo que morrerei, assim,
« mais tranquillo...

« Crente na infinita misericórdia de Deus, que
 « sabe quanto é sincero e real o meu arrependi-
 « mento, imploro a Elle o perdão do meu crime;
 « e tu, minha adorada Mathilde, recebe o ultimo
 « adeus do infeliz

« ARTHUR »



Eis o que dizia o manuscripto que a policia encontrára dentro do armario occulto, na casa onde residira o chefe da *Mão Negra*.

Para que se apossára este da confissão escripta de Arthur Rodrigues ?

E como soubera da sua existencia ?

Decerto, quando mandou Juca Velho roubar os papeis que encontrasse guardados em algum cofre, em casa de Mathilde, fôra com o fim de aproveitar o manuscripto para a sua terrivel vingança; e se não o pozera em practica, foi porque não esperava encontrar n'elle as mais evidentes provas do papel infame que Thereza representára no cobarde assassinato do velho Joaquim Lacerda.

Reservava-se para, em occasião opportuna, conspurcar a memoria do infeliz fazendeiro, allegando que elle fôra assassinado por ter sido egualmente assassino, e portanto, soffrera a justa pena de Talião.

Na renhida lucta travada entre a *Mão Negra* e a Policia não teve Diogo ensejo de se utilizar do manuscripto, e nunca suppoz que este fosse afinal, parar ás mãos de seus inimigos.

O chefe de policia entregou tão importante documento ao barão de Lacerda, assim como um maço de cartas, atado com fita azul, que era a correspondencia de Mathilde e de Arthur durante o tempo de enamorados.

— Devo conservar estes papeis em meu poder, ou inutilisal-os? perguntou o barão.

— V. Exa. fará o que melhor entender; mas parece-me conveniente não dizer cousa alguma a sua familia d'este terrivel segredo...

— Ah! decerto. N'esse caso deital-os-hei no fogo. Todas as pessoas referidas n'esta narrativa já estão mortas e não devemos reavivar desgostos que o tempo apagou.. Ah! aquella perversa Thereza fez muito mal a minha familia! E dou graças a Deus de haver terminado esta lucta tremenda, a que eu certamente não resistiria.

O chefe de policia sorriu-se com bondade e replicou:

— Agora póde viver tranquillo. Esqueça o passado, e terá ainda dias muito felizes.

— Devo a V. Exa. o socego e a felicidade de toda a minha familia. Creia que a minha gratidão será eterna..

E, commovido, estreitou entre as suas a mão do chefe de policia.

Em seguida, retirou-se para sua residencia, onde, encerrando-se no gabinete, queimou o maço de cartas e o manuscripto...

Assim, toda a familia ficaria sempre ignorando o crime de Arthur Rodrigues, continuando na illusão de que Joaquim Lacerda morrera de uma congestão cerebral.

Estava salva e vingada a honra dos Lacerdas!

CASTIGO DA PROVIDENCIA

Que fôra feito de Diogo ?

Vamos dizel-o, como nos cumpre, podendo desde já affirmar aos leitores que é a ultima vez que nos occuparemos d'este miseravel, condemnado, sem elle sequer o suspeitar, a uma morte extraordinariamente horrorosa !

Mas . . . seria victima das descargas dadas furiosamente pelos soldados ?

Não ; o audaz bandido não era homem que perdesse o sangue-frio nos momentos mais perigosos e arriscados ; e logo que viu, repentinamente, surgir do capoeirão as carabinas da policia, atirou-se no rio com rapidez assombrosa.

Ferido, sem gravidade, na cabeça, submergiu no momento em que Juca Velho, varado por muitas balas, cahia na canôa, soltando uma horrivel blasphemia . . .

Conhecendo o grande perigo em que estava, teve a audaciosa idéia de illudir os que queriam matal-o, e poudo conseguil-o com inaudita felicidade.

Agarrando-se com extraordinaria força nervosa ao fundo da canôa, do lado opposto áquelle em que estavam os soldados, foi assim descendo rio abaixo, sem se importar com a chuva de balas que sibilavam em volta d'elle, n'um pavoroso ruido.

Por fim, cessou o tiroteio; e decorridos ainda alguns minutos, Diogo olhou cautelosamente para a margem do Mogy, onde estavam os perseguidores.

Estes deviam ter ficado longe visto que a canôa, com a força da corrente, descera com rapidez, não sendo possível a elles segui-la, embaraçados no matto que lhes impedira de caminhar com a mesma velocidade da fragil embarcação.

Approveitando o ensejo favoravel, largou a canôa e nadou com toda a força para a terra.

Depois de lançar olhares prescrutadores para todos os lados, tendo obtido a certeza de que ninguem o observava, trepou agilmente o barranco, embrenhando-se logo no matto, com incrível ligeireza.

Receando que fossem descobertos quaesquer vestigios e o perseguissem encarniçadamente, a tiro, como se elle fosse um animal feroz, afastou-se do rio com extraordinaria rapidez.

Utilizando-se de um pequeno facão que, felizmente trazia consigo, destruia os mil obstaculos que a matta virgem parecia oppôr á sua fuga.

Avançou por muito tempo pela densa floresta, como um louco, pouco se importando com os espinhos que lhe dilaceravam a roupa e o feriam desapiedadamente, fazendo-o soltar alguns gritos de raiva e de dôr.

Nada o detinha na sua precipitada fuga...

Afinal, offegante, exausto e enfranquecido ainda pelo ferimento que recebera ao saltar da canôa, parou e, prostrado, deitou-se á sombra de um arvore frondosa.

Por algumas horas conservou-se no estado de profundo abatimento physico e moral que lhe haviam causado tão graves e inesperados acontecimentos.

Se n'aquelle momento apparecesse a policia, não teria coragem para fugir nem para defender-se...

Do audaz e energico bandido ficára apenas um miseravel, pusilanime, entregue á mercê da sorte...

Emquanto Diogo jazia prostrado na matta sem coragem, Osorio, auxiliado pelos soldados, conseguira apoderar-se da canôa.

Encontrando n'ella somente o cadaver de Juca Ve-

lho, o incançavel agente de policia soltou uma exclamação de raiva, como se adivinhasse que o chefe da *Mão Negra* ainda d'esta vez tinha escapado ao justo e merecido castigo de sua vida criminosa e infame.

Participando o facto ao dr. Nobrega, este deu promptas e immediatas providencias para que se procurasse o corpo do bandido que todos os soldados affirmavam ter sido morto logo á primeira descarga.

Foi requisitado um vapor á Companhia Fluvial Paulista que mandou, sem demora, um dos seus melhores rebocadores, o qual, depois de n'elle embarcarem o 1.º delegado auxiliar, Osorio, o escrivão e uma terça parte da escolta, desceu e subiu aquelle trecho do rio Mogy por diversas vezes.

Fizeram-se sondagens em varios pontos, verificando-se minuciosamente, nas duas margens, todo e qualquer logar onde pudesse estar um cadaver...

Os soldados, por sua vez, não querendo ficar inactivos, arranjaram canoas, e espalharam-se em todas as direcções, pesquisando, n'uma busca rigorosa, como se tratassem de procurar um objecto devéras precioso do qual dependesse a sua fortuna.

Mas todos os esforços foram baldados!

Parece que o rio Mogy-Guassú, cioso da victima que tragára, recusava entregal-a, guardando-a aváramente no seu seio profundo e mysterioso, amortalhada no vasto lençol das suas aguas mephiticas!

Convencido de que Diogo estava morto, o dr. Nobrega retirou-se d'aquelle local, tratando immediatamente de organizar a mais tenaz perseguição contra a quadrilha que, vendo-se repentinamente sem o chefe, devia andar errante pelas proximidades do logar que escolhera para seu asylo e refugio.

Durou oito dias esta terrivel caçada!

Alguns bandidos foram mortos e abandonados no matto, para regalo dos córvos; outros puderam fugir á implacavel perseguição da policia.

Afinal, satisfeitos pelos excellentes resultados obtidos n'esta importante diligencia, o dr. Nobrega e Osorio, acompanhados da escolta, regressaram a S. Paulo, participando tudo quanto lhes succedera ao dr. Chefe de Policia.

Este exultou de contentamento, convicto de que estava livre para sempre do famigerado bandido que tantos disabores, inquietações e affrontas lhe causára com a maldita *Mão Negra*.

Todos, porém, estavam longe da verdade que nem sequer suspeitavam.

Diogo estava vivo, e disposto a vingar-se atrozmente dos seus inimigos.

O miseravel tendo escapado das garras impiedosas da policia, não se lembrava de que podia baquear ante o poder incommensuravel e inflexivel da Providencia!

.
.
.

Deixamol-o no matto, prostrado pela fadiga.

Quando despertou do lethargo em que, por algumas horas, ficára immerso, o seu primeiro cuidado foi escutar attentamente, com manifestos signaes de receio.

Não ouviu nenhum ruido suspeito: a solidão da floresta reinava em torno d'elle com todo o seu magico encanto...

Ao vêr-se salvo, o malvado, erguendo-se, teve um sorriso de triumpho e exclamou:

— Ah! o demonio protege-me. Aquelles malditos, que me prepararam tão habil emboscada, não lograram apanhar-me, nem ao menos morto... Oh! mas eu juro que ainda hei de vingar-me cruelmente de todos os meus inimigos...

E, decorridos alguns momentos de profunda reflexão, proseguiu:

— Juca Velho morreu: era o unico companheiro bom e fiel que me restava. Os meus homens foram mor-

tos ou capturados pela força de policia que, decerto, os perseguiu sem tréguas nem descanso... Estou só, e se não proceder com muita cautela, perco-me indubitavelmente. E' necessario viver occulto no matto por algum tempo... Sofrerei bastante, não ha duvida, mas o futuro compensará todos os soffrimentos...

E, animado por estas idéias, Diogo foi tranquillamente escolher um logar onde pudesse passar a primeira noite de *exilio*, como elle dizia, sorrindo com apparente resignação.

No dia seguinte, o audaz bandido continuou embrenhando-se no matto, ao acaso, sem a menor orientação, confiado apenas na boa estrella que sempre até ali o protegera.

Não descreveremos a vida nomada e selvagem que teve Diogo durante um mez.

Basta dizermos que, afinal, a luz radiante da esperança já não tinha para elle o brilho fulgente que tanto o animára no principio da sua fuga.

Magro, alquebrado, macillento, ninguem diria que era o mesmo Diogo, forte, robusto, de porte elegante, que ousára, sob o falso nome de Gastão Albuquerque, apparecer na sociedade paulista, com o intuito exclusivo de conquistar o coração da gentil baroneza de Lacerda, cuja extraordinaria formosura tanto o captivára!

Agora parecia um mendigo, assoberbado pela doença e pela desgraça, que tivesse fugido da humanidade para viver entre as feras, comendo fructos silvestres e roendo raizes, no ultimo desespero do infortunio!

Coberto de andrajos, com o corpo cheio de pequenas cicatrizes, perseguido pelos mosquitos de todas as especies, era um reprobado que a propria natureza parecia repellir do seu seio virgem com impiedoso rancor!

Diogo soffria o enorme peso de uma maldição medonha e implacavel.

Queria sair d'aquellas mattas onde esperára encontrar a salvação, e não lhe era possivel: estava perdido,

e por mais que caminhasse, com grandes difficuldades, em diversas direcções, não se lhe deparava uma sahida d'aquella immensa floresta que se tornára para elle em um labyrintho terrivel e inextricavel.

O seu estomago já não accitava a unica alimentação que a natureza lhe fornecia, e, para cumulo do soffrimento, não encontrava ha muitos dias uma agua limpida e saborosa onde pudesse desalterar-se.

Então, uma febre violenta atacou-lhe o debilitado organismo; e o miseravel, com o olhar desvairado, soltava grandes gritos de angustia e de terror, arrastando-se ainda pelo matto, como hediondo reptil, sem ter quasi consciencia do que fazia.

Uma tarde, depois de haver caminhado difficilmente algumas horas, caiu sem forças, gemendo e blasphemando, sob o dominio de um soffrimento atroz.

Era indescriptivel a cruciante afflicção que o torturava!

A febre escandecia-lhe o cerebro, produzindo uma especie de delirio, e devorava-lhe as entranhas, causando-lhe dôres horriveis que faziam com que elle tivesse impetos medonhos de um hydrophobo.

N'uma occasião em que revolvia-se e gritava, no auge do desespero, pareceu-lhe ouvir o latido de um cachorro.

Escutou attentamente, e, verificando que não se enganára, soltou uma exclamação de jubilo.

Um raio de esperanza bruxuleava finalmente na sua existencia! Ergueu-se, com custo, e, com uma energia febril que o galvanizou por alguns minutos, pode avançar com certa ligeireza...

Pouco depois chegava em frente de uma cabana, meio em ruinas, e um horrivel espectaculo deparou-se-lhe ante o olhar esgazeado.

O cadaver putrefacto de um negro jazia a alguns metros de distancia, cahido sobre um monte de ramos seccos: estava coberto de ulceras repugnantes e um ca-

chorro magro, perto d'elle, dava uivos prolongados e horripilantes.

Diogo, cambaleando, entrou na cabana e atirou-se sobre uma esteira, dominado por um terror e um desvairamento indescriveis...

A febre que o devorava recrudesceu repentinamente de uma fórma extraordinaria.

Atormentado pela sede, lançou mão de uma purunga com agua que estava junto da esteira e bebeu soffregamente...

Desde aquelle momento não é possivel narrar o horroroso soffrimento do bandido. Por alguns dias permaneceu n'um lethargo profundo, interrompido de quando em quando por accessos de delirio de espantosa intensidade.

O corpo foi intumescendo, apparecendo certas manchas sanguineas, que breve se tornaram em ulceras repellentes. O desgraçado, para cumulo do seu tremendo castigo, fóra tambem atacado do mal de Lazaro de que tinha morrido o negro, morador d'aquella cabana.

O unico ente que lhe assistiu na sua pavorosa agonia foi o cachorro, cujos latidos o haviam guiado para aquelle fim horroroso.

E n'uma noite escura, Diogo exhalou o ultimo suspiro, apoz um estertor cruciantissimo...

O temivel bandido não logrou sair da immensa floresta onde julgou encontrar a salvacão.

Livrou-se da justiça dos homens mas não pode fugir á justiça de Deus!

FIM DA QUARTA PARTE

EPILOGO

Deccorrido um anno depois do desapparecimento de Diogo, a familia Lacerda vivia completamente satisfeita e feliz.

O barão mandára reconstruir o seu palacete onde gosava as commodidades a que estava habituado.

A' proporção que envelhecia mais adorava a formosa baroneza que o tratava com sincero affecto e extremoso carinho, como uma justa compensação do que lhe fizera soffrer noutros tempos.

Magdalena estava tambem arrependida de ter correspondido, embora ligeiramente, ao amor do joven engenheiro Gastão d'Albuquerque que ella sabia agora ser o mesmo infame Diogo, segundo a policia tinha descoberto durante a formação de monstruoso processo da *Mão Negra*, o qual, devemos desde já dizel-o, não chegou a ser discutido nos tribunaes para não ser tambem envolvido o nome da poderosa e aristocratica familia Lacerda.

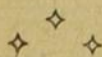
Aos presos da quadrilha foram instaurádos individualmente os respectivos processos por diversos crimes descobertos e que foram sufficientes para serem condemnados em muitos annos de cadeia.

Um dos ultimos presos, que fizera parte do bando que acompanhára Diogo pelo Oeste de S. Paulo, tinha comsigo um um longo relatorio de muitos crimes commetidos pela *Mão Negra*, do qual, diga-se de passagem, extrahimos este romance.

Era um francez, Henrique Anizat, que escrevera tambem o manuscripto encontrado por Osorio no quintal de Beppi.

Tendo sido entregue, logo que nascera, aos cuidados de uma ama, soube depois por esta o segredo da sua existencia, e o triste e horroroso fim de seus progenitores.

Então copiára dos Annaes Forenses quasi todo o processo de seu pae e trazia-o sempre comsigo . . .



Conforme fôra projectado, realisaram-se no mesmo dia os tres casamentos, que tanta alegria e felicidade causaram aos noivos e ás familias.

Depois cada casal de pombinhos foi arrulhar para seu ninho differente.

Oscar e Judith foram alegrar o barão de Lacerda, encanecido pelos desgostos e pela idade, indo residir no mesmo palacete.

Octavio e Elysa preferiram a Fazenda para n'ella gosarem o seu amor, o que devéras satisfez Theodoro e D. Nicota que remoçaram ao voltar tranquillamente para a sua propriedade agricola, aspirando o ar puro e balsamico dos cafezaes . . .

Jorge e Rachel ficaram em Campinas animando o velho portuguez Manoel Sequeira que, quando melhorava do seu impertinente rheumatismo, ia até á Fazenda do compadre onde se demorava alguns dias gosando o inefavel prazer de alegres e ruidosas reuniões familiares . . .

Amelia e Dulce regressaram á sua modesta casinha, que tinha para ellas tão suave encanto. Mãe e filha, vivendo uma para outra, eram agora mais felizes do que n'outros tempos . . .

Ao menos viam muitas vezes Oscar que debalde insistia com sua mãe e sua irmã para que fossem morar no palacete, onde viveriam juntos, n'uma invejavel união . . .

Finalmente, depois de tantos e tão cruciantes desgostos, reinava em todos estes lares a mais venturosa tranquillidade . . .



Vamos concluir, dizendo poucas palavras sobre outras personagens que, certamente os leitores não esqueceram.

Beppi, a instancias de Oscar, foi residir no palacete dos barões de Lacerda, afim de passar os poucos dias da sua existencia, como elle dizia, junto de seu querido filho adoptivo.

Viveu, porem, alguns annos, feliz e contente. Todos o estimavam pela sua bondade, tratando-o carinhosamente, como elle merecia.

Luiz e Heitor, netos da fallecida Guilhermina, foram para um collegio, a expensas de Oscar que assim demonstrava a sua immensa gratidão para com aquella que substituiu desveladamente sua mãe, nos primeiros annos de sua infancia . . .

Osorio, em recompensa de seus inolvidaveis serviços recebeu dos Lacerdas uma generosa gratificação.

Foi nomeado chefe dos agentes de policia, continuando a ser em S. Paulo, o terror dos gatunos e malfeitores.

Quando tinha pouco *serviço* ficava nervoso e aborrecido; e era tal a sua vocação pela vida que escolhera, que mais de uma vez o ouvimos exclamar :

— Oh! só para ter bastante trabalho era capaz de arranjar, mais mysteriosa e menos prejudicial, outra *Mão Negra!* . . . Quando apparecerá uma segunda para que não fique, nos registos da policia, uma pobre *manêta?* ! . . .

INDICE DOS CAPITULOS

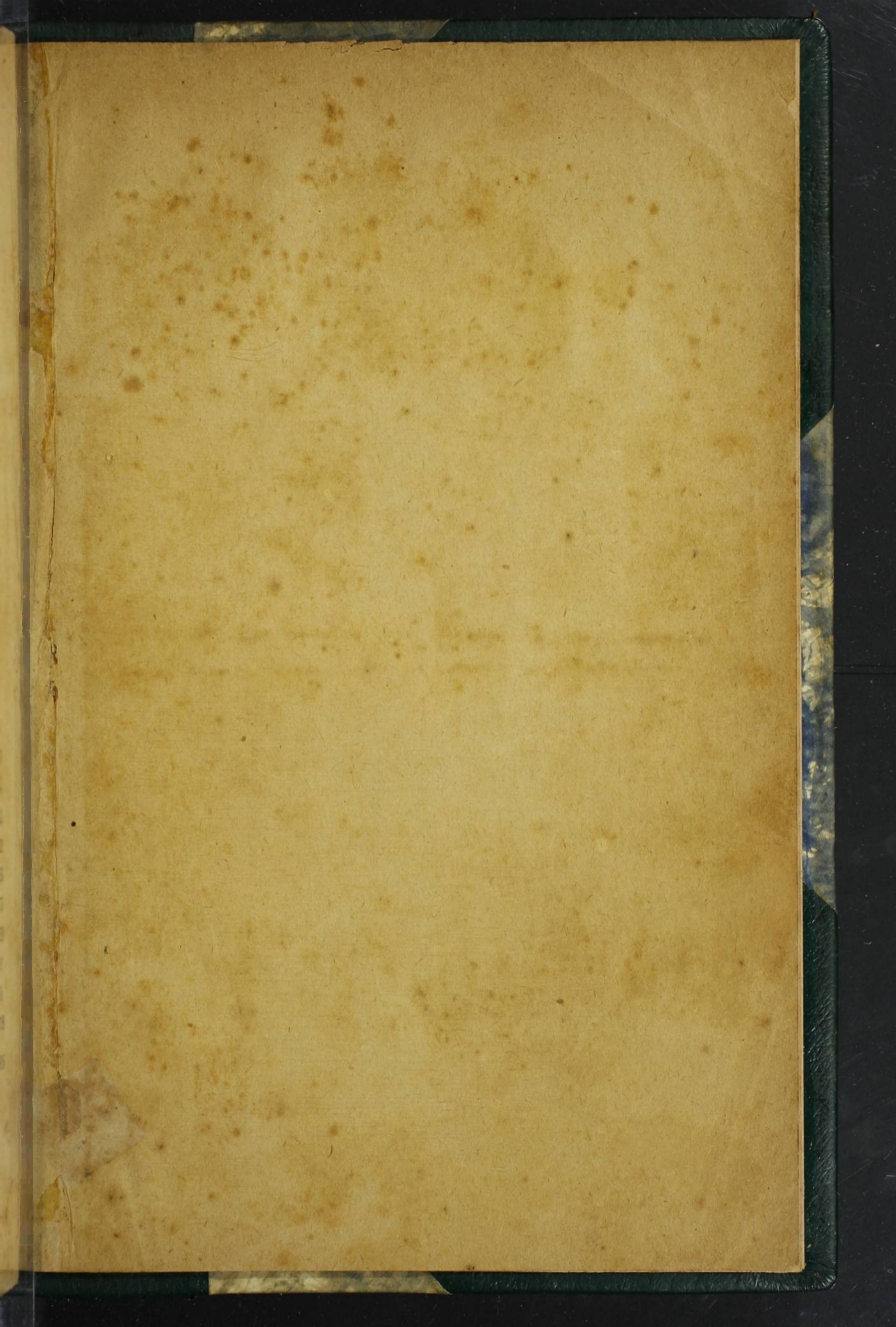


TERGEIRA PARTE — A Policia

	PAGINAS
I — O Agente Osorio	5
II — Duello singular	20
III — Valente Garibaldino	47
IV — Na Europa...	57
V — A triplice allianca	75
VI — O supplicio	96
VII — Medico victorioso	121

QUARTA PARTE — O Castigo

I — O matricida	141
II — Vingança a portugueza	153
III — No samba...	164
IV — O tigre e o chacal	181
V — O czar de uma fazenda	192
VI — Tristezas e alegrias	203
VII — Mãe e filho	217
VIII — A Policia e o Mogy	233
IX — Negros e brancos	241
X — O poder do remorso	261
XI — Castigo da Providencia	278
Epilogo	285



1923

Impresso na
Typographia Guimarães
Ribeirão Preto - E. S. Paulo

011024

